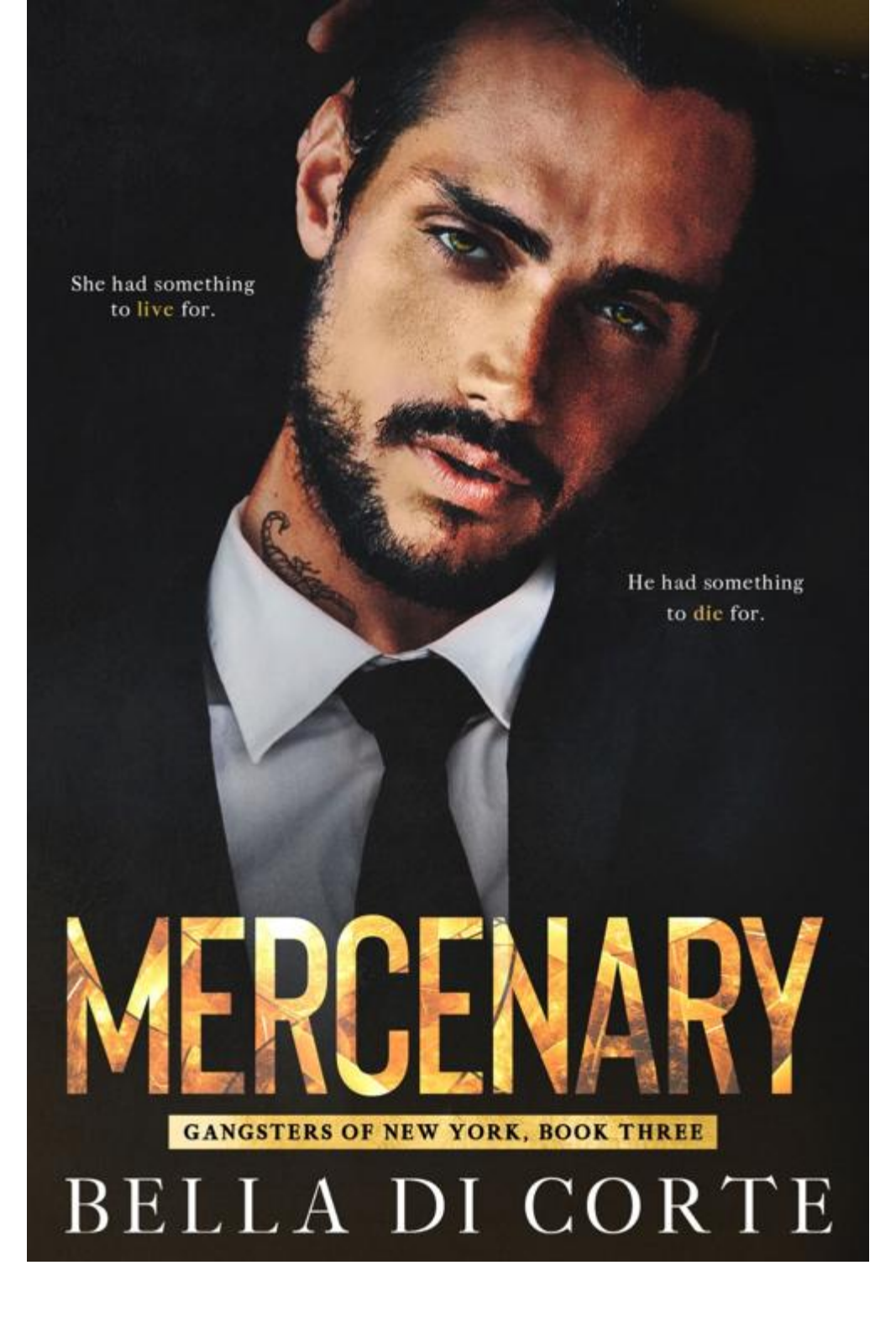




She had something
to **live** for.

He had something
to **die** for.

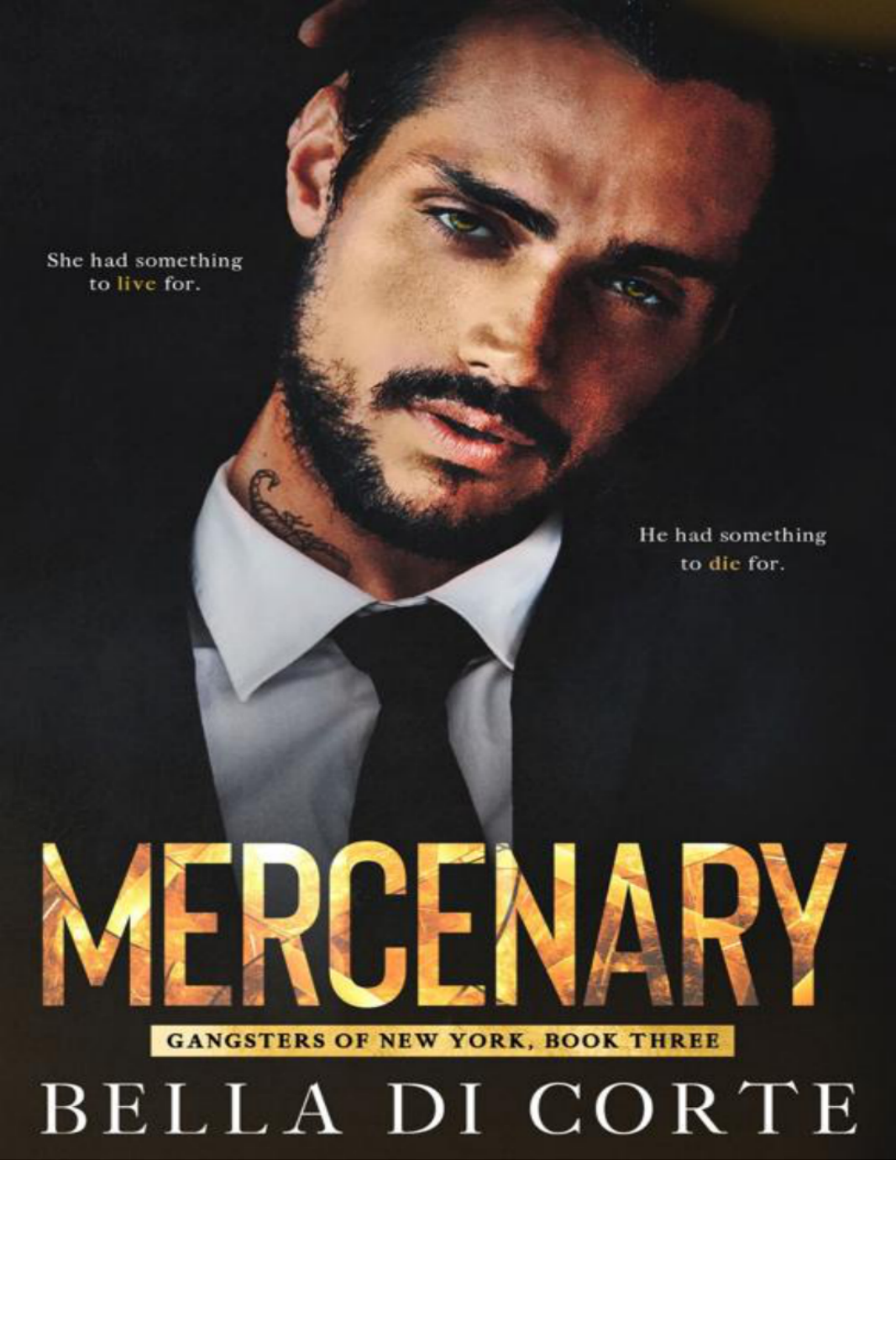
MERCENARY

GANGSTERS OF NEW YORK, BOOK THREE

BELLA DI CORTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



She had something
to **live** for.

He had something
to **die** for.

MERCENARY

GANGSTERS OF NEW YORK, BOOK THREE

BELLA DI CORTE

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Eu tinha algo pelo qual viver.

No momento em que o vi, eu soube.

Seus olhos me hipnotizavam.

Seus lábios diziam as mais belas promessas.

Seu corpo? Feito para o prazer.

No entanto, se Corrado Capitani achava que podia me enganar e me fazer pensar que era um bom homem, estava errado.

No momento em que o vi, eu soube a verdade.

Aqueles olhos poderiam esconder seu coração venenoso.

Aqueles lábios poderiam ser vasos de mentira.

Aquele corpo? Feito para infligir dor.

Ele não foi enviado do céu. Foi mandado para me arrastar de volta para o inferno.

Eu tinha algo pelo qual morrer.

Alcina Parisi tinha um preço por sua cabeça, e havia escapado do melhor. Ela pensava que ninguém jamais a encontraria, mas eu a encontrei. Todos em nosso mundo me chamavam de *Scorpion*¹ - o homem que nunca deixou o inimigo escapar. Ela, contudo, era uma arma, não uma adversária, e eu a reivindiquei como minha.

Para todas as Alcinas do Mundo.

Deixe brilhar... sua pequena luz.

“Por que valsar com um cara por dez rounds se pode nocauteá-lo em um?”

- Rocky Marciano

PREÂMBULO

Prezado leitor,

Se você está familiarizado com minha escrita, provavelmente sabe que costumo acrescentar toques da língua italiana/siciliana aos meus livros onde é necessário. Amo o idioma, o povo e a cultura, e não apenas porque cresci com uma parte dela.

Acredito que acrescentar toques linguísticos (e não apenas gestos de mão) são tão impactante quanto descrever a arquitetura barroca de uma igreja antiga, os cheiros de limão e laranja em um quente pomar Siciliano, os ruídos que se ouvem quando está passeando em uma praça particularmente animada. Entretanto, não falo italiano ou siciliano. Felizmente, tenho uma amiga maravilhosa na Sicília que fala. Ela é uma das minhas leitoras betas e está sempre disposta a verificar minhas traduções para que você tenha o sabor de uma verdadeira experiência italiana.

Aprecio-a tanto que decidi que ela precisava ser reconhecida em um de meus livros - espero que enquanto leem, sintam que Anna é tão incrível quanto acho que ela é.

Não importa o quanto tentemos, no entanto, às vezes as expressões se perdem na tradução. Existem muitos dialetos diferentes na Itália - alguns até específicos de diferentes vilarejos. Portanto, quaisquer erros encontrados neste livro são de minha exclusiva responsabilidade. (Além disso, a tradução do Google pode não funcionar em alguns deles, mas minha esperança é que a frase dê sentido à palavra, ou que a tradução atual que acrescentei dê).

*Grazie*², Anna, por ser tão graciosa com seu tempo. Obrigada por ter sido tão *meravigliosa amici*³.

XoXo,

Bella

FAMIGLIA FAUSTI

*La mia parola è buona quanto il mio sangue*⁴.

Os Fausti que são mencionados ou fazem uma aparição em Mercenary:

Marzio Fausti (falecido) era o chefe da famosa Famiglia Fausti na Itália. Tem cinco filhos: **Luca, Ettore, Lothario, Osvaldo e Niccolo**. E uma filha **Lola**.

Luca Fausti (está preso) é o filho mais velho de Marzio Fausti e tem quatro filhos: **Brando, Rocco, Dario** e **Romeo**.

Brando Fausti é casado com **Scarlett Rose Fausti** (famiglia Fausti)

Rocco Fausti é casado com **Rosaria Caffi**.

Dario Fausti, é o irmão do meio de **Brando** e **Rocco**.

Romeo Fausti é o irmão mais novo de **Brando** e **Rocco**.

Guido Fausti: Um soldado da Famiglia Fausti.

Tito Sala, médico, está ligado aos Fausti pelo casamento. É casado com **Lola Fausti**.

MACHIAVELLIAN & MARAUDER

Aparições (ou menções) no elenco de Machiavellian:

Arturo Lupo Scarpone: É o chefe da família Scarpone; uma das cinco famílias de Nova Iorque. Tem dois filhos: **Vittorio Lupo Scarpone** (mamma, **Noemi**) e **Achille Scarpone** (mamma, **Bambi**).

* * *

Vittorio Lupo Scarpone: É casado com **Mariposa Flores Macchiavello**. É o filho de **Arturo** e **Noemi**.

Seu avô materno, **Pasquale Ranieri**, era um poeta e romancista siciliano de renome mundial. Teve cinco filhas (todas, exceto **Noemi**, vivem na Itália): **Noemi Ranieri Scarpone**, **Stella**, **Eloisa**, **Candelora** e **Veronica**.

Ele tem um irmão: **Achille Scarpone**

Vittorio/Mac passa por uma lista de apelidos: **Capo** (Mari), **Amadeo** (Na Itália, principalmente por sua família), **Mac Macchiavello** (Em Nova Iorque e no resto do mundo), ou simplesmente, **Ghost**.

* * *

Achille Scarpone: É o filho de **Arturo** e **Bambi**. Tem quatro filhos: **Armino**, **Justo**, **Gino** e **Vito** (apenas **Armino** e **Vito** são mencionados pelo nome por **Mac**.)

Ele tem um irmão: **Vittorio Lupo Scarpone**

Tito Sala (casado com **Lola Fausti**) é primo em primeiro grau de **Pasquale Ranieri**.

Aparições (ou menções) no elenco de Marauder:

Cashel “Cash” Kelly e sua esposa Keely Ryan Kelly.

Cash & Keely tem dois filhos: Connolly e Ryan Kelly.

Harrison “Harry Boy” Ryan: É o irmão de Keely.

ELENCO DE MERCENARY

Emilio Capitani: É o chefe da famiglia Capitani; uma das cinco famílias de Nova Iorque. **Sua esposa é Teresa Capitani.**

Emilio e Teresa têm três filhas: **Concetta (mamma de Bianca), Emilia, e Luna.**

* * *

Silvio e Silvio “Junior” Napoli:

Silvio Sênior é um dos subchefes de **Emilio Capitani.**

Junior é um *Made Man* da família. É um **soldado.**

* * *

Homens que fazem aparições no livro:

Adriano Lima: primo de **Corrado Capitani.** É um **Capo** na família.

Nunzio Bruno: **Corrado Capitani** o conhece desde a infância. Nasceu na Sicília e pertence a uma família da região.

Nicodemo Leonardi: **Corrado Capitani** o conhece desde a infância. É da Sicília, mas não pertence a nenhuma família da região.

Calcedonio Badalamenti: *subchefe* de **Corrado Capitani.**

Francesco Di Pisa: *consigliere* de **Corrado Capitani.**

Carmine Messina: *consigliere* de **Emilio Capitani.**

Vito: Amigo íntimo de **Silvio.** Padrinho do **Junior.** É um **Capo**

na famiglia.

Baggio: Fazia parte da equipe do **Adriano**. Depois foi promovido a **Capo** na ausência de Adriano.

* * *

Famiglia Parisi:

Giuseppe e **Angela Parisi** têm duas filhas: **Alcina** (Al-chena) e **Anna**. **Giuseppe** e **Angela** vivem em Forza d'Agrò (Sicília).

Anna é casada com **Fabrizio Pappalardo**. Moram em Bronte (Sicília).

HIERARQUIA

Um olhar mais profundo sobre este Nosso Mundo:

Chefe (*Padrinho ou Don*): **Chefe da famiglia.**

Consigliere: Conselheiro principal do chefe.

Subchefe: Segundo no comando abaixo do Chefe.

Capo (ou **caporegime**): Capitão ou tenente de uma divisão dentro da famiglia. Os **Capos** chefiam uma equipe de **soldados** e se reporta diretamente a um **chefe** ou **subchefe**, que dá as ordens.

Soldados: Os membros mais baixos da hierarquia. Fazem a maior parte do trabalho sujo e esperam fazer um nome à medida que ascendem na hierarquia da famiglia. A lealdade é muito importante.

Associados: Não são membros de uma famiglia. A maioria fazem negócios com eles. Não são protegidos como um *Made Man*. Qualquer pessoa pode ser um associado, mas somente italianos e sicilianos podem se tornar *Made Man*.

MERCENARY

substantivo

1. soldado profissional contratado para servir em um exército estrangeiro.

INTRODUÇÃO

Permitam-me que me apresente.

Meu nome é Corrado Alessandro Capitani, mas pode me chamar de Scorpion, ou mesmo Don Corrado.

Porque esse outro nome, Palermo, me recuso a reivindicar.

Por quê?

Porque nunca me reivindicou, porra.

Corrado

No momento em que o filha da puta fugiu de mim sob a luz da lua, soube que minha vida nunca mais seria a mesma.

Estava em Las Vegas com meu primo Bugsy. Ele administrava um dos cassinos mais conhecidos da região, o *Paradiso*. Seu avô era o irmão mais novo do meu avô e, embora vivessem em estados diferentes - o meu em Nova York; o dele em Las Vegas - os dois governavam seus territórios com mão de ferro.

Nenhum movimento era feito sem permissão. Eles sabiam de tudo, aprovado ou não, e haveria um inferno a pagar se desobedecesse ou deixasse de pedir a aprovação. Especialmente quando a marca estava conectada e poderia iniciar uma guerra, mas havia um motivo pelo qual Giordano Capitani se chamava Bugsy: era um idiota do caralho e seu temperamento vinha antes de seus pensamentos. Normalmente, quando perdia o controle, era por um bom motivo.

O saco de merda que ele batia até a morte ao longo desta estrada deserta merecia cada golpe com o bastão. Bugsy o pegara vendendo mulheres, usando seu cassino como bloco de leilões. E Bugsy uma vez considerou a porra do filha da puta um amigo.

Nossos avós eram da velha guarda, o que significava regra número um: nenhuma carne à venda a menos que a mulher fizesse a venda, mas antes de Bugsy pedir permissão ao Velho Gio para acabar com esse cara, ele perdeu a cabeça e perseguiu a porra do vagabundo. O desgraçado teve sorte de conseguir sair do cassino, mas sabia que Bugsy não correria atrás dele em seu local de trabalho. Ele o seguiu até aqui, até que finalmente foi capaz de tirá-lo da estrada.

O filha da puta saiu correndo, chutando areia enquanto corria. Para onde planejava correr? Quem diabos saberia. Talvez para o carro,

Bugsy saiu correndo da estrada, mas seus passos não foram nessa direção. Em um tiro certo, parecia não haver nada por aqui por quilômetros. Nada além de cactos e coisas que surgiam à noite, porque eram muito inteligentes para queimar no sol escaldante o dia todo.

Ao contrário do merda que fugia de mim.

Ele não era inteligente.

Aparentemente, o desgraçado que estava vendendo corpos por uma libra não veio sozinho. Depois que seu associado descarregou balas em alguns cactos - um tiro de merda ou não podia controlar o dedo no gatilho com a forma como sua mão tremia - deu uma olhada para a pistola vazia, uma olhada para mim, atirou a arma na minha cara e então fugiu.

Ninguém fugia de mim e escapava. Eu era muito rápido e, se conseguissem saltar, sempre os encontrava. Depois os arrastaria de volta para o inferno do qual escaparam.

“Por que valsar com um cara por dez *rounds* se pode nocauteá-lo em um?” era uma citação pela qual eu vivia.

Estava prestes a nocautear esse filho da puta. Talvez tivesse facilitado para ele, mas porque era um covarde, esta noite não terminaria bem para ele. Meus sapatos de grife estavam cheios de areia de tanto correr nessa porra de caixa de areia sem fim, e isso me irritou. Poderia ter acabado com isso facilmente - a arma em meu bolso estava quente - mas não havia honra em atirar em um homem pelas costas. Ele me enfrentaria.

Se ele levasse o melhor de mim, ou nos encontraríamos novamente ou me enviaria em um saco para cadáveres. Eu ainda estava de pé, o que significava que ninguém havia me pegado ainda.

Tendo o suficiente do jogo, estiquei meu braço, agarrando-o pelo colarinho. Ele era baixo, mas tinha a constituição de um Bull. Continuou tentando usar seu peso para se soltar, provavelmente desejando ter comprado uma camisa no mercado em vez da de grife que cobria seus ombros. Provavelmente pagava vendendo algumas

mulheres.

Ele estava respirando pesadamente. Podia sentir o cheiro de alho em seu hálito. Estava abrindo e fechando a boca, tentando dizer algumas palavras, mas devido à sua falta de atividade física e a camisa pressionando em sua garganta, não conseguia falar nada além de chiados.

— Não adianta correr — disse, minha voz clara e afiada. — Você não tem para onde correr.

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição e eu o soltei, dando-lhe a oportunidade de me enfrentar. De homem para homem.

Ele o fez, virando-se lentamente, as mãos ainda levantadas. Quando me encarou, ergueu o telefone, com o qual estava correndo. A imagem na tela era de Bugsy e eu. Bugsy estava em movimento, balançando o bastão que arrancou as rótulas do *Made Man*. Eu estava ao seu lado, observando. Esse cara fodido tinha enviado para algumas pessoas.

Sorriu para ele sob o brilho da lua. Assim que seus olhos focaram, notou a tatuagem na minha mão e no meu pescoço.

— Deus, aa-ajude-me — disse, fazendo o sinal da cruz.

O jogo acabou para esse cara, mas era apenas o começo para mim. A lua cheia sobre a minha cabeça era o início de algo muito mais selvagem do que jamais poderia ter imaginado - senti a loucura se movendo em meu sangue, incitando meu dedo a se mover, a colocar pressão no gatilho.

Bing.

Bam.

Boom.

Fim de jogo.

O escorpião vence.

Corrado

Música flutuava do lado de fora da casa do meu avô quando estacionei. Um de meus velhos tios cantava uma balada italiana clássica no quintal. Baixei as janelas do meu *Cadillac Coupe Deville '58*, tentando me livrar do cheiro da colônia barata do meu primo Adriano.

Outro primo meu tinha se casado, e para um homem vestido com um terno caro sob medida para comparecer ao evento, Adriano não tinha gosto quando o assunto era colônia. Era ofensivo *pra* caralho.

O problema com as famílias italianas - geralmente são grandes. Não importa o quão longe o primo ou quem quer que seja. Quarto⁵? Tataraneto? Continua a ser tão próximo quanto o primeiro. Os números não importam quando se trata de família. Um título é um título. Assim como a folha de uma árvore ainda faz parte dessa árvore, não importa o quão longe da raiz.

Bugsy uma vez me disse — Não temos amigos. Temos primos.

Parecia que toda a *famiglia* veio para celebrar o casamento da minha prima Bianca. Havia muitas pessoas para contar. Foram inspecionadas no portão de entrada e depois levadas a um arco que dava para o quintal. Os convidados foram acompanhados, todos tentando chegar à fonte da música de uma vez.

Basicamente, um jantar de domingo em uma escala mais luxuosa.

Meus avós não pouparam custos quando se tratou deste casamento. Eles tiveram três filhas. Duas não estavam mais vivas, e a terceira estava morta para meu avô em certo sentido.

A mamma de Bianca sofreu um AVC e morreu pouco depois.

Meus avós sentiram que era seu dever intervir e cuidar do que minha tia não pôde.

Minha mamma não colocava os pés nesta casa desde alguns dias depois que nasci. Minha avó ia vê-la ocasionalmente, mas a relação entre minha mamma e meu avô era inexistente. Não se falavam. Não se falavam desde que ela deixou sua casa e nunca olhou para trás. Nenhum deles me disse o motivo. Tive a sensação de que tinha a ver comigo, mas nenhum dos dois queria falar sobre isso.

Um de meus primos me disse que tinha a ver com minha mamma engravidar fora do casamento, mas o seu marido se casou com ela, então não entendia meu avô se recusando a falar com ela por causa disso. Não depois de todo esse tempo.

Chamava meu pai de “marido dela” porque ele nunca foi um pai para mim. Tratava-me como o filho bastardo de um inimigo, por isso nunca achei que merecesse o título. Isso era conquistado, assim como tudo nesta vida. Ele também era honesto com o título. Então era assim que nos dirigíamos um ao outro. Marido dela. O filho dela.

Meu avô era mais que um pai para mim, e depois que ouviu a maneira como o marido dela me tratava quando eu era criança, de um primo mais velho, seu marido se comportou como ele mesmo e raramente trocávamos uma palavra. Minha mamma entendeu a mensagem. Se havia algo em que precisava de ajuda, em relação a mim, meu avô cuidava disso. Ele até mudou meu sobrenome para o dele.

— *Oh, mamma!* — a alegria subiu no quintal. *La la la la la* seguiu logo em seguida.

Observei o fluxo da multidão, já começando a bater palmas antes mesmo de chegarem ao centro da celebração. Estava procurando por Bugsy.

Depois que voltamos do deserto, na noite de lua cheia e sangue derramado sob ela, havia um recado me esperando no *Paradiso*. Meu avô mandou uma ordem, uma palavra - casa.

Recebi ordens para ir direto ao *Primo Club*, um lugar onde ele fazia negócios com frequência. Depois de encontrar meu avô lá, fomos direto do clube para sua casa, onde me fez sentar em frente a sua mesa. Olhou a tatuagem no meu pescoço e na minha mão. Ele era um homem tradicional, preso aos costumes tradicionais e sempre se vestia conforme. Não gostava das tatuagens no meu corpo.

— Você irá para a Sicília — disse, os olhos fixos nos meus. — Até que a situação possa ser resolvida.

A situação. O filho da puta que Bugsy matou, estava conectado e ganhando muito dinheiro para alguns homens. Havia também regras a serem consideradas. Um *Made Man* nunca tocava em outro *Made Man* a menos que fosse aprovado. O homem que matei, *Garlic Breath*, era um associado, mas também um informante. A foto que ele tirou foi enviada a todas as partes envolvidas. Tive a sensação de que meu avô discutiria que realmente não matei o *Made Man*, Bugsy o matou. Eu matei o associado, que não estava protegido como um *Made Man*. Além disso, era um rato. Fiz um favor a todos eles. A menos que isso tenha afetado a família.

— Com todo o respeito — falei, me inclinando para a frente, arrumando meu terno e gravata — um homem que foge é um covarde. Eu me recuso a fugir.

Nós nos encaramos até que ele acenou com a cabeça uma vez. — Veremos como isso acontece. — Então olhou para seu outro *subchefe*, Silvio, e acenou com a cabeça.

Haveria homens ao meu redor vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, por causa de quem era o filho da puta e o que significava para eles. Não adiantava discutir. Meu avô e eu conversávamos, mas apenas se as linhas de comunicação estivessem abertas. Ele encerrou a conversa com aquele aceno. Além disso, discutir não era permitido. A punição deveria ser tomada como um homem. E ter homens ao meu redor constantemente era o equivalente a cumprir pena para um homem como eu.

Fazia uma semana desde aquela conversa, e meu avô não tinha

falado nada sobre isso desde então. Isso poderia significar que estava cuidando da situação, ou significando outra coisa - ele estava lidando com outra situação que chamara sua atenção.

Todas as cinco famílias foram atingidas recentemente. Uma família culpava a outra, porque havia coisas que nos alertavam sobre cada uma delas. Os Scarpones estavam no centro da desconfiança, embora afirmasse não ter nada a ver com o que ocorria. Estavam também sendo duramente atingidos.

Silvio achava que eles estavam preparando o palco na própria merda, só para dar um jeito, mas meu avô não acreditava que fossem tão espertos. Disse que apenas um homem era inteligente o suficiente para fazer isso: Vittorio Scarpone.

Vittorio era filho de Arturo, o chefe dos Scarpones. Vittorio teve sua garganta cortada anos atrás. Seu próprio pai havia ordenado o golpe. Vittorio não matou um homem chamado Corrado Palermo e sua família quando Arturo deu a ordem, depois que Palermo tentou cortar a garganta de Arturo.

Havia apenas um problema com a teoria de que Vittorio Scarpone havia organizado o caos que se seguiu: ele deveria estar morto.

Recostei-me no assento, verificando meu espelho retrovisor. Silvio vinha em direção ao meu carro, um charuto pendurado na boca. Silvio existia desde antes de eu nascer e tinha uns trinta anos a mais. Começou como todo mundo e foi subindo. Não era sangue, mas ele poderia muito bem ter sido. Meu avô o considerava família.

Silvio parou na janela, inclinando-se um pouco, fumaça soprando no carro. O cheiro doce combinava perfeitamente com o cheiro dos velhos bancos de couro. — Com medo de pegar o buquê? — Sorriu para mim.

— Sou rápido — digo, devolvendo o sorriso. — Se eu puder desviar de uma bala, posso evitar essa porra de sorte.

— Don Emilio lhe ensinou tudo, menos o mais importante. —

Riu. — Que uma mulher é mais rápida do que uma bala.

— Nenhuma me atingiu ainda. Uma mulher ou uma bala.

— O que diabos há de errado com você? — Usou o carro para se erguer, soltando outro anel de fumaça. — Acabou de amaldiçoar a si mesmo.

— Besteira — disse, desligando o carro. Saí e fechei a porta, guardando minhas chaves. — Estou afirmando fatos. Mesmo o destino não pode discutir com os fatos.

— Vai apostar suas bolas nisso?

Nós dois viramos para olhar o seu filho, uma miniversão dele, Silvio Junior, ou como todos o chamavam, Junior. Seu apelido era “*The Bull*”, embora nas costas a maioria dos homens o chamasse de “*No Nuts*”.

No Nuts foi enviado para a Sicília depois que matou o cara errado e causou algum problema entre nossa família e outra. Foi um golpe direto - *bing, bam, boom*, pronto - mas de alguma forma confundiu os carros. Não se preocupou em verificar a placa do carro. Então, em vez de matar um associado, matou alguém importante para outra família.

Silvio tinha ido ao meu avô e pedido um favor a ele depois: esconder o *No Nuts* até as coisas se acertassem. Enquanto o *No Nuts* estava lá, se apaixonou por uma garota siciliana, que não parecia sentir o mesmo por ele. Ela o castrou e depois correu e se escondeu.

No Nuts perdeu a cabeça quando perdeu as bolas, como se estivessem diretamente conectadas, e ninguém pudesse localizá-la desde então - a mulher ou suas bolas.

Nós dois estremeçemos, segurando as nossas, protegendo-as do mal. Aquele pobre filho da puta era o garoto-propaganda da perda de bolas. Não tinha certeza, mas depois que ele voltou para casa, parecia que seus olhos haviam entortado como efeito colateral.

— Pobre coitado. — Silvio balançou a cabeça. — Aquela cadela pagará. Não pode correr e se esconder para sempre. Suas más ações

sempre te alcançam. — Olhou para *No Nuts* por um segundo antes de balançar a cabeça. — Don Emilio me mandou buscá-lo. Ele quer tirar fotos da família.

Assistimos *No Nuts* dançando em volta de um monte de carros, balbuciando as palavras “Mambo Italiano”, antes de irmos encontrar meu avô no meio da multidão.

* * *

Havia mais pessoas do que pensava. A maioria estava reunida em torno dos meus avós, observando enquanto dançavam uma música lenta. Depois que o baile acabou, e as fotos também, meu avô e eu fomos em direção ao seu escritório.

Um pé dentro de casa, e foi como voltar no tempo. A maior parte da mobília havia sido importada da Sicília. Alguns transmitidos de geração em geração. A única diferença é que toda a casa estava decorada com flores para o casamento.

Segui meu avô escada acima, olhando a cruz entalhada à mão e depois uma foto de minhas tias e minha mamma. Era uma pintura a óleo feita anos atrás, quando eram apenas crianças. Todas tinham idades muito próximas.

Minha mamma, Emilia e a garotinha sentada próximo a ela no quadro, Luna, eram as mais próximas em idade e em vida. Minha avó me disse que onde quer que Luna fosse, Emilia ia também. Emilia tratava a irmã mais nova como uma boneca. Luna morreu pouco depois de eu nascer. Pelo que Silvio havia me contado, minha mamma e meu avô nunca mais foram os mesmos. Luna era o bebê.

Quando percebi que meu avô havia chegado ao topo da escada, comecei a me mover novamente, encontrando-o em seu escritório. Não fiquei surpreso que meu tio Carmine estivesse na sala de estar, Tito Sala ao seu lado. Tio Carmine era marido da irmã de minha avó e *consigliere* de meu avô. Aconselhava meu avô sobre as questões. Tito

Sala havia feito o mesmo pela família Fausti uma vez.

Os Fausti eram os chefes dos chefes. A maioria das pessoas presumia que homens de tão alta posição não existiam mais, mas a *famiglia* Fausti existia, e no velho país, Itália. Quando o pior do pior não podia ser controlado, ou surgiam questões como as que aconteciam entre as cinco famílias, seus líderes intervinham.

Na maioria das vezes, porém, eram seus homens de escalão inferior que lidavam com as merdas mesquinhas. Se seus *capo dei capi* - *chefes de todos os chefes* - intervissem, significava que toda a organização estava perto do fim. É por isso que a família sempre intervinha antes mesmo de chegar tão perto.

Marzio Fausti era o *capo dei capi* desde que me lembrava, mas foi morto, e seu filho, Lothario, estava agindo em seu lugar até que um novo líder fosse anunciado oficialmente. Estavam farejando mais do que o normal ultimamente por causa dos problemas entre as cinco famílias.

Tito Sala pode estar aqui para o casamento, ou estar aqui para avaliar o clima e relatar a Rocco, que esteve em nossa área recentemente. Então Rocco passaria essa informação para qualquer pessoa de sua família.

Cumprimentei tio Carmine e depois Tito Sala. Os dois se sentaram após todos apertarmos as mãos. Meu avô se sentou à cabeceira da mesa. Sentei-me em frente a ele, olhando para o meu telefone por um breve segundo.

Minha mamma tentou me ligar durante a cerimônia. A chamada perdida estava presa na minha tela e mostrava um correio de voz. Virei meus olhos antes que meu avô exigisse minha atenção.

Ele me olhou diretamente nos olhos. — Você e eu, junto com os homens nesta sala, sabemos que te preparei todos esses anos para assumir o controle.

Não era normal ter dois homens preparados para ocupar um lugar, mas meu avô havia ensinado a Silvio o mesmo que me ensinou

ao longo dos anos. Ele nos preparou para a posição que ocupava na família.

Nossa família era separada em duas facções. Silvio dirigia uma. Eu dirigia a outra. Um corpo governante separado em dois territórios.

A introdução do meu avô nesta conversa me fez pensar. Ele estava pensando em se aposentar? Tinha noventa anos e estava envelhecendo a cada dia.

Concordei. — Sim.

Ele acariciou o queixo pensativamente. O peso de seu olhar parecia ainda mais pesado com o que quer que estivesse pensando. — Não queria que fizesse parte desta vida. Eu queria que fosse para a faculdade. Conquistasse um diploma. Para tomar um caminho diferente. Esperava que Sílvia um dia ocupasse meu lugar. Que um dia se sentaria neste assento. — Bateu na mesa uma vez com o dedo indicador. — Mas conforme crescia, não havia como negar o sangue que corria em suas veias. Meu. Você é um líder nato, Corrado, mas há uma coisa que um líder deve aprender antes de assumir este assento. Não pode governar sozinho.

Ele fez uma pausa e o ar na sala se acalmou. — Há uma coisa que deve fazer antes de tomar posse. Antes de ser chamado de Don Capitani. Antes de garantir seu voto: escolha uma noiva.

Peguei minha arma e deslizei em direção a ele. — Atire em mim.

Nenhum dos homens sequer sorriu.

— Guarde isso! — Meu avô acenou com a mão. — Isto não é uma brincadeira. Deve provar aos homens que se estabelecerá. Seja responsável o suficiente para governar esta família da maneira que fiz, mas ainda melhor.

Nossos olhos se encontraram e se chocaram em uma batalha silenciosa, embora soubesse que perderia. Ele estava decidido. Não me daria seu voto, sua bênção, a menos que fizesse o que disse que nunca faria. Casar-me.

Tio Carmine pigarreou, mas meu olhar ainda não havia deixado

o do meu avô. — Os homens te chamam de Scorpion, o homem que nunca permite que um inimigo o derrote. Tem que aprender que não é imune a regras ou a ser governado ocasionalmente.

Então os três - meu avô, tio Carmine e Tito - haviam pensado nisso, depois do que acontecera em Vegas.

Pensei em Bugsy, que não havia mostrado o rosto neste casamento. Sorrio. Meu avô e o dele geralmente pensavam o mesmo quando se tratava de punição. O dele era apenas mais ostensivo sobre isso. Provavelmente estava jogando os dados sobre o futuro de Bugsy agora, ou já tinha.

Meu avô me deu um leve sorriso. Ele conhecia meus pensamentos e os estava confirmando.

— Com todo o respeito — falei — não posso dizer que sinto que a punição se ajusta ao crime. — Mesmo que não pudesse ser desrespeitoso, nem mesmo levantar minha voz, tive que tentar mais uma vez.

— Castigo — disse Tito, saboreando a palavra com o pensamento de votos frescos em sua língua. Ele tinha um bom casamento e uma natureza romântica, então fazia sentido que não entendesse minha hesitação em ser forçado a isso.

Poderia ter recusado, mas tinha duas opções: casar ou perder o voto do meu avô para o Silvio. Mesmo que os homens votassem, meu avô era um grande chefe e os homens o respeitavam. Queriam manter a família como está ou torná-la ainda maior. Sua opinião era importante e poderia influenciar a eleição de qualquer maneira.

Os homens gostavam dos meus resultados. Trouxe mais do que qualquer homem fora de Capone, e muito mais jovem. Dinheiro e homens vinham até mim, o que sabia incomodava Silvio. Ele era mais velho e não conseguia trazer metade do que eu fazia. No entanto, esta vida tinha muitos testes e passei em todos eles. Sempre passava.

— Você escolhe por mim — disse ao meu avô.

— Vou providenciar isso.

Os casamentos arranjados não eram incomuns em nossa cultura e, uma vez que se tratava de me ensinar limites e nada mais, que ele decidisse por mim. Reivindicaria meu assento, me tornaria o homem que nasci para ser, e o resto se encaixaria.

Uma batida forte veio na porta. Meu avô demorou um minuto antes de acenar para o tio Carmine atender. Os sussurros se perderam entre os ruídos da casa e a música que vinha de fora. *Tarantella* tocava.

Um minuto depois, o tio Carmine voltou. Parecia ser um homem completamente diferente. O minuto que levou para atender a porta e voltar o envelheceu de alguma forma. Era um olhar que eu nunca esquecerei. Como se seu sangue tivesse sido drenado. Meu avô percebeu e sua postura ficou rígida.

— Emilio — tio Carmine disse, colocando a mão no ombro do meu avô, apertando. Olhou entre nós dois. — Emilia. — Hesitou no nome da minha mamma. Então pigarreou. — Ela foi assassinada.

O bandolim entrando sorrateiramente pela porta aberta parecia chorar.

Corrado

A chuva começou a cair depois que enterraram minha mamma e a selaram para sempre. Ela e seu marido. Eles o mataram assim que abriu a porta de casa. Estava tomando anticoagulantes e não demorou muito para sangrar.

Minha mamma - Emilia - bateram nela até que não conseguisse mais se levantar. Então a estrangularam por não falar.

Olhei para o meu telefone, a chuva batendo contra a tela, e apertei alguns botões. Apertei o alto-falante para ouvir sua voz.

— Corrado — disse. — É sua mamma. Não ouvi sobre você... parou de falar. Podia ouvir sua respiração e uma onda de vozes do outro lado.

— Onde ela está? Quem diabos é ela? A filha de Palermo!

— Foda-se! — Cuspiu no homem.

Havia mais de um. Estavam gritando de um lado para o outro. A cerâmica que ela fazia e vendia caiu no chão ao fundo. Então tudo ficou quieto e toda a minha vida pareceu morrer.

Quando voltei para a terra dos vivos, era um novo homem.

O relatório da autópsia explicava o motivo da morte, mas também dizia que minha mamma - Emilia - nunca tivera filhos. Exigi um teste de DNA para o seu marido, e descobri que o filho da puta não era meu pai.

A mulher que eu acreditava ser minha mamma era minha tia. Minha avó finalmente desabou e me disse a verdade.

Emilia e Luna deixaram Nova York quando eram jovens, contra a vontade de meus avós e foram para Las Vegas. Luna ficou grávida de

mim depois que chegou lá. Luna deve ter se apaixonado pelo bastardo ou estava com medo dele, porque se recusou a dizer seu nome. Até para meu avô. Ele se recusou a falar com qualquer uma delas depois. Quando eu tinha apenas alguns meses de idade, Luna morreu em um acidente de carro.

Emilia me trouxe de volta para Nova York, e meu avô exigiu saber o nome do meu pai. Ela se recusou a dar a ele. Foi quando ele lhe disse que cuidaria de mim, mas até que ela lhe contasse a verdade, não falaria com ela.

Nunca mais falaria com ela, porque ela foi para o túmulo com o segredo.

Tito Sala tinha me dito quem era meu pai biológico porque achava que eu merecia saber depois do assassinato de Emilia: Corrado Palermo.

Palermo era um capo da famiglia Scarpone que tentou matar seu chefe - Arturo - cortando sua garganta. Palermo se casou depois que nasci e, após fazer algumas pesquisas, descobri que ele tinha uma filha com sua esposa siciliana.

O que significava que eu tinha uma irmã.

Uma irmã que ninguém, nem mesmo eu, tinha ideia do que tinha acontecido. Corrado e sua esposa foram assassinados, mas a menina nunca foi encontrada. Marietta Bettina Palermo era seu nome. Tínhamos treze anos de diferença de idade.

De alguma forma, os Scarpones devem ter ficado sabendo de algo que esqueceram ou acabaram de descobrir - ou deixaram isso em paz todos esses anos porque não queriam que meu avô soubesse. Se ele soubesse, teria entrado em guerra por causa da filha. Seja qual for o motivo, os Scarpones foram atrás de Emilia pensando que ela sabia alguma coisa sobre Marietta, já que não faziam ideia de mim.

Não há como falar além do túmulo, então tudo que eu tinha eram minhas próprias deduções para confiar. Minha mamma e minha tia - ambas trabalhavam em conjunto - sabiam do problema (sempre a

porra de um problema) que Corrado Palermo era, antes que os Scarpones o tivessem escondido na Itália. Os Scarpones e Corrado Palermo estavam tensos antes de ele tentar cortar a garganta de Arturo quando voltou para Nova York. Depois que nasci, porém, minha mamma e minha tia se recusaram a falar seu nome para qualquer pessoa com medo de que o mesmo destino viesse para mim, se eu estivesse conectado a ele. Especialmente porque ele me negou antes mesmo de nascer.

Emilia sabia o que eu faria se me contasse a minha verdadeira identidade - procuraria o filho da puta, ou qualquer pessoa que tivesse algo a ver com ele. Sabia que se eu chegasse perto, só traria problemas, porque os Scarpones ainda procuravam por minha irmã mais nova.

Marietta tinha uma guilhotina pendurada na cabeça antes mesmo de nascer.

Eu me perguntei se ela sequer sabia quem era, ou se sabia, como sobreviveu por tanto tempo.

Não era um segredo em nosso círculo que Vittorio Scarpone tinha sido morto porque se recusou a acabar com a vida dela, então, para onde diabos a levou? Por que a deixou viver? Ele era tão implacável quanto o resto dos Scarpones. Nenhum deles tinha coração, nem mesmo para mulheres ou crianças.

No que me dizia respeito, todo o sangue Scarpone seria limpo desta terra. Salvar minha irmã da morte não me impediria de matar Vittorio Scarpone, se o boato fosse verdade, e ele ainda estivesse vivo.

Passos vindo de trás de mim me impediram de ouvir o correio de voz novamente. Coloquei meu telefone no bolso antes que Silvio me alcançasse. As coisas ficaram um pouco tensas entre nós depois que meu avô deu seu apoio para que eu conseguisse o cargo em vez dele, desde que cumprisse a condição.

Eu cumpriria.

A chuva pingava de seu chapéu de feltro enquanto soprava a

fumaça da boca em uma nuvem branca que rapidamente desapareceu. — Está causando preocupação desnecessária a Don Emilio. — Ele deu outra tragada no charuto. — Vá para a Sicília por um tempo. Só até que tudo esfrie. Ele perdeu o suficiente.

Eu não disse nada, olhando enquanto a chuva se acumulava nas rosas amarelas deixadas em cima do caixão.

Enfiou a mão no bolso por um segundo e tirou uma folha de papel. Ele colocou-o na palma da minha mão e disse — Encontre-a para mim e direi tudo o que quiser saber sobre Vittorio Scarpone. As coisas que sabemos. — Olhou para trás, para se certificar de que não estávamos sendo ouvidos.

Homens foram colocados esporadicamente ao redor do cemitério, para o caso de sermos atacados. Chegaram em um dia em que a atenção não estava voltada para a guerra, mas para a tragédia.

Não havia outro foco para mim. Não vi, ouvi e provei nada além do sabor salgado da batalha.

Apertei o papel na minha mão, amassando-o em uma bola e enfiei no bolso. Rolei meus ombros, o tecido cedendo demais. O terno que usava não parecia confortável o suficiente. — Se os homens na Sicília não conseguem encontrar uma mulher, precisa encontrar novos homens ou deixá-la ir.

Ele hesitou ao meu lado por um minuto. Seus olhos estavam fixos no meu rosto. — Junior precisa se divorciar dela para que possa se casar novamente. Não podemos encontrá-la para fazer isso.

Olhei para ele então, me recusando a responder a uma mentira. — Esqueça isso.

Ele balançou sua cabeça. — Não posso. Não vamos matá-la, mas ela pagará. Isso nos é devido. E se for à Sicília para acalmar Don Emilio por um tempo, poderá encontrá-la enquanto estiver lá. Vou te pagar com as informações que quiser.

— Ele escondeu coisas de mim — disse, virando-me para o túmulo novamente.

— Para sua própria segurança. Depois que ele descobriu quem era seu pai...

O caos irrompeu de diferentes lados do cemitério. Alguns dos homens colocados ao redor do perímetro estavam correndo em nossa direção. Outros corriam em direção ao carro do meu avô, que esperava por mim com ele dentro. Uma bala passou zunindo pela minha cabeça e, ao mesmo tempo, o buquê de rosas amarelas em cima do caixão explodiu em uma chuva de pétalas ao ser atingido repetidamente.

— Por aqui! — Um dos homens apontou sua arma na direção do carro blindado de meu avô. Estava sendo atingido por balas, mas não se movia. Estavam esperando por mim.

Eu estava com minha arma enquanto nos protegíamos de pedra em pedra. De vez em quando, uma bala fazia contato, enviando estilhaços em diferentes direções. Silvio foi atingido na última corrida e estava com a mão no braço, balançando a cabeça.

— Filhos da puta! — Gritou para ninguém em particular, erguendo a arma e atirando na direção de onde vinha a maioria dos tiros.

A fila de carros estava próxima e não adiantava mais esperar. Quanto mais ficávamos sentados, maior a chance de eles nos pegarem.

— Mova-se — disse.

— Está fodendo...

— Há mais homens nossos por aí — disse. — Vão segurá-los por tempo suficiente para que possamos chegar aos carros.

Levantei-me e corri em direção ao carro que esperava com um homem à minha frente, um atrás e dois ao meu lado. O tiroteio era mais pesado quanto mais perto chegávamos do carro, e o homem à minha direita levou uma bala no braço direito. Caiu para trás, deixando-me um tanto exposto. Atirei na direção, vendo um homem se agachar atrás de uma pedra enquanto atirava. O homem na minha frente abriu a porta do carro e entrei, a porta se fechando atrás de

mim.

Meu avô acenou com a cabeça uma vez - o motorista buzinou duas vezes - e então, como uma carreta cuidadosamente coordenada, a fila de nossos carros começou a deixar o cemitério.

Meu avô olhou pela janela, a luz cinza caindo em seu rosto como uma nuvem escura. Era difícil não vê-lo neste lugar em vez de Emilia. Ela tinha mais vida no caixão do que ele neste carro.

Eu me virei para olhar pela janela oposta, gotas pesadas de água escorrendo pelo vidro com a velocidade que íamos. O interior era tão fresco quanto a funerária. Cheirava a morte - como as rosas do caixão.

— Fale-me sobre Vittorio Scarpone — disse eu.

— Já chega! — Gritou. Ecoando dentro do carro. Foi a primeira vez que o ouvi levantar a voz. Poderia ordenar que a vida de um homem fosse tirada com um aceno de cabeça. — Eu te proíbo de chegar perto dos Scarpones. Cuidaremos deles, mas você. — Ergueu o dedo indicador e o deixou cair. — Será levado ao aeroporto. Agora.

— Ou?

— Ou. — Pigarreou. — Ou nada. — Ergueu o braço, deixando a jaqueta cair para trás, e olhou para o relógio. — Seu avião sai em uma hora.

O papel em meu bolso parecia dinheiro queimando um buraco, e nada me impediria de ganhá-lo. Os homens me chamam de Scorpion. Em breve me chamariam de *Mercenary*, porque a informação seria minha, não importa o quê.

Alcina

A luz na chiesa della *Santissima Annunziata*⁹ parecia âmbar em espírito, embora fosse sombrio e frio lá fora. Fechei meus olhos, me perguntando se era um aviso ou algo mais curativo. Entrou furtivamente pelo *mantello*¹⁰ de renda preta que eu usava, ou acentuando a peça taciturna e porque estava usando, ou desafiando-a.

Levei meu rosário à testa, deixando-o balançar na frente do meu rosto. O ouro das contas parecia afastar a tristeza e o vazio e me encher com o calor do sol. Esperava que desta vez ficasse comigo. Fique comigo durante os tempos de incerteza que enfrento. Agarre-se a mim como um escudo que me protege do vento frio uivando lá fora.

Minha *mamma* se sentou ao meu lado no banco e entoou uma prece sussurrada — *Dio...*

Meus lábios se moveram com os dela, mas nenhum som saiu. O que quero? O que preciso? O que estava realmente pedindo?

Um velho poeta romântico uma vez me disse que nem sempre conseguimos o que queremos, mas o que precisamos. Eu precisava parar de correr. Para parar de me esconder. Para parar de viver com medo do inferno e esperar por algo muito mais celestial. Precisava estar segura. Para viver uma vida que valesse a pena.

Tentei imaginar. Esta nova vida que meu pai, meu *papà*, me arranjou. Como seria esse novo homem? Ele me trataria da mesma maneira que o Bull? Como nada além de uma vaca no pasto?

Uma lágrima escorregou pela bochecha da minha *mamma*. Limpei antes que pudesse esfriar em sua pele quente.

Eu tinha até outubro - quando nosso casamento seria finalizado - para chegar a um acordo com esse novo acordo e aceitá-lo.

Permaneceria nesta igreja que minha família frequentou por gerações, enfrentaria o homem que aceitou os termos que *papà* havia estabelecido e entregaria minha vida a um estranho. Um homem que poderia ser outro Bull que merecia ser castrado.

Papà me disse que eu era cabeça dura. Que era melhor casar e viver do que se esconder e ser encontrada e depois morta, ou pior: ser levada de volta para Nova York, para nunca mais ser ouvida novamente.

Papà era da velha escola, não desconhecia os casamentos arranjados, mas eu nunca quis isso para mim. Queria liberdade para escolher. Em outras circunstâncias, *papà* também teria querido isso para mim.

Olhei para a esquerda, para minha irmã Anna, quando estendeu a mão e entrelaçou seus dedos com os meus. Ela não abriu os olhos, mas apertou, deixando-me saber que concordava. Às vezes, podíamos ler os pensamentos uma da outra, como se *mamma* derramasse lágrimas que eu não conseguia.

O casamento da minha irmã não foi arranjado. Foi amor à primeira vista. O que a maioria dos pais deseja para seus filhos - o poder de decidir.

Uma mulher arrastando um menino com ela sentou-se à nossa frente. Sentou-se primeiro, ele logo atrás, e então disse algo em um sussurro abafado. Ele abaixou a cabeça logo depois.

Accussi normale. Tão normal.

Eu me vi observando outras pessoas de vez em quando. Imaginar que a vida dela - ou a dele - era muito mais fácil do que a minha. Meu aperto no rosário ficou mais forte. Tristeza, a dor fria por algo melhor, me oprimiu e levou meu coração ainda mais para a escuridão.

Fechei meus olhos para a sensação avassaladora, deixando minha mente se perder no calor do âmbar, antes de ouvir meu nome.

— Alcina — *mamma* sussurrou.

Abri meus olhos para encontrá-la me esperando. Minha irmã ao

seu lado.

— É hora de ir — disse em siciliano.

Suspirei, me levantando e deslizando meu rosário no bolso. Senti a escuridão me empurrando enquanto saía pelas portas. A noite geralmente me protegia e me permitia queimar intensamente, como se eu fosse uma chama acesa, mas o vento frio me atingiu e estremeci contra sua força - minha luz tão incerta quanto os meses que viriam.

Corrado

O papel em minha mão estava amassado e gasto, mas nunca esqueceria a escrita que marcou minhas memórias.

Alcina Maria Parisi

Cerca de 1,65 cabelo castanho, olhos castanhos escuros, 25 anos

Pais - Giuseppe e Angela

Irmã - Anna

Anna é casada com...?

Alcina nasceu em Forza d'Agrò em 8 de maio de 1995; os seus pais ainda moram lá

Foi batizada em Maria S. Annunziata e Assunta

Parecia que Silvio havia rabiscado as informações enquanto Junior lhe contava, provavelmente tentando se lembrar de todas as coisas que sabia sobre sua esposa e família. Não havia fotos dela, apenas o papel que ele rasgou de um caderno com pressa.

Olhei entre o papel e uma placa em frente à igreja: *Cattedrale Maria S. Annunziata e Assunta*. Marcava o local, caso alguém procurasse por ele e precisasse de confirmação.

De minhas explorações ao redor da área, a igreja também era chamada de *chiesa della Santissima Annunziata*. Um morador local me disse que a igreja estava lá desde 1400 e era a segunda igreja mais antiga do país. Localizava-se na pequena cidade de Forza d'Agrò, apenas cerca de duas horas de onde meu avô me mandou em Ragusa.

Forza d'Agrò parecia tão antiga quanto a igreja de estilo barroco. Ficava na base de uma montanha, e com vista para ela, no pico, havia um castelo normando em ruínas. A própria cidade tinha ruas estreitas e *casas* que pareciam pertencer a outra época - varandas com detalhes de ferro, roupas penduradas para secar nos varais, floreiras transbordando, venezianas de madeira, pedra lascada multicolorida, lanternas em edifícios e becos de paralelepípedos. O único sinal de que estávamos nos tempos modernos eram as linhas que iam de um prédio a outro fornecendo energia.

À distância, erguia-se o terreno acidentado das montanhas, delineado pelo mar Jônico, a parte do Mediterrâneo que separava o sul da Itália do oeste da Grécia.

Vinha aqui muitas vezes desde minha chegada à Sicília - tempo suficiente para que o frio do inverno se transformasse no calor do verão. No dia seguinte em que desci do avião e alguns homens com quem meu avô havia entrado em contato me encontraram, ordenei que me trouxessem aqui.

As pessoas não se afastam de onde seus corações pertencem, e algo me dizia que Alcina Maria Parisi nunca esteve longe do dela. O problema de procurar alguém que pertencia a uma comunidade tão pequena, porém, era que desconfiavam de novas pessoas.

Quem quer que Silvio estivesse procurando por ela tinha entrado como uma bola de demolição, e além de alguns velhos dispostos a me darem algumas aulas de história e histórias, me lançaram olhares de soslaio que teriam me empurrado de um penhasco se possível.

Assim que disse o nome dela, como era de se esperar, nenhum deles voltou a se aproximar de mim. Sabiam que eu não era dali.

Portanto, concentrei-me nos seus pais.

Sua *mamma*, Angela, era uma mulher devota que não se afastava muito de casa. Seu *patri*, *pai*, era dono de um restaurante com vista para o mar. Ele me observou tão de perto quanto o observei. Todos os dias via o homem e ele me via. Não havia animosidade na maneira como me olhava, mas uma certeza presunçosa de que não importa o

que eu fizesse, nunca encontraria sua filha preciosa. Ele não tinha ideia do caralho.

Esperaria aqui pelo resto da minha vida por Alcina Parisi.

Estreitei meus olhos contra o brilho do sol se estendendo ao redor da igreja, me perguntando quantas vezes ela entrou nela. Quantas vezes percorreu os mesmos caminhos que tive para chegar ao mesmo lugar.

— Isso se chama perseguição na América, acho — disse Nunzio, soprando a fumaça para fora da boca. Era um homem de confiança que me acompanhava onde quer que eu fosse. Balançou a cabeça quando não respondi e foi se sentar em um banco perto da igreja, na sombra.

— Preciso de comida — disse Adriano, tirando um lenço do bolso e enxugando a cabeça. Não havia dúvida de que meu avô o havia enviado comigo como punição.

Sua colônia me agrediu com a brisa, e virei meus olhos estreitos para ele. Isso trouxe de volta memórias do casamento de Bianca. Resisti ao impulso de jogá-lo no mar - de um penhasco - para livrá-lo do cheiro ofensivo.

Adriano enfiou o lenço de volta no bolso. — O que estamos fazendo aqui? Nós conhecemos este lugar. Não há mais nada para ver, Corrado. Vamos à praia. — Ele me cutucou com o cotovelo e balançou as sobancelhas grossas.

Ao mesmo tempo, que me cutucou, uma rajada de vento soprou, vinda direto do mar, e o papel em minha mão foi liberado. Meus olhos colidiram com os de Angela enquanto o papel voava em sua direção. Subiu a escada da igreja, batendo em uma das pedras, e com outra rajada, caindo aos seus pés.

Ela sempre usava vestidos que combinavam com a área - estilo antigo - e sandálias de couro. Seu cabelo estava puxado para cima, vermelho escuro ao sol, mechas cinza saindo dos lados.

O papel estava em suas mãos quando subi os degraus e cheguei

a ela. Estendeu-o para eu pegar sem nem mesmo olhar para ele, ou talvez tivesse, mas não apareceu em seu rosto. A única coisa que apareceu foi um sorriso que tinha visto antes. Isso me fez pensar que estava contando uma piada às minhas custas, algo que só ela podia ouvir. Ria de mim toda vez que me via em pé ou sentado em seu restaurante.

Meus dedos tocaram o papel, mas quando fui pegá-lo de volta, o seguiu, sem largá-lo. — Diga-me — disse em siciliano. — Pode cantar?

Sua boca não riu, mas seus olhos sim - para mim, para o olhar no meu rosto. Podia ver meu reflexo em seus olhos escuros. Enrugavam-se nas laterais, um sinal de que Tito me disse uma vez que significava que uma mulher mantinha seus segredos bem trancados e geralmente tinha um bom senso de humor, mesmo às custas dos outros.

Angela largou o papel, sem minha resposta, o som de sua risada ecoando atrás dela enquanto desaparecia dentro da igreja. Tudo ficou quieto depois, exceto pelo som da brisa, farfalhando as palmeiras atrás de mim.

* * *

— Se eu não perder cinco quilos quando voltar para Nova York... — Adriano balançou a cabeça, procurando o lenço novamente — ...não haverá ajuda para mim. Tudo o que fazemos é caminhar. Estou suando muito.

— Tudo o que faz é comer — disse Nunzio em um inglês com sotaque, balançando a cabeça e pisando em outro cigarro que deixou cair na calçada. — Quando não estamos caminhando.

— O que há de tão especial sobre este lugar? — Adriano olhou em volta, enxugando o pescoço. Enfiou o lenço de volta no bolso, as armas debaixo de sua camisa provavelmente molhadas de sua pele

suada. — A praia. Preciso estar na praia com algumas frutas saudáveis e algumas bebidas.

Nunzio ergueu ambas as mãos, com as palmas para cima, reclamando pelas costas de Adriano ao entrar primeiro no restaurante Parisi's. A garota que costumava nos servir acenou para que dirigíssemos à nossa mesa habitual. Era a única que não estava totalmente fria. Eu me perguntei o quanto ela sabia, mas mais ainda - o quanto falaria se fosse persuadida?

Giuseppe Parisi saiu da cozinha quando ouviu Nunzio pedir bebidas. Ele sempre saía. Queria ter certeza de que eu sabia que ele sabia que eu estava lá.

Balancei a cabeça para ele, como sempre, e como sempre, olhou para mim por um momento antes de começar a sorrir - não. Não estava sorrindo desta vez. Seus olhos se estreitaram ainda mais, sua boca comprimida em uma linha apertada e sua cabeça inclinada para a esquerda, como se estivesse me estudando mais. Depois de um segundo, jogou a mão para o alto, como se estivesse com nojo, e então desapareceu na cozinha.

Nunzio havia começado a fazer nosso pedido de sempre com a jovem garçonne, e mal ouvia, até que Adriano me cutucou com o braço. Meus olhos se moveram para a garçonne, que ouvia Nunzio, mas me encarava.

Sorriso para ela e suas bochechas coraram. Colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, acenando constantemente com a cabeça para o que ele estava dizendo. Pedia pratos de frutos do mar e uma garrafa de *Amaro Averna* para depois do jantar. Mesmo depois ele que terminou, ela continuou olhando para mim.

— Seu nome? — Perguntei a ela em siciliano.

— Calista — disse, sua voz suave, seus olhos baixos. Colocou outra mecha de cabelo atrás da orelha.

— Ah. Bonito. — Sorriu. — Pergunte se ela mora aqui há muito tempo — disse a Nunzio.

Eu conhecia a maior parte da língua siciliana, porque cresci ouvindo e falando em alguns círculos, mas Nunzio nasceu e foi criado na Sicília. Adriano tinha ainda menos do que eu. Nunzio lhe disse as palavras. Ela acenou com a cabeça, respondendo.

— Toda a sua vida — me disse.

— Conhece bem a famiglia Parisi?

Nunzio olhou entre mim e ela, as sobrancelhas se arqueando, mas depois lhe perguntou. Assim que a pergunta saiu, ela olhou para as portas da cozinha e depois para mim. Mordeu o lábio, indo para o cabelo novamente, e me acenou quando percebeu que a barra estava limpa.

Mantive meus olhos conectados aos dela, limpei minha garganta, prestes a sussurrar a pergunta mais importante para ela, quando uma voz alta de trás a fez pular do chão.

— Calista! — Giuseppe gritou, olhando entre nós dois. Seu nome foi seguido por uma série de palavras sicilianas rápidas demais para eu seguir. As bochechas da garota ficaram vermelhas e correu para a cozinha. Poucos minutos depois, voltou e começou a preparar uma mesa de frente para o mar para o que parecia ser alguns convidados.

Ela se recusou a olhar para mim novamente.

— Hah! — Giuseppe Parisi disse, me observando. Cruzou os braços sobre o peito, balançando a cabeça.

Sorrio, virando meu rosto para longe dele e em direção ao homem mais velho que colocou nossa comida na mesa. — Diga-me do que se tratava — disse a Nunzio.

Um pedaço de polvo estava pendurado em seu garfo. Ele balançou quando parou para me responder. — Ele lhe disse para parar de flertar e voltar ao trabalho.

— O jeito que olha para você, Corrado — disse Adriano, dando uma mordida no macarrão — pensaria que ele quer envenená-lo.

O garfo de Nunzio parou perto do prato, tentando dar outra

mordida, e ficou assim por um minuto. Olhou entre Giuseppe e eu e então baixou o garfo, limpando a boca depois. Finalmente entendeu porque nunca comi nada deste lugar. Só bebia da garrafa depois que nós mesmos a abrimos.

Nunzio abriu a boca, mas fechou-a quando Nicodemo Leonardi entrou pela porta do restaurante, parando por um segundo para me procurar. Acenou com a cabeça uma vez quando me viu, vindo em direção a nossa mesa. Nicodemo Leonardi tinha poucos amigos, mas muitos inimigos. Não trabalhava para uma família, mas para si mesmo. Alguns o chamavam de “*Bones*¹¹”.

Debaixo de sua camisa branca, podia ver as linhas totalmente pretas de tinta correndo ao longo de sua clavícula, formando as palavras em latim: *Veni. Vidi. Vici. — Vim. Vi. Venci.* — Ele tinha a mesma tatuagem duas vezes, mas com as palavras em um lugar diferente e em uma ordem diferente: *Vi. Venci. Vim*¹².

Quando eu era mais jovem e vinha visitar a família dos meus avós na Itália durante o verão, Tito Sala nos apresentou. Não havia amigos de verdade nesta vida, mas Nicodemo e eu tínhamos um entendimento.

Eu me levantei e quando ele estava perto o suficiente, pegamos a mão e nos puxamos para mais perto.

Seu nariz enrugou quando lhe ofereci o assento ao lado de Adriano depois que nos separamos. Nicodemo moveu sua cadeira um pouco antes de se sentir confortável. — Ouvi sobre o problema na América — disse, recusando comida ou bebida da garçonete, que ainda se recusava a olhar para mim. Ele também não comia em muitos lugares. — Só piorou. Você é um homem procurado.

— Vai reclamar o preço pela minha cabeça?

Ele encolheu os ombros. — Se eu precisasse do dinheiro.

Nunzio emitiu um som gutural que Nicodemo nem se deu ao trabalho de reconhecer.

— Fico feliz que seja sobre o dólar — disse. — Preciso encontrar

alguém.

— A mulher — disse, recostando-se um pouco, ficando mais confortável. — Alcina Parisi.

Balancei a cabeça, recusando-me a dizer qualquer outra coisa. Poderia dizer que Nunzio estava começando a entender - havia uma razão pela qual vim aqui, procurando áreas específicas onde pudesse sentir o cheiro dela. Adriano olhava para a água enquanto empanturrava a cara, tentando ouvir o homem tocando *bandolino*, nem uma porra de ideia.

Não disse a nenhum dos homens por que estava aqui. Relatavam tudo ao meu avô. Se ele soubesse do negócio entre Silvio e eu, lhes ordenaria que me levasse para outro lugar. Em algum lugar que não tivesse carros pequenos o suficiente para caber na rua.

— A Itália se torna um lugar grande quando se procura uma mulher pequena — disse.

Nicodemo sorriu. A garota quase deixou cair a garrafa de Amaro Averna em seu colo quando ele riu. Ela não estava atraída por ele; estava com medo *pra* caralho. Ele não reagiu, apenas lhe disse em siciliano para trazer outra cadeira para a mesa.

— A Itália se torna um lugar grande quando uma pequena mulher não quer ser encontrada — disse ele.

Acenei com a mão indiferente - nem aqui nem ali.

— Não entendo a sua lógica — ele disse, ignorando a garota trêmula enquanto ela indicava um assento ao lado de Nunzio. — As pessoas falam. A palavra viaja. Não voltaria a um lugar quando *seus* olhos estão postos nele.

Abri a garrafa e me servi de um copo. Dei de ombros. — Estou começando a conhecê-la.

Essa era a porra da verdade. Observei seus pais fazerem o que faziam todos os dias. Eu a imaginei andando pelas ruas aqui. Indo para a igreja. Erguendo a voz e acenando com as mãos quando queria ser ouvida. Tinha uma imagem clara de Alcina Parisi em minha

mente, embora os traços de seu rosto e corpo não estivessem em foco. Se Junior não tirou uma foto dela, me pergunto o quão atraente era.

— Ah — disse Nicodemo, aceitando um copo meu. — Suas pistas esfriaram, Scorpion. — Acenou com a cabeça para a tatuagem na minha mão, entre o polegar e o indicador.

E tinham, mas precisava ampliar um pouco minha busca, ir mais longe. Achei que ela teria ficado por perto, mas todos os caminhos me levaram de volta à Forza d'Agrò.

Nós quatro ficamos quietos quando sete homens entraram no restaurante. Levei o copo na minha boca, observando enquanto Giuseppe os levava para a mesa que a garota havia preparado. O homem mais velho, o chefe, chamou minha atenção imediatamente. Era ele quem mandava. Os outros, além do homem de meia-idade que era uma versão mais jovem do velhote, eram todos músculos.

Achei que Giuseppe deixaria a mesa deles depois de recebê-los, voltaria para a cozinha como de costume, mas em vez disso, se sentou. Angela os serviu em vez da jovem. De vez em quando, virava os olhos na minha direção, me pegando olhando. Seus olhos não sorriam.

— Diga-me — disse, apontando para a mesa.

— Os Balistreris — Nunzio respondeu, mantendo a voz baixa. Deu um tapinha nos pontos onde suas armas estavam escondidas debaixo de sua camisa. Então se levantou. — Vamos.

Acenei minha mão, ordenando que se sentasse. — Relaxe e aproveite o seu jantar.

Ele olhou para a mesa antes de se sentar novamente.

— *Algum problema, cugino?* — Nicodemo me perguntou. Às vezes me chamava assim; *Primo*.

Desviei meus olhos da mesa e encontrei seu olhar. Ele não se importou de qualquer maneira. Seus olhos estavam me perguntando se eu tinha algum problema com o que estava vendo. Por alguma razão, isso me incomodou, Giuseppe sentando para dividir o pão com aqueles homens em seu restaurante. Soube que tipo de homem eu era no

momento em que olhou para mim, e pude sentir que não era bem-vindo do outro lado da rua.

O mesmo sentimento era forte em relação a esses homens também, mas diferente. De vez em quando, enxugava a cabeça com um guardanapo quando a conversa começava a esquentar um pouco, mas principalmente, eram sussurros se misturando ao som do bandolim que chegavam à nossa mesa.

Não ouvia o significado das palavras. Observei a linguagem corporal. Não havia dúvida de que estavam fazendo algum tipo de negócio; também não havia dúvida de que o motivo pelo qual Angela os servia era porque queria estar perto da conversa. Ela não estava olhando o velho também, mas para aquele que presumi ser o filho.

Giuseppe enfiou o dedo indicador no ar e depois desceu com ele silenciosamente sobre a mesa. Disse alguma coisa depois e, assim que o fez, o filho começou a rir - era um rugido de merda e mexia com o som do bandolim.

Que pena, essa era uma linda melodia. Ele estragou o som, como Adriano estragou o ar com sua colônia. Isso me irritou.

— Entrando — disse Adriano, com o rosto vermelho. Sempre era quando bebia depois de uma refeição pesada.

Tito Sala ocupou o lugar vazio que Nicodemo ordenara que a garçonne trouxesse. Por isso, sabia que estava vindo. Tito se acomodou e pediu um prato de frutos do mar com uma taça de vinho branco. Era o mensageiro, às vezes, entre meu avô e eu.

Falávamos pouco entre nós ao telefone, por mais de um motivo. O principal era que havia alguma animosidade da minha parte por ele ter me ordenado estar aqui. Ele também se recusou a me atualizar sobre a situação de Scarpone.

De jeito nenhum meu avô deixaria passar, mas eu daria um passo adiante e encontraria o fantasma, Vittorio Scarpone, e acabaria com ele se ainda estivesse vivo. Meu avô respeitava Vittorio por algum motivo. Não tinha certeza do que era. Não me importava, porra.

Tito olhou para a mesa que fazia negócios antes de erguer os óculos e voltar os olhos para mim. — Seu avô concordou em um acordo com uma noiva.

— Excelente — disse. — Diga-me quem é ela. — Um passo mais perto de ir para casa - depois de ter Alcina para levar comigo.

— Ele não sabe — disse. — Deixou isso comigo.

A mesa inteira ficou olhando para ele, ninguém mais do que eu. Ele olhou para trás, sem se importar de uma forma ou de outra. Começou a trabalhar em seu prato assim que a jovem o colocou. Ela relaxou um pouco quando ele agradeceu.

— Você parte amanhã para Bronte — disse. — Não vagueará mais pela Itália em busca de algum tolo. — Deu um tapinha na boca com um guardanapo. — A colheita do pistache começará em breve. Vai trabalhar.

— Busca do tolo — repeti. Se Silvio tivesse contado a ele, eu mataria Silvio. Isso era entre nós dois. Recusava-me a permitir que meu avô me impedisse.

Ele assentiu. — É o que eu faria — disse, baixando o copo — se descobrisse quem era meu pai e quisesse matar a famiglia que me privou dele, mas as coisas nem sempre são claras na vida, hã? Às vezes, devemos ter paciência para descobrir para onde vamos, quando acabamos de descobrir onde estivemos.

Deu outra mordida. Estava dividido entre observá-lo e observar os homens à mesa, que estavam se levantando.

— Você irá para Bronte e, em outubro, será um homem casado — continuou Tito. — Isso agradará seu avô. O nome dela não importa - ou importa?

Eu o ouvi, mas meus olhos se fixaram no filho, que caminhava em direção à porta. Olhamos um para o outro até ele sair. — Não — disse, distraidamente. — Não importa.

— *Bene* — disse Tito. — Iremos pela manhã.

Nem Giuseppe nem Angela olharam para mim à medida que caminhavam em direção à cozinha depois que os homens saíram. Sua mão estendida para o ombro do marido foi a última coisa que vi antes que as portas se fechassem atrás deles.

Corrado

Bronte ficava a cerca de uma hora e meia de Forza d'Agrò, e a cidade era conhecida por seus pistaches. “*I'Oro della Sicilia*”, ou o ouro da Sicília. O Monte Etna erguia-se à distância, fumaça saindo de sua foz, a cidade deitada a seus pés. A rocha de lava estava espalhada pelas erosões. As árvores cresciam fora dela.

Tito me disse que é por isso que os pistaches são comparados ao ouro, por causa do solo vulcânico. — É rico — disse, enquanto apontava pela janela para algumas áreas de terra cheias de mais árvores no sopé das montanhas. — Chama-se *sciara*.

Nunzio nos levou por uma velha estrada de terra que tinha marcas de pneus gastas. Homens e mulheres caminhavam pelos campos com alças em volta do pescoço e baldes vermelhos nas extremidades. Alguns estavam à distância, parados nas rochas de lava, equilibrando-se enquanto pegavam as frutas ao longo dos galhos. Mais trabalhadores que caminhavam pela estrada pararam e observaram conforme passávamos.

— O festival acontecerá em outubro deste ano — disse Tito. — Fabrizio agradece a ajuda. Sua família é proprietária desta terra há gerações. É passado pelas gerações.

— Sobrenome dele? — Perguntei, observando enquanto uma grande villa à distância se aproximava. Era de pedra marrom com venezianas verdes e uma porta de madeira escura.

— Pappalardo — disse Tito.

Nem perguntei se Fabrizio Pappalardo sabia por que eu estava aqui. Tito sabia que não devia contar a ele. Algumas pessoas pagariam muito dinheiro pela informação.

Tito apontou para trás da vila principal. — Há vagas para os trabalhadores ficarem durante os meses de coleta. Você alugará um apartamento.

— Precisamos ficar por perto — disse Nunzio, mantendo os olhos na estrada.

— Sì. — Tito balançou a cabeça, seu boné de aba larga mergulhando com o movimento. — Arranje isso.

— Podemos comer os pistaches? — Adriano olhou para todos os baldes cheios de ouro verde da Sicília. — Ou são como azeitonas direto da árvore? Tentei isso uma vez e cuspi em todo o campo depois. Grande, *enorme*, erro.

— A vida é uma aposta — disse.

Fabrizio Pappalardo esperava na frente da villa quando Nunzio parou e estacionou. Pappalardo tinha mais ou menos a minha idade, talvez um pouco mais jovem, e usava roupas de trabalho. Estava apontando para uma sacola cheia de pistache que tinha “*Pappa*” estampado no tecido branco em vermelho, dizendo a um dos trabalhadores para trazê-lo para algum lugar.

Se ele percebeu que tipo de homem éramos, não demonstrou exteriormente. Estava aqui por um motivo, então me misturei, deixando os ternos e as gravatas em Nova York, mas quando ele viu Nicodemo, que nunca deixou os ternos e gravatas em casa, me perguntei se notaria e começaria a fazer perguntas. Por outro lado, estar conectado a Tito também pode trazer suas dúvidas, ou não.

Se Fabrizio havia perdido alguns trabalhadores por doença ou acidente, Tito era o tipo de homem que recomendaria homens que sabia que precisavam do trabalho.

Depois que Nicodemo saiu do carro, apertou a mão de Fabrizio, parecendo se conhecer. Nicodemo acenou para mim antes de entrar na villa.

— Puta merda — Adriano disse baixinho enquanto observava a porta se fechar atrás de Nicodemo. — *Estou fedendo*. Imagine. Compro

a melhor merda que existe.

Adriano estava chateado com Nicodemo, que lhe disse que fedía e atrairia moscas no calor assim que começasse a suar.

Fabrizio pigarreou para chamar nossa atenção. Era todo profissional. Ele nos encaminhou para um homem chamado Fabio, que nos colocou para trabalhar imediatamente. Todos recebemos baldes e luvas, e nos disseram para não deixar cair a fruta, se pudéssemos evitar. Depois de enchermos nossos baldes, deveríamos nos apresentar a Fabrizio e os baldes seriam colocados em um saco. Devíamos continuar colhendo até o dia acabar.

Não era um trabalho fácil. Algumas das rochas eram íngremes e as árvores cresciam em um ângulo estranho, então era preciso equilíbrio para não cair ou deixar cair os frutos. Às vezes, galhos caíam entre as fendas e precisava enfiar a mão entre elas para recuperá-los. Sempre procurei por cobras antes de fazer.

Fiquei quieto enquanto fazia meu trabalho, perdendo-me no seu ritmo. Às vezes, estudava o funcionamento das árvores. Pareciam ter sistemas radiculares profundos, geralmente com troncos curtos e ramos longos e resinosos. As folhas eram como veludo e couro. Os pistaches eram do tamanho de azeitonas e cresciam em cachos rosados. Os homens chamavam as plantas de *scornabecco*, e a casca após ter sido separada de seu invólucro de *tignosella*. Era fácil esquecer os problemas de Nova York enquanto me perdia no trabalho. Poderia ter sido um homem diferente - um homem com problemas normais.

Outras vezes, a necessidade de cuidar dos Scarpones só crescia com o silêncio que consumia minha mente. Não eram nem palavras que vieram à mente, mas uma cor. Vermelho. Era hora de sangrá-los até secar. A vontade de encontrar Alcina era tão forte que pude sentir o gosto na boca, como a água fria que Tito nos deu para beber na hora do almoço.

Tito ficou ao lado de Adriano, Nunzio e eu, observando a terra sob a sombra de seu boné de aba larga. Estávamos trabalhando em um local mais isolado e me perguntei se era porque Tito havia solicitado -

mantendo-me escondido, mas não.

— É maravilhoso como a mamma Natureza funciona. — Acenou com a cabeça para o Monte Etna, fumaça subindo contra o céu azul de sua ponta. — Tem uma força tão perturbadora - maior do que esta cidade inteira - mas ainda nos dá o melhor do que tem. Veja as frutas que oferece.

Adriano torceu o nariz e balançou a cabeça. — Isso é tudo que temos para comer? — Ergueu a cesta que Tito trouxera com queijos, biscoitos, carnes e frutas. Estava esparramado no chão, meio sentado, meio deitado. Suas bochechas vermelhas e nada estava saindo de seus poros, exceto suor agora.

Nunzio acenou com a cabeça na direção do vulcão, ignorando Adriano. — Um vulcão me lembra uma mulher italiana — disse. — Fogo em suas veias, mas mesmo depois de escaldá-lo com seu temperamento, ela o alimenta melhor.

Tito sorriu. — Eu tenho que concordar.

— Uma mulher me chuta nas bolas e depois me dá uvas na cama como um pedido de desculpas. — Adriano levantou um monte delas, levando-as à boca. — Eu aceitaria.

Sorriu com a cara que Nunzio fez. Então tirei a camisa de manga comprida que vestia por cima da minha camiseta, enrolando-a, usando-a como travesseiro. Coloquei minhas mãos atrás da minha cabeça como uma camada extra, fechando meus olhos. Adormeci com o sol quente no rosto. Poucos minutos depois, acordei com o som de um assobio longo e baixo de Adriano. Segui o som até encontrar a sua causa.

Algumas mulheres caminhavam em nossa direção com um grupo de crianças ao redor delas.

— Desistiria do macarrão para ficar sozinho com qualquer uma dessas mulheres — disse Adriano, apoiando-se nos cotovelos, observando enquanto elas se aproximavam.

— Isso não é uma mulher — disse, olhando para uma em

particular. — Essa é a porra de arma.

Ela estava de mãos dadas com uma menina que chamava de Calogera. A maior parte do cabelo longo e castanho escuro da mulher estava atrás de um lenço, mas pequenas mechas caíram dos lados, roçando seu pescoço, onde imaginei que a pulsação de sua artéria bateria contra minha boca quando a colocasse lá.

O vento soprou contra ela, farfalhando o vestido em seu corpo, e enviou um doce perfume no ar ao meu redor. O vestido me lembrava o que Angela normalmente usava, mas abraçava cada uma das curvas dessa mulher. A cruz que usava ao redor do pescoço refletia a luz reluzente e brilhou dourado contra sua pele bronzeada. Mesmo com o vestido de estilo antigo, acertou todas as notas.

Eu era *Orlando Furioso*¹³ quando olhei para ela. O balanço daqueles quadris - lambi meus lábios e pude sentir o gosto de limão e chocolate.

Nem mesmo seu rosto ou corpo eram a arma. Eram aqueles olhos em forma de gato, escuros e cheios de segredos, que eram perigosos. Tão imprevisível quanto qualquer homem contra quem havia enfrentado. Quando estava perto o suficiente e os virou contra mim, ela parou, embora a menina continuasse puxando sua mão para continuar andando. Com um puxão áspero, foi seguindo o grupo de mulheres que havia caminhado à frente.

Nunzio me cutucou. Ele me cutucou novamente.

— Ela está comprometida — ouvi Tito dizer em italiano. Risos depois que disse isso. Alguém disse a palavra lunático. E então — *cugino sei cotto*. — *Primo, está cozido*.

Ela olhou para mim por cima do ombro antes de se virar novamente, movendo-se cada vez mais para longe, indo mais fundo no pomar.

— O nome dela — disse.

— Angélica — disse Nicodemo, aparecendo ao meu lado.

Sorriso para isso, mas não disse nada.

A mulher deixou cair uma luva que carregava entre as fileiras de árvores de pistache. Eu a peguei, e quanto mais perto chegava dela, melhor podia sentir seu cheiro no ar. O seu cheiro ficaria para sempre tatuado na minha memória - mais permanente do que a tinta na minha pele.

— *Signora* — gritei, minha voz baixa, mas ainda alta o suficiente para ouvir.

Ela parou, mas não se virou. A garota, Calogera, mostrou a língua para mim. Eu fiz o mesmo. Ela riu um pouco e eu sorriu.

Finalmente, a mulher se virou, olhando para cima e encontrando meus olhos novamente. Levantei a luva e disse em siciliano que havia caído. Ela acenou com a cabeça uma vez, estendeu a mão e permiti que ela pegasse. Quando foi pegar de volta, porém, segurei. Ela puxou um pouco, mas depois que percebeu que eu não deixaria passar tão facilmente, ela parou. Nós dois nos seguramos.

— *Grazie* — sussurrou. Os cílios mais longos que vi em uma mulher se espalharam quando piscou.

— *Prego* — disse.

Ela pegou a luva então, virando as costas para mim novamente, movendo-se ainda mais rápido para acompanhar as outras mulheres e crianças.

Angelica - sim, isso não combinava. Não era a princesa. Era Alcina, a feiticeira, atraindo homens para sua ilha mágica.

Não admira que Junior nunca tenha tirado uma foto dela. Nunca faria justiça a ela.

Alcina

— O que está fazendo? — Minha irmã saltou na cozinha silenciosa e me gritou as palavras ao mesmo tempo. Suas botas bateram no chão com um tapa ao mesmo tempo que meu coração se alojou na garganta.

Saltei para trás da janela, minha mão sobre meu peito. Arrancaria o seu cabelo pela raiz. — O que *estou* fazendo? — Gritei de volta em Siciliano. A maioria de nossas conversas eram uma mistura de nossa língua nativa e inglês. Quanto mais tempo ficamos na Itália, menos inglês usamos.

Ela riu, indo se sentar à mesa da cozinha. — Está olhando pela mesma janela há uma hora. Está escuro agora. Ele já foi para a sua casa. — Balançou as sobancelhas para mim. — É bom olhar para ele, ah?

— Agradável. — Revirei meus olhos. — Ele é um problema.

No momento em que o vi, soube.

Seus olhos âmbar escuros me hipnotizavam. Seus lábios carnudos fariam as mais belas promessas. O seu corpo? Feito para o prazer. Era alto, seus ombros largos, suas pernas longas e magras.

Tudo nele era perfeito. Na superfície, mas se ele pensou que poderia me fazer pensar que era um bom homem, estava errado.

No momento em que o vi, soube *a verdade*.

Aqueles olhos escondem seu coração venenoso. Aqueles lábios eram vasos de engano. Aquele corpo? Feito para infligir dor. Ele não foi enviado do céu; foi enviado para me arrastar de volta para o inferno. A mão com a tatuagem de escorpião - entre o polegar e o dedo indicador - estaria enrolada na minha garganta. O que ele tinha

no pescoço não era tão óbvio, mas não precisava ser.

Conhecia homens como ele. Nova-iorquinos de fala rápida que tinham um pouco de siciliano de sobra. Vinham para o velho país para se esconder quando tinham preços em suas cabeças. Estive lá. Fiz isso. Ainda estava lidando com os efeitos colaterais *disso*.

Prefiro me sacrificar no Monte Etna do que ter outro como *ele* na minha cama. *Ele*.

Nenhum dos homens com quem veio falava o seu nome, e quando Anna pediu ao marido, Fabrizio, que perguntasse ao tio Tito sobre ele, disse que não importava, porque logo partiria. Estava apenas de passagem. O dinheiro que ganhava com a colheita dos pistaches iria para seu quarto e comida.

— Pare de mentir para si mesma, Alcina — Anna disse. — Ele pode ser um problema, mas *gosta* dele. Você *gosta* da sua aparência. Admita para mim, ou vou convidá-lo para jantar e provar isso.

— Faça isso — disse, abrindo meus braços, mas secretamente emocionada ao som do meu nome, porque era raro quando podíamos usá-lo. — Não pode dizer quando *gosto* de alguém.

Ela jogou a cabeça para trás e riu. — Posso! Você começa a piscar, assim... — começou a abrir e fechar os olhos, indo o mais rápido que podia.

— Está mentindo! — Rio, sem realmente querer. Ela parecia ridícula.

— Não estou! — Ela riu ainda mais forte. — Fazia a mesma coisa quando Ezio, o deus grego, falava com você. Pouco antes de sairmos de Forza d'Agrò para Nova York. Escrevia o nome dele em seu caderno e chorou quando se casou. Ele tinha dezoito anos, você oito, um bebê para ele.

Eu me virei para olhar para a janela novamente, olhando para a escuridão, sem conseguir ver através dela. Nunca poderia, a menos que a lua estivesse aparecendo e lançando alguma luz sobre a noite eterna da minha vida. Mesmo durante o dia, a escuridão me envolveu.

— Ele é lindo, Alcina. Do jeito que os homens são quando são fortes e confiantes. E aqueles olhos... — suspirou. — Não é a única que percebeu. *Papà* me disse que Calista quase tropeçou nos pés quando ele entrou no restaurante. Até a *mamma* piscou para ele algumas vezes.

Eu me virei e ela estava piscando para mim novamente, um sorriso persistente em seu rosto. — Ele é um problema — disse, cruzando os braços sobre o peito. — Sabe quem sou.

Ela encolheu os ombros. — Ele só observava *papà* e *mamma*.

— Estudando-os para chegar até mim — disse. — Se o Bull “Junior”, odiava dizer seu nome, mas às vezes fazia isso só para irritá-lo, outras vezes, ele era o Bull.

— Tio Tito não o teria trazido se achasse que era um perigo. E se for — fez um movimento cortante para mim. — Você ainda tem a tesoura.

Olhamos uma para a outra por um segundo antes de meu sorriso corresponder ao dela e começarmos a rir.

Ela ergueu um dedo indicador. — O Bull - justiça poética no seu melhor. Se tiver que transformar este aqui em um eunuco, seria uma pena. Ele é *tão* bonito.

Eu balancei minha cabeça para ela. — Estou comprometida, lembra?

— Eu me lembro — disse. — Ele também. Tio Tito me disse que está arranjando seu casamento. Ele se casará quando for embora, mas... — Mordeu o lábio inferior, inclinando um pouco a cabeça. — Devemos combater o fogo com água. Ele ainda não é casado e você também não. Se ele reivindicá-la... — encolheu os ombros. — Deixe-o lutar por você.

Rio, mais alto do que ela. — Reivindicar-me?

Ela assentiu. — De uma forma que nunca foi reivindicada antes. A maneira como ele olhava para você hoje... — assentiu. — Eu o reconheci. A maioria das mulheres não pode, a menos que outra

mulher lhes diga - uma mulher não tem ideia do que significa ser reivindicada, até *depois de* ser reivindicada.

— Achei que a mulher reclamasse o homem — disse.

— É verdade, reclamamos, mas os fazemos *pensar* que nos reivindicaram primeiro. — Ela sorriu, e foi maléfico — Você se acha astuta, mas vi o que fez. Deixou cair aquela luva de propósito, para que ele a pegasse para você.

Meu coração acelerou um pouco, lembrando do momento. Eu o silencieei com pensamentos do passado. — Não importa — disse. — O que está feito está feito.

— Nada está *feito* — gritou atrás de mim quando abri a porta para sair, agarrando a tesoura que carregava comigo. — Não até seu último suspiro!

Era algo que nossa *mamma* nos disse - a vida não estava acabada até que morrêssemos. Se ainda estávamos respirando, ainda tínhamos um motivo.

As luzes estavam acesas do lado de fora, lanternas de estilo antigo na villa, e quando me virei, encontrei olhos de joias, da cor de âmbar escuro, olhando para mim. Ele ficou contra a casa, um ombro contra ela, esperando.

— Alcina — disse, e meu nome soou tão bonito em sua boca.

Mesmo quando me parou mais cedo no bosque, quando deixei cair a luva de propósito, sua voz tinha a mesma calma e era suave. *Porra*, como diriam na América, *enganador*.

Não precisava exibir seu poder. Era apenas... seu. Ele o possuía, como o cheiro no ar ao seu redor. Uma bela colônia que era só sua e inesquecível. Estava misturado com seu suor e a sujeira do trabalho da colheita.

Eu me virei para ele, estreitando meus olhos para vê-lo melhor, e então, sem pensar duas vezes, joguei a tesoura na direção de suas bolas. — Fique longe de mim, *Scorpion* — disse, igualmente quieta. Então me virei, a sensação de seus olhos nas minhas costas se

recusando a me deixar, mesmo em meus sonhos. E mesmo em sonhos, ele nunca seria o que parecia.

Alcina

Precisava de lugares melhores para me esconder.

Caminhava para um lado do bosque, de repente, *Lo Scorpione* estava lá. Corria para outro. Estava encostado em uma árvore. Seus olhos em mim. Um sorriso no rosto. Eu me escondia na cozinha da fábrica, e assim que meu pé batia do lado de fora, ele estava lá.

Saí da villa de Anna. Ele esperou do lado de fora.

Se eu movesse para a esquerda, ele movia para a esquerda. Se me movia para a direita, ele também se movia. Estávamos dançando uma dança que eu não conhecia. Estava me fazendo tropeçar, seus movimentos (ou motivos) em desacordo com minha segurança, mas meu coração disparava e minha respiração se tornava superficial cada vez que nossos olhos se encontravam e de alguma forma completamos uma etapa.

— Coração ruim, coração ruim — sussurrei para mim mesma, colhendo pistache de uma árvore que estava enraizada em um monte íngreme de solo vulcânico. Enquanto escolhia, continuei murmurando para mim mesma, tendo uma conversa. Ninguém mais estava por perto além de mim (*Lo Scorpione* tinha sido enviado para ajudar o tio Tito a fazer algo médico com um animal), e se não conseguisse resolver isso, quem poderia?

Eu me sentia como uma marionete em uma corda, alguma força desconhecida dona de minhas emoções. Como poderia querer um homem que era tão ruim para mim? Um homem que provavelmente estava decidido a me levar de volta para Nova York e me entregar no inferno?

Ao mesmo tempo, todos os sentimentos que passavam por mim ao pensar nele eram celestiais. Às vezes, quando o pegava me olhando,

parecia que podia flutuar.

— Não se mexa! — A ordem veio para mim em siciliano.

Minha mão parou no meio do caminho em direção a um galho. Uma brisa preguiçosa passou pelo ar, tocando o suor da minha pele, me deixando febril ao registrar o tom da voz, a quem pertencia, e o silvo de uma serpente lá embaixo. Perguntei-me o quão perto estava das minhas pernas, mas não queria nem olhar. Provavelmente havia se encaixado na fenda da rocha, procurando sombra. Deveria ter verificado, mas estava preocupada.

Minha tesoura estava equilibrada contra a rocha a uma distância, e de minha periferia, o vi avançar, agarrando-a.

A *vipera*¹⁴ assobiou. — Saia da rocha, Alcina — disse. — *Adesso*.

Minhas pernas tremiam. Não conseguia me mover. — *Adesso!* — Gritou.

Fechei os olhos e pulei da pedra para outra, mal conseguindo. Segurei-me em outra árvore de pistache, tentando me equilibrar.

A *vipera* esteve ao lado do meu tornozelo o tempo todo, enquanto pegava os pistaches. Eu provavelmente não saberia o que tinha me atingido até que fosse tarde demais. Estava camuflada contra a rocha, tentando se esconder do sol. Enrolou-se em um S apertado, sua língua farejando o ar, pronta para atacar.

Lo Scorpione observou com olhos duros, a tesoura aberta e pronta. Tinha uma camisa de manga comprida pendurada no ombro e a afastou de si. A *vipera* atingiu o tecido e *lo Scorpione* cortou com a lâmina. A cabeça da cobra caiu para o lado.

Fiz o sinal da cruz. — Eu nem vi.

Ele acenou com a cabeça e veio em minha direção, abrindo os braços.

— Eu posso descer — disse.

Já havia caminhado muitas vezes por esses bosques, certa de como estava e como funcionava com o terreno, mas quando fui descer,

meus joelhos cederam. Ele me pegou e começou a me carregar em direção a uma área mais populosa com facilidade. Encarei seu rosto, admirando como era esculpido. Então meus olhos vagaram e se fixaram em seus lábios. Ele sorriu e tive que me forçar a parar de piscar.

— Espere! — Disse, tentando sair de seus braços. — Eu tenho que voltar!

— A cabeça não para de se mover até o sol se pôr — disse. — O que quer que tenha esquecido, volto mais tarde e pego.

— Minha tesoura! — Disse, balançando ainda mais forte.

Ele parou de se mover. — Não precisa dela.

— Por que não? Eu quero! Eu preciso...

— Não precisa — disse, movendo-se novamente. — Estou aqui.

— Está — disse. — Mas isso não está me ajudando.

Ele olhou para mim e depois olhou para a frente. — Sou mais perigoso do que uma tesoura.

— É por isso que preciso dela. Preciso de algo para me proteger de você, ou para ajudar.

— Nada me impede quando quero algo — disse. — Muito menos um par de tesouras velhas enferrujadas. — Parou de se mover novamente, olhando para mim. A única maneira de descrever seu rosto naquele momento era alguém que começou a conectar os pontos.

— Pegará tétano se eu cortá-lo com ela — sussurrei.

Seus olhos fixaram-se nos meus e então percorreram meu rosto. Suas explorações pararam em meus lábios. De repente, estava com tanto calor que era difícil respirar. Fui falar novamente, mas apenas meus lábios se separaram. Nenhum som saiu.

Outra brisa soprou, farfalhando meu vestido. Ele me posicionou de forma que ficasse firme debaixo de seus braços, mas seus dedos tocaram minha pele nua. Eram duros de trabalhar todos os dias, mas o toque era o oposto. Estremeci em seus braços, como se estivesse com

frio.

— Não está em choque. — Disse como se já soubesse a resposta, mas queria verificar de qualquer maneira.

— Não. — Balancei minha cabeça.

Um sorriso lento surgiu em seu rosto. — O quê? — Perguntei.

— Eu sabia que acabaria aqui, mas não desta forma.

— Nem sei o seu nome — falei.

— Saberá.

— É um segredo? — Encarei seu rosto enquanto ele nos movia novamente.

— Depende — disse.

Depois de alguns minutos, perguntei — De quê?

— Se eu confio em você ou não.

Eu me mexi ainda mais, exigindo que me colocasse no chão. Ele deu mais alguns passos e me pôs de pé. Meus joelhos ainda estavam instáveis, mas me obriguei a ficar ereta. Ele era muito mais alto do que eu, mais largo, com músculos, mas não recuaria.

— Não confia em *mim*? — Perguntei, o choque aparente na minha voz. — Eu não confio em *você*. — Apontei para ele.

Ele sorriu novamente, aproximando-se de mim. Segurei minha posição e nossos corpos quase se tocaram. Ele se abaixou, chegando mais perto do meu ouvido. — Vai confiar — sussurrou.

Fechei meus olhos, outro arrepio atormentando meu corpo quando se afastou de mim. Quando abri meus olhos, já havia desaparecido no campo dos homens - um Houdini moderno.

Alcina

Pela décima vez desde que meus olhos se abriram naquela manhã, quase esbarrei em um dos homens que me ajudaram a trazer as caixas da cozinha da fábrica para a van de entrega.

Meu foco parecia fragmentado e em frangalhos. *Lo Scorpione* não só assombrava meus sonhos, como ainda aparecia onde antes não aparecia. Estava atrapalhando meu jogo. Não precisava de distração. Tinha o suficiente em minha mente, e sua presença apenas reforçou porque minha vida era do jeito que era.

Através de nossos canais, soube que *papà* estava perto de finalizar os termos do acordo. Mesmo que fossem homens perigosos com quem estava negociando, eu como *chip*¹⁵, como dizem, ele se recusou a ceder em um detalhe. Apenas uma pessoa parecia saber o que era, e essa pessoa era minha *mamma*.

Houve dias em que fiquei grata por isso. Por enquanto, isso me dava um pouco de liberdade. Outros dias não. Tinha uma guilhotina pairando sobre minha cabeça, e a cada segundo de cada dia me perguntava se desabaria.

Depois que um homem se recupera da castração, um animal como Junior... tremia só de pensar qual seria seu castigo. Mesmo com duas bolas, seu temperamento era horrível.

— Isto? — Um dos homens ajudando perguntou.

Concordei. Além de fazer *pastries*¹⁶ para a festa do pistache, e ajudando onde precisava, também fazia velas. Era algo que fazia para libertar minha mente quando ficava superlotada com pensamentos e preocupações. De vez em quando, fazia uma viagem para modica e trocava alguns produtos de pistache por alguns chocolates, pelos quais eram conhecidos, para usar em meus doces.

A *famiglia* Ranieri tinha lojas em diferentes partes da Itália. A principal era em Modica. Vendiam seu famoso chocolate e outras coisas, incluindo velas. Encomendaram suprimentos extras para que eu pudesse pegá-los e levá-los de volta para Bronte. Os Ranieri eram a *famiglia* do lado da minha *mamma* - a tia da minha *mamma* era casada com Pasquale, um famoso poeta.

Fiquei um tempo com eles, para me dar um lugar diferente para me esconder, mas depois que Pasquale faleceu, decidi ficar mais perto de minha irmã. Nunca tinha comentado sobre Fabrizio ou da sua *famiglia* para o Junior, porque ele era um homem que não fazia muitas perguntas, só queria saber algumas coisas. Como o formato do meu corpo.

Senti-me mal do estômago pensando nele, e peguei a última caixa do balcão e virei rápido demais, batendo no estômago do homem atrás de mim. Seus braços envolveram a caixa, mas os meus estavam lá, e ficamos de pé sem jeito.

Ele sorriu para mim. — Posso levar isso.

Embora o negócio de Fabrizio fosse dirigido principalmente pela *famiglia*, havia sempre novos homens a cada ano. Não chegava perto, porque não confiava em ninguém.

O som de uma garganta limpando da porta aberta. Senti seu cheiro no ar antes mesmo de ele entrar na sala. A especiaria de seu suor e poeira dos campos - e aquela colônia que nenhum homem podia comprar, mas ainda tinha que possuir. Poder.

O homem segurando a caixa se virou para olhar para *lo Scorpione* um segundo depois de mim. *Lo Scorpione* deu um aceno lento e afiado, e imediatamente soube o que ele queria. Que o homem soltasse a caixa e saísse

O homem foi inteligente o suficiente para fazer isso.

Para um homem com tatuagens tão assustadoras, era quase lindo demais à vista. Seu cabelo era tão preto como uma noite sem lua. Sua pele era lisa e havia sido beijada pelo sol. Seus olhos eram como duas

joias âmbar escuras. Contos de advertência se pudesse ver além de seus propósitos hipnóticos. Estava vestindo uma camiseta fina, calça cáqui e botas. A camisa de mangas compridas que usava para evitar o sol nas costas estava pendurada no ombro. E quando sua pele nua tocou a minha, comecei a piscar. Mais ciente disso desde que Anna me chamou a atenção.

Parei de piscar de repente, como pisar no freio de um carro muito rápido, e ele me sorriu antes de ir pegar a caixa. Segurei e ele puxou. Quando percebeu que eu estava fazendo com ele, o mesmo que tinha feito comigo com a luva, sorriu e minha respiração ficou presa na garganta.

— Qual é o seu nome? — Perguntei em siciliano. Minha voz estava baixa, ofegante e não havia nada que pudesse fazer a respeito.

— Por quê? Vai receber o pagamento pela minha cabeça assim que te contar?

— Depende — disse, mudando para o inglês. — De quanto vale a sua cabeça.

— Menos do que a sua, *Angel Eyes*.

As palavras “*Angel Eyes*,” causaram uma emoção em meu sangue, como lava quente fluindo em minhas veias. Eu, sem querer, deixei a caixa escapar. Ele a pegou de mim, colocando-a no balcão, e então se aproximou. Olhando nos meus olhos, ergueu uma mecha de cabelo que havia caído do meu lenço no meu pescoço, e então a deixou cair novamente. Traçou o fio com o dedo, sobre o meu pulso, e depois pela corrente de ouro e a cruz na sua extremidade. A cruz descansava contra meu coração palpitante, onde seus dedos calejados permaneceram.

Seu toque era fogo contra minha pele aquecida. Meu sangue começou a ferver, mas senti um arrepio na altura dos ossos e me fez tremer toda.

Minha boca se separou ao mesmo tempo em que sua mão envolveu meu pescoço e nos puxou juntos, meu corpo se movendo

como fogo ao vento, nossos lábios batendo, nossas línguas se enredando. Um gemido, suave e trêmulo, saiu da minha boca e ele engoliu o som.

Paredes batiam contra minhas costas enquanto nos movíamos de um lugar para outro, algo descontrolado e selvagem nos forçando a ficar juntos, recusando-se a nos deixar separar.

Um ruído frustrado saiu da minha boca quando ele se afastou de mim. Foi repentino, um puxão, um rasgo, em algo sem nome que exigia mais costura - a criação de algo que mudaria a vida.

Minha irmã pigarreou. Quando encontrei seus olhos, parecia que estava limpando a garganta. Ficou parada na porta aberta, os homens atrás dela, com as mãos nos quadris, bloqueando sua entrada.

O fogo restante daquele beijo queimou minhas bochechas, e passei por ela e os homens, engolfada. Ela estava piscando furiosamente quando passei, tentando esconder um sorriso maroto.

Atração, Alcina, minha mamma me disse uma vez, é o desejo em espera.

O que minha *mamma* não me disse era que, uma vez que eu cedesse e fosse libertada, não havia como voltar para aquele quarto com quatro paredes e sem janelas.

Lo Scorpione me arrastou para algum lugar, mas não parecia o inferno que tinha imaginado. Seu inferno parecia mais celestial do que qualquer coisa que eu havia tocado em minha vida.

* * *

Levantei minha cabeça do volante da van quando ouvi alguém abrir as portas e colocar uma caixa na parte de trás.

Lo Scorpione.

Gemi, mas não alto o suficiente para ele ouvir. Precisava de um tempo para respirar. Recuperar. Para dar sentido ao sem sentido.

Ele subiu ao meu lado depois de colocar a caixa que eu tinha esquecido com o resto.

— O que está fazendo? — Perguntei em siciliano.

Ele me encarou por um minuto, aqueles olhos me enervando com sua intensidade. Eu sentia que não conseguia respirar direito quando ele me olhava assim... quando estava perto... quando pensava nele. Não podia escapar dele nem em sonhos.

— Meu nome é Corrado Alessandro Capitani — disse em um siciliano perfeito. — Sou um homem procurado - pelos inimigos e pela lei.

— Conheço esse nome — sussurrei, e minha mão estava na porta antes que ele pudesse colocar a dele em meu braço para me impedir. Ficamos assim por um tempo, seu toque deixando minha pele com bolhas. Olhei pela janela, me recusando a olhar para ele. — Quanto vale o preço pela minha cabeça?

— Para mim... — fez uma pausa. — Um valor inestimável.

— Vai me machucar?

— Não.

— Vai me matar?

— Não.

— Vai me levar de volta?

— Esse é o acordo que fiz.

— Você terá que me machucar ou me matar para fazer isso — disse, minha voz firme e inabalável. — Deveria ter deixado a *vipera* me pegar.

Seu aperto em meu braço se tornou quase doloroso, mas o deixei fluir por mim. Nada se compara à ideia de viver uma vida com o Bull e sua *famiglia*. — Eu me machucaria ou me mataria antes de desistir de você — disse ele.

Minha cabeça virou lentamente, nossos olhos se encontrando. —

Por quê? — Sussurrei.

Ele se afastou de mim, apontando para a estrada. Queria que eu dirigisse. Olhei no meu espelho retrovisor e notei um carro atrás de mim. Nicodemo estava no banco do motorista e tio Tito sentado ao seu lado. Os dois homens que vieram com Corrado - o americano que parecia um esquilo e o italiano com uma expressão séria sem fim no rosto - estavam no banco de trás.

— Eu me entreguei a você — disse, seu rosto ainda para frente.
— Essa é toda a garantia de que precisa que minha palavra é boa, mas se não... — olhou no espelho.

Eu tive minha resposta. Ele sabia que eu confiava em Nicodemo e no tio Tito.

— Sua irmã os enviou — disse.

Ah, sim, ela estava cuidando de mim. No momento em que vi *lo Scorpione*, minha mente começou a flutuar nas nuvens, não aterrada pela realidade, e sabia disso.

Liguei a van e dirigimos em silêncio por mais de uma hora. Eram apenas duas de Bronte até Modica.

— Diga-me por que fez isso — disse ele.

Eu olhei para ele; estava olhando para meu rosto. Ele tinha feito isso periodicamente durante a viagem, mas como não encontrei seus olhos, não me incomodou tanto.

— Fiz muitas coisas — disse. — Só esta manhã - muitas para contar.

— Por que cortou as bolas dele.

Minhas mãos estrangularam o volante. — Quanto sabe sobre mim? — Perguntei.

— Bastante — disse. — Mas não o suficiente.

Concordei. — Nasci em Forza d'Agro, onde a maioria da minha famiglia ainda vive, mas quando tinha oito anos e Anna seis anos, o nosso *papà* nos levou para a América para encontrar melhores

oportunidades. Ele conseguiu um emprego em uma feira de frutas e moramos com seu irmão e sua esposa, com alguns primos, até conseguirmos comprar um apartamento nosso. *Mamma* conseguiu um emprego trabalhando no mesmo lugar.

Um carro desviou na minha frente e levantei minha mão, gritando com o motorista, antes de balançar a cabeça e continuar.

— Moramos em Nova York por oito anos antes de recebermos um telefonema *informando* que nossa *nonna* estava doente. *Mamma* estava com saudades de casa há um tempo. Queria voltar. E voltamos. Depois que a *nonna* morreu, *papà* e *mamma* assumiram o restaurante. Nós o administramos como uma *famiglia*.

— Um dia, um americano entrou com alguns homens e me notou. Veio todos os dias durante uma semana, usando o pouco siciliano que tinha para falar comigo. Era bom o suficiente, no início, mas não havia nada nele que chamasse minha atenção. Quanto mais ele entrava, mais eu mantinha distância.

Em vez disso, mamma começou a anotar o seu pedido, mas ele ficava impaciente e exigia que eu o atendesse. Então, um dia, foi ao *papà* e disse que sabia como as coisas eram feitas na Itália e que queria se casar comigo. *Papà* disse que não. — Suspirei.

— Não, é geralmente uma palavra universal, mas ele não conseguia entendê-la. Insistiu e pressionou. Então, um dia, quando estava voltando para casa, disse que eu *precisava* me casar com ele, ou sua *famiglia* na América viria atrás da minha. Eu era jovem, estava com medo e concordei. Ele não queria que eu contasse a *papà* e *mamma* até depois.

— Você ainda está casada com ele — disse.

Balancei minha cabeça. — *Nunca* fui casada com o Bull. — Corri a mão ao longo do meu pescoço, deixando-o na curva. — Não era fluente em siciliano ou italiano, e disse ao padre que ele estava me forçando. Que sua *famiglia* na América era poderosa. Pedi-lhe que não me ligasse verdadeiramente a ele, por misericórdia. Teria que dar meu corpo, mas recusei qualquer outra coisa.

Olhei para *lo Scorpione*, e seus olhos me moveram para terminar.

— O Bull não pergunta. Rouba. E ele me machucou, me bateu... quando disse que não estava pronta para ele. — Engoli ácido na minha garganta ao pensar nele. — Ele se comporta como um animal, por isso foi tratado como tal. O lugar que alugou para morarmos era uma velha fazenda. Tinha a velha tesoura enferrujada. Eu a escondi ao lado da cama, caso tentasse me machucar. Ele tentou. Eu usei.

— Tem se escondido desde então.

— *Sì*. — Balancei a cabeça, levantando minhas mãos do volante por um segundo. — Os homens com ele passaram a noite em outra parte da villa. Depois que gritou, tive alguns segundos para correr. Corri na escuridão sob a luz da lua.

— Uma mulher a alguns quilômetros de distância me escondeu depois que lhe disse que fugia para salvar minha vida. Ela me trouxe para casa, e desde então estou fugindo. Seus homens vieram me procurar no dia seguinte, depois que o encontraram e conseguiram ajuda. Depois foram outros homens, homens mais assustadores.

— Tem sorte — disse — de que não usaram seus pais para atraí-la.

— Tentaram — disse, alcançando a cruz contra meu peito. — Mas *papà* fez um trato com alguns homens depois que começaram a ameaçar minha *mamma*, quando não podiam assustá-lo. Ele fez um acordo com uma *famiglia* que não liga para os homens que vêm da América para cá.

— Você é o acordo.

— Não no começo. Era apenas dinheiro, mas agora me casarei em outubro. — Dei de ombros. — Pouco antes de chegar, dois homens vieram a Bronte à minha procura. Encontraram Anna. Foi então que concordei com o acordo. Não terei mais que me esconder e minha *famiglia* estará segura. Mas há algo que o impede. *Papà* não quer contar a ninguém o que é; também não permitirá que o homem me encontre, antes de concordar com esta condição.

Podia sentir seus olhos no meu rosto. — Vale a pena?

— Minha vida? — Disse, estreitando meus olhos contra o brilho do sol. — Eu tinha algo pelo que viver, por isso então *sì*, valeu a pena. Estava vivendo para mim - para a vida que minha *mamma* me deu.

— Entendeu mal — disse. — O novo arranjo vale sua vida?

Hesitei, mas depois assenti. — Minha *famiglia* estará segura.

Não dissemos mais nada enquanto encontrava um lugar para estacionar a van. Depois que saímos e abri a porta, Corrado tirou a caixa que agarrei de meus braços, mas nenhum de nós puxou ou largou. Ficamos assim por um ou dois minutos até que os homens que vieram com ele começaram a se mover ao nosso redor, indo para as caixas.

— Para onde vão estas? — O esquilo perguntou.

Apontei na direção da loja com meu queixo. — Lá.

— Para dentro — disse Corrado, acenando com a cabeça, querendo que eu andasse. Seus olhos procuravam a rua movimentada. Eu me perguntei se ele estava cuidando de si mesmo ou de mim.

Isso não importava. Em outubro, ele estaria casado, e eu também.

* * *

Fiquei surpresa ao ver Mariposa - ou como a chamávamos, Mari - trabalhando atrás do balcão, segurando seu bebê. Mari era a esposa de Amadeo. Ele era meu primo.

A loja estava cheia, como de costume, mas quando nossos olhos se encontraram, um sorriso iluminou seu rosto.

— Trazendo algum ouro? — Perguntou quando cheguei perto o suficiente.

Fiz um movimento de “me dá” com as mãos, estendendo a mão

para o seu *bambino*, Saverio, puxando-o para perto e beijando sua cabecinha. Cheirava a céu. — Sì. Eu também trouxe esses dois. — Balancei a cabeça em direção a Nicodemo e tio Tito, que vinham atrás de mim.

Corrado ficou ao lado com seus homens. Ainda segurando a caixa, assim como o italiano de aparência séria, mas o *Chipmunk* havia baixado a sua e olhava para o chocolate. Constantemente tinha comida enfiada em suas bochechas inchadas. Do contrário, estava procurando por isso.

— Aqui está o ouro — disse, dando beijos gordos em Saverio em suas bochechas deliciosas. — Eu também trouxe pistache para as *zie*.

— Estão esperando. — Mari apontou seu dedo atrás dela, a ponto de falar, mas em vez disso bateu no peito. Meu primo Amadeo estava atrás dela, olhando para Corrado e seus homens. Se Mari estava perto, meu primo também estava. Seus frios olhos azuis os avaliaram enquanto tirava Saverio de mim, enfiando a mão com a tatuagem de lobo negro sob a camisa do bebê.

Isso fez Mari e eu olharmos para eles. Amadeo era um homem procurado na América. Não sabia muito sobre o motivo, mas sabia que seu pai e irmão eram homens maus. Seu pai tratou sua mamma, Noemi, tão mal que a família sentiu que foi por isso que ela cometeu suicídio. Ela sofreu de uma doença mental a maior parte de sua vida, e a vida que teve com ele acabou cobrando seu preço. Por isso, seu pai tentou matá-lo. A marca em sua mão provava a qual *famiglia* pertencera. Não as reivindicava mais, mas isso era tudo que eu sabia sobre a situação.

Corrado olhou para Amadeo e não gostei da expressão em nenhum dos dois. Notei que um dos homens com quem Corrado veio, o italiano de aparência séria, tocou nas armas que mantinha escondidas debaixo da camisa. A tensão me empurrou para tirar a caixa das mãos de Corrado e me colocar entre ele e Amadeo.

— Onde estão as *zie*? — Amadeo levou um minuto para me responder. Eu tive que dizer o seu nome.

— Lá atrás — disse em siciliano.

Enquanto dizia a palavra, Stella, Eloísa, Candelora e Verônica saíram da sala dos fundos da loja, discutindo entre si. As *zie* eram as irmãs de sua *mamma*. Causavam confusão suficiente para interromper a tensão entre os homens.

As tias foram seguidas por uma mulher ruiva rindo de tudo o que as tias estavam discutindo, e um homem com uma tatuagem de tigre no pescoço e um menino nos braços. Uma menina estava perto da mulher ruiva. Eu a conheci no casamento de Mari e Amadeo, mas não conseguia lembrar seu nome.

— Cash não é açúcar. — A mulher ruiva revirou os olhos para o homem com a tatuagem de tigre. Cash estava preso atrás das tias e de algumas pessoas fazendo compras na loja, então não percebeu que ela tinha feito isso. Estava ocupado arrumando o cabelo do menino de qualquer maneira.

Mari apareceu ao meu lado e sorriu para Corrado. Ele deu a ela um aceno educado de volta. — Estamos indo para a praia. Keely, Cash e as crianças nunca foram. Quer vir?

Então Keely era o nome da mulher ruiva. — Não — disse, beijando suas bochechas. — Preciso voltar. A colheita.

— Encomendei suprimentos extras — disse *zia* Candelora, gesticulando com as mãos para segui-la até a parte de trás. — Achei que iria querer.

Toquei a mão de Corrado, querendo quebrar o feitiço perigoso entre ele e Amadeo, torcendo para que viesse comigo.

Não perdi a expressão no rosto de Amadeo quando fiz isso. Nem o *lo Scorpione*.

Amadeo acenou com a cabeça para o tio Tito segui-lo.

Aproveitei para redirecionar o olhar do Corrado ao sair da sala.

Corrado

Dois dias depois de pegar uma carona para Modica com Alcina, Tito Sala convidou uma mulher chamada Rosa para me conhecer no pomar de pistache.

Ela falava muito pouco inglês e, conforme caminhávamos, movia seus quadris para mais perto dos meus, sorrindo timidamente enquanto batia em mim de vez em quando. Não foram os seus olhos que tinham os meus, no entanto, foi a mulher furiosa que recebeu o nome de uma feiticeira em um poema que me fazia olhar por cima do ombro de vez em quando.

Isso me enervava *pra* caralho quando estava muito longe. Mantinha meus olhos nela o tempo todo. Ainda havia uma recompensa por sua cabeça e, mesmo que ordenasse a Silvio que cancelasse, poderia concordar na minha cara, mas iria pelas minhas costas até que ela fosse encontrada. Embora Sílvio e eu fôssemos amistosos, a tensão aumentou entre nós depois que meu avô disse que me daria sua bênção para comandar a *famiglia*. Se Silvio soubesse o que sinto por Alcina, poderia fazer isso apenas para me irritar e enfraquecer.

— Sua família é muito poderosa, ouvi dizer — disse Rosa, sorrindo para mim. Tocou o pescoço. — Você me comprará joias?

— Sou um fazendeiro pobre na América — disse. — Não tenho nada.

Isso estava longe de ser verdade.

Rosa parou de andar. Depois de alguns passos, eu também parei. Ela voltou um segundo depois, andando ao meu lado novamente, mas seus quadris estavam do lado oposto do caminho gasto, não mais batendo em mim.

Acenei para Rosa e sua família quando chegamos à villa central, onde seu povo esperava que voltássemos de nossa caminhada. Continuei andando até voltar ao pomar, com as alças no pescoço, pronto para encher o balde. O sol começa a surgir no horizonte. Só tinha uma ou duas horas para trabalhar. Mesmo depois de escurecer, no entanto, ainda haveria alguma luz sobrando. Lava vermelha derramava do Monte Etna. Disparava, como uma mulher vomitando maldições de sua boca, e então escorria para o lado.

Um solavanco mais forte do que qualquer coisa que Rosa me deu fez meu balde chacoalhar. Alcina passou por mim como uma tempestade, e quando chamei seu nome, se virou, andando para trás. Ergueu os braços. — *Mi scusi*¹⁷ — disse, seu tom tão inflamado quanto a porra do vulcão.

O grupo de mulheres com quem caminhava virou a cabeça com o seu tom. Os homens ficaram olhando entre nós, tentando cuidar de seus negócios, mas não conseguiram. Poderíamos ter uma audiência. Eu faria a porra de uma reverência uma vez que isso acabasse.

Eu a agarrei pelo braço quando me deu as costas. Ela tentou arrancá-lo do meu aperto, mas segurei, arrastando-a em direção a uma área mais isolada. Um bosque bem cuidado com um caminho feito pelo homem por entre as árvores, que estavam uniformemente espaçadas. Não equilibrado em rocha de lava torta.

Assim que a soltei, saiu furiosa, me xingando em siciliano, acenando freneticamente com as mãos no ar. Antes que pudesse ir longe, a agarrei pelos ombros, virando-a, suas costas batendo contra uma árvore de pistache quando tentou se afastar de mim. Seus olhos se levantaram para encontrar os meus em desafio quando coloquei os dois braços em volta de sua cintura, prendendo-a. Seu peito arfou como se tivesse corrido uma maratona. Sua respiração atingiu meu rosto. Seus dedos estavam enrolados em punhos ao lado do corpo.

Se eu olhasse nos seus olhos por muito tempo, meus Angel Eyes, ela me possuiria *pra* caralho. Minha boca bateu contra a dela, e suas mãos agarraram meu cabelo, sua perna subindo para envolver a

minha. Corri minha mão sob seu vestido, sentindo sua pele quente contra a palma da minha mão enquanto segurava sua bunda.

De repente, essa mulher era o centro do meu mundo e a ruína da minha existência. Um vício e uma necessidade visceral. Era teimosa e obstinada. Selvagem *pra* caralho, como se fosse feita da lua, e essa loucura se movesse pelo meu sangue como nada antes. Era uma daquelas coisas conflitantes que eram totalmente opostas, mas não podiam viver uma sem a outra. Nunca quis tê-la, mas estava desesperado para mantê-la.

Ela gemeu em minha boca, suas mãos agarrando minha camisa, e então me empurrou o mais forte que pôde. Não conseguia me mover apenas com a força física, mas quando disse a palavra — Não! — Dei um passo para trás.

Sua mão tremia ao colocá-la sobre a boca. Balançou a cabeça. — O que está acontecendo entre nós? Não entendo. Não te conheço, mas de alguma forma te conheço minha vida inteira. Sei que veio para me arrastar de volta para o inferno, e provavelmente irá, mas não me importo com a ideia de ir com você. Porque quando me beija, quando me *toca*, também me leva para o céu.

Ela me encarou por um minuto, depois balançou a cabeça e ergueu ambas as mãos. — Mas não posso fazer isso. Não posso ficar com inveja quando anda com outra mulher. Não consigo pensar em você com ela e quero arrancar os olhos dela; os seus também! A ideia de você se casar com *aquela...* *aquela* mulher me queima mais profundamente do que a lava daquela montanha. — Jogou a mão na direção dela.

— Não é *meu* para ficar com você, Corrado Alessandro Capitani, mas minha alma me diz que é! Você é *meu*, mas como posso mantê-lo, se isso só trará mais problemas? Não apenas para mim, mas para você.

Ela saiu correndo de mim, mas assim como poderia me empurrar de volta com uma palavra, eu também poderia impedi-la com uma.

— Alcina — disse.

Ela parou, mantendo-se de costas para mim.

— *Lu murrisi per tu* — falei em siciliano. *Eu morreria por você.*

— Se você ficar — disse, cerrando os punhos novamente — morrerá. E eu também. É tarde demais para nós.

Ela desapareceu no pomar enquanto o sol afundava completamente no horizonte. O vulcão ficou ainda mais vivo na escuridão, cuspidando fogo, o ar se encheu com o cheiro de fumaça, cinzas flutuando ao vento.

Alcina

Não percebi que praguejava baixinho até que minha irmã me disse para parar.

— Você disse a ele para ir! — Acenou com as mãos para mim.

— Não disse a ele para ir! — Acenei minhas mãos de volta. — Disse a ele - não lhe disse para *realmente* ir. — O que ele fez. Havia partido há cinco dias. Seus homens foram com ele, mas Nicodemo ficou para trás.

Ela se encostou no balcão do que chamei de minha cozinha com velas. A *casa* escondida na propriedade tinha uma pequena cozinha para cozinhar, além de outra nos fundos, que eu usava para minhas velas. Ninguém sabia da *casa*, exceto minha irmã e a *famiglia* de *Fabrizio*. Fora a *casa* do avô de *Fabrizio* quando ainda era vivo. Não se importava com as pessoas, mas apenas com a companhia de seus gatos. O produto de uma geração anterior sentou-se na janela, lambendo as patas, observando à medida que minha irmã e eu gritávamos uma com a outra.

— O que quer Alcina? Conte-me. Diga-me como se estivesse falando com um realizador de desejos.

Afastei-me da minha irmã, passando a mão na testa. Estava quente com os queimadores acesos e o ar de verão vindo de fora. O cheiro de limão e chocolate era pungente no pequeno espaço. Principalmente os cítricos. Fazia meus próprios óleos para as velas.

— Quero que minha vida seja *minha* — disse. — Quero que a vida *dele* seja *dele*.

— É um desejo simples — disse.

— Como pode ser? — Limpei minha mão em uma toalha,

olhando pela janela. Era isolado nesta área, nada além de árvores e gatos. — É complicado. Sou procurada pelo que fiz a Junior e devo me casar com um homem que iniciaria outra guerra se descobrisse que estou passando um tempo com outro homem. Está condenado desde o início. — Acenei com a mão casualmente, mas meus olhos queimaram.

— Está certa — disse, e embora não pudesse vê-la, sabia que ela estava balançando a cabeça. — Vocês dois começarão uma guerra. Do seu lado e do dele. É bom que ele tenha partido. Deixe que se case com Rosa e você com Elmo, quero dizer, *Eraldo*. Todo mundo vive infeliz para sempre.

Mesmo que fosse verdade, e eu precisasse disso dela, isso me deixou louca. — Pode não ser *Rosa* — rebati.

Minha irmã começou a rir. Virei-me para ela, uma vela na mão.

Ela ergueu o dela. — Não importa o nome dela, não é? Bati em um ponto fraco.

— *Sì!* Não sei como fazê-lo ir embora. O ciúme.

— Não vai — disse, todos os traços de humor sumiram de seu rosto. — Porque você o ama, Alcina.

— O amor não acontece da noite para o dia!

— *Sì!* É verdade. A cada segundo de cada dia, o amor *acontece*. Apenas se move em sua própria velocidade. Às vezes, vem como um raio em alta velocidade. Às vezes, se move na velocidade de uma brisa preguiçosa de verão. Não importa o quão rápido ou lento. Tudo o que importa é que nos mova.

— Nunca conhecerá o amor verdadeiro, Alcina — disse, sua voz assumindo um tom suplicante — até que se entregue a ele. Não importa se ele se case com Rosa, ou se você se case com *Eraldo*. O que importa é que se entregue ao amor. Seja como for, sempre pode dizer que teve hoje.

— Eu não tenho hoje. — Peguei uma cesta do balcão. — Ele se foi.

Ela agarrou meu braço, me parando antes que corresse porta afora. Normalmente fazia velas para clarear minha cabeça, para criar luz em minha vida, mas precisava de ar. Meu coração e meus olhos ardiam de dor da qual não podia escapar. O interno transbordou para o físico.

— As guerras começam por muito menos — sussurrou-me — do que o amor verdadeiro.

* * *

Dei um passo forte porta afora, caindo em um ângulo estranho no degrau. Caí para frente, direto nos braços de um homem. *Lo Scorpione*.

— E nos encontramos novamente desta forma — disse, olhando para mim.

— Como me achou? — Disse, olhando para ele.

Demorou um minuto para me corrigir. Quando corrigiu, me esclareceu, mas não me soltou. — Ande comigo, Alcina.

Engoli em seco e balancei a cabeça. Achei que nunca mais o veria. Pensei que tinha ido embora para sempre. O alívio que senti foi físico e interno, muito mais profundo do que qualquer coisa que senti antes.

Eu me virei para colocar a cesta no chão, mas minha irmã a pegou. — Hoje, e por muito menos — sussurrou-me mim em siciliano, e depois voltou para a *casa*.

Corrado e eu caminhamos lado a lado em silêncio. Demorou cerca de dez minutos para deixar esta parte do terreno e seguir em direção à propriedade principal, onde ficava o bosque bem cuidado. O lugar onde tivemos nossa última conversa.

— Você se foi — sussurrei, olhando para ele com o canto do meu olho.

Ele assentiu, mas não disse mais nada. — Veio para se despedir? — Perguntei.

Ele parou de andar e eu também. Foi quando notei duas bicicletas paradas lado a lado. — Pode montar?

— Sì — murmurei. — Claro.

— Vamos lá.

A voz da minha irmã ecoou dentro da minha cabeça. *Hoje, Alcina.*

— Onde vamos? — Sorrio.

— Onde quiser ir.

Balancei a cabeça, e depois que ambos pegamos nossos lugares, começamos a pedalar em direção à saída da propriedade. Os dois homens que Corrado trouxe com ele vieram conosco. O italiano ficou na frente, pedalando uma bicicleta com assento lateral para o tio Tito. Corrado teve vontade de rir, mas não riu. O *Chipmunk* sempre ficava para trás. Demoramos mais a chegar à cidade porque tinha que parar continuamente. Assim que chegamos, ele exigiu comida. Comemos na *piazza* e tentei não rir quando encheu as bochechas inchadas de pizza. Quando me pegou olhando, seu sorriso veio lento, assim como o meu.

Decidimos visitar o *Museo del Carretto Siciliano*, ou Museu da Carroça Siciliana. Não importava para onde íamos. Era bom passar um tempo com ele, estar livre o dia todo.

— *Carretto da Gara* — aponte para uma excepcionalmente bonita. Mostrava como a carroça e o cavalo foram vestidos para uma ocasião especial. — São usados para festas ou casamentos. As outras, *Carretto da Lavoro*. Essas são usadas para o trabalho.

— Meus avós se casaram na Sicília — disse Corrado. — Tiveram uma carroça e um cavalo depois que se casaram.

Concordei. — São tradicionais. Conte-me mais sobre seu povo.

Ele contou, mas não era muito. Era como se estivesse recitando estatísticas de uma página em vez de falar de sua *famiglia*. Não falou

nada sobre sua *mamma* ou seu *papà*. Falou de seu *nonno* e *nonna*, mas foi breve e parecia... não tão caloroso quanto uma *famiglia* deveria ser.

— Diga-me uma coisa, *Scorpione* — disse depois que saímos do museu e me comprou *gelato*. — Seu casamento será arranjado. Por que o tio Tito está fazendo isso?

— Silvio e eu fomos preparados para assumir a família se algo acontecesse com meu avô. Fiz uma coisa que me colocou em uma posição difícil antes de partir. Meu avô e meu tio queriam me ensinar limites, ou seja, lá qual for a porra da lição. — Olhou em volta por um segundo, pensando ou verificando os arredores. Muitas pessoas estavam fora. — A família é minha, com uma condição.

— Ah — disse, lambendo meus lábios. — Casamento.

— Meu avô passou a responsabilidade para Tito depois que cheguei aqui.

— Não queria escolher por si mesmo?

— Não particularmente.

Pensei nisso durante a viagem de volta para a casa da minha irmã e do seu marido. Exigi viver para tal escolha, mas ele deu a sua por nada.

— Seu avô retirou sua escolha? — Disse enquanto descia da bicicleta. Seus braços envolveram minha cintura e olhei para ele. O sol poente atingiu seus olhos âmbar como a luz de uma vela. Sob esta luz, eram de um tom muito mais claro do que sua pele.

— Isso te incomoda?

— Sì. — Concordei. — Ter tal escolha... — dei de ombros e suspirei ao mesmo tempo. — Parece um grande pecado desperdiçar.

— Algumas pessoas podem gostar de não ter que tomar uma decisão tão importante quando o amor não está envolvido.

— Isso é covardia — disse. — Pura e simples.

— Acha que o amor deve estar envolvido em todas as decisões — disse ele.

— Nem um pouco. — Balancei minha cabeça. — Mas nessa decisão, o amor deve ter um papel. Até mesmo o potencial de sentir isso. — Hesitei, mas continuei falando enquanto caminhávamos pelos bosques. — Aquela sensação de ter seu fôlego roubado quando se vê... — olhei para ele e então me virei para frente — ...*alguém*. A loucura que acontece com seu estômago. Não pode comer, mas de repente sente o gosto de tudo. E... — inalei, sentindo o seu cheiro no ar — ...o cheiro que perdura, aquele que pertence a quem se ama. É inesquecível. É nossa casa.

— Você é selvagem *pra* caralho — disse.

Joguei minha cabeça para trás rindo. — *Sì!* Isso é o que minha *famiglia* me diz! É por isso que... — dei a ele um olhar aguçado — ...estou com tantos problemas. Tenho um espírito selvagem, diz a *mamma*, que alguns homens adorariam domar, e olhos que pertencem a um gato, que os atraem.

— Você pisca — disse.

— Não para todos, ou assim Anna diz.

Ficamos em silêncio por um tempo, a noite caindo ao nosso redor. Então um suspiro deixou minha boca quando me pegou pelo braço e me puxou contra seu corpo. Foi como se chocar contra uma rocha sólida, as partes macias de mim se formando para caber.

— Pisca para mim — disse.

— *Sì* — sussurrei. — Pisco.

Sua boca estava perto da minha. Tive que me impedir de morder seu lábio e, em seguida, chupá-lo.

— Diga-me, Corrado — disse, respirando seu nome — por que te mandaram me encontrar? — Corri minhas mãos por seu peito, sobre seus ombros, até que meus dedos encontraram a tatuagem em seu pescoço, bem sobre sua clavícula.

— Porque sempre encontro quem se esconde.

— Depois de fazer?

— Nunca os deixo ir, porra — disse, e então sua boca reivindicou a minha.

Estava perdida para tudo menos para ele, como uma mariposa para o calor vulcânico do Monte Etna.

Foi só quando me deitei na cama naquela noite, pensando sobre o dia, que percebi por que o *hoje foi* tão difícil depois que me acompanhou até minha *casa*.

Hoje nunca seria o suficiente. Era para sempre com ele ou nada. Meu coração aceitaria apenas um, e se não fosse, poderia simplesmente parar de bater.

Pressionei minhas mãos sobre meu coração, sobre a dor que brotou com o pensamento, e sussurrei — *Il cielo mi aiuti*.

Que Deus me ajude.

Corrado

Essa porra de energia louca corria em minhas veias novamente, e culpei a lua cheia. Estava tão claro que parecia que alguém iluminava a janela enquanto eu tentava dormir.

Não conseguia dormir. Não conseguia relaxar. Não conseguia ficar parado.

Estava quente *pra* caralho lá fora. O suor constantemente gotejava e caía de minhas têmporas.

— Este não é um jogo que dura para sempre, *cugino* — disse-me Nicodemo. — Faça alguma coisa.

Nicodemo e eu nos sentamos um em frente ao outro, jogando xadrez em uma mesa colocada fora do prédio em que estávamos hospedados. Alguns dos homens que trabalhavam nos bosques faziam o mesmo que nós, tentando pegar a brisa, porque não havia ar-condicionado. Parecia melhor fora do que dentro.

Nunzio sentou-se contra o prédio, olhando para o céu, fumando. — Um homem que não tem paciência não deve jogar um jogo que exige isso — disse.

— Um homem que gosta de sua língua mantém a boca fechada — disse Nicodemo.

Olhei entre os dois homens, mas não dei a mínima porque um odiava o outro. Era um sinal de respeito em nosso negócio ser odiado, e por muitos.

Adriano tinha uma toalha molhada no pescoço, olhando através de um balde de metal cheio de gelo e bebidas. — Este calor me deixou faminto — disse. — Tipo depois que nada. Daria minha bola esquerda por um pouco de melancia fria.

Fiz meu movimento, mantendo meus olhos no tabuleiro. — Diga-me por que está aqui, Nico — disse.

Sempre que o chamava de Nico, era o equivalente a ele me chamando de *cugino*. Queria honestidade, mas em um nível diferente. Os termos nos trouxeram de volta à quando éramos crianças, quando passava os verões com minha família na Sicília.

Ele estudou o tabuleiro por um minuto. — Giuseppe me escondeu quando... — fez um movimento, uma expressão surgindo em seu rosto que o fez parecer mais o assassino que era — ...depois que meus pais foram mortos.

Nicodemo era apenas uma criança - talvez cinco - quando seus pais foram assassinados. Era órfão, e Tito Sala interveio e lhe encontrou uma família. Desde quando conseguia me lembrar de ir à Sicília todo verão, Tito trazia Nicodemo e passávamos o verão juntos. Não tinha irmãos ou irmãs, ele estava sozinho, então nos mantivemos ocupados.

— Ah — disse, superando seu movimento. — Obrigação.

Fez um movimento que bateu o meu. — Você me conhece melhor. Não tenho obrigações para com ninguém. — Olhou-me nos olhos. — Gosto da família. Pessoas boas.

— Como chegou tão longe - com ela?

Ele entendeu meu significado com bastante clareza. Porque não interveio antes, ou fez Tito envolver a *famiglia* Fausti. Eram conhecidos por reverenciar as mulheres. Isso falava do lado romântico deles - o outro lado era implacável. Não consideravam em quebrar algo menor do que eles. Eu tendia a concordar; também não disse o seu nome, pois alguns caçadores se misturavam com a paisagem.

— Estive em Israel nos últimos dois anos. Está ficando lento na sua velhice. — Sorriu quando fez outro movimento que pegou minha peça. — Eles não sabiam como entrar em contato comigo e o Tito está mais ativo do que de costume. Luca tem um filho que poucos membros da família conheciam. Tem sido um tempo agitado - depois

que Marzio foi morto, os Fausti estão em guerra internamente.

Ele estudou o tabuleiro por mais um minuto e então estudou meu rosto, tentando ler meu próximo movimento. — Lothario está agindo como o chefe, como deve saber, e é mais difícil alcançá-lo. Não se mostra tão disponível quanto Marzio. É mais seletivo sobre quem ajudará. Houve reclamações. Ele não é seu pai.

— Não — disse. — Nenhum de nós é.

— *Infatti*¹⁸ — disse — mas se nos designarmos para uma posição tão elevada, devemos encontrar os homens que respeitamos ou exceder seu poder. Devemos nos tornar eles ou melhor.

Sim, essa era a porra da *verdade*, de fato.

Tito veio em nossa direção com o chapéu enorme nas mãos. Parou ao lado da mesa, olhando para ela por um minuto, e depois me lançou um olhar estreito. — O tempo não espera por ninguém, nem mesmo por você — disse, e então derrubou minha peça vencedora com um movimento de seu dedo ossudo.

Saiu furioso, o cheiro de remédio o seguindo. Sempre associaria aquele cheiro a ele.

— O que diabos há de errado com Dr. Salada, quero dizer, Sala? — Adriano ficou olhando para ele. — Eu me pergunto se pode me dar um pouco de melancia?

Peguei minha peça vencedora, segurando-a na mão, estudando-a. As peças eram de cristal, o tabuleiro preto e branco. A luz da lua passou direto por ela. Quando olhei para cima, Nicodemo olhava na direção que o bom médico havia tomado. Mesmo que sua atenção estivesse focada em outro lugar, sabia que ele me ouviria quando eu falasse.

— Se eu tivesse decidido que a informação que valia a minha morte, valeria a pena sacrificar a vida dela...

— ...este seria um jogo para um jogador — ele disse, virando seus olhos para mim. Não havia emoção ali, apenas a realidade da vida que escolhemos viver. *Cugini* ou não, teria sido uma guerra entre

nós, e um de nós estaria morto. Escolhemos nossos caminhos e pronto. Foi o que foi, no entanto acabou.

Balancei a cabeça, concordando. Mataria qualquer filho da puta que viesse atrás da *minha* agora - Alcina Parisi. Incluindo ele, se fizesse o movimento errado.

Seu sorriso veio lento - alguns disseram que era o sorriso de um homem que acabara de se vingar. — O que posso dizer? Gosto daqueles que saem para brincar na lua cheia.

Sim, ele gostava. Filho da puta louco.

* * *

Emilia uma vez me disse que quando não conseguia dormir, significava que eu estava acordado nos sonhos de outra pessoa, mas Emilia tinha modos selvagens e me disse mais de uma vez que Luna era mais selvagem do que ela.

Eu me perguntei se era por isso que, quando a lua estava cheia, a loucura parecia correr pelo meu sangue em uma velocidade mais rápida. Admitiria uma coisa, porque geralmente quando a lua estava cheia, algo mais do que sangue parecia me atrair, mas não mais.

Meu avô era prático. Profissional. Enraizado na realidade. Havia criado as partes maiores de mim, e Emilia odiava admitir.

E o outro?

Corrado Palermo. Foda-se. Ele.

Nunca me reivindicou. Maldito seja se alguma vez reivindicasse um pedaço dele. Ele era mais baixo do que merda de baleia, e não havia como ir mais baixo do que isso.

Recusei-me a sequer pensar nele, ou em qualquer outra coisa pertencente a esse mundo, deixando um caminho familiar dirigir meus passos silenciosos. Estava em Bronte há pouco tempo, e essa direção estava gravada em minha memória. Mesmo sem a lua, não precisava

de luz para ver. Poderia encontrar meu destino final em meu sono.

Ela.

Sua pequena *casa* estava escondida no fundo da propriedade. Nada mais estava por perto, exceto gatos, árvores e arbustos. O Monte Etna ficava bem do outro lado e fazia a *casa de* pedra parecer tão pequena em comparação. A lua pairava sobre o monte, perfeitamente redonda e dourada.

Mais gatos pareciam estar fora esta noite, provavelmente sentindo a insanidade no ar causada pela lua cheia. Teria culpado isso por minha loucura, mas tinha feito isso antes, muitas vezes desde que cheguei - encontrei sua *casa* e sentei em um balde virado do lado de fora.

Sua *casa* estava escondida nas árvores, mas havia um caminho direto para o seu lugar de onde eu estava sentado.

Na primeira noite debati se iria ou não levá-la de volta comigo. Nunca afirmei ter um demônio em um ombro e um anjo no outro. Ambos eram demônios, mas um anjo abriu seus olhos arregalados, colocou as mãos na cintura e começou a discutir com os dois - em siciliano.

Sorrio, pensando sobre ela, apontando aquela tesoura em mim.

Depois disso, deixá-la desprotegida me fez pensar mais sobre quem mais estava lá fora. Silvio salivava pela chance de vingança e não tinha ideia se eu estava procurando por ela ou não, já que a comunicação entre aquele mundo e o meu era tênue. Portanto, faria sentido que ainda tivesse outros homens procurando por ela, mesmo sabendo que nunca deixaria o inimigo ir.

Essa mulher não era uma inimiga para mim, no entanto. Era a porra de arma. Algo que me tornou ainda mais forte como homem.

Quanto mais perto chegava de *la casa dei gatti* - a casa dos gatos - podia sentir o seu cheiro no ar. Limão. Chocolate. E outra coisa esta noite - algo que não tinha sentido antes. Sândalo. Talvez cedro. Cheirava a porra de homem.

A música saiu noite adentro, provavelmente de um pequeno rádio que funcionava com baterias e ainda tocava fitas. Tinha visto-o sentado do lado de fora uma vez em uma noite diferente. O som da risada feminina se fundiu com a música. Do meu lugar no balde virado, não conseguia ver porra nenhuma porque roupa lavada recentemente estava pendurada nas cordas. Cortando minha visão.

As sombras de duas mulheres dançaram atrás das cortinas. A lua tingiu as roupas de ouro e prata, mas as sombras eram pretas. Com cada alcance de um braço, giro de um corpo com uma cesta, colisão de um quadril, um gato circulando uma perna, ou dobrando o corpo de uma mulher para rir, marionetes de sombra se formaram. Apenas dois pares de pés sujos e descalços eram visíveis por baixo.

A risada de Alcina ecoou e pareceu ecoar nos recessos de minhas memórias, como se tivesse estado comigo minha vida inteira. Só tinha que encontrar meu caminho de volta para casa, seguir o som de sua risada.

Um gato se moveu ao meu redor, circulando minhas pernas, e me abaixei para coçar sua cabeça. Tinha uma marca ali como um relâmpago. Lembrei-me de que Alcina a chamava de Arista. A gata ronronou por um segundo antes de se deitar ao meu lado em um ramo de flores que cresciam selvagens ao redor da *casa*. Durante o dia, se enrolaram para se esconder do sol. Só abriam à noite.

Alcina as chamava de *moonflowers* e, contra a escuridão e à luz da lua, eram de um branco neon.

Sorrio novamente. A música era em inglês, mas cantavam em italiano - um delas tentando. Anna sabia cantar. Sua irmã não podia. Isso não a impediu de tentar, no entanto. O show atrás das cortinas continuou por cerca de uma hora, e quando ouvi passos vindo em minha direção, abri meus olhos para encontrar Anna parada na minha frente, segurando uma cesta contra seu quadril.

Ela pegou o indicador e o dedo médio e os apontou para os olhos, e então os apontou para mim. — Nós também te observamos — disse. — Você a observa. Nós observamos você. Minha irmã não é a

única que sabe usar uma tesoura.

— Ou pior — falei, tentando não rir dela. Ela era fofa. — Esses prendedores de roupa podem arrancar meus olhos.

Demorou um segundo, mas um sorriso lento surgiu em seu rosto. Foi quando percebi que seu rosto estava molhado de lágrimas. Ela fungou. — Nunca vi minha irmã tão feliz em sua vida. Acredita nisso? Sua vida *inteira*. Você deu a ela um vislumbre da verdadeira luz na escuridão. Não a arraste mais para isso, ou...

— Ou — disse. A hesitação era mortal. Era como hesitar ao entrar no trânsito. Vá, porra, ou fique parado, mas não freie.

— Não me verá chegando, *Scorpion*. Vou matá-lo enquanto dorme.

Alguns gatos correram atrás dela quando saiu. Podia ouvi-la falando com eles, dizendo-lhes para voltarem para casa, até que sua voz sumiu e soube que estava sozinho com Alcina.

O rádio ficou mais baixo, quase desligado, e sabia que ela estava fazendo isso para poder ouvir. Recostei a cabeça na árvore, fechando os olhos, pensando no que Nicodemo havia me dito, sobre aqueles que saíram para brincar ao luar. Eu me perguntei se ele os tinha visto dançar.

Um sentimento desconhecido me queimou profundamente e pensei em me levantar e encontrá-lo - arrancar seus olhos com suas memórias. Mesmo com aqueles vestidos simples, o corpo de Alcina os fazia parecer indecentes.

Não era preciso ser um homem com cérebro criativo para imaginar o que havia por baixo. Seu corpo era a porra de uma arma. Seus olhos o gatilho. Seu amor, o assassino. Uma mulher como Alcina Maria Parisi era a arma mais forte conhecida pelo homem e ela me pertencia.

— Julgue um homem pelo que está disposto a morrer, não pelo que está disposto a matar — dizia meu avô com frequência. — Aquilo por que um homem morre faz o homem.

Ela me fez. Era a porra mais louca, nunca vi isso, ou ela, chegando, mas a lua também, e ainda tomava conta do céu quando era a hora certa. Eu era um mero homem.

Devo ter vagado por um ou dois minutos, confortável no meu lugar, mas sua voz me fez endireitar. Estava curvada, acariciando Arista, lhe dizendo o quão ruim era por puxar uma colcha que bloqueava minha visão. Ela estava no chão e a gata sentada bem ao seu lado.

Aquela gata recebia a porra do melhor atum de mim. Eu planejava movê-la assim que Alcina adormecesse. Uma vela ao lado de sua cama se apagou quando dormiu. Seu quarto brilhou e depois escureceu.

Meus olhos se estreitaram quando Alcina pegou a colcha e a colocou em cima de uma que deve ter trazido quando meus olhos estavam fechados. Ela a colocou entre um canteiro de flores lunares. Seu cabelo estava preso, como sempre, e usava o mesmo vestido de antes. Seus pés estavam sujos de andar descalço, e podia sentir o cheiro de cera de vela e roupa lavada quando o vento soprava.

Ela se virou para o lado, de frente para a lua e o Monte Etna, mas estava mais delineada pela escuridão do que iluminada pela lua. Foi pega no meio do contraste.

Sua boca moveu-se com a música tocando no fundo *“I’ve always been in love with you”* - antes de ela soltar o cabelo do lenço. Os cabelos caíram por suas costas como ondas escuras.

Nunca tinha visto seu cabelo solto. Tornou-se uma coisa sagrada para mim então, algo para mim apenas - para admirar, tocar, puxar quando meu pau estivesse enterrado bem fundo dentro dela e gritasse meu nome. Ela balançou um pouco, ainda murmurando a música, e depois começou a desabotoar o vestido com dedos se movendo lentamente.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco.

Deslizou um ombro para fora, depois outro, e então deixou o

vestido cair no chão. Ela saiu dele e jogou o vestido em uma cesta que foi deixada do lado de fora. Deixada apenas em algodão simples, se tornou tão nua quanto as flores a seus pés.

Sua mão se ergueu e a colocou na curva do pescoço, movendo-a de um lado para o outro, algo que fazia para aliviar a tensão. Seu pescoço era gracioso, e a cruz pendurada em torno dele brilhou dourado contra sua pele.

O vento soprou de novo, e ela pareceu fechar os olhos com mais força, enquanto eu abria ainda mais os meus. Podia sentir o seu gosto na minha língua. Seu cheiro era algo que mataria para manter - para reivindicar.

Ela desabotoou o sutiã simples, jogando-o em direção à cesta. Seu lançamento não foi longo o suficiente. Ficou pendurado na lateral, meio para dentro, meio para fora. Então enganchou um dedo em cada lado da calcinha, tão simples quanto o sutiã, e deslizou o tecido para baixo até ficar nua. Desta vez, quando apontou para a cesta, ela acertou.

Um homem decente teria fechado os olhos. Teria ido embora. Eu não era um homem decente e nunca seria. E no que dizia respeito a esta mulher, o que ela tinha, quem era, cada respiração que dava, era meu. Mesmo que não tivesse percebido a enormidade desse fato ainda, e o que isso significava.

Significava que se algum homem se atrevesse a olhar para ela errado, responderiam a mim.

Agora mesmo. Ela estava respondendo a mim. Uma chamada que era mais profunda do que o som de uma voz.

Cada um dos meus desejos mais profundos estava se desenrolando como uma fantasia em tempo real, e meus olhos se deleitaram com seu corpo nu como se fossem glutões.

Ela balançou um pouco com a música, movendo os quadris de um lado para o outro, antes que seus dedos fizessem uma trilha lenta do pescoço, entre os seios, de volta à boca. Traçou os lábios com um

dedo, sorrindo depois. Não estava cheio, mas havia algo de rebelde nele que reconheci imediatamente.

Ela se abaixou no chão em seguida, ficando confortável na colcha, e então se deitou, como se estivesse na praia e a lua fosse o sol. A luz caiu sobre seu corpo, e pude distinguir cada osso destacado pelas sombras escuras. Seu esterno. Seus quadris. Criaram a forma de sua carne.

As pontas dos seus dedos acariciaram os lados de seu corpo, até que uma das mãos subiu mais alto, circulando seu mamilo. A outra mão foi mais abaixo, entre suas coxas, até que desapareceu entre suas pernas. Sua boca se abriu quando começou a mover os dedos entre as pernas e provocar seu mamilo ainda mais forte. Suas pernas se separaram ainda mais, e podia ver cada movimento que ela fazia.

Quão louca ela estava se tornando. Como estava excitada.

A parte interna de suas coxas estava coberta, encharcada. Meu pau estava tão duro que doía.

Suas bochechas estavam vermelhas, quase como se tivesse vergonha do prazer que seu toque lhe deu. Isso era proibido para uma mulher como ela. Uma mulher que dizia que o prazer próprio era um pecado.

“Proibido” parecia desafiá-la - excitá-la. Estava profundamente enterrado com aquele espírito selvagem que ela nunca poderia libertar. Eu o reconheci imediatamente. Era por isso que ela se apaixonou tanto por mim.

Eu era todas essas coisas e muito mais. Não era loucura da lua cheia em meu sangue. Era essa mulher correndo em minhas veias.

Sua respiração começou a falhar, gemidos silenciosos saindo de seus lábios carnudos, e suas costas arquearam enquanto empurrava sua mão, lutando pela liberação.

Podia sentir o cheiro de seu desejo e sua frustração no ar, como chocolate e limão. Ela precisava de mais. O desejo estava lá, tão concentrado e quente quanto o ar, mas não a satisfação.

Meu nome escapou de seus lábios, uma, duas vezes, como um chamado da selva, e me levantei.

Eu tinha jogado o jogo a noite toda, então decidi jogar mais uma vez. Bugsy chamava isso de Roleta Italiana.

Alcina

Nunca fiz isso antes. Explorei meu corpo com minhas mãos - não desta forma. Tinha pensado sobre isso, desejando a sensação, a libertação, mas nada nunca me excitou o suficiente para me entregar a isso.

Sabia que era errado, proibido, assim como o homem por quem me apaixonei, e também não pude evitar. Então me entreguei a isso... a dor, o desejo inflexível. O desejo.

De ser tocada...

Seu rosto está tão perto da minha mente. Seus olhos fixos nos meus. As fantasias dele me tocando. Fazendo coisas que eu sabia que eram...

Arrgh...! Um som frustrado saiu de meus lábios enquanto meus dedos trabalhavam mais rápido, tentando chegar ao ponto mais alto, mas não substitui a coisa real.

Ele.

Eu precisava de seu toque mais do que comida, mais do que bebida, mais do que a respiração em meus pulmões, que saía de minha boca em ofegos.

— Onde está, *Scorpion*? — Minha voz saiu ofegante, quase implorando. Meus olhos se abriram lentamente e pisquei algumas vezes, olhando para o homem que me observava. Meus dedos pararam, mas a dor continuou a me arranhar. Deveria estar envergonhada, mortificada, mas tudo que senti foi um grande alívio.

Uma fantasia ganhou vida na minha hora mais sombria.

A luz dourada o fez brilhar. A lua era a maior vela de todas.

Abri minha boca, pronta para falar, quando ele tirou sua camiseta, tão brilhante contra a escuridão de sua pele, e suas botas e calças. Um segundo depois, estava totalmente nu, a lua em suas costas.

A respiração deixou minha boca e balancei minha cabeça, sentando-me. — Por favor, *il mio amante*. Preciso de você. Seu toque. Eu...

— Quer que eu toque em você.

— Sì.

— Quer que eu experimente você.

— Sì. — A palavra tremeu.

Fiquei de joelhos quando ele estava perto o suficiente, absorvendo sua beleza rude - o único homem que tinha chamado de meu. Se ele me reivindicasse esta noite como *sua*, me perguntava se eu seria capaz de andar em setembro. Ele estava duro como pedra e tão quente quanto a lava que jorrava da montanha. Sua pele irradiava calor e circulava entre o espaço entre nossos corpos. Uma gota de suor frio desceu pelo meu pescoço, e seu dedo saiu e inverteu sua trilha, todo o caminho até minha boca. Seu dedo tinha gosto de sal, de mim, dele, e eu chupei ainda mais forte. Ele fez um ruído gutural com a garganta e empurrou minha cabeça para mais perto, até que o coloquei na boca.

Era tão salgado quanto o dedo, mas muito, muito melhor. Passei minha língua ao seu redor, levando-o ainda mais fundo, mas não acho que poderia levá-lo até o fim. Ele era muito longo, muito largo, mas quanto mais eu provava, mais queria.

Ele sibilou e parei, olhando para cima. — Dentes — disse.

Meus dedos embalaram suas bolas. — Quero ficar com isso — respirei, levando-o para dentro da minha boca novamente. Ele colocou as mãos na minha cabeça, começando a se mover comigo, me fazendo tomá-lo ainda mais fundo, tocando a parte de trás da minha garganta. Quando gemi em torno dele, ele se perdeu completamente.

Minha *patatina*¹⁹ tinha um pulso que combinava com meu coração, e estava tão sensível que um toque dele, e não haveria mais nada para eu segurar. Sofreria a queda do céu. Ele se ajoelhou a minha frente, e me agarrando pela cintura, puxou meu corpo contra o dele. Suas mãos deslizaram pelos meus braços, pegando meus pulsos, puxando-os para trás. Seu aperto era doloroso, mas me deixou sem fôlego - a força.

— Sabe por que as mãos neste corpo são proibidas, Angel Eyes? Porque este corpo pertence a mim. Ninguém toca, porra, além de mim.

Sua boca veio contra a minha e nossas línguas se debateram, os sons de puro prazer ecoando ao nosso redor na noite. Seu *cazzo*²⁰ estava quente e duro contra a maciez do meu estômago, até que o posicionou entre minhas pernas. Uma mão agarrou meu cabelo, e a outra deslizou entre minhas bochechas, me empurrando para frente, me direcionando para me mover contra ele.

Sua dureza deslizou contra mim, meu desejo cobrindo minhas coxas trêmulas e ele, e foi um ritmo lindo. Uma melodia entre dois corpos que não tinham palavras, mesmo que os ruídos fossem crus e feios. Isso era algo que eu ansiava, precisava, e não demorou muito para que o prazer surgisse em mim em uma velocidade maníaca e transbordasse, me fazendo gozar ao seu redor. Gritei seu nome, minhas mãos agarrando seus ombros, cada grama da minha energia drenando com a liberação.

— Ah — suspirou. — Você é uma gritadora.

Gritei de novo quando se inclinou ainda mais para trás, levando-me com ele, seu *cazzo* me penetrando totalmente e ao máximo. A dor me deixou tonta e meu corpo de repente ficou encharcado de suor. Minhas unhas cravaram profundamente em sua pele.

— Tão apertada quanto uma virgem — disse, seus olhos como fogo nos meus.

Mordi meu lábio inferior, meus olhos encontrando os dele. A verdade passou entre nós e assenti.

Seu rosto se transformou em pedra.

— Minha escolha — disse, minha voz mais firme do que meu corpo trêmulo. — Você é minha escolha. Por favor. Não pare agora. — E apesar de a dor da violação me abalasse até o âmago, o prazer esperava nas asas. Minhas mãos agarraram seu cabelo, minha boca foi de encontro a sua, minha língua tentando e provocando a dele.

Começamos a nos mover juntos, nossas respirações eram ofegantes - meus pulmões absorviam o seu ar e os dele, o meu - e podia sentir o cheiro de ferro amargo misturado com seu cheiro. Isso me cercou, me fez sentir como uma rainha ao lado de seu rei e, embora fôssemos próximos, queria estar ainda mais perto.

— Corrado — sussurrei, meu pescoço inclinado para trás, meu cabelo se espalhando, sentindo-o tão profundamente dentro de mim. — *Il mio amante.*

Ele respirou fundo e, em seguida, soltou o ar. Manteve-me perto dele enquanto trocava de posição, minhas costas para o chão à medida que me abria ainda mais, movendo-se sobre mim. Atingiu um ponto que enviou ondas de choque por todo o meu corpo. O primeiro golpe de dor havia desaparecido, deixando uma queimação que só aumentou a sensação de prazer.

— *Mmmm* — gemi. — Nunca pare de se mover dentro de mim. *Mai.*²¹

Ele ia em um ritmo constante, e então me bateu com força. Gritei, envolvendo minhas pernas ao seu redor, querendo manter a sensação o mais próximo possível. Ele me pediu para abrir a boca, e minha língua saiu, saboreando a dele, antes que estivesse perdida, completamente consumida.

Fora de controle. Selvagem.

Ele me libertou, mas me acorrentou ao mesmo tempo.

Seus olhos eram contos de advertência, mas encontrei segurança por trás deles. Com o pensamento, ele fechou os olhos, movendo-se ainda mais rápido, mais forte. Sussurrei seu nome desta vez, tendo

dificuldade em encontrar meu fôlego. Ele se derramou dentro de mim ao mesmo tempo em que gozei novamente.

Sua respiração se espalhou sobre minha pele enquanto sua cabeça descansava contra a minha, e passei meus braços ao seu redor para mantê-lo perto.

Por que nunca bastava com ele? Perto nunca é perto o suficiente? Por que o vi e ainda sinto sua falta? Por que parecia que ele levava a parte mais vital de mim sempre que ia embora?

Não queria apenas senti-lo se movendo como um louco em meu sangue, mas enraizado no fundo do meu coração, as vinhas de seu amor me mantendo prisioneira para o resto da minha vida.

* * *

Ficamos ambos quietos depois, a noite de repente tão alta em nosso silêncio.

Ele descansou ao meu lado, tirando folhas do meu cabelo, e me consolou com o fato de que não se afastou muito de mim depois que me sentei.

— Você cheirava como outro homem — disse, sua voz rouca.

Levei um minuto para ouvi-lo, para entender o que quis dizer. Então entendi o que queria dizer e minhas bochechas coraram. — Fiz uma vela mais cedo — disse, mantendo minha voz baixa. — Queria capturar seu cheiro. Coloquei um pouco dos óleos na minha pele... — Madeira de cedro, sândalo e âmbar. Eu tinha feito isso antes de sair e ele me encontrou do jeito que encontrou. O cheiro tinha me excitado mais do que meu próprio toque.

Depois disso, ficamos quietos novamente, e puxei minhas pernas até meu peito, envolvendo meus braços ao redor delas, olhando para a lua. Às vezes me encontrava sentada em frente à lua quando estava assim, revivendo a noite que mudou toda a minha vida: quando corri do Bull depois de ele se ter transformado em algo menor do que o que

pensava que era. Um homem.

Às vezes, gostava da vida que isso me levou. Deu-me tempo para vivê-la com certa liberdade. Às vezes ficava ressentida com a vida que tinha, embora não fosse a culpada.

As pontas dos dedos de Corrado tocaram a ponta do meu cabelo e estremeci, querendo encará-lo, mas não. Ele invadiu meu corpo, me deixando inquieta e confortável ao mesmo tempo. Como as tempestades que sempre gostei de fora da minha janela à noite.

Era difícil não olhar para o futuro e pensar nas noites que viriam sem ele nelas. Enchendo meu coração e sonhos, mas não meus braços ou minha cama. Isso seria outra pessoa - para nós dois.

Com o homem que o papà escolheu ao meu lado, voltaria a este lugar, a este momento, e saborearia a nossa memória, ou ficaria ressentida?

Ele faria o mesmo com a mulher que o tio Tito escolheu? Quando a tocasse na lua cheia, pensaria em mim, em nós, neste momento? O pensamento queimou dentro de mim como uma vela escura, odiosa e vingativa, e respirei fundo, suspirando, tentando apagar a chama.

— Alcina.

Ele chamou meu nome, foi instintivo. Não poderia ignorá-lo, ou estaria ignorando minhas raízes, meu verdadeiro lar. Virei meu rosto na sua direção, mas não meu corpo.

— Não me contou.

Eu o encarei por um minuto, tentando definir suas palavras. Quando consegui, depois que ele tocou minha coxa manchada, concordei. — Você é minha escolha. Tomei a decisão. Quem. Quando. — Nunca me arrependeria. Tudo me levou a este momento. — Eu te dei uma parte de mim que ninguém mais pode roubar agora.

Seus olhos se estreitaram e afastei meu rosto do dele.

— Qual a sua cor preferida? — Perguntei.

— Cor — repetiu.

— Sì. — De repente, parecia tão importante saber tudo o que havia para saber sobre ele. Era um homem que estava sempre no controle de suas emoções, seus passos, e eu queria mais. Queria tudo. Algo que outra mulher nunca teria - uma pequena amostra de sua intimidade.

— Você — disse.

Eu me virei para encará-lo por um segundo e depois desviei o olhar. — De que cor eu sou então?

— A cor de uma chama. A lua. De tudo o que há de bom no mundo.

Sem querer, sorriu um pouco com isso. O encanto nele era uma arma. — Você canta? Dança?

— Nenhum dos dois.

Seu corpo se aproximou do meu e se apoiou no cotovelo. Podia sentir seus olhos em mim.

Eu lhe fiz algumas perguntas comuns (comida favorita, lugar favorito para visitar) e depois algumas que não eram (sonho favorito, coisa favorita para fazer à noite). Nas duas últimas, respondeu simplesmente — Você.

Fiquei quieta, pensando sobre a pergunta mais importante antes de fazer. — Ainda estou aqui — sussurrei. — Por que não me levou de volta para Nova York? Sei que poderia ter me encontrado antes. Ficou em *Forza d'Agrò* mais tempo do que o necessário.

Seus olhos ainda estavam no meu rosto. Depois de alguns minutos, se afastou de mim, estendendo a mão para algo, e então tocou minha perna. Peguei dele, segurando a foto contra a luz para ver melhor.

— Isso — disse.

Eu tinha cerca de onze anos, ajoelhada na igreja, um *mantello* na cabeça, meus olhos fechados, meu rosário pressionado em meus

lábios. Velas acesas no fundo da foto em preto e branco. Minha *mamma* o mantinha sobre uma mesa em sua casa.

— Não há cor nessa imagem, exceto você — disse. — Podia ver isso. A vida dentro de você queimando para ser libertada.

— E você se apaixonou por mim — provoquei.

Ele ficou quieto. Olhei para ele, encontrando seus olhos neste momento. Ergueu o dedo mínimo. O diamante redondo e os menores que formavam a banda brilharam contra sua pele.

Encarei o anel e então olhei para os seus olhos, para o anel, e depois de volta para os seus olhos. — Não entendo — sussurrei.

Ele pegou minha mão esquerda e colocou o anel em meu dedo. Serviu perfeitamente. Eu o tirei e devolvi. Peguei um lençol, me cobrindo. Então me levantei antes que pudesse me agarrar, mas isso não significa que ele não poderia me impedir.

— Alcina — disse, acomodando-se confortavelmente, a calma em sua voz enervante agora.

— Não podemos! — Sibilei, como se alguém pudesse ouvir. — Existem arranjos - para você e para mim.

— Sabia que diria isso — disse ele. — E tenho uma resposta.

— Qual seria? — Perguntei quando não continuou.

— Foda-se os arranjos. Não estou preso, e nem você.

— Eu estou!

— Não está. Você está ligada a apenas um homem. — Apontou para o peito. — Eu.

— Eles vão matá-lo!

— Eles não tocarão em você, porra — disse. — Ou em mim.

Sua arrogância de repente me fez querer estrangulá-lo. — Minha escolha — disse. — E minha resposta é não.

— Não tem escolha quando se trata de nós — disse. — Sabe

disso tão bem quanto eu.

— Eu não amaldiçoarei meu único amor até a morte — disse. — Não vou!

— Não vai — disse ele.

— Está errado. — Fui me virar quando chamou meu nome novamente. Eu parei, segurando o lençol mais apertado contra mim.

— Já ouviu falar da Roleta Italiana?

— O jogo? — Perguntei, confusa.

— Em um cassino, é um jogo. Na vida - é algo diferente. É um jogo do destino. Como a Roleta Russa. Exceto que é um jogo jogado sem proteção.

Fiquei ali, olhando para ele, olhando para a lua, me perguntando de que loucura estava falando. Então fez sentido. Não estávamos protegidos. Ele gozou dentro de mim.

Ele sorriu, tão arrogante *pra caralho*. — Pode estar grávida.

Queria estrangulá-lo, mas a culpa era minha tanto quanto dele. Não lhe pedi para usar proteção. Não parei o que sabia que poderia acabar assim.

Mamma sempre disse que *eram* necessários dois para dançar o tango.

— *Bastardo* — sussurrei, não para ele, mas para o Bull que me colocou nessa confusão em primeiro lugar.

Corrado pigarreou. — Vai se casar comigo, Alcina. Não por causa do que fizemos ou do que pode acontecer, mas porque me ama. Se você se afastar de mim, do que estou segurando... — ergueu o anel — ...se afasta da vida. Não diga sim a mim, diga sim a vida.

— Isso é presunçoso, *Scorpione*. Para se considerar tão poderoso quanto a vida.

Ele não disse nada, ainda segurando o anel. Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Eu o queria mais do que qualquer

coisa - mais do que a própria vida, mas como poderia colocar sua vida em risco por amor? Amor era a definição de altruísmo, e se dissesse sim, não estava colocando a vida antes do amor?

— A vida é tão importante quanto o amor — disse, lendo meus pensamentos. — Pode ter os dois.

Enxuguei a lágrima, tirando o anel dele, sorrindo. Quando fui me abaixar para sentar ao seu lado, ele me puxou sobre o peito, me fazendo perder o equilíbrio, me beijando loucamente, fazendo minha risada ecoar na noite.

* * *

— Alcina! Alcina!

Demorei um minuto para abrir meus olhos. Anna me sacudiu novamente, meu nome em seus lábios, me fazendo sentar muito rápido. Batemos as cabeças e depois gememos enquanto esfregávamos as partes.

— *Mamma mia!* Anna!

— Ouça-me — sussurrou, esfregando o local ainda mais rápido.
— Elmo... — *Eraldo* está aqui! Ele veio ao seu encontro!

— O quê? — Saltei da cama, envolvendo meu corpo nu em um lençol. Corrado havia dormido aqui. Não estava na cama. Onde ele foi?

— Vista-se! — Acenou freneticamente com as mãos. — Ponha um vestido bonito e arrume seu cabelo! — Estreitou os olhos para mim e então arrancou uma folha dos fios emaranhados. — *Vai explicar mais tarde.*

Estava me movendo muito devagar para ela. Ela me acenou com as mãos, me dizendo para *sbrigati. Depressa*. Não podia. Meu corpo doía de uma longa noite cheia de sexo intenso.

Pulei no chuveiro, secando rapidamente meu cabelo depois, e

então coloquei um lindo vestido preto. E o anel no meu dedo? Eu o tirei, me sentindo desconfortável em fazer isso, mas depois achei que era melhor.

O que faremos sobre essa situação?

Parei quando saí do banheiro e entrei no meu quarto. Corrado estava encostado na cômoda, uma xícara de café na mão, só de calça. Seu cabelo preto penteado para trás. Seus olhos âmbar escuros estavam intensos nos meus.

Minha irmã se sentou na cama, uma sobrelanceira erguida para mim. Não perdi os olhares apreciativos que ela continuava dando em seu peito. Ele era construído.

— Alcina — disse, sua voz equilibrada. Acenou com a cabeça para minha mão. — Seu anel.

Balancei a cabeça e fui pegá-lo. Minha irmã olhou entre nós dois quando viu.

Ele tomou um gole de seu café. — Ele quer vê-la — falou com Anna.

— Para conhecê-la. — Assentiu. — Para caminhar com ela. Talvez consiga conhecê-la.

— Eu deveria... — virei meus olhos para a porta, pronta para ir.

— Alcina. — Tomou outro gole. — Ele olha para você da maneira errada, seus olhos são meus. Toca em você, separo o pulso dele de sua mão com uma serra enferrujada e cega. Apaixona-se por você, seu coração é meu. Ele será um homem morto no final do dia - alguém sem olhos e mãos antes que seu coração pare de bater.

Um gemido baixo saiu da minha boca. Se não me encontrasse com Eraldo, sua família poderia usar a minha família como alavanca. Se caminhasse com ele, poderia perder Corrado depois que ele o matasse. Sua família iria querer vingança, custasse o que custasse.

— O que ela deve fazer? — Minha irmã fez a pergunta que me escapou da mente.

— Peça a Nicodemo que diga a eles que Alcina partiu para Forza d'Agrò. — Olhou para mim. — Termine de se preparar, *Angel Eyes*, e então vamos embora.

Corrado

Usei uma camisa de botão e um colete para me encontrar novamente com seu pai. Não era tão pretensioso quanto um terno, mas as roupas ainda mostravam respeito.

Eu tinha usado o mesmo quando vim pela primeira vez pedir a mão de sua filha em casamento, deslizando o anel que deveria dar a ela na sua frente.

— Não — disse imediatamente e depois se levantou do mesmo assento em que estivera sentado quando entreteve os Balistreris.

— Sente-se — disse a ele, apontando para a cadeira. — De qualquer maneira, sua filha será minha esposa. Portanto, tem duas opções. Trabalhe comigo ou contra mim. Se trabalhar contra mim... — Dei de ombros. — Terá que trabalhar com os Balistreris. Aparentemente, não estão de acordo com um de seus termos. Sente-se e discutiremos.

Alcina Maria Parisi era minha esposa, não importava se um pedaço de papel o confirmasse ou não. Oficialmente seria em breve. O sangue sagrado que ela guardou para mim confirmou tudo que eu precisava saber. Ela cortou as bolas de um homem para que pudesse me escolher. Eu cortaria a cabeça de um homem porque a escolhi. Ganharia o nome de Mercenary em sua homenagem.

Angela apertou o ombro do marido, olhando para mim com um olhar que não consegui identificar. Sabia que isso era difícil para ele. Senti que estava trocando um demônio por outro para casar sua filha.

De costas para mim, ele disse uma palavra — Por quê?

— Eu a amo — disse em siciliano e depois acenei para o assento

novamente.

Ouvi a respiração de Angela sair da boca, e depois foi para a cozinha. Voltou com uma bandeja de comida e bebida para saborearmos enquanto discutíamos os termos e elaborávamos um plano. Adriano lambeu os lábios e foi direto para a bandeja. Nunzio manteve os olhos em todas as portas.

— Diga-me — disse, quando lhe assegurei que poderia negociar com os Balistreris — qual é o último termo de seu acordo com eles - aquele com o qual se recusam a concordar.

— Você concorda com isso sem questionar?

Estreitei meus olhos para ele. — Conte-me.

— Você cantará para ela — ele disse.

Adriano começou a engasgar com queijo. Nunzio teve de bater nas suas costas, perplexo com o que Giuseppe acabara de dizer. Era uma tradição na Sicília. O futuro noivo faz uma serenata para sua noiva debaixo de sua varanda na noite anterior ao casamento.

— *Serenata* — disse Nunzio, acenando com a cabeça.

Havia movido o colete, tirando uma das minhas armas do coldre de ombro escondido embaixo. Coloquei-a na mesa diante de Giuseppe e a deslizei em sua direção, bem ao lado do anel. — Atire em mim — disse com toda a seriedade. — Sangrarei por sua filha, darei minha vida por ela. Isso deve ser o suficiente para qualquer homem.

O único que riu foi Adriano.

Giuseppe balançou a cabeça. — Para homens como *ocê*... — apontou para mim — ...uma bala é mais fácil do que uma canção de amor.

Ele estava certo *pra* caralho.

— Se não concordar — disse — não darei minha bênção. Não lhe darei minha filha sem lutar. Mesmo que isso signifique que ela irá com os Balistreris. Para eles, isto é um negócio, sem reivindicação de amor. Você afirma que ama minha filha, minha *bambina*. Prove.

Angela encontrou meus olhos e murmurou para mim — Sabe cantar? — Trazendo-me de volta à época em que nos conhecemos na frente da igreja, quando ela disse a mesma coisa para mim.

Todos esses malditos testes. Suspirei, levantei-me, peguei meu anel e minha arma e saí. O que me trouxe aqui. De volta ao mesmo restaurante - vazio de gente - sentado na mesma cadeira, Giuseppe na sua, Adriano e Nunzio onde estavam, e agora Nicodemo. Os homens estrategicamente colocados ao redor do restaurante.

Eu tinha deixado Alcina na *casa* dos seus pais depois que chegamos de Bronte. Disse a ela para começar a planejar o casamento - seria em quatro dias. Até liguei para meu avô e o convidei e a minha avó. Não perguntou o nome dela ou de onde era, mas poderia dizer que estava satisfeito por eu ter escolhido alguém. O resto não importava para ele. Eu o instruí a não trazer Silvio e também lhe disse para impedi-lo de ir atrás da garota siciliana que procurava em busca de vingança por qualquer delito contra seu filho. Ela não merecia a vingança. Falaríamos mais sobre isso no casamento.

Tito Sala e sua esposa ficaram com as mulheres. Homens Fausti foram colocados ao redor de sua *casa*, já que Romeo Fausti decidiu se juntar a seu tio. Tinha alguns negócios na área, o que significava mais proteção. Eram filhos da puta românticos, quando jogavam o lado implacável da moeda, e depois que Tito lhe contou o que estava acontecendo, Romeo concordou em emprestar alguma proteção extra até que eu pudesse voltar para Alcina.

Giuseppe enxugou a cabeça com um lenço, olhando para a porta com ansiedade. Ele me disse que os Balistreris estavam impacientes e que o velho, pai de Eraldo, o mandara a Bronte para encontrar Alcina. Queria lembrar a Giuseppe que o tempo estava passando, e não a seu favor. Giuseppe pagou-lhe para ajudar a manter a família segura, mas assim que concordou em dar um passo adiante, em casar Alcina com Eraldo, o velho entendeu sua condição para que o filho fosse *sereno*, mas não *gostou*. Essa era a única razão pela qual Alcina não estava casada com Eraldo. O velho respeitava o lado tradicional de Giuseppe e deu a Giuseppe até outubro para aceitar que isso não acontecesse.

O pensamento da *minha* casada com *ele* me fez baixar o copo com mais força do que pretendia. Estávamos esperando os Balistreris agora. Giuseppe convocou uma reunião a meu pedido. Sabia que era apenas uma questão de tempo até que Eraldo quisesse conhecê-la. A hesitação de Giuseppe quanto ao encontro, e o preço por sua cabeça, só o deixariam mais curioso sobre ela - era feia o suficiente para se esconder, ou mais bonita do que poderia imaginar? Se ele a visse, não seria mais sobre negócios, mas algo mais pessoal; iria querê-la.

Aquela menina de onze anos no meu bolso não se parecia em nada com a mulher que estava diante de mim no bosque de pistache.

A porta se abriu para o restaurante. Todas as cabeças se viraram, exceto a minha e a de Nicodemo. Peguei meu copo, tomei um gole e depois o coloquei sobre a mesa, arrumando meu colete depois. Estava acostumado com um terno.

Havia onze deles. O velho e seu filho ficaram no centro. Os músculos protegiam os corações. Três dos homens estavam parados na porta, bloqueando nossa saída, e provavelmente havia mais colocados ao redor do prédio.

Nicodemo sorriu, seus dentes brilhando contra o bronzado de sua pele. Ele prosperava nesta atmosfera. Eu também.

Sempre reagi de acordo. O principal nessas reuniões, especialmente com homens da velha guarda, era o respeito. Qualquer coisa menos não seria tolerada.

O assento de Giuseppe ficava no meio da mesa, separando os dois lados - um representante de sua filha.

Acenei com a cabeça para o velho, me dirigindo apenas a ele. — *Grazie* — disse — por concordar com esta reunião hoje.

Ele acenou com a cabeça, pegando sua bebida e tomou um gole. Seus olhos nunca deixaram os meus.

Nunzio olhou para mim e dei um aceno sutil. Traduziu minhas palavras para que a *famiglia* não pudesse argumentar que algo havia se perdido na tradução. O velho me odiava por princípio, e podia sentir

isso, então me certificaria de que não houvesse “mal-entendidos” nesta *tavolo*²².

— Convoquei esta reunião hoje porque o acordo entre sua *famiglia* e a *famiglia Parisi* foi quebrado. Não haverá casamento entre seu filho e minha esposa.

O queixo de Giuseppe caiu. Olhou entre nós, tão rápido quanto sua filha piscava quando era atraída por algo.

Nunzio traduziu novamente.

O velho olhou para mim, seus olhos ainda mais duros. Bateu na mesa uma, duas, três vezes, e então todas as armas apontaram em nossa direção.

Adriano sacou a arma antes deles. Era tão rápido no saque quanto no roubo de um pedaço de comida. Por isso, era sensato nunca julgar um livro, por assim dizer, pela capa. Havia uma razão legítima para ele ter sido enviado comigo. Mataria quatro deles antes que uma bala o atingisse. Nunzio estava com a arma apontada para o velho, sua principal função era destruir o coração antes que o músculo me destruísse. Nicodemo ainda tinha um sorriso no rosto - os homens na porta não sabiam o que os atingiu. Ele estava ansioso por isso, farejando o potencial para derramamento de sangue no ar.

Nunzio traduziu, cada palavra que eu disse, mesmo que falasse uma ou duas palavras em siciliano.

— É um homem de negócios — disse ao velho. — Podemos fazer negócios ou... — Dei de ombros.

Giuseppe fez o sinal da cruz, beijando a ponta dos dedos, que se juntaram a seguir.

— Vamos vê-la — disse o velho em siciliano, e Nunzio traduziu.

Para ver do que se tratava. Balancei minha cabeça. — A única pessoa que precisa ver sou eu.

O velho segurou meu olhar, que era inflexível, enquanto eu bebia, exatamente como ele havia feito. O gelo retiniu no vidro; o

âmbar se moveu e desceu pela minha garganta como mel com especiarias.

Um dos homens do velho tinha um dedo superestimado. Puxou o gatilho, quase me acertando. O som da explosão pareceu ecoar na sala como um tambor de guerra. Adriano atirou nele antes mesmo que a bala passasse por mim. Ficou preso na parede. Giuseppe se virou para olhar para ele, balançando a cabeça.

Larguei o copo, ainda mantendo contato visual, esperando o momento de trégua ou catástrofe. Estava preparado para ambos resultados - se passássemos da linha de negócios para o pessoal, todos morreríamos nesta *tavolo*. Não seria mais a velha escola.

Finalmente, o velho ergueu a mão. Dei um aceno sutil. Todos os homens baixaram as armas. Nicodemo parou de sorrir.

— Negócios — disse o velho em siciliano. — O que sugere?

— Dinheiro — eu disse. — Uma quantia absurda. Por sua perda, é claro.

Ele me sorriu, e então fechamos o acordo.

Alcina

— Que barulho é esse? — Perguntei.

Mamma e Anna estavam sentadas comigo na minha velha cama, examinando fotos antigas, bebendo *chianti* e rindo da quantidade de renda e seda que ganhei de minhas primas na minha festa.

Mamma e Anna se entreolharam e então ambas sorriram em uníssono. — Vá ver, *mia figlia*. — *Mamma* me enxotou para a janela que dava para a varanda.

Reconheci o som, um *bandolino*, mas o que não entendi foi porque vinha de baixo, bem debaixo da minha janela.

Afastei as cortinas, estreitando os olhos para a rua. Pelo brilho suave das lâmpadas, pude ver que uma multidão havia se formado. No centro estava Corrado Alessandro Capitani, acompanhado pelo *bandolinista* tocando uma melodia suave no instrumento. Meus olhos se estreitaram ainda mais quando notei o papà parado do outro lado dele, movendo os braços como um *mammastro* faria. Podia sentir o cheiro de álcool na brisa e me perguntei o quanto todos teriam bebido.

Corrado pigarreou quando *papà* apertou seu ombro e começou a... cantar. Para mim. Debaixo da janela da minha varanda.

Uma risada alta escapou dos meus lábios. *Mamma* me beliscou no braço, com força suficiente para parecer uma picada de vespa. — Não ria dele, *mia figlia* — disse. — Ele está fazendo isso por você.

— Não estou rindo dele — disse, esfregando o local, mas ainda um sorriso iluminou meu rosto. Imaginei que era mais brilhante do que qualquer lua, qualquer chama, no mundo. — Estou rindo porque meu coração está feliz, *mamma*.

— *Shh* — Anna silenciou nós duas, fechando os olhos.

O homem não sabia cantar, mesmo assim sua voz era a coisa mais linda que tinha ouvido. Meu som favorito. Abri as janelas e saí para a varanda, precisando estar mais perto. Encostei-me no ferro, colocando a mão embaixo do queixo, fechando os olhos, me perdendo na melodia da música tradicional, *Serenata*.

Sabia que *il mio amante* preferia levar uma bala por mim do que cantar essa canção de amor. Ele realmente me amava. Suspeitei então sobre o termo que *papà* havia estabelecido que nem o Bull, nem Eraldo concordariam. Corrado sim.

A música tradicional se fundiu em outra. Lembrei-me, da minha estada em Nova York, dos discos antigos de minha tia, que essa música havia sido cantada por um homem com a garganta de veludo. Abri os olhos para ver melhor, como se isso pudesse me ajudar a vê-lo melhor. O homem que meu coração conhecia desde sempre, mas era tão novo para os meus olhos.

Balancei com a melodia, mantendo meus olhos nos dele, e quando a *canzone* terminou, aplaudi suavemente. Enxuguei uma lágrima da minha bochecha e me curvei para ele, como se a dança estivesse terminando.

Amanhã, nossa dança, permanente, estaria apenas começando.

Alcina

Sonhei muitas vezes em usar este vestido.

Mesmo quando criança, *implorava* à *mamma* para me deixar usá-lo depois que ela o mostrou a mim e Anna pela primeira vez. Anna achou que parecia velho. Achei que tinha um charme que a maioria dos vestidos hoje em dia não tinha.

Era vintage e pertencera à minha *nonna* Evangelina. Era clássico, elegante e romântico - era atemporal. Um vestido que poderia ter sido usado anos atrás ou nos tempos modernos. Anna disse que se os vestidos de noiva de Grace Kelly e Apollonia Vitelli - de *O Poderoso Chefão* - tivessem um filho, seria de *nonna* Evangelina.

— Retiro o que disse — disse Anna, avaliando-me através do espelho na *casa de* nossos pais depois que *mamma* me ajudou a colocá-lo. Esta foi a primeira vez que me vi durante todo o dia. Dava azar a noiva olhar no espelho antes de colocar o vestido. — Tenho uma descrição melhor. Se o velho mundo católico romano tivesse um humor, seria este vestido.

Todo o vestido era feito de renda francesa fina, até o corpete e as mangas compridas, e mal chegava ao chão, principalmente com os saltos que eu usava.

Anna passou suavemente as mãos por cada lado do meu cabelo, que tínhamos repartido ao meio, certificando-se de que estava *perfetto* antes que *mamma* colocasse o véu de vieiras combinando na minha cabeça. O tule foi feito na Itália, mas a renda combinava com o vestido. *Mamma* o prendeu de tal maneira que parecia ter sido feito para estar ali. A beleza disso caiu em cascata sobre meus ombros e correu pelo chão. Era mais comprido do que o vestido.

Anna sorriu para mim antes de colocar as mãos na boca. — O

vestido não me serviu — disse, balançando um pouco a cabeça — mas é *perfetto* para você, Alcina. Parece etérea. — Ela se virou e olhou para *mamma*, afastando as mãos do rosto dramaticamente. — Alcina! — Gritou. — Alcina!

Rio de como ela estava sendo ridícula, mas era verdade. Corrado me disse que não precisava mais me esconder, que nos casaríamos à luz do dia para que todos vissem, e lá estávamos nós - prestes a dar um passeio até a igreja sem medo.

— Alcina! — *Mamma* sorriu para mim, seus olhos brilhando de felicidade. Passou as mãos sobre o meu véu, logo acima dele, sem me tocar. Ela queria, mas não parecia que quisesse bagunçar o que tinha feito. — *La mia bambina*. — *Minha garotinha*.

Beijou as palmas das mãos e as colocou em cada lado do meu rosto. Fechei meus olhos, relaxando com seu toque, e então uma lágrima escorregou quando ela beijou minha testa.

— Não é apenas uma beleza sem esforço, Alcina — sussurrou. — Você é uma força ousada. Lembre-se disso, *ah?*

— Eu me lembrarei — sussurrei.

— *Bene*. — Beijou-me novamente, deixando seus lábios demorarem. — Porque aquele homem testará sua paciência, sua devoção, seu amor.

Abri meus olhos para encontrar seus olhos sérios.

— Todos fazem, *bambina mia*. À sua maneira, *capisci?* Seu homem tem vontade própria. Uma mente forte. Isso é bom. Uma vez que quer algo, ou não, isso não muda. — Encolheu os ombros. — Ele quer você. E agora... isso tudo é tão *romanticismo*. Como deveria ser. O vilão se transformou no herói. Seu cavaleiro de armadura brilhante, mas onde tem luz, sempre tem escuridão, *ah?* Precisamos aprender a equilibrar os dois. Devemos estar determinados a amar, mesmo quando o romance acaba.

— *Sì, mamma*. — Concordei.

Anna suspirou. — Se ele não te tratar bem...

Todas nós nos olhamos e depois fizemos um movimento de corte com os dedos, e um ruído *snip, snip* com a boca.

Mamma puxou nós duas, tomando cuidado com meu véu, à medida que ríamos, e nos disse que enquanto o seu sangue corresse em nossas veias, sabia que tudo ficaria bem.

* * *

O calor do sol se derramou sobre meu rosto enquanto o mantinha voltado para o céu.

Quando menina, sonhei com rosas e velas neste dia, mas, como mulher, queria *Moonflowers*²³ e o sol.

Papà pegou minha mão esquerda e beijou meu dedo anelar. O anel, que me lembrava uma auréola, brilhava ferozmente quanto o Mar Mediterrâneo. — Nunca vi flores assim antes — disse.

Abri meus olhos e olhei para baixo. *Moonflowers*. Corrado havia mandado o buquê, meu rosário enrolado nas hastes cobertas de renda. — Elas florescem à noite. — Sorrio.

Papà suspirou e virou o rosto para frente. Quando me viu pela primeira vez, chorou. Não parecia que ele queria chorar de novo.

— *Papà* — disse. — Eu ficarei bem.

Acenou com a cabeça, mantendo os olhos para frente. — Contanto que ele se lembre do que significa cantar.

— Você o colocou de joelhos — sussurrei.

— *Amore* — *papà* me corrigiu. — *Amore* o deixou de joelhos, por assim dizer. — Pigarreou. — Minha bênção era dele então.

Anna estava à nossa frente na escada. Ela se virou e acenou para nós antes de entrar na igreja. Um ou dois minutos depois, *papà* e eu a seguimos.

Um coro cantou ao fundo. Os raios do sol atravessaram o vitral,

mas as cores o subjugaram, fazendo a luz brilhar em vez de cegar. Mesmo com os prismas de cor, o ar me lembrou de âmbar novamente, o cheiro de fumaça de velas acesas flutuando. Fui levada de volta àquele dia frio de dezembro, quando pedi coisas de que precisava. Bastava olhar para o homem à minha espera e soube que todas as orações foram respondidas.

Ele seria tudo que sempre quis. Tudo que sempre precisei.

O âmbar não era para me *avisar*, mas para me *aquecer*.

A cada passo que dava, a cada passo que sempre dei, cheguei cada vez mais perto dele, mas tive que passar por diferentes níveis de luz. Brilho que cegava. Escuridão que me fez estreitar os olhos para ver melhor. Depois, havia as áreas que brilhavam nos prismas. Eram absolutamente celestiais, calmantes de uma forma difícil de descrever.

Eu me lembraria desse dia para sempre, do som dos meus passos, da viagem, para me ajudar a equilibrar a luz e a escuridão que a vida traria, como *mamma* havia dito. Sempre me lembraria que cada passo que desse, um pé na frente do outro, sempre me levaria ao amor.

Um passo. Outro.

Corrado Alessandro Capitani deu um passo em minha direção.

Nós nos encontramos no brilho. Pisquei para ele. Ele me sorriu.

— *Angel Eyes* — sussurrou.

Papà pegou minha mão e colocou na de Corrado, e depois que *papà* disse à igreja que daria essa mulher a este homem, caminhamos juntos, passos em sincronia, ao encontro do *Padre Greco* no altar.

A cerimônia foi em italiano e Corrado havia praticado seus votos. Ele os falou perfeitamente, cada palavra entendida, cada palavra alto o suficiente para que toda a congregação ouvisse suas promessas.

— *Io, Corrado Alessandro Capitani, prendo te, Alcina Maria Parisi, come mia sposa e prometto di esserti fedele sempre, nella gioia e nel dolore,*

nella salute e nella malattia, e di amarti e onorarti tutti i giorni della mia vita.

Fiz o mesmo. — *Io, Alcina Maria Parisi, prendo te, Corrado Alessandro Capitani, come mio sposo e prometto di esserti fedele sempre, nella gioia e nel dolore, nella salute e nella malattia, e di amarti e onorarti tutti i giorni della mia vita.*

Antes que o Padre Greco nos anunciasse como marido e mulher, Corrado pigarreou. — *Ho trovato qualcosa per cui vale la pena morire.*

Eu o encarei, o âmbar no ar se movendo ao seu redor como fumaça, e limpei minha garganta. — *Ho vissuto per te, anche quando non sapevo che esistessi.*

Encontrei algo pelo qual vale a pena morrer.

Vivi para você, mesmo quando não sabia que existia.

O Padre Greco nos anunciou como marido e mulher. Em seguida, disse a Corrado que poderia beijar a noiva.

Mio marito - meu marido - colocou as mãos em cada lado do meu rosto, seu toque quente e firme, seus polegares roçando o canto da minha boca, e se inclinando, me beijou no céu, criando algo sagrado entre nós dois.

* * *

O ar ainda estava quente enquanto caminhávamos de braços dados em direção à casa dos meus avós. *Famiglia* e *amigos* nos seguiram - suas risadas e conversas animadas refletindo tudo o que eu sentia.

Nunca tinha visto a expressão que Corrado tinha no rosto antes. — O que está pensando? — Sussurrei enquanto me ajudava a descer uma encosta particularmente íngreme da estrada. Nossa aldeia se contorcia e girava com a forma do terreno, moldada por suas mãos.

— Muitas coisas — disse, a luz atingindo seus olhos,

transformando o âmbar duro em mel escuro. — Mas todos giram em torno de um ponto central. Você. *I miei occhi d'angelo*. — *Meus Angel Eyes*.

Sorrio-lhe e ele me beijou. Os aplausos ruidosos nos separaram, mas não roubaram o sorriso do meu rosto. Nada poderia. Rio contra sua boca e continuei rindo durante toda a noite.

Tivemos apenas alguns dias para planejar, mas o que fizemos nesses dias acabou sendo espetacular. Como o vestido, queria um senso de tradição misturado com um toque de modernidade. Nossas raízes e nossos ramos extensos. De onde Corrado e eu tínhamos vindo e para onde íamos. Vinte e quatro horas que resistiriam ao teste do tempo.

Nossa recepção foi realizada na *casa* dos meus avós, mas normalmente era tradicional que a recepção acontecesse na rua onde a noiva mora. Como precisávamos de mais espaço do que a *casa* dos meus pais e a *dos* meus avós ficava em uma área mais rural, decidimos fazer lá.

Mamma, e vários membros de nossa *famiglia* se reuniram e prepararam seu famoso *ragù* para servir com massa. As mesas estavam cheias de biscoitos caseiros e licores. Dois tios meus tocavam bandolim e *fisarmonica*. Alguns convidados começavam a dançar.

Um pequeno palco foi construído no pátio, mas ninguém quis me dizer para que era. O pano de fundo eram as montanhas e o mar ao longe.

Papà havia *pedido* a ajuda de Corrado e alguns dos outros homens para amarrar centenas de luzes nas árvores. O quintal inteiro brilhava à medida que o sol se punha no horizonte. As centenas de velas que trouxe de Bronte tremeluziam no centro de cada mesa, aumentando a luz e suavizando as *moonflowers* entrelaçadas. Havia feito todas as velas à mão durante minhas horas mais sombrias. Agora criavam uma luz para todos me verem.

Não me importava com *nada*. Só me importava com *ele*.

Ele estava conversando com tio Tito e Nicodemo, e eu conversando com sua *nonna*, que havia viajado de Nova York com alguns outros membros de sua *famiglia* para comparecer ao nosso casamento. Talvez tenha sentido meus olhos sobre ele, chamando-o em uma língua que só nós dois entendíamos, porque nossos olhos se encontraram por sobre as centenas de velas. Não precisava do calor das chamas para me fazer derreter. Precisava apenas de um olhar dele. Lembrei-me da noite em que me tocou pela primeira vez e um suspiro trêmulo deixou minha boca.

Corrado Alessandro Capitani era um dos mágicos mais talentosos do mundo. Poderia me tocar sem colocar a mão em mim.

Uma banda começou a tocar e casais se aproximaram do palco. Uma voz suave, mas rouca - um dos primos americanos de Corrado, Domenico (Dom) Casino, que era famoso lá, ou pelo menos foi o que Anna me contou - começou a cantar. Era uma música antiga, refeita, mas da mesma maneira romântica – “*Unchained Melody*”, dos Righteous Brothers.

Desviei meus olhos de Corrado para o palco, percebendo seu propósito, e comecei a balançar com a melodia. Quando me virei para o meu marido, seus olhos ainda estavam em mim, mas seu corpo se movia.

Senti como se tivesse batido em mim quando um braço me envolveu, o outro agarrou meu cabelo e seus lábios encontraram os meus em um beijo que roubou meu fôlego. Puxei seu cabelo, tentando chegar ainda mais perto, e meus dedos cravaram em seu ombro.

Nós nos movemos com a música enquanto nos beijávamos.

Seria sempre assim? A intensidade dos meus sentimentos por ele? O que sentia *dele*? A coisa secreta que se movia entre nós, que nos manteve cada vez mais próximos até que não houvesse ele, nem eu, mas apenas *nós* - viveria tanto quanto nós?

Respirei a letra em sua boca, e então perdi o fôlego quando sua boca se arrastou pelo meu pescoço, seus dentes mordendo, sua língua lambendo, seu hálito quente se movendo como cera quente de uma

vela derretida. Quando alcançou meu pulso, ele chupou no local e puxei seu cabelo ainda mais forte. — Gosta quando sou bruto com você.

— Sim — mal consegui dizer. — Eu não sou de vidro.

— Não — disse. — Apenas a porra da loucura da lua.

Rio disso, e depois ele me inclinou, me fazendo perder o fôlego completamente. Um segundo depois, me puxou para perto de seu corpo novamente. — Deixe-me lembrar — disse, batendo no meu queixo, fingindo pensar. — Você *não* canta e *não* dança.

— *Corretto* — disse. — Eu também não faço a coisa do amor. Não é para homens como eu.

— Ah. — Sorrio ainda mais brilhante, usando meu polegar para acariciar sua bochecha. Suas maçãs do rosto pareciam ter sido esculpidas, dando a ele um olhar feroz. O olhar de um homem que tinha visto e feito muitas coisas. Tinha certeza de que a maioria delas não era boa. — Mas você faz comigo.

— *Solo tu* — disse. *Só você.*

Embora a música fosse lenta e romântica, nós nos movemos ainda mais devagar, ainda mais perto. Sua respiração era minha quando inspirava.

Ele pegou o tecido do vestido nas mãos, quase com violência, e pude sentir o calor de sua palma queimando a delicada renda. Quando tirou uma mecha de cabelo do meu rosto, estava tão suave quanto a brisa. — *Ti amo*, Alcina Maria Capitani.

— *Ti amo*, Corrado Alessandro Capitani — murmurei de volta. Fechei meus olhos, usando seus ombros para me levantar, colocando um beijo suave em seus lábios.

A música terminou, a música mudou e mais pessoas começaram a dançar, movendo-se mais rápido ao nosso redor. Anna vinha em nossa direção com alguns de nossos primos.

Corrado sorriu para mim. — Essa é a minha deixa — disse, me

dando um beijo mais firme, dando um tapinha no meu *culo*²⁴. Sua mão demorou enquanto colocava a boca perto do meu ouvido. — É tudo meu, porra.

Fiquei olhando para ele à medida que se afastava e se sentava ao lado de seu *nonno*, seus olhos encontrando os meus depois que se acomodou. Mesmo depois de me virar, ainda podia senti-los me observando onde quer que eu fosse.

Corrado

Don Emilio não esperava a minha esposa - quem ela era ou como era.

Quando liguei para ele e contei a novidade, fui breve, com pouquíssimos detalhes, e ele ficou satisfeito em pensar que Tito havia providenciado tudo. Que o som da minha voz, ansiosa, tinha mais a ver com acelerar o processo de ser um mero espectador nos negócios da família para um homem que governava todo o império.

Ele não esperava mais nada.

Na verdade, a primeira vez que a viu, antes de eu tê-los apresentado durante o jantar no restaurante de Giuseppe, duas noites antes do casamento, se inclinou e sussurrou no ouvido de Tito — Ela é linda demais.

As quatro palavras me incomodaram no jantar. Fiquei quieto durante a maior parte do tempo, pensando sobre o comentário e seu verdadeiro significado.

Ela é linda demais.

— Ah — disse Tito quando mencionei isso. — Seu avô e Carmine eram da mesma opinião quando se tratava de um dos termos do acordo. Que ela fosse simples.

Que ela fosse simples.

Rosa fazia sentido, embora parecesse que Tito estava sendo um pouco generoso. Ela tinha quadris arredondados o suficiente para não machucar quando me batesse forte com eles.

Ela é linda demais. Deve ser simples.

Tinha chegado a uma conclusão, mas sabia que era apenas uma

questão de tempo até que meu avô trouxesse o motivo em uma explicação direta.

Ele se sentou sozinho em um banco, olhando para a festa como um rei. Um rei que governava uma grande família, cujo alcance se estendia de Nova York a Palermo. Havia uma razão para ele ter me exilado aqui. Poderia me esconder nas montanhas. Conhecía este território como a palma da sua mão. Cresceu percorrendo o terreno, escalando montanhas e navegando no mar. Este era o seu mundo, embora ele tivesse um reino em Nova York.

Não era um velho benevolente, cheio de aceitação e histórias de ninar. Certa vez, li um livro sobre sua vida como um dos padrinhos mais poderosos da história. O livro remontava à época em que morava em Palermo, ainda jovem, quando caminhava com um padre ao longo da costa do Mediterrâneo. O padre era um amigo da família que queria salvar sua alma antes que fosse tarde demais.

— Caminhei ao lado do demônio naquele dia — contou o padre. — Não havia linha entre o bem e o mal, apenas o que precisava ser feito.

Não era difícil para eu ler os pensamentos de meu avô. Geralmente sabia quando acenaria com a cabeça - um movimento sutil e mortal - um segundo antes de ele fazer isso. Fui mais rápido do que ele, mas geralmente chegávamos às mesmas conclusões. Sabia que o único segundo que teria à sua frente seria a razão pela qual me queria casado e estabelecido. Aquele segundo pode fazer a diferença no que diz respeito à longevidade e ao sucesso da família.

Aquele segundo foi a razão, ao observar minha esposa dançar com sua família, ele se perguntou se eu tinha sido precipitado demais em minha escolha. Se ele deveria ter resolvido o assunto com as próprias mãos e escolhido uma mulher como a própria Rosa.

Eu o surpreendi, o que era incomum. Ele não podia prever minhas ações exatas, mas sabia os erros que cometeria e o nível de sucesso que alcançaria. Ele me preparou para me tornar ele, mas melhor.

Sempre houve esse desejo dentro de mim de me tornar melhor do que ele. Era por isso que todos me chamaram de *Scorpion*. Nunca desistia do que queria, uma vez que minha mente estava definida. Teria o que queria, não importa o quão alto fosse o custo.

Meus olhos pousaram nela. Ela valia o paraíso no inferno.

Os olhos do meu avô estavam nela também, mas mais duros com o julgamento. Isso me irritou da porra do jeito errado, mas por respeito, mordi minha língua.

— Não esperava por ela — disse, finalmente indo direto ao ponto. — Martina teria servido. — Ficou quieto por um minuto, estudando minha esposa ainda mais. A cruz em seu pescoço brilhava contra a renda sob o brilho da luz das velas. — Poderia ter mantido esta como amante.

Martina era filha de um de seus homens. Era a garota da porta ao lado e sabia cozinhar. Sempre que tínhamos funções familiares, era o tipo de pessoa que ajudava a colocá-las em ordem.

Simplificando: material para uma esposa. Seria o tipo de esposa que ficaria na cozinha e não questionaria por que seu marido cheirava a sangue e perfume de outra mulher à noite.

Tudo parte da vida. O excesso dela. Além disso, gostavam de manter os negócios em família, por assim dizer.

A única coisa que as esposas e as *goomahs* - *amantes* - tinham em comum: ambas juravam lealdade, de maneiras iguais e diferentes.

Considerarei tudo isso antes da noite que passei com Alcina sob a lua. Todas as tentações que não eram tentações antes de eu deixar Nova York, mas trepadas que vinham sem amarras. Tinha decidido que estabeleceria essa regra para mim mesmo. Nenhuma outra mulher. Não machucaria Alcina dessa forma, não depois de tudo o que passou. Embora tivesse certeza de que havia inúmeras outras maneiras de fazer isso.

Deixaria minha esposa antes que isso acontecesse, mas também não vi isso acontecendo. O pensamento de mim sem ela, depois que a

encontrei, foi a primeira coisa verdadeiramente dolorosa que senti. Provou que eu tinha um coração sob esta armadura. Mesmo depois da perda de Emilia, tudo que podia sentir era a necessidade de vingança.

— Minha esposa não é uma peça lateral²⁵ — disse finalmente. — Ela é a peça central - a bandeja de ouro.

— Cheio de frutas exóticas, nenhuma mais simbólica do que a uva — murmurou meu avô, quase para si mesmo. — Ela é todo o foco, o que não é uma opção. Você foi preparado para tomar meu lugar. A *famiglia* vem primeiro. Ela sabe que tipo de homem é - quem você é.

— É inteligente e intuitiva. Um homem inteligente pode sentir isso nela. Ela também tem um temperamento; também posso sentir isso nela. O que significa que ela não se sentará e aceitará tudo - não sem uma luta.

Sorriso para isso, observando-a dançar com sua irmã. Mesmo que meus olhos estivessem treinados nela, sabia que meu avô estava me observando.

— *Famiglia e lealtà* — disse, estendendo minha mão para ele. Demorou um segundo, mas finalmente aceitou. — Essa coisa nossa... é o meu juramento - *famiglia e lealdade*. Meu código. Não vou decepcioná-lo ou a *famiglia*.

Ele apertou minha mão e a soltou. — Isso será um problema com Silvio — disse. — Ele está buscando justiça pelo que aconteceu com seu filho.

Tínhamos conversado sobre isso na noite em que chegou. Eu disse a ele tudo que sabia. Isso me irritou *pra* caralho que Junior tinha vindo para o velho país ameaçando mulheres inocentes e suas famílias com o nome Capitani para conseguir o que queria. Meu avô e sua *famiglia* eram conhecidos na Sicília, e a maioria das pessoas conhecia o império que construiu na América. Ele era respeitado.

O que me deu sede de sangue, mais do que qualquer coisa antes, foi a foto que Anna me mostrou de minha esposa depois que Junior bateu nela quando ela disse não. Alcina havia minimizado a situação -

omitindo dois olhos pretos, cinco pontos em uma sobrelanceira, um lábio arrebitado e hematomas da cabeça aos pés - mas não havia como negar que era uma mulher inteligente. Ela sabia que se ele a espancasse uma vez apenas por dizer: “*Não estou pronta*” — a espancaria pelo resto da vida. Por isso, ela cortou as bolas dele e fugiu, valorizando muito sua vida para ficar.

— Junior mentiu para nós — disse. — Silvio o encobriu.

— Sua esposa conta a história de uma maneira — disse, e percebi que ele estava esfregando o queixo, o anel do dedo mínimo brilhando na luz. — Junior conta de outra.

Ele ficou quieto por um tempo e então fez um barulho que me disse que estava decidido. — Eu falarei com ele. Chegaremos a um acordo sobre esta situação. — O silêncio se estabeleceu entre nós mais uma vez antes que limpasse a garganta. — Os *Scarpones* estão mortos.

Quatro palavras. Os *Scarpones* estão mortos.

Nem me virei para olhar para ele. — Não me envolveu — falei.

— Você está com problemas suficientes — disse. — Ambas as situações estão sendo resolvidas. Assim que estiverem, voltará para casa para ocupar meu lugar. Não precisa de mais nada no seu caminho.

— Eu deveria ter estado lá — disse.

— Nenhum de nós estava lá — disse, sua voz tão calma que era como se estivesse falando sobre o tempo. — Aconteceu um ou dois meses depois que partiu para a Sicília. Alguém agiu antes que tivéssemos a chance. Todos os sinais apontam para o *Pretty Boy Prince*²⁶ - Vittorio Scarpone. Sabia que era apenas questão de tempo. Meus palpites raramente estão errados. O irlandês - Cash Kelly, filho de Ronan Kelly - ajudou, até certo ponto.

— Ele é um morto-vivo — disse. — Vittorio Scarpone.

— Você realmente deve aproveitar a paisagem aqui — disse.

Isso era fácil de traduzir: quanto mais insistisse no assunto, mais

ele me manteria aqui, mesmo depois que a fumaça se dissipasse em casa.

Não me virei para olhar para ele, mantendo meus olhos em minha esposa, que estava conversando com um homem. Ezio, como minha o chamou antes, quando nos apresentou. Corria o boato de que acabara de voltar da Grécia depois que sua esposa o deixou. Antes de criar coragem para falar com minha esposa, estava observando a maneira como a renda se movia contra seu corpo quando dançava. A maneira como seu cabelo caía pelas costas e balançava. A maneira como sua boca se movia, mas nenhuma palavra saiu. A maneira como seus olhos brilharam quando riu.

— Corrado Palermo — disse meu avô, mal conseguindo me concentrar. — Seu pai biológico. Sentiu o gosto de sangue poderoso quando esteve perto de matar Arturo Scarpone, quando estava perto de cortar a garganta. Depois, fez algo com ele. Isso nublou seu julgamento. Perdeu tudo porque não conseguia ver além de sua própria arrogância. Ficou cego por isso. Um cego não vai muito longe na guerra, especialmente em um antigo campo de batalha, onde enfrenta fantasmas que morreram lá.

Inclinei-me um pouco, observando seus olhos quando ela olhou para o homem.

Meu avô fez um barulho com a garganta. Estava desconcertado com a minha falta de foco, mas não ficou surpreso com isso, mas se pensasse que eu não me recuperaria em algum momento, teria dito isso. — Estou orgulhoso do homem que se tornou, Corrado — disse. — É por isso que lhe dou o presente desta mulher, de saldar sua dívida com um dos meus homens mais próximos.

— Esse é o meu presente de casamento? — Era a coisa mais próxima de um desejo de um gênio em nosso mundo. Tudo o que seus filhos ou netos pediam no dia do casamento, ele dava a eles.

— Não. — Suspirou. — Ainda pode escolher o presente.

— Quero Junior morto. Não há espaço para nós dois neste mundo. — Eu mesmo teria feito isso, mas não tinha ideia de quando

meu exílio na Itália terminaria. Não podia arriscar desafiar meu avô e me recusei a arriscar a segurança de Alcina. Ninguém poderia protegê-la como eu.

— É a palavra dela contra a dele — disse meu avô.

— Ela diz a verdade.

— Colocaria suas bolas em um bloco de corte por sua palavra?

— As duas — disse. — Até meu coração.

Ele ficou quieto por um ou dois minutos, coçando o queixo. Finalmente, pigarreou. — Será um prazer conceder este presente a você no dia do seu casamento.

— Quero o rosto dele irreconhecível — disse. — Quero que ele fuja, sinta medo de verdade.

— Não — disse. — Isso eu não posso fazer. Seu pai é um dos meus melhores homens, um dos meus homens de maior confiança.

— Eles mentiram — disse, reiterando o ponto.

Ele se mexeu um pouco e colocou uma chave na minha mão, sinalizando o fim da conversa. — Isso é meu e da sua avó - algo mais pessoal. Um presente para você e sua esposa. Um avião particular irá levá-lo lá esta noite. Nunzio tem as informações. Estou enviando mais homens com ele, já que é um pouco mais longe do que estou confortável.

— *Grazie* — disse. Depois que me levantei, beijei-o em cada bochecha e me virei para ir embora.

Alcina

O pico pós-casamento ainda crescia depois que deixamos a *casa* dos meus avós. Íamos em direção à Catânia - foi o que Corrado me disse. Uma vez lá, embarcamos em um avião particular. Os homens que enchiam a cabine eram desconhecidos para mim, exceto Nunzio, o italiano sério, e Adriano, o *Chipmunk*. Finalmente descobri seus nomes durante nossa recepção. Não achei que Corrado fosse me apresentar a mais ninguém.

Ele tinha ficado quieto no trajeto de Forza d'Agrò a Catânia, e ainda estava quieto depois de uma hora de voo. Embora logo depois que o avião decolou, quando deve ter percebido minha inquietação - se passaram anos desde meu voo da América de volta para a Itália - abriu os braços para mim e encontrei paz lá.

— *Grazie, mio marito* — sussurrei e então olhei para o vestido. *Mamma* e Anna me ajudaram a vesti-lo antes de eu sair.

Corrado me deu de presente. Veio em uma caixa embrulhada elaboradamente, carimbada com uma marca de luxo. Dentro havia um lindo vestido de seda creme. O vestido mais lindo que usei, fora meu vestido de noiva. O material era fino e macio, não tinha mangas e fechava na cintura. Mostrava uma boa parte das minhas costas, mas caía abaixo dos meus joelhos. Veio com um par de saltos para combinar, com laços de seda em meus tornozelos.

Seus dedos acariciaram a pele nua das minhas costas. O toque suave e seus batimentos cardíacos constantes me embalaram para dormir, e quando acordei uma hora - ou duas? - mais tarde, estávamos pulando na pista quando pousamos. Fui me levantar assim que o avião parou completamente, percebendo o paletó de seu terno sobre meus braços, mas ele me manteve no lugar. Um segundo depois, me pegou.

— É costume — disse — que um homem carregue sua esposa além da porta.

Sorrio, mas percebi que o humor que o acompanhara de Forza d'Agrò havia melhorado, ou nunca foi embora. Tudo começou depois que teve uma conversa com seu *nonno*.

Ele me carregou para um carro que esperava. Estava muito escuro para ver qualquer coisa, exceto a área ao nosso redor. Corrado puxou uma longa tira de seda preta e me disse para me virar no assento. Vire-me, e ele protegeu meus olhos.

— Isso é um exagero — disse, mas sorrio. — Não consigo ver no escuro.

— Pode descobrir durante o trajeto ou se ver nosso próximo meio de transporte.

Tudo o que poderia dizer era que nosso próximo meio de transporte era um barco. Podia sentir o cheiro de água no ar e o balanço sob seus pés. Ele ainda se recusou a me deixar andar. Não demoramos muito para chegar aonde queríamos, mas não desembarcamos imediatamente. Os homens do avião cochichavam entre si, e assim que Nunzio disse a Corrado que estava tudo bem, me levantou e começou a andar. Esta parte parecia demorar, porque estava sendo cuidadoso com seus passos.

Finalmente, me colocou de pé e tive que prender a jaqueta sobre os ombros antes que caísse no chão. Eu levantei a gola mais perto do meu rosto, inalando, meu coração subindo e meu estômago caindo com o seu cheiro. Um segundo depois, a pegou de mim e coloquei minhas mãos nos bolsos do vestido, sem saber o que fazer com elas. Mesmo que não pudesse vê-lo, o senti se movendo ao meu redor, como se estivesse me avaliando.

— É tão bonita — me disse em siciliano, sua voz vindo de trás. Ansiava pelo calor de seu corpo. Minha cabeça caiu para trás, deixando o seu peso pousar em seu peito. Suas pontas dos dedos mal traçaram a cruz em volta do meu pescoço e então roçaram meus braços nus, minhas costas enquanto se movia em direção ao zíper do

vestido.

— Esse é um dos meus sons favoritos — disse. — Eu te despindo. — O vestido não fez barulho ao cair no chão, mas meu corpo percebeu imediatamente seu calor. Sem barreiras, exceto pela lingerie de renda.

Seus braços vieram ao meu redor, me puxando para mais perto. Seu *cazzo* estava duro o suficiente para forçar suas calças. Sibilei quando suas mãos procuraram meu corpo, e então inspirei de volta quando me puxou contra ele com força, seu *cazzo* atrás de mim. Sua mão agarrou debaixo do meu cabelo, puxando, e dei a ele acesso ao meu pescoço, a pulsação frenética lá.

— É a porra de arma, Alcina — disse. — Ou o seu amor ou isto... — sua mão deslizou, vagando sobre a renda creme, até que me tocou no local, o que me fez gemer — ...me matará.

— *Bang* — sussurrei.

Ele começou a sugar meu pescoço, mas com isso, sorriu contra a minha pele. Removeu a seda ao redor dos meus olhos, e pisquei contra a luz suave, o novo lugar. Guiou-me para o que provavelmente seriam as vistas mais deslumbrantes pela manhã. Uma porta em arco, muito mais alta do que eu, mais alta do que ele, se estendia do chão ao teto. Não havia luzes para ver, mas podia distinguir os contornos. Havia um lago, ou algum tipo de corpo d'água, e montanhas além dele.

— Onde estamos? — Sussurrei, me esforçando para juntar as linhas e formar formas mais claras.

— *Menaggio* — disse.

— Como — disse e então me virei para encará-lo. — Lago de Como.

Ele assentiu. — Isso é nosso.

Estreitei meus olhos para ele, e não porque tivesse tirado os sapatos. Eu me perguntei o quão rico era. Eu não fazia ideia...

— Meus avós queriam que tivéssemos algo especial. — Encolheu

os ombros. — Está guardando isso há um tempo. Ele a comprou anos atrás, junto com outra propriedade não muito longe daqui. Achou que você gostaria.

Não tinha certeza do que dizer. Parecia que seu avô gostava de olhar para mim, mas não *gostava de* mim. Anna me disse que eu estava sendo tola, mas me perguntei se ele me aprovava. Não parecia que eu era o tipo de mulher que esperava para seu neto. Eu o ouvi dizer a Corrado na noite em que o conheci que eu era “brilhante”. Talvez como a porra de um brinquedo.

— Ele construiu um império — disse Corrado, seus olhos percorrendo os detalhes da sala. — Os anos de construção em Nova York foram bons para ele.

— É lindo — disse, sem nem precisar ver o resto da casa para falar aquelas palavras com a verdade. — Além da beleza. Terei que agradecer-lo.

Seus olhos voltaram para os meus. Nossos olhares pareciam cair como as ondas batendo na costa lá fora. Havia algo em sua mente desde que partimos. Seu humor parecia... sombrio, quase perigoso.

Ele deu um passo em minha direção. Dei um passo para trás. Fizemos isso até que me prendeu contra a porta de vidro, seu corpo muito maior e mais forte que o meu. Ele me fez sentir como uma mulher. Olhei para ele e no reflexo de seus olhos percebi que estava piscando. Pegou minha mão e a ergueu contra o vidro, prendendo-a lá. A seda preta deslizou entre nossas palmas. Sua outra mão veio em volta da minha garganta, *lo Scorpione* contra minha traqueia. Um aperto e a esmagaria. A pressão era suficiente para quase me fazer ofegar.

— Posso ter cantado e dançado para você — disse, sua voz em total controle, mas havia algo sob a superfície que era tão perigoso quanto seu humor. — Mas não sou a porra do seu fantoche, Alcina. Sou seu marido. Sua mente, corpo, alma, desejos são meus. Tem fome. Eu te alimento. Tem sede. Despejo o vinho na porra da sua garganta. Precisa gozar. Eu te fodo. Cada centímetro seu pertence a mim.

Minha cabeça girou em tontura. Meus olhos mal conseguiam focar. Meus pulmões ardiam. Não havia ar suficiente, mas estava tão molhada que a renda entre minhas pernas estava fria de tão encharcada. Meus mamilos estavam dolorosamente rígidos e estava tão excitada que um gemido saiu da minha boca.

Ele aplicou um pouco mais de pressão e levantei o pescoço, tentando inspirar um pouco mais de ar, ou talvez desmaiasse. — Você até pensa em levar outro homem para a cama... — se aproximou, seus lábios um mero beijo dos meus — ...vou te matar. Depois morrerei. *Capisci?*

Ele não estava fazendo isso para ser sexual. A ameaça em sua voz, junto com a pressão no meu pescoço, era real. Podia ver em seus olhos âmbar escuro endurecidos. A cor não era mais um aviso ou aquecimento, mas para me manter em suas mãos pelo resto da minha vida.

Abaixei minha mão livre e agarrei seu pau e suas bolas, quase apertando, dando-lhe um aviso em troca. — *Sì, Scorpione* — mal consegui falar.

Ele sorriu para mim, mas foi perverso. Aplicou um pouco mais de pressão, e tive o desejo insano de agarrar seus dedos, para tirá-los da minha garganta, mas o esperei, desafiando-o mantendo meus olhos fixos nos dele. Falei sério quando lhe disse que não era de vidro. Não me despedacei quando o Bull me bateu. *Ele* tinha, depois que o desconectei de sua masculinidade. Nenhum homem jamais colocaria as mãos em mim dessa maneira e não esperaria ser gravemente ferido, se eu pudesse evitar.

Este homem. Nunca me machucaria, a menos que eu o machucasse dessa forma primeiro. Estava reivindicando o que era dele. Sabia a diferença entre o que meu marido estava fazendo e o que o Bull tentou fazer. Eu também entendi o que Anna quis dizer naquele momento quando disse que às vezes uma mulher não conseguia entender até que acontecesse com ela - ser reivindicada até sua alma.

— Quem sou eu para você, Alcina? — A pressão diminuiu um

pouco, mas não muito. — É assim que me chama.

— *Mio marito* — disse asperamente.

— *Ti amo, i miei occhi d'Angela* — disse ele.

Removendo *lo Scorpione* da minha garganta, inspirei, quase ofegante, mas ele não me deu espaço para respirar. Sua boca veio contra a minha e roubei seu fôlego para mim. Minhas mãos agarraram seu cabelo, precisando dele ainda mais perto. Minha perna subiu pela dele, e ele a prendeu no lugar. Sua boca se moveu mais para baixo, devorando meu pescoço, seus lábios quase suaves. Era a sensação oposta de sua mão áspera.

— Vou fodê-la tanto, até que grite, terei que amordaçá-la para que nenhum dos meus homens ouça. Ninguém te ouve além de mim. Seu prazer é todo meu.

Empurrei sua boca ainda mais para baixo, tentando alimentar a dor. *Tem fome. Eu te alimento.* Mordeu meu mamilo através do tecido. Minhas coxas tremiam tanto que refletiu da minha boca em um gemido longo e trêmulo. Sua língua lambeu do meu pescoço de volta à minha boca e então me beijou novamente. Tinha sede de mais. *Tem sede. Despejo o vinho na porra da sua garganta.*

Rasguei sua camisa, fazendo com que os botões voassem para o chão. Então desabotoei suas calças, usando minha perna e pé para empurrá-las para baixo. Ele saiu, despindo-se o resto do caminho. Decidi que *cazzo* não era uma boa descrição de seu pau, mas *lo Scorpione* era. Lambi meus lábios e quando me abaixei, usei minhas mãos para acariciar seus lados. Suas mãos deslizaram no meu cabelo e me puxaram para mais perto, me fazendo levá-lo até o fim. Rodei minha língua ao seu redor, tomando cuidado para não usar meus dentes, da base à ponta.

Ele gemeu enquanto parecia ficar ainda mais duro, e antes que eu pudesse começar a me mover mais rápido, começou a me foder como fez na primeira noite. Atingiu o fundo da minha garganta, fazendo com que as lágrimas viessem aos meus olhos, mas gemia ao seu redor. Senti o tremor percorrer seu corpo à medida que se

derramava. Seu pescoço estava para trás, a garganta exposta e resmungou na garganta com a liberação. Um segundo depois, me levantou pelos braços, me virando, minhas mãos contra a porta de vidro, viradas para fora.

— Abra suas pernas para mim, Alcina — disse.

Abri. Minha respiração irregular embaçou a janela quando expirei. A seda preta estava enrolada em sua palma. Suas mãos se moveram sobre os meus lados, lentamente se aproximando do sutiã de renda sem costas, e então o removeu, jogando-o para o lado. Acariciou minha pele com um toque que mal aparecia, mas podia sentir calosidades em seus dedos por trabalhar nos bosques. O contraste era tão delicioso quanto ele. Quanto mais ele explorava - seu toque se tornou uma mistura de carícias e uma massagem profunda - mais eu tremia.

— Gosta do meu toque, Angel Eyes?

— *Sì, mio marito* — sussurrei, quase incapaz de falar.

Suas mãos envolveram meus seios e provocou meus mamilos enquanto sua língua começava a lamber minha pele. Seguiu o caminho do meu pescoço até o fim, lambendo com mais força na depressão entre a parte inferior das minhas costas e atrás. Seus dentes morderam a renda da minha calcinha, deslizando-a para baixo até que eu as tirasse. Podia sentir seu hálito quente entre minhas pernas quando inseriu seu dedo dentro de mim ao mesmo tempo em que sua língua lambeu meu traseiro, encontrando seu dedo.

— Ah! — Gritei. Perdi todo o equilíbrio, meus mamilos pressionando com força contra o vidro frio. A pressão era demais. Comecei a ofegar, quase incapaz de recuperar o fôlego. Minhas mãos estavam pressionadas contra a vidraça, mas meus dedos doíam para agarrar, para afundar em sua pele.

Não demorou muito para que gritasse seu nome. Eu gozei ao seu redor em uma explosão.

— *Deliziosa*, porra — murmurou, sua língua girando em torno de

seus lábios. Ele se levantou, de frente para as minhas costas, e me virou para encará-lo.

Minhas bochechas queimaram, mas não de vergonha. Queria mais. Ele leu a expressão em meus olhos. — Quer que eu te foda, Alcina — perguntou, sua voz rouca.

Olhei para sua mão, a seda, e então para seu pau brilhante. Lambi meus lábios, mordi meu lábio, não tendo certeza do que queria - tê-lo em minha boca novamente ou dentro de mim.

Ele sorriu. Limpando *lo scorpione* com a seda preta, amarrou em volta da minha boca. Eu salivei com o gosto dele.

Correu a ponta do dedo pelo meu rosto. Tentei mordê-lo, mas não consegui. Seu sorriso derreteu e seus olhos endureceram. Ergueu-me, minhas pernas passando ao seu redor instintivamente, e me guiou pela villa até chegarmos a um quarto. Mal tinha consciência de que o lustre estava aceso, mas parecia velas derretendo, seus pavios pegando fogo, em vez de luzes reais.

Colocou-me no meio de uma cama larga de joelhos e depois se ajoelhou atrás de mim, usando os joelhos para afastar minhas pernas. — Linda *patatina* — murmurou. — É uma pena que estou prestes a destruí-la.

Seus dedos correram sobre meu *culo* novamente, até que começou a provocar minha *patatina*. Tentei gritar, gemer tão alto que acordaria toda a vila, mas a mordaca me impediu. Isso me impediu de soltar outro grito quando me deu um tapa entre as pernas, a picada ecoando na sala. Enquanto a picada ainda queimava, se colocou na minha abertura, lentamente entrando em mim, mas depois se retirando antes de estar totalmente enterrado dentro de mim. Um som frustrado e distorcido saiu da minha boca. Apertei os lençóis, meus dedos ficando brancos. Minha boca não funcionava, mas meu corpo estava. Ele estava na ponta, e então fui empurrada para trás, gritando quando me atingiu bem no fundo.

Ele começou a me foder como se nunca tivesse me fodido antes. Tinha meu cabelo e a mordaca em volta do punho, e cada vez que me

empalava, uma dor do couro cabeludo ao útero subia por mim, seguida de puro prazer. Mesmo que meus gritos estivessem abafados, pareciam romper o silêncio na villa, ecoando dentro das paredes vazias. O som de suas bolas batendo contra mim era ainda mais alto, assim como seus gemidos. O suor escorria de nossos corpos. Deslizamos um contra o outro como duas máquinas lubrificadas. O cheiro do nosso sexo era um afrodisíaco.

— Foda-se Alcina — disse. Parou de se mover, e então bateu em mim com tanta força que o senti no meu estômago. — Goze. Goze comigo. Agora.

Sua ordem foi minha ruína. Eu me desfiz ao seu redor ao mesmo tempo que ele se derramava em mim. Esse ponto mais alto foi quase violento, um estrondo, uma explosão, seguida por uma onda enlouquecedora de prazer que era o equivalente a tocar o céu - um momento em que meu coração parou de bater e começou a bater forte quando comecei a cair.

Sua cabeça caiu nas minhas costas. Deu um beijo firme entre minhas omoplatas. — *Bang* — disse. Então me virou e colocou minha mão sobre o seu coração acelerado.

* * *

O quarto principal da villa ficava no segundo andar. Tinha várias portas em arco que davam para um longo terraço. O quarto em si era agradável à vista, especialmente no início da manhã: cores suaves nas paredes, pisos refeitos que ainda mantinham a marca do tempo e móveis - não eram muitos - que eram exuberantes. O lustre era um toque agradável. Foi criado para se parecer com velas flutuantes, a cera pingando de seus corpos. O banheiro. Suspirei. O chão me lembrava pérolas incrustadas em mármore, e não era a melhor característica do espaço. Nada na villa em comparação com a vista.

Fiquei parada no quarto que Corrado nos trouxe na noite

anterior, olhando pela janela. O lago se espalhava até onde a vista alcançava. A água era de um azul claro com bolsões verdes que juntos formavam azul-petróleo, e o ouro do sol nascente brilhava ao longo da superfície. Alpes cor de jade erguiam-se à distância sobre as pequenas e pitorescas aldeias aninhadas no sopé. As nuvens pareciam pairar como fumaça entre as montanhas e a água. As vilas foram colocadas ao longo das encostas das montanhas, algumas encaixadas nas fendas, outras de frente para a água. Outras mais perto da costa.

Nossa villa ficava mais perto da água, mas longe o suficiente para ter uma área de jardim no meio. As flores desabrochavam por toda parte. Algumas reconheci - buganvílias brilhantes que se agarravam a cada superfície que tocava, glicínias *bluemoom* e topiarias em formas diferentes - e outras não.

Senti como se tivesse acordado dentro de uma pintura.

Abri as portas, saindo para os raios diretos do sol, sentindo o ar quente e úmido se mover sobre meu corpo. Havia encontrado um robe de seda dourada no banheiro e decidi usá-lo em vez de um dos meus vestidos que trouxera de casa.

Avancei para a varanda, encostando-me nela, olhando para baixo. Sorrio para mim mesma. Corrado nadava nu na piscina que dava para o lago. Os músculos de suas costas trabalhavam conforme seus braços o moviam de um lado da piscina para outro, uma e outra vez.

Deixando as portas abertas, fui em busca de uma maneira de descer. A villa era gigantesca e comecei a me perguntar se ia na direção certa até encontrar homens perambulando pela casa. Não olharam para mim. Não olhei duas vezes para nenhum deles. Até que encontrei Adriano na cozinha.

— Corrado — disse.

— Nadando — disse com a boca cheia de comida. Encolheu os ombros. — Ele nada depois dos treinos. — Engoliu a mordida ou enfiou um pouco nas bochechas para depois e me mostrou como sair.

A grama estava macia sob meus pés descalços e o sol estava quente em meu rosto.

— O que há de errado? — Adriano disse, estreitando os olhos contra o brilho enquanto me encarava. — Por que está se movendo tão devagar? Está com câibra ou algo assim? — Usou a língua para limpar um pedaço de comida do dente da frente.

Tentei não rir, mas tudo que consegui controlar foi um sorriso. Estava me movendo devagar porque a noite passada foi *meu* exercício, e sentia isso em meus ossos. Ele deve ter pensado que eu estava sorrindo para ele e, lentamente, suas bochechas inchadas inflaram ainda mais quando sorriu para mim.

— Vamos. — Acenou com a cabeça em direção ao jardim. — Falo com você por muito tempo e ele pode me jogar no lago e me usar como comida de peixe.

— Por que isto?

Encolheu os ombros. — Ele ou tem um braço em volta de uma mulher para mantê-la perto, ou está em volta da garganta de um homem. É amor ou ódio com ele. Não que tenha se apaixonado antes de você...

Eu o segui, franzindo o nariz quando o vento soprou. Sua colônia era algo que só poderia ser descrito como desagradável e geralmente me fazia espirrar em áreas confinadas. Era como pimenta. Parou a alguns metros da piscina e voltou por onde viemos. Coloquei minha mão sobre meus olhos, observando-o para saber aonde ir.

— Sra. Capitani.

Virei-me e encontrei Corrado pendurado na beira da piscina, a pele brilhando ao sol. Seu cabelo estava penteado para trás, fazendo seus traços esculpidos parecerem ainda mais nítidos. Seus olhos eram um ou dois tons mais claros do que sua pele, o que o fazia parecer quase perverso.

Corrado apontou para os lábios. Aproximei-me dele e me inclinei, prestes a lhe dar um beijo de bom dia. Em vez disso, bati na

água e afundei. Levantei-me balbuciando, limpando o cabelo do meu rosto. Assim que meus olhos focaram, se concentraram nele. Estava sorrindo para mim.

Bastardo! Ele me puxou para dentro.

Eu o acertei no rosto com água. Ele veio atrás de mim e tentei fugir. Seu braço envolveu minha cintura, puxando-me com força contra seu peito. Minhas pernas estavam inúteis; flutuavam.

— *Bruto* — disse, espirrando água no seu rosto novamente.

Ele riu um pouco, beijando-me atrás da orelha. — Gosta quando sou um bruto — disse, chupando minha orelha.

Fechei meus olhos, colocando minhas mãos em seus pulsos, deixando-o flutuar ao redor da piscina. Meus olhos se abriram quando me colocou contra a parede e desfez a amarração do roupão. Flutuou um segundo depois e me trouxe para perto de novo, nada entre nós, exceto a água. Passei meus braços em volta do seu pescoço, minhas pernas ao redor de seus quadris, encostando minha testa na dele.

— E se os homens virem? — Sussurrei.

— Eles sabem melhor — disse. — Duvido que algum deles queira ficar cego. Meus homens vigiam as áreas que recebem ordens, ou vigiam outros homens sob eles. Apenas alguns me olham. Nada passa por mim. — Ergueu meu queixo, examinando meu pescoço. Deu um beijo firme em um local que estava um pouco machucado da noite anterior. — Isso dói?

— Não. — Balancei minha cabeça. — Só um pouco sensível. Meu *culo*... — fiz uma careta. — Esse dói.

Abri meus olhos para julgar sua expressão. Ele não tinha nenhuma, mas havia mais do que isso. Levei um minuto para descobrir, mas depois que me deixou sozinha esta manhã, pensei sobre o que tinha acontecido antes de deixarmos a *casa* dos meus avós. Ele estava me observando conversar com Ezio, que havia voltado da Grécia solteiro. Pude perceber pelo olhar de Corrado que não gostou. A princípio, pensei que seu humor fosse por causa do avô, mas depois

do que disse e do que fez na noite anterior, liguei os pontos. Estava com ciúmes.

— Será um prazer beijar isso também.

Sorriso. — Você beijou. Não ajudou.

— A água vai.

— É bom — suspirei, inclinando minha cabeça para trás, virando meu rosto para o sol, enquanto sua boca trabalhava sobre minha garganta. — Para onde vamos daqui?

— Vou mimá-la, Angel Eyes — disse, pesando meus seios em suas mãos enquanto flutuavam perto da superfície da água. Acariciou meus mamilos com os polegares. — Depois do café da manhã, faremos algumas compras. Já cuidei de tudo. Precisa de roupas e a casa precisa de móveis.

Obriguei-me a focar nele e não no que estava fazendo com meu corpo novamente. — Quero dizer, no futuro. Seu avô. O que ele quis dizer sobre ir para casa e tomar o seu lugar. Quando?

Depois que seu avô disse isso, ouvi Adriano chamar Corrado de futuro Don Capitani. Corrado havia me dito que tinha inimigos em Nova York e que não era boba para seus negócios, mas queria saber o que aconteceria agora que nos casamos. Levaria anos ou meses para que seus problemas na América fossem resolvidos? Ou nosso futuro na Itália era tão incerto quanto qualquer outra coisa?

Suas mãos se moveram para minhas costas e nos nadou por um tempo antes de me responder. — Depende.

Acenei. — Você será Don Capitani depois que chegarmos a Nova York — disse, olhando em seus olhos.

Ele acenou com a cabeça uma vez.

— Você é tão... jovem — disse.

— Idade é apenas um número. — Então disse algo sobre não ser o mais jovem da história.

— E quanto ao Bull - Junior?

Estudou meu rosto por um segundo. — Ele não será um problema.

Sorrio para ele, mas foi fraco. Incomodava-me que não confiasse em mim com essa parte de sua vida. Não totalmente. — Nada é um problema para *Don Capitani* — disse.

— Porra nenhuma — disse, sua resposta rápida e sólida.

Desviei o olhar dele, olhando para as montanhas ao longe, me perguntando como isso funcionaria. Não tinha medo do Bull, mas também não queria vê-lo. O *patri* do Bull parecia ainda mais ansioso para me fazer pagar do que seu filho.

Corrado virou meu rosto em sua direção, seu aperto firme, olhando nos meus olhos por um segundo antes de inclinar a cabeça. — Diga-me que confia em mim, Alcina.

— Eu confio em você. — Eram *neles* que eu não confiava.

Ele balançou sua cabeça. — Confia em mim o *quê?* — Aproximou o ouvido do meu rosto.

— Eu confio em você, *Don Capitani* — sibilei em seu ouvido.

— Essa boca te causará problemas, *mia moglie*. — *Minha esposa*. Depois me mergulhou na água. Podia ouvi-lo rindo quando comecei a ressurgir, o som profundo e rouco.

Alcina

Corrado tinha um carro esperando para nos levar a Milão depois do nosso mergulho matinal. Perguntei a ele que tipo de carro era. Disse que era um Aston Martin Vintage. Não era elegante, mas forte e esportivo.

Parecia um animal caçando enquanto corria pelas estradas sinuosas que nos levavam para mais perto da cidade. Como só tinha dois lugares, Nunzio e Adriano ficaram logo atrás em um carro rápido. Mais homens seguiram atrás deles em uma van.

— Nunca vi você sem eles — disse.

— Meu avô ordenou que ficassem comigo — disse. — Proteção extra.

— Esses homens, esses inimigos, realmente querem você morto.

Ele usava óculos escuros, mas poderia dizer que olhou para mim pelo canto do olho.

— Não sou de vidro, lembra? — Eu o lembrei.

— Não, provou isso na noite passada.

Levantei um dedo. — Esta manhã também.

Um sorriso lento surgiu em seu rosto antes que me respondesse. — Querem. Meu primo Bugsy descobriu que um homem que trabalhava para ele usava seu cassino em Las Vegas para leiloar mulheres. Não aceitamos isso.

— Então o matou.

— Eles — corrigiu. — Mas sim, essa é a versão resumida de como as coisas aconteceram.

— Tenho tempo para a versão longa.

Ele se esticou no assento e segurou meu queixo, acariciando-o. Envolvi minhas mãos em torno de seus dedos, parando-o. — Sou sua esposa — disse em siciliano. — Jurei os mesmos segredos que você. Estou presa a esta vida. Estou aqui para ser o seu mais alto conselho.

Ele apertou meus dedos, levando-os à boca, dando um beijo longo e quente nas minhas alianças. Olhou pela janela por alguns minutos, fazendo as curvas como se fosse um piloto nato. Pigarreou. — Sì. — Assentiu. — É minha esposa. Minha guardiã do segredo — disse, respondendo na mesma língua. — Você é todas as coisas que o homem mais próximo da minha família nunca poderia ser para mim.

Depois mudou para o inglês, talvez não tendo as palavras adequadas. — Tempo e lugar, Alcina. Chegará um momento em que a vida girará em torno de minha família, meus negócios, e então precisarei de seu conselho. Mais do que preciso agora. O que está feito, está feito. — Fez uma pausa. — Agora apreciarei minha esposa, conhecê-la, mimá-la em nossa lua de mel.

— Gosto da parte de me conhecer — disse. Então olhei para mim mesma, para um dos vestidos mais bonitos que tinha, o que significava que não tinha pertencido primeiro à minha *mamma*. — Mas estou bem com o que eu trouxe.

— Não é o ponto — disse. — Precisa de coisas novas. Sou seu marido. É meu trabalho fornecer tudo a você, ou prefere me insultar?

— Quando está sendo tão *romântico*? — Rio. — Eu não me atreveria!

— Se eu estivesse agindo como um bastardo?

— Então reconsideraria.

— Sim — disse, um sorriso surgindo em seu rosto. — Pensei isso.

Conversamos o tempo todo em que dirigiu sobre o que faríamos. Aldeias em Como que valiam a pena visitar. Lugares que valiam a pena comer.

Ele me disse que sabia conduzir um *Vaporina*, o tipo de barco que usavam no lago, e que me ensinaria. Até conversamos sobre cruzar a fronteira com a Suíça, já que nunca tinha feito isso.

Uma música lenta tocava ao fundo, o rádio no mínimo, e lhe perguntei de que tipo de música ele gostava. Mencionou algumas bandas e artistas dos quais nunca tinha ouvido falar. Eu disse a ele que gostava das coisas mais antigas.

— Como aquela música que estava ouvindo à noite...

— Sì — disse, me lembrando da noite que estivemos sob a lua. Quando me encontrou me tocando e saiu da escuridão como uma fantasia ganhando vida. — Para mim, não fazem mais música assim.

— Isso é o que meu avô diz — disse. — Buggy concorda. Ouve Roy Orbison - músicas assim.

Eu o lembrei da música que cantou para mim na noite em que me fez uma serenata sob minha varanda. Isso também era antigo.

— Sim — disse. — É um clássico. Assim como a música que dançamos na noite de nosso casamento.

— É minha música favorita — disse. — Sempre será especial para mim.

Ele beijou minha mão e apertou um botão no painel. Um segundo depois, a música começou. Entendi então por que *mamma* chorava quando tocava uma música que dançou com *papà*. Sempre achei que isso a deixava triste porque sentia falta daquela época, mas a música lhe dava o poder de revivê-la.

— Lembre-me de agradecer a Buggy — disse.

— *Por?*

— Por ensinar os clássicos a Dom. — Aumentou um pouco. — Quando voltarmos para Nova York, vamos ouvi-la no meu antigo Cadillac.

Havia tanta coisa sobre ele que eu não sabia. — Diga-me algo sobre você que me choque — disse.

— Você primeiro.

— Isso não é justo!

— Concorde ou não. — Sorriu. Era malicioso em seu âmagio.

— Deixe-me pensar. — Bati no meu queixo. — Sou tão entediante. Tudo o que fiz antes de você foi me esconder e fazer velas.

— E se tocar.

— Não! — Rio. Parecia selvagem no carro. — Pensei algumas vezes, para achar a liberação, mas não fui em frente. Não até a noite da lua - *ah!* É isso. Fico um pouco... selvagem... quando a lua está cheia. Faz algo comigo.

— Isso não me choca — disse.

— Isso é tudo que eu tenho. Agora me diga o seu.

— Mostre-me o seu e mostrarei o meu. — Ele riu. — Gosto de ópera.

Pensei sobre isso por um momento. — Posso ver isso em você — disse. — A ópera é... como digo isso? — Arrumei as palavras em minha mente por outro momento. — É refinada, romântica, mas há algo na música que é... implacável, às vezes. É uma viagem emocionante. Você não se intimida com nada disso.

— Você já foi?

— Não. Não fiz muita coisa, mas me lembro de assisti-la na televisão com minha *zia* uma vez.

— Minha *mamma*... — era a primeira vez que o ouvi hesitar, mas passou tão suavemente que, se não estivesse prestando atenção, talvez não percebesse. — Emilia, era quem costumava me levar. Dizia que era um encontro, e um dia, levaria as meninas lá para fazê-las se apaixonarem por mim.

— Funcionou?

Ele encolheu os ombros. — Nunca levei uma namorada.

— Ah. — Sorriu. — Não precisava levá-las. Um olhar para você

e... *bang*. Qualquer garota cairia aos seus pés.

— Você não caiu.

— Caí. — Pisquei para ele, me perguntando se estávamos vivendo em tempos diferentes quando coloquei os olhos nele.

— Não caiu aos meus pés, Alcina. — Beijou minha mão novamente. — Você veio para o meu lado.

— Posso desviar de algumas balas. — Sorrio. — Conte-me mais sobre sua *mamma*. — A única coisa que eu sabia era o seu nome e que morrera pouco antes de Corrado vir para a Itália.

— Emilia não era minha mamma — disse. — Era, mas era realmente minha tia. Minha mamma biológica - Luna - morreu quando eu tinha apenas alguns meses de idade. Emilia interveio e se tornou minha mamma. Não soube até recentemente, ou quem era meu pai.

Ele achava que gostar da ópera era mais chocante do que isso?

— Como descobriu? — A pergunta saiu como um sussurro.

Sua mandíbula tensiona. Os músculos de seu pescoço se contraíram. — Emilia foi assassinada pelos Scarpone. Estavam procurando minha irmã mais nova, Marietta. Pensaram que Emilia sabia onde ela estava ou a estava escondendo. Marietta e eu temos o mesmo pai - Corrado - mas *mammas* diferentes.

— A família Scarpone matou nosso pai e sua mamma. Seus corpos foram encontrados, mas nunca mais se ouviu falar de minha irmãzinha. Por alguma razão, os Scarpone ainda pensam que ela está perto e querem que seja encontrada, ou queriam, antes que alguém os matasse.

Scarpone. Scarpone. Scarpone. Por que o nome soou tão familiar?

— Reconhece o nome?

Levei um minuto para olhar para ele. — Não. — Balancei minha cabeça. Ele era tão intuitivo que era quase enervante. — Eu pensei... não. — Mas parecia familiar, mas onde tinha ouvido? — Por que deveria? Sei os nomes aqui. Presumo que seja uma *famiglia* na

América.

Ele assentiu, mas não disse mais nada. Seu humor se desvaneceu no carro. Havia aquele perigo novamente. Estava saindo na velocidade em que viajávamos. Parecia ter um excesso disso. Surgia de maneiras criativas quando queria queimar um pouco.

— A ópera — disse, apertando sua mão. — Diga-me mais sobre isso. Qual era a sua favorita? A mais memorável?

— Não fui a esse ainda.

— Não?

— Não. — Olhou no espelho e mudou de faixa. Estávamos entrando em Milão. — A mais memorável será aquela em que você se sentar ao meu lado. Não como uma garota saindo com um homem, mas como uma mulher saindo com seu marido.

— Estou ansiosa por isso — suspirei, e então beijei sua mão.

* * *

Comparar-me com o resto do mundo me fez sentir o tempo que passei escondida, embora não achasse que havia perdido muita coisa.

Milão estava mais cheia do que estava acostumada. Fiquei parada no meio da galeria lotada, observando centenas de pessoas passarem sem me notar. Estavam muito ocupadas tirando fotos em frente às muitas boutiques com nomes famosos.

— Olha — disse Adriano, assentindo.

O mosaico do piso foi criado para homenagear Roma, Florença, Turin e Milão. Quatro camadas de armadura foram criadas. Adriano acenou com a cabeça em direção ao touro que representava Turin.

— Segundo a lenda, deve manter o calcanhar do pé direito nas bolas do touro enquanto gira no sentido anti-horário. Isso traz boa sorte.

— Acho que tenho muito disso — disse sorrindo para ele.

Ele começou a rir, suas bochechas inchadas. — Cruel — disse, balançando a cabeça.

Virei para ver se Corrado ainda estava ao telefone. Depois que chegamos, disse que precisava fazer uma ligação. Seus olhos estavam em mim enquanto falava com quem quer que fosse. Acenou com a cabeça em direção à boutique em frente a nós.

— Vamos — disse Adriano. — Ele nos encontrará lá dentro. Isso lhe dará a chance de olhar ao redor.

Suspirei, sem saber se estava preparada para isso. Principalmente, eu era uma mulher simples. Gostava de estar ao ar livre ou de fazer minhas velas. Não gostava de roupas extravagantes. Era por isso que meu vestido de noiva parecia tão especial. Era uma ocasião para me vestir bem, para apreciar a sensação da renda fina e da seda contra o meu corpo, para me sentir a mulher mais linda do mundo quando meu marido olhasse para mim. Tudo isso - olhei em volta mais uma vez antes de entrar na loja - parecia um excesso.

Adriano segurou a porta para mim antes que eu pudesse abri-la.

— *Grazie* — disse, entrando antes dele.

A loja estava vazia, exceto por algumas mulheres que vagavam pela butique, endireitando sapatos e reorganizando joias em caixas de vidro. Como se estivesse em um filme de ficção científica, suas cabeças apareceram de uma vez. Não disseram nada para mim. Eu não lhes disse nada. Movi-me entre os expositores e rio nervosamente quando notei uma etiqueta de preço em uma das camisas.

— Não pode ser — disse, estreitando meus olhos. Havia zeros demais para um top tão simples.

— É sim — disse Adriano, colando-se perto de mim. — Acostume-se. Corrado não costuma se gabar, mas tem gostos caros.

— Posso ajudar?

Adriano e eu olhamos para a vendedora que resolveu sair do

posto e oferecer ajuda. Abri a boca para falar, mas depois fechei quando notei as outras mulheres também olhando para mim.

Adriano estava vestido com simplicidade e Corrado também. Tive a sensação de que geralmente usavam ternos, mas talvez para meu benefício - já que minhas roupas eram vintage e simples - decidiram se vestir simples. As mulheres nos olhavam com julgamento.

Uma risada selvagem cresceu na minha garganta quando pensei sobre o filme americano que Anna e eu assistíamos. *Uma linda Mulher*. Era o mesmo cenário. A pobre garota compra roupas bonitas e é julgada por isso. Tive que lutar contra o desejo de levantar bolsas de mentira em seus rostos e dizer — *Grande erro. Enorme*.

Anna provavelmente teria feito isso, mas como meu temperamento começava a esquentar, mantive minha boca fechada. Às vezes era mais fácil ficar quieta do que começar. Era difícil me acalmar quando estava pronta para lutar.

A porta se abriu novamente, e mais uma vez, todas as vendedoras se viraram ao som disso. Desta vez, exceto pela mulher que me encarou, talvez pensando que eu roubaria a camisa cara, todos correram para ajudá-lo. Estava vestido com uma camiseta e jeans, e elas podiam sentir algo sobre ele.

Poder. Ele comandava cada lugar em que entrava.

— *Signor* — uma delas quase ronronou. — Como podemos ajudá-lo?

Ele a ignorou e procurou por mim. Acenei para ele.

— Meu pessoal ligou antes — disse. Deu um sobrenome que não reconheci. — A loja é nossa por uma hora.

Fiquei boquiaberta. Então a fechei. Ele tinha reservado a loja inteira?

Corrado colocou a mão na parte inferior das minhas costas quando chegou perto o suficiente.

A mulher que me julgava endireitou-se, suas bochechas ficando vermelhas. — Claro — disse ela. — Permita-me...

— Não. — Balancei minha cabeça. — Eu não quero comprar aqui.

Eu olhei para ela quando disse isso. Seus lábios se apertaram ainda mais. Corrado olhou entre nós duas e acenou com a cabeça. — Então, tenho outro lugar em mente. — Aplicou pressão na parte inferior das minhas costas, conduzindo-me em direção à porta. Quando cheguei, decidi fazer.

Levantei as sacolas de mentira e disse — *Grande erro. Enorme.* — Sorrio com a expressão em seus rostos quando a porta se fechou. No caminho de volta para o carro, disse a ele para me levar a uma loja que não fosse tão chique.

— Bobagem — disse. — Só o melhor para minha esposa. Foda-se elas e a comissão que perderam.

O melhor, em sua opinião, era a mesma grife que fez o vestido que me deu de presente. Mesmo que a atmosfera fosse completamente diferente, ainda era exuberante.

Vendo que eu estava tendo dificuldade para decidir, Corrado ordenou que as mulheres comesçassem a me trazer roupas no trocador, que parecia mais um hotel cinco estrelas, ou melhor. Experimentei roupas de todos os estilos diferentes, em todos os tecidos e cores diferentes, mas ele pareceu gostar mais de mim em dourado e preto.

— Aquele — disse para um vestido todo de renda que erguia meus seios perto do queixo. Normalmente tudo o que ele fazia era acenar com a cabeça, e sabia que ele queria que eu o tivesse. Um aceno dele dizia mais que mil palavras.

— Eu também gosto deste. — Sorrio para ele.

Ele sorriu para mim e então seu telefone tocou. Não o ouvi falar com Adriano ao sair da sala, mas, novamente, o silêncio para ele não era incomum quando dava ordens aos homens.

— *Mi scusi.* — Parei uma das meninas que ajudava a empilhar as

roupas. Corrado havia lhes dito que eu precisaria de um vestido especial. — O vestido... gostaria de experimentar algo dourado.

— Sì. — Assentiu, me olhando mais uma vez. — Eu tenho o perfeito.

Apressei-me e experimentei antes que voltasse. Era impressionante e ficaria perfeito ao lado dele. Disse à menina para adicionar à conta, mas não deixá-lo ver. Ele voltou para o provador logo depois que ela o levou para ser embrulhado. Através dos muitos espelhos na sala, me olhou com um olhar faminto. Eu tinha me enfiado em um corpete de renda preta e estava ocupada prendendo as meias pretas com pequenos laços nas ligas.

— Esses saltos. — Acenou com a cabeça em direção a um par alto preto no canto. — Coloque-os.

Coloquei, me movendo lentamente de propósito. Minhas mãos pareciam ultrassensíveis, como se estivesse olhando para baixo de uma altura absurda, meu estômago embrulhando com o pensamento da queda, quando ele se aproximou um pouco mais.

— Vire-se — disse em siciliano, e quando virei, murmurou — Feche os olhos.

Um segundo depois, o metal frio tocou meu pescoço. Ergui minha mão, sentindo texturas suaves e desiguais sob meus dedos. Três colares pareciam estar empilhados um em cima do outro.

Sua respiração soprou contra a pele atrás da minha orelha quando disse — Abra os olhos, Alcina.

O espelho refletiu nós dois enquanto seu dedo traçava os colares contra minha garganta e meu peito. Tinham três comprimentos diferentes. O que estava em volta da minha garganta tinha um padrão de filigrana. Era intrincado, quase como renda. O outro era um pouco mais longo com o mesmo padrão. O terceiro vinha entre meus seios e no final estava um diamante que me lembrava uma lua dourada. Minha pequena cruz de ouro estava escondida atrás dele.

Meus olhos se ergueram para encontrar os dele enquanto minha

mão tocava os fios de ouro frios. Seus olhos perfuraram os meus, mas suas mãos vagaram. Cada golpe de sua pele contra a minha me deixou cada vez mais quente. Quando seu dedo começou a acariciar meu *culo*, ao longo do tecido fino, um gemido baixo e oscilante deixou meus lábios.

Ele puxou o colar mais apertado, e cravou um pouco na minha garganta. — Ninguém te ouve além de mim — disse. Depois enfiou um dedo dentro da minha *patatina* e mordeu meu lábio, mantendo meus gemidos *baixos* e profundos. Coloquei minhas palmas das mãos contra o espelho, precisando me firmar.

Podia ver o que ele estava fazendo comigo de todos os ângulos. Isso me excitou além de qualquer coisa que tínhamos feito antes. Estendeu a mão e puxou o corpete até a metade, expondo apenas metade dos meus seios. Meus mamilos estavam tensos contra o tecido, e quanto mais forte bombeava em mim, mais o cetim e a renda esfregavam.

— O que quer Alcina?

Minha cabeça rolou antes de cair contra o vidro. — Você.

— Como?

— Enterrado. — Suspirei quando olhei no espelho e vi o jeito que olhava para mim. — Bem dentro de mim.

— O que quer enterrado bem dentro de você?

Abrindo meus olhos e focando nele, disse — Seu pau. *Lo Scorpione*.

Ele sorriu para mim, puxando meu cabelo para trás, meu pescoço torcendo em direção ao dele em um ângulo que lhe deu acesso à minha boca. Beijou-me profundamente, com força e por tanto tempo que comecei a ficar tonta. Quando o beijo terminou, ofegava para respirar. Minha pele estava escorregadia de suor.

— No momento em que te vi — disse, desfazendo as calças e se puxando para fora. Estava duro como uma rocha, e acariciou antes de se esfregar contra mim. — Sabia que você era a feiticeira. Esses olhos

me deixam obcecado. — Depois entrou em mim com tanta força que tive que morder o lábio para não gritar.

O colar mordeu minha garganta, mas não conseguia tirar os olhos dele, do que estava fazendo comigo. Estava me fodendo como se precisasse que eu respirasse, seus grunhidos profundos e baixos, e era lindo, mas cruel de assistir. Minha *patatina* estava levando uma surra, cada golpe à mostra conforme se enterrava bem fundo e então puxava para fora. Segurava meus quadris com firmeza, quase dolorosamente, mas seus olhos... roubaram minha respiração.

— Você é tão gostosa — disse, com a voz rouca. Começou a se mover mais rápido, ainda mais forte, e me perguntei se minhas mãos estilhaçariam o vidro com a intensidade. — Seu corpo é meu para o prazer — disse em siciliano, seus dedos mordendo ainda mais forte em meus quadris. — Mas outras vezes, farei você implorar por misericórdia.

O som de nossos corpos batendo ecoou pela sala. Queria gritar com a dor enlouquecedora, com o prazer insano, mas o mantive trancado por dentro, esperando o momento certo para liberar cada grama de desejo que ele libertou dentro de mim.

* * *

Depois da viagem, passamos nossos dias entre Milão e Como.

Corrado queria que a casa fosse mobiliada, por isso passamos muito tempo escolhendo peças que pareciam se encaixar como um par na cidade.

Em Menaggio, passamos um tempo na Vaporina, explorando o lago de barco. Visitamos todas as aldeias pitorescas ao redor da água. Passamos horas subindo as montanhas, encontrando igrejas antigas e obscuras e outros lugares que nos custaram muito fôlego e músculos para encontrar. Nesses momentos, nos familiarizamos com os restaurantes e com o pessoal, descobrindo que tínhamos “nossos”

lugares enquanto estivéssemos lá.

O Corrado até me ensinou a conduzir o Vaporina e, embora tivesse entendido logo, às vezes fingia não saber do que estava falando. Ele colocava seus braços ao meu redor e me ajudava a conduzir sempre que eu o pedia. Amava mais vê-lo dirigir. Especialmente à noite, quando o sol começava a desaparecer na água e o mundo ao nosso redor adquiria sombras que eram difíceis de descrever em palavras. Envolvia-o com meus braços, colocando minha cabeça em seu ombro, e assistíamos juntos enquanto as estrelas apareciam. Ele beijava minha cabeça, deixando seus lábios demorarem, e era uma das coisas mais íntimas que já senti. Descobri que meu marido podia ser tão romântico quanto implacável.

— *Seu corpo é meu para o prazer* — disse na loja. — *Mas outras vezes, farei você implorar por misericórdia.*

Nenhuma palavra mais verdadeira jamais foi dita de sua boca, e me virei para o lado, olhando para meu reflexo no espelho, imaginando qual versão de mim ele pegaria esta noite. A mulher que inspirava seu lado romântico ou aquela que provocava seu lado selvagem?

Os colares que me comprou em Milão complementam o vestido com que esperava surpreendê-lo. Deslizei meus dedos contra o que estava ao redor da minha garganta, lembrando como tinha mordido minha pele conforme me fodia contra o espelho.

Suspirei, me endireitando, admirando o quão lindo o tecido dourado era contra a minha pele. O vestido exibia meus ombros e as lantejoulas dançavam sob as luzes suaves em nosso banheiro. Tinha prendido o cabelo porque ele gostava de soltar.

Um movimento com o canto do olho me fez pular um pouco. Depois coloquei minha mão sobre minha garganta, sorrindo, mas meu coração disparou. Não do susto, mas dele. Seu smoking era preto e sua gravata dourada - realçava a cor de seus olhos. Brilhavam âmbar escuro contra seu cabelo preto e pele bronzeada.

Ele teve o cuidado de não pisar na barra do vestido ao se

aproximar de mim, deslizando as mãos sobre meus quadris. — Finalmente comprou algo por conta própria — disse ele.

Sorrio. — O dia em que fomos a Milão. Queria fazer uma surpresa para você. — Arrumei a sua gravata, embora estivesse certa. — *Grazie, mio marito.*

— Por que está me agradecendo?

— Por tudo isso... — Fiz um gesto com a mão ao redor do banheiro, mesmo que quisesse dizer a casa inteira. — Pelas roupas. Por você. Por tudo.

— Na verdade, sou um bastardo egoísta — disse. — Não comprei as roupas para você. Comprei para mim.

Olhei para ele, confusa.

Ele sorriu. — Para que eu possa vê-la nelas.

— E tirá-las?

— Com certeza — disse.

Bati em sua gravata. — Você me dirá para onde vamos agora?

— Verá em breve. — Ele me ofereceu o braço e o peguei.

Um carro que nunca tinha visto antes estava à nossa espera. Era todo preto, até as janelas, e tinha o nome Bugatti na parte de trás. Adriano estava por perto, de guarda.

Corrado abriu minha porta e me ajudou a entrar.

Um segundo depois, arrancou e olhei para trás. — Os outros homens não virão? — Normalmente era uma escolta.

— Não. Só Adriano e Nunzio esta noite. O lugar para onde vamos tem segurança suficiente. Os Fausti estarão lá.

— Ah — suspirei, e depois olhei pela janela. Estava familiarizada com a *famiglia* Fausti.

Amadeo era próximo deles e, normalmente, sempre que ele estava por perto, eles também estavam. Após o funeral do avô de

Amadeo, Rocco Fausti foi um dos motivos pelos quais decidi partir. Ele era casado com a famosa cantora de ópera Rosaria Caffi, mas tinham um acordo. Brincavam com outras pessoas. Rocco me fez uma oferta e recusei. Não era algo com que me sentisse confortável. Poderia ter contado a Rocco sobre Junior, mas não queria envolvê-los. Não queria dever a eles. Nada.

Não parecia que estávamos no carro muito antes de pararmos no La Scala.

Eu me virei em meu assento. — A ópera? — Deveria saber. Estávamos ouvindo ópera durante o trajeto.

Corrado assentiu. — É uma noite especial. Há um certo código de vestimenta - mulheres em vestidos e homens em smokings. A receita da venda de ingressos vai para uma instituição de caridade.

Isso fazia sentido. A *famiglia* Fausti era grande em eventos de caridade. Quanto mais sofisticado, melhor.

Ao descer, Corrado deixou o carro ligado e Adriano saiu de trás e se sentou no banco do motorista. Corrado confiava apenas em Adriano e Nunzio para vigiar ou estacionar seus carros.

— Isso é algo saído de um sonho — disse enquanto caminhávamos de mãos dadas para o teatro. O ar estava fresco e podia sentir o cheiro da história flutuando nele. Era como abrir um livro muito antigo em uma sala fria. Eu me perguntei que história estaria contando esta noite.

— *L'Europa Riconosciuta* — respondeu Corrado depois que perguntei. — Foi a primeira apresentação quando a casa foi inaugurada em 1778.

Estávamos atrasados, então nos sentamos imediatamente. Nunzio sentou-se ao lado de Corrado; Adriano se sentou ao meu. Ninguém conseguiria chegar perto de nós.

Meus olhos observaram os camarotes ao longo das paredes. Eram forrados de veludo vermelho e os detalhes do lado de fora em ouro. Estreitei meus olhos um pouco. No camarote bem em frente ao

palco, pensei ter reconhecido Rocco e Rosaria, junto com tio Tito e sua esposa, Lola.

Olhei para o meu programa. A irmã mais nova de Rosaria, que também era soprano, estrelava o show. Eram uma das melhores famílias de ópera da Itália. Achei que talvez o casal ao seu lado fosse Brando, o irmão mais velho de Rocco, e sua esposa, Scarlett. Ela era uma bailarina famosa. Tinham uma foto dela no corredor a caminho do teatro.

Olhei em volta antes de as luzes se apagarem e o show começar. Eu me perguntei quantos desses homens eram como meu marido. Não pensei muito nisso, não quando a música pareceu roubar minha atenção. Ao som de sua voz, fiquei com frio, mas por dentro, me senti aquecida. A produção inteira não era nada como já tinha experimentado antes.

Meus olhos estavam grudados no palco. Os olhos do meu marido estavam em mim.

De vez em quando, pegava minha mão e dava um beijo caloroso em meus anéis de casamento. Especialmente quando uma cena comovente me fazia chorar.

Em pouco tempo, chegou a hora do intervalo. Os corredores estavam lotados de gente, mas pelo menos não havia uma espera no banheiro. Rosaria ficou ao lado de Scarlett, ajustando a maquiagem, mas não parei para puxar conversa. Gostei de conversar com Scarlett uma ou duas vezes, mas Rosaria nunca me cativou.

Eu fiquei fora do banheiro por um segundo, procurando Adriano. Ele geralmente ficava perto de mim quando Corrado não estava. Tentei ficar na ponta dos pés, mesmo de salto, procurando por ele, mas não o vi no meio da multidão. Eu também não vi Corrado.

Enquanto procurava os muitos rostos diferentes, meus olhos se cruzaram com o de um homem que estava parado à minha frente. Estava vestido com um terno. Parecia que esperar por alguém, mas nunca se moveu de seu lugar. Ele continuou olhando para mim.

Meu coração começou a disparar e agarrei o vestido em minhas mãos, meus dedos esticando-se. Onde estava Corrado? Adriano? Nunzio?

Um grupo de mulheres saindo do banheiro juntas caminhava perto, mas não o suficiente para que me notassem se me aproximasse delas. Olhei por cima do ombro enquanto caminhávamos, contornando mais tráfego de pedestres, e o homem me seguiu.

Eu acelerei o ritmo; ele também. Estava andando tão rápido que poderia ser considerado uma corrida lenta. Não estava muito atrás. Ele tecia por entre as pessoas.

— Ah! — Bati contra um peito. Duas mãos fortes agarraram meus braços e quase os lancei para longe, até perceber quem era. — Rocco.

— Alcina — disse. — O que está fazendo aqui? — Perguntou em siciliano. Não perdi como seus olhos observaram meu rosto e meu vestido. Seus olhos eram de um verde feito do mar e sua pele bronzeada como a areia. Seu cabelo era tão preto quanto o do meu marido e, assim como meu marido, o contraste era quase chocante.

Meu peito arfava para cima e para baixo, e seus olhos se moveram para a pulsação no meu pescoço, onde provavelmente podia ver batendo como um tambor de pânico. Não tinha nada com que me defender.

— Estou esperando meu marido — eu disse.

Ele estreitou os olhos para mim. — Ouvi a notícia. Parabéns.

Concordei. — *Grazie*.

— Onde ele está?

Eu olhei em volta. O alívio que senti ao vê-lo me fez desabar nas mãos de Rocco. Rocco percebeu e também acenou com a cabeça ao vê-lo.

Os olhos de Corrado estavam frenéticos, embora seu rosto estivesse impassível. Estava procurando por mim. Quando me tirou

das mãos de Rocco, puxando-me para perto, olhei em volta em busca do homem que estava me seguindo. Ele havia desaparecido na multidão, mas ainda podia sentir seus olhos em mim.

Rocco e Corrado conversaram um pouco antes de tio Tito e sua esposa entrarem na conversa.

Mesmo que Corrado agisse como se nada tivesse acontecido, seu corpo ficou mais rígido depois que nos afastamos, voltando para nossos lugares. — Por que se afastou de Adriano? — Perguntou, seu tom afiado.

— Não consegui encontrá-lo — disse.

— Ele estava parado ao lado do banheiro. Disse que um minuto você estava lá e no próximo tinha ido.

— Onde você estava? — Perguntei.

— Não muito longe dele. Estava conversando com Nicodemo.

— Por que ele está aqui?

— Ele tinha notícias do meu avô.

— Boas notícias, espero?

— O Bull está morto — disse.

Parei de andar e Corrado também.

— O que... — engoli em seco. — Quando?

— Noite passada.

Olhei em volta e vi apenas algumas pessoas correndo em direção a seus assentos. Adriano e Nunzio apareceram entre eles. Adriano olhou para mim e seus olhos não mostraram nada além de remorso. Notei um pacote de nozes saindo de seu bolso.

— Sim, o filho da puta estava comendo — disse Corrado. — Deixou cair o pacote e se abaixou para pegá-lo, e foi aí que ele perdeu você. — Ele me pegou pelo braço e começou a me conduzir de volta para nossos assentos. — Diga-me o que aconteceu, Alcina.

— Nada — disse, tentando recuperar o fôlego. Ele deu a notícia de forma tão tranquila, como se estivesse me dizendo que o problema com roedores que tínhamos em casa havia sido resolvido. Como se a única razão pela qual importasse fosse porque importava para mim.

— Não minta para mim, porra.

— Um homem — disse. — Pensei... estava me seguindo, mas se o Bull estiver morto... — respirei fundo. — Talvez eu estivesse imaginando.

— Não — disse. — Silvio ainda pode ter pessoas procurando por você, o que significa que também estão procurando por mim.

— O que isso significa? — Olhei para ele, para a configuração de seu rosto, e não havia nada aparecendo ali, exceto um homem determinado a voltar ao seu lugar antes que o show começasse novamente.

— Significa que se Silvio decidir que me quer morto porque ordenei que seu filho morresse, não concordaremos em discordar.

— Devemos sair?

Sentamo-nos em nossos lugares novamente. Desta vez parecia que Adriano e Nunzio estavam em alerta máximo. Nicodemo se sentou bem atrás de mim.

— Não. — Corrado ajeitou o terno depois de se sentar, pegando minha mão novamente. — Minha esposa aproveitará o resto do show. Meu avô me exilou para a Itália por seus próprios motivos, mas quando se trata de *il mio cuore*, morrerei antes que outro homem coloque as mãos em você.

Olhou para meus braços, onde Rocco me tocou, seus olhos duros. Depois de um minuto, se virou em seu assento, seu rosto tão sólido quanto o âmbar em seus olhos.

As luzes diminuíram, a música começou e a cortina se levantou. A conversa terminou.

Corrado

Observei minha esposa pegar a sua bolsa e seguir a terra em direção ao barco. Eu lhe disse para ficar por perto. Ela se sentou em uma área gramada não muito longe.

Ela estava de costas para mim, o cabelo puxado para cima e um lenço ao redor, seus óculos de sol, mas seu rosto estava voltado para o sol poente. Ele beijaria a água em breve - era algo que ela disse - e queria sempre estar lá para isso.

Adriano ficou perto dela, mais ansioso do que de costume depois da merda da noite anterior. Foi a primeira vez que tive problemas com sua alimentação. Normalmente não o impedia de fazer seu trabalho. Ele afirmou não ter comido muito durante todo o dia. Seu açúcar no sangue estava baixo, por isso precisava de proteína para não desmaiar.

— *Cugino* — disse Nicodemo.

Ele se sentou à minha frente sob a pérgula.

— Você ainda está aqui — disse. — Diga-me o que se passa.

Nicodemo era como fumaça. A única vez que realmente o via era quando havia um incêndio. Ele não era um filho da puta que você queria próximo, porque ao contrário dos animais que rondavam durante a noite e tinham medo das chamas, ele não tinha.

— Encontrei o homem. Estava esperando do lado de fora do teatro - como eu teria estado. Foi enviado por Silvio. Para matar vocês dois.

Esfreguei meu queixo. — Silvio sabia onde nos encontrar.

— Para sermos os homens que somos, devemos pensar como os homens que somos. — Bateu em sua têmpora uma vez. — Ele conhece

a maioria dos lugares aos quais Don Capitani está conectado. Um homem paciente e sábio repassa a lista mais de uma vez. As pessoas são atraídas para o que é familiar. Silvio sabe disso.

Sorrio para ele, mas não foi amigável. Sabia disso – foi assim que eu soube que mais cedo ou mais tarde Alcina voltaria para a *casa* de seus pais, mas depois que encontrei a foto dela, fiquei curioso, o que mudou todo o jogo.

Queria conhecer sua aldeia, seu povo, seus pais e, no final, ela. Queria saber sua história. Meu mundo era geralmente preto, branco e vermelho - o dela era uma estampa siciliana colorida. Então olhei em seus olhos, e aquela porra de loucura estranha que entrou no meu sangue quando a lua estava cheia assumiu todo o pensamento lógico. Ela era minha loucura e minha sanidade.

Onde estava meu foco? Olhei para Nicodemo novamente. Verdadeiramente olhei para ele.

— Ele também sabe sobre o seu casamento com a mulher que castrou o seu filho. Dormirá todas as noites sonhando com a cabeça dela em uma bandeja. Agora que se casou com ela, jurou protegê-la e ordenou o assassinato de seu filho, são vocês dois em um prédio em chamas com que ele sonha.

Concordei. — Voltaremos para a Sicília então. Há mais lugares lá que podemos ir que ele não conhece.

— Há mais pessoas dispostas a protegê-lo lá.

— Sim — disse. — Concordo.

Nicodemo olhou por cima do ombro para Alcina, que acabava de se levantar e tirar o pó da saia. Descia até seus pés e envolvia seu maiô. Ela se encaminhou para a Vaporina, jogando a bolsa no ombro. Adriano recuou, observando-a.

Nicodemo sorriu. — Não teve chance — disse em siciliano. — O bode velho sabia disso.

Eu me levantei e ele se levantou, e apertei seu ombro. — O destino não tem propósito no que diz respeito a Tito Sala. — Rio. —

Estava me levando até ela o tempo todo.

— Sem a porra da dúvida — disse Nicodemo.

Encontramos Adriano quando Alcina pisou no cais que levava ao embarcadouro. Ela parou por um minuto, virando-se e acenando para nós.

Outro barco fez uma curva, indo devagar, e dois homens olharam para nós enquanto passavam. Nicodemo demorou apenas um segundo para me derrubar, Adriano gritou o nome dela e comecei a correr. Um *clique, clique, clique*, como o som dos ponteiros irreversíveis do tempo, ecoou ao nosso redor.

No segundo em que meu corpo colidiu com o dela, a força da explosão nos balançou em um ângulo lateral enquanto estávamos no ar, e um segundo depois, batemos na água e nos afundou.

Detritos espirraram contra a superfície quando as brasas caíram em movimentos lentos, e a fumaça escura flutuou sobre a água como nuvens de chuva.

Alcina estava pressionada contra mim, mas sua boca estava aberta, seus braços flutuando. Estava inconsciente e bebendo muita água. Subi à superfície, trazendo-a primeiro. Nicodemo esperava na costa - o cais completamente destruído pela explosão - com a mão pronta. Sua camisa tinha buracos onde o calor da explosão havia queimado, e sua pele estava empolando, junto com seu rosto.

Segurei sua mão com força e ele nos tirou da água. Virei Alcina de costas e comecei a fazer RCP²⁷. Não demoramos muito, mas não tinha ideia se a explosão lhe fez algo mais. Seu maiô tinha buracos, assim como a saia, mas minha principal prioridade era tirar a água de seus pulmões.

— Vamos, Alcina — disse, enquanto ouvia sua respiração. — Vamos, Angel Eyes, olhe para mim.

Fiz outra rodada de compressões torácicas, mais duas respirações e ela começou a tossir, com água saindo pela boca. O som de sua respiração enviou ar aos meus pulmões. Eu a puxei com força

em meu peito, caindo de bunda na grama com ela entre minhas pernas.

Os homens estavam em um frenesi ao redor da villa, todos fazendo o que podiam para garantir que o resto do lugar não explodisse, ou que não fossemos atacados enquanto estivéssemos vulneráveis. Nunzio se ajoelhou no chão ao lado de Adriano. Estava esparramado no gramado, inconsciente ou morto.

Nicodemo me cutucou, querendo que eu olhasse na direção da escada que descia para o quintal. Tito Sala e algumas outras pessoas correram em nossa direção. Estava com sua maleta de médico. Sempre a mantinha por perto.

O telefone de Nicodemo tocou. Um segundo depois de pegá-lo, o entregou para mim.

— Corrado — disse tio Carmine, ouvindo minha respiração. — Deve voltar para casa. Seu avô está morto.

Meus olhos focaram em um ponto na água, onde uma prancha flutuava, a bolsa de Alcina ao seu lado. Não tinha certeza de quando Nicodemo pegou o telefone de volta, ou o que alguém disse depois disso.

Tudo o que pude ouvir foram as palavras, *seu avô está morto*. Observei quando algo prateado se aproximou da costa, longe da bolsa que se agarrou à madeira como um colete salva-vidas.

* * *

Mesmo que minha esposa fosse inflexível de que estava bem, exigi que fosse levada ao hospital para fazer o *check-up*. Ela tinha feridas na carne, como Nicodemo e eu, mas queria ter certeza de que, quando a bati, não a tivesse quebrado em um lugar que não podia ver.

Já haviam corrido com Adriano para buscar ajuda, pois seus ferimentos pareciam mais graves, embora Tito achasse que ele ficaria bem. Não nos levou a um hospital normal. Ele nos levou a um *ospedale*

improvisado perto de Milão. A *famiglia* Fausti usava-o sempre que um deles, ou um grupo deles, era ferido nas guerras subterrâneas que travaram. Sabia que havia em toda Nova York - tínhamos acesso a eles - mas não tinha ideia sobre a Itália.

Os lugares que usamos em Nova York eram atribuídos por nossos territórios e tínhamos que pagar uma taxa para acessá-los. Tito tinha uma equipe de plantão que jurou segredo - ninguém falava. Era do interesse deles não fazer isso. Uma médica em quem Tito disse confiar, a Dra. Abbruzzese, estava lá com minha esposa. Tito queria falar comigo sozinho.

— Não sabia que havia esses lugares na Itália — disse.

Ele se sentou em uma cadeira com rodinhas em seu escritório, uma pasta na mão. Queria saber se o nome da minha esposa estava nele, mas, novamente, não queria. Se isso tivesse a ver com ela...

— Tradicionalmente, não. Poderia ir a qualquer hospital, em qualquer área, quando quisesse. As coisas estão um pouco arriscadas agora. Você conheceu Brando Fausti e sua esposa, Scarlett?

Concordei. — Conheci Brando. Resumidamente. Ouvi coisas sobre a sua esposa.

Na verdade, ouvi coisas sobre os dois, mas não queria entrar em uma longa conversa sobre isso. Brando Fausti era o irmão mais velho de Rocco. Não reivindicou a família como sua até que os conheceu na Itália.

A ideia geral era que Brando Fausti era tão cruel quanto seu pai, Luca, mas havia alguns problemas com sua esposa. Alguns grandes nomes do futebol internacional a queriam por seus próprios motivos, e era uma batalha constante para mantê-la.

Tito ajustou os óculos e inclinou a cabeça, como se quisesse que eu continuasse, mas não tinha tempo nem energia para lidar com os Fausti.

— Ouvi dizer que ela é uma bailarina famosa - e que causou alguns problemas. — Deixei por isso mesmo.

— Problemas. — Ele sorriu. — Foi por isso que decidi trazer a ideia de ter esses lugares de Nova York. — Ergueu a pasta. — Não se trata de sua esposa, mas de seu avô.

Pela segunda vez naquele dia, sabia o que era ter meu hálito roubado e, em seguida, milagrosamente devolvido.

Ele me entregou o arquivo e disse uma palavra — *Prova*.

Prova.

Tio Carmine poderia estar apenas me dizendo que meu avô tinha sido morto para me levar para casa e depois me emboscar quando chegasse lá.

Abri a pasta. As fotos foram empilhadas uma atrás da outra. A primeira deu o tom para o resto. Meu avô esparramado no cimento em Nova York, sua boca aberta, uma salva de ferimentos de bala em seu peito em muitos lugares diferentes. As fotos foram tiradas de muitos ângulos diferentes. Alguns de seus homens estavam ao seu lado na morte. Um caído sobre o carro. Outro no cimento, a cabeça separada em duas partes.

Um de seus *subchefes*, que também atuava como guarda-costas, deveria estar com ele - e não era eu.

Levantei a pasta e só então percebi que Tito estava com a mão no meu ombro, apertando. — A vida dele não deveria terminar assim — disse. — Sempre achei que seria na penitenciária, se alguma coisa, mas não assim.

Balancei a cabeça, baixando a pasta. Abri novamente, removendo uma fotografia. Não reconheci o lugar. — Onde?

Tito pigarreou. — *Macchiavello's*.

Procurei na memória todos os lugares que conhecia na cidade e me lembrei. Era um refúgio para alguns funcionários poderosos, donas de casa ricas e *made men*. Entre eles, pessoas comuns que queriam experimentar o que parecia que toda a cidade delirava. O bife e a bebida chique. Não era um homem que comia fora com frequência. Ninguém cozinhava como minha *nonna* e agora minha esposa.

Limpei minha garganta. — Foi uma armadilha.

Tito balançou a cabeça. — Para mim, foi um encontro legítimo. Eu mesmo organizei. Ele foi emboscado na saída. Não fazia ideia.

— A comissão — disse.

A comissão era o órgão dirigente da organização, por assim dizer. Foi montado de forma que a organização tivesse regras a seguir. Algumas regras tinham punições mais severas do que outras se infringidas. Se quatro dos cinco chefes não concordassem em matar um chefe, a ideia era vetada. Se alguém não ouvisse e ainda mandasse matar aquele chefe, era punido com a morte.

Tive dificuldade em acreditar que os outros quatro chefes votaram pela morte de meu avô. Esta não era uma vida onde os amigos eram valorizados - um amigo hoje, um homem que se transformaria em um cadáver amanhã - mas dois dos outros chefes consideravam meu avô um homem que valia a pena admirar.

Tito balançou a cabeça. — Não concordaram com isso. A comissão está discutindo como lidar com o que aconteceu. Não foi sancionado.

— Silvio vai mentir — falei. — Ele fez isso, e não teria feito um movimento a menos que sentisse algumas pessoas antes dele. Certificou-se de que tinha algum apoio.

Tito arrumou os óculos e cruzou as pernas. Poderia dizer que ele estava pensando. — Os rumores se espalharam rapidamente depois que algo assim aconteceu. Cochichou-se que Silvio ordenou, mas não admite. Não, a menos que tenha um desejo de morte. — Ele me estudou por um momento.

— A *famiglia* votou na sua ausência. É consenso entre seus homens que não conquistou esta posição. Que seu avô deu a você, mas não é o suficiente. A maioria dos homens votou em você. O que significa que, se o voto não o prejudicar, o ciúme irá.

Ambas as facções eram de Silvio agora, mas a família me pertencia.

— Carmine está falando com cada chefe — disse Tito. — Está informando sobre a conversa que nós quatro tivemos no escritório do seu avô no dia do casamento do seu primo. Só para deixar a situação clara. Embora isso realmente não importe. Você ganhou o voto.

Concordei. Meu avô queria deixar seus desejos claros. Não apenas convidou seu próprio *consigliere* para a reunião naquele dia, mas um dos conselheiros mais conhecidos da história.

Tito Sala. Era o *consigliere* de um dos mais infames chefes de chefes que a Itália já tinha visto. Marzio Fausti.

Tito era casado com a irmã de Marzio, Lola, e, como tal, era o conselheiro mais próximo de Marzio. Geralmente era alguém da família, ou um amigo próximo, que era escolhido para esses papéis. Era quase uma regra tácita que um *consigliere* fosse siciliano, ou pelo menos italiano. Era importante escolher alguém de confiança.

Não havia ninguém tão confiável quanto Tito Sala. Dava sua opinião honesta e imparcial, aceite ou não.

— Terá que voltar para Nova York — continuou Tito. — Para reivindicar o que é seu por direito; também acho sensato conversar com Silvio. Há homens que votaram nele para chefiar na sua ausência. Se a comissão decidir não agir, já que ele está negando o ataque, então pode se tornar uma guerra entre você e alguns de seus homens, Don Corrado.

— Será — falei, percebendo como ele usou um título formal para se dirigir a mim. — Isso é imperdoável.

Ele me encarou por um longo minuto. — Conhecia seu avô há muito tempo — disse. — Era meu amigo. Pessoalmente, levo isso a sério, mas, deve pesar o resultado com o preço da guerra. Você ganhará, mas a que custo?

— Vou considerar isso. — Levantei a pasta. — Conte-me mais sobre o Macchiavello. Quem meu avô veria.

— A história é muito mais complexa, mas tudo o que posso dizer é o seguinte: o nome do homem é Mac Macchiavello. É o dono do

restaurante.

Eu o observei por um minuto. Era despretensioso apenas na aparência, mas quando pressionado, seus olhos ficavam duros e não havia como se mexer. Mesmo que não se esquivasse de recomendar a guerra, também era um pacificador. Ele tinha limites. Todos nós os respeitávamos.

— Ele falou com meu avô?

— Sì — disse, e estava claro que não diria mais nada.

— Diga-me uma coisa, meu velho — disse em siciliano. — A reunião tem a ver com os Scarpones?

— Sì — disse, e então fez um movimento com a mão, como se dissesse, *sem mais perguntas*. Seu silêncio sobre o assunto falou muito. Por que não querem que eu saiba mais?

Ele mudou de assunto. — Acredito que esse seja o motivo pelo qual a comissão não está agindo como normalmente faria. Após a morte de Arturo Scarpone, seu filho e seus filhos, estão sentindo falta de um chefe agora.

Alguém bateu à porta e a Dra. Valentina Abbruzzese enfiou a cabeça para dentro. — *Signor Capitani* — disse. — Sua esposa gostaria de vê-lo.

Acenei com cabeça, devolvendo a pasta a Tito para que minha esposa não pudesse ver. Embora tivesse uma fachada forte, ela não pertencia a esta vida. Não era dispensável, porra, não como a maioria dos homens considerava os *goomahs*.

Ela era por quem eu sacrificaria tudo. Era por quem eu morreria.

* * *

O quarto estava escuro, as luzes apagadas. Não havia janelas, e por um bom motivo: o inimigo não poderia explodir através do vidro se estivesse em busca de retaliação.

Sentei-me ao lado de sua cama, percebendo seu rosário colocado em seu estômago, e então peguei sua mão. Tinha marcas de queimaduras em vários lugares, hematomas surgindo em manchas roxas e pretas, e quatro pontos acima da sobrancelha direita. Ela tentou ficar mais confortável na cama, para me encarar, e sua respiração sibilou depois que se moveu muito rápido.

— Não se mova — disse apertando sua mão. — Posso vê-la.

Sorriu, mas foi fraco. — Eu não posso te ver. Não como quero. — Ela se moveu mais devagar dessa vez e, finalmente, soltou um suspiro lento. Nós nos encaramos.

Ela passou a mão pelo meu braço até a fileira de pontos que eu tinha. Sua boca se moveu tal qual como cantava, silenciosamente, nenhuma palavra saindo, apenas seus lábios se movendo. Estava contando meus pontos. Sete.

— Corrado...

— Foi perto, Alcina — disse. — Muito perto, porra.

Ela assentiu. — Aconteceu tão rápido — sussurrou.

Observei seu rosto até que seus olhos encontraram os meus. — Diga-me para ir embora — disse. — Diga-me que não sou bom para você. Diga que vai se machucar por minha causa. Diga-me todas as merdas de coisas que deveria ter me dito na primeira vez que me viu.

— Não foi sua culpa — ela disse, seu tom se tornando amargo.

— Foi. Deveria ter mantido você na Sicília, onde estava mais segura.

Ela balançou a cabeça. — Eles também estavam procurando por mim. Sempre estiveram procurando por mim.

— Eu deveria ter matado Silvio e Junior. Deveria ter voltado para Nova York e cuidado disso.

Ela estudou meu rosto pelo minuto mais longo da minha vida. — Então teria morrido — disse. — E quanto a mim?

— Você estaria segura.

— Nunca estarei segura - com ou sem você — disse. — Você é minha vida, Corrado Alessandro Capitani. Não importa o que aconteça, minha vida pertence a você, mas minha morte foi marcada antes mesmo de eu nascer. Eu me recuso a permitir que admita a responsabilidade por algo que nunca foi seu, e nunca será, a menos que me mate com suas próprias mãos. E isso significaria que errei - com outro homem - e nunca *farei isso*.

— Sou a porra de um egoísta por natureza — disse. — Eu queria você a qualquer custo, sem perceber que não havia custo. Nunca houve um custo. Não quando se trata de você.

— Está me deixando? — Sussurrou.

— Eu deveria. Devo ter certeza de que está segura, e ficará, e então ir.

— Vá então — disse, tentando apontar para a porta, sua mão puxando o IV²⁸, na minha, mas me recusei a soltar. — Vá e nunca olhe para trás.

Fiquei ali sentado, sem me mexer, e ela mexeu os lábios, desafiando-me silenciosamente: *vá*.

— Recuso-me — disse, apertando sua mão ainda mais forte.

— Isso é porque nunca deixarei *você* ir — disse, sua voz dura. — Não importa o que faça, sempre estarei lá com você. Mesmo que não possa me ver ou tocar. Será muito pior, porque vai se apaixonar por um fantasma que se recusa a sair do seu lado. Vou te assombrar enquanto nós dois ainda respiramos.

— É a porra da força mais forte que já conheci.

— Eu sei — disse. — Porque você me ama. Amor é isso. *Una forza da non sottovalutare*. — *Uma força a ser considerada*.

Eu trouxe sua mão aos meus lábios, beijando seus dedos frios.

— Mesmo que tivesse tentado sair, poderia tê-lo impedido — disse.

— Como?

— Já ouviu falar do jogo Roleta Italiana? — Ela se certificou de pronunciar as duas últimas palavras corretamente.

Olhei em seus olhos enquanto ela sorria para mim. Enrugaram nas laterais. Isso me trouxe de volta ao meu tempo em Forza d'Agrò, quando sua *mamma* me perguntou se eu sabia cantar.

Ela alcançou algo que estava dobrado ao lado da cama. Depois que pegou, balançou a coisa prateada para mim. Era o chocalho de um bebê. A sua bolsa estava pendurada na beirada do assento que eu havia ocupado ao lado da cama - ela exigira que Nunzio a pegasse antes de sairmos, ou *não* iria embora - e ele deve ter enfiado dentro da bolsa quando percebeu que estava flutuando em direção a costa.

— Fim do jogo — disse, rindo um pouco. — A casa ganha. Você será *papà*.

Alcina

As portas do avião abriram. Corrado saiu primeiro, ajudando-me a descer as escadas.

Estava grata por ter escolhido usar um dos vestidos de grife que compramos em Milão. Era um vestido clássico de mangas compridas com estampa rosa avermelhado em tecido de veludo preto. Acabava acima dos meus joelhos e eu usava um par de botas pretas de cano alto com ele. Meu cabelo estava preso em um coque ao meio e usava um par de brincos de cruz pendurados para combinar com o vestido.

Usei o vestido porque tinha um pouco de elástico na cintura. Mesmo que não estivesse aparecendo, queria estar confortável. Nesse caso, porém, fiquei grata pelo conforto e estilo. O vestido combinava com a cor do terno de Corrado. Preto com gravata vermelho-sangue. Ele disse que era a cor favorita de seu avô. Era apropriado para um rei sombrio prestes a retornar ao seu trono sangrento.

Todos os homens que esperavam por Corrado usavam ternos. Julgavam-me por trás de seus óculos escuros que achavam que escondiam seus olhos enquanto nos aproximávamos. Não precisei ver os seus olhos para sentir o peso de seus olhares. Como seu avô, todos me avaliavam para ver se eu valia o título.

A nova esposa do Don.

Não tinha nada a ver com atração. Parecia ter mais a ver com esta vida, como suportaria isso ao lado do meu marido. Também como o avô de Corrado, não parecia que esses homens estivessem me esperando.

Ergui meu queixo, meus olhos os avaliando por trás dos grandes óculos de grife que eu usava. Poderia também avaliá-los.

— Don Corrado — disse um dos homens, dando um passo à frente.

Corrado soltou minha mão quando o homem ofereceu a sua e apertaram. O homem beijou cada uma de suas bochechas e ofereceu condolências pela perda de seu avô. Corrado acenou com a cabeça e agradeceu. Enquanto caminhávamos para um carro que esperava, cada homem fez o mesmo.

Outro homem saiu de um Cadillac preto que esperava, deixando a porta aberta. Era mais velho, talvez em torno da idade do tio Tito, com o mesmo cabelo prateado puro, mas este homem tinha olhos azul-gelo. Cumprimentou Corrado apertando seu ombro. Os dois se viraram para olhar para mim.

— Tio Carmine — disse Corrado, puxando-me para mais perto de si. — Esta é minha esposa, Alcina Capitani. Alcina, este é o tio Carmine.

— É um prazer conhecê-la finalmente — disse, pegando minha mão de forma gentil. — A família ficará maravilhada, já que não fomos ao casamento.

— O prazer é todo meu — disse.

Ele balançou a cabeça e soltou minha mão. Gesticulou em direção ao carro que esperava. — Conversaremos no caminho.

A conversa foi geral a caminho da casa do avô de Corrado. Iríamos ao funeral no dia seguinte, embora tivesse sido relatado que seria um dia depois. A família não queria cobertura da imprensa.

— Tito arranjou o... — Tio Carmine olhou para mim e pigarreou — ...um encontro com Silvio no dia em que o funeral deveria ser realizado.

Corrado apertou minha mão com isso. Não tinha percebido que minhas palmas tinham esfriado até ele pegá-las.

Tio Carmine tirou algo do bolso do terno. Uma caixa pequena. Ele a entregou a Corrado do outro lado do carro. Corrado a abriu. Era um anel feito para o dedo mínimo, com um “C” gravado no ouro.

Corrado ficou olhando para ele, sem retirá-lo da caixa.

— Seu avô ia te dar isso — disse. — Como sabe, era dele. Algo especial para ele.

Tio Carmine observou Corrado colocá-lo. Algo sobre isso satisfaz o velho. Não disse as palavras, talvez porque eu estivesse no carro, mas podia ouvi-las como se ele as tivesse falado em voz alta.

— *Bem-vindo ao lar, Don Capitani.*

Foi o único ato oficial que provavelmente veria.

Corrado segurou minha mão e nenhum de nós falou novamente enquanto avançávamos cada vez mais para dentro da cidade que nunca dorme.

* * *

Portões de ferro preto abriram depois que o carro entrou na garagem. Um segundo depois de entrarmos, fecharam automaticamente. Tive um desejo ardente de me virar e olhar, para ver se havia uma saída uma vez lá dentro. No entanto, mantive meu rosto sério, meus olhos se erguendo para encontrar a mansão imponente que se tornava maior à medida que nos aproximávamos dela.

Nesta área afluyente de *Staten Island*, parecia um lugar por si só, com quase nenhuma outra “casa” por perto. A terra era protegida por todos os lados, deixando esta mansão por conta própria.

O motorista fez a volta em uma estrada em forma de ferradura, com o lado de Corrado voltado para a porta da frente, e estacionou.

Corrado manteve minha mão firmemente na sua enquanto caminhávamos para dentro.

Os móveis e as decorações eram todos algo que me lembrava a casa da minha *nonna*, mas a sensação nesta... mansão... era completamente diferente. Não me senti quente, mas quase gelada até

os ossos. Usei minha mão livre para esfregar meu braço, grata pelas mangas compridas. As luzes estavam fracas, velas acesas em várias áreas e podia ouvir choros, mas não sabia dizer de onde vinham.

Corrado nos levou até a cozinha, onde sua *nonna* estava sentada, toda vestida de preto, enxugando os olhos com um lenço de papel. Quando seus olhos encontraram os dele, sussurrou — Eles o mataram a sangue frio.

Eu me afastei quando ele foi até ela e me deparei com uma cozinha inteira cheia de mulheres que me olhavam mais duramente do que os homens que tinham vindo dar as boas-vindas a seu novo Don em casa. Uma em particular, uma mulher de aparência simples que tentou muito não parecer, olhou para mim com olhos avermelhados que eram mais malignos do que tristes.

Assim como fiz com os homens, olhei para cada uma delas, deixando-as saber que não estava intimidada.

— Alcina.

Então, e somente então, quando a *nonna* de Corrado chamou meu nome, desviei o olhar.

Enxugou os olhos e se levantou para me abraçar. Ela e eu nos demos bem quando a conheci para o nosso casamento. Parecia uma mulher decente com um bom coração.

— Alcina. — Deu um tapinha no meu rosto, com as mãos frias. — Estou tão feliz que veio. — Olhou para Corrado, mas seus olhos voltaram rapidamente para os meus.

Peguei a sua mão na minha, tentando esquentá-la um pouco. — Sinto muito pelo seu marido — sussurrei.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela acenou para mim. — Obrigada — disse. Então, com algumas mulheres seguindo-a, saiu da cozinha. Podia ouvir seus passos subindo as escadas.

Corrado pegou minha mão novamente, o rosto duro, e seguimos as mulheres.

Um quadro no topo da escada me impediu de ir mais longe. Era uma foto feita a óleo de três garotas. Corri um dedo ao longo da elegante borda dourada e depois olhei para cima. Corrado estava olhando para mim do alto da escada.

— Minhas tias — disse, sua voz rouca. — Minha *mamma*.

Não disse quem era sua *mamma*, ou quem eram as tias. Perguntei-me se isso não lhe importava mais. Meu coração doeu com o pensamento. Ele havia sido enganado durante toda a sua vida, e então, depois que a mulher que ele pensava ser sua *mamma* foi morta, foi deixado para lidar com a verdade sobre seu nascimento.

Corri meu dedo mais alto para uma garota que parecia ser a mais nova. Outra garota estava com a mão em seu ombro. — Esta aqui — disse. — Ela é sua *mamma*. — Havia algo selvagem em seus olhos, algo que as outras não tinham. Corrado também tinha.

— *Mamma* — disse, copiando meu sotaque. — Ou tia. São intercambiáveis para mim agora.

— Esta é a Luna? — Sabia que esse era o nome de sua *mamma*, mas a mulher que o criou como se fosse seu era Emilia. Suspeitei que fosse ela com a mão no ombro de Luna. Havia uma conexão entre elas que podia sentir através da pintura, como se o artista a tivesse capturado.

Isso me lembrou da conexão que eu tinha com Anna. Ela teria morrido para me ver segura. Não havia dúvida de meu amor e lealdade por ela - teria feito o mesmo se nossas posições fossem invertidas.

Ele assentiu, mas não disse mais nada.

— Seu pai — falei, deixando minha mão cair. — Quem é ele?

— Não tenho pai — disse. — Só existe o homem que me criou. Corrado Palermo.

Estreitei meus olhos com o nome. Por que ela daria o nome do filho ao homem que os deixou?

— Venha, Alcina — disse, estendendo a mão. — Precisa se acostumar com esta casa.

Peguei sua mão e ele me levou por um longo corredor. Devia haver mais de vinte quartos, pelo menos. — Ficaremos aqui muito tempo?

— Por um tempo. Até eu resolver as coisas.

— Resolver?

— Minha casa não tem a segurança que essa aqui. — Parou em uma porta em uma seção da casa que parecia mais isolada do que as outras, abriu-a e esperou que eu entrasse primeiro.

A mobília combinava com o resto da casa em estilo. Mundo antigo. Todas as nossas malas foram colocadas em torno de um armário vintage que era grande o suficiente para conter alguns corpos. Uma penteadeira combinando guardava minhas sacolas de cosméticos. O banheiro privativo era maior do que a *casa que* ocupava em Bronte.

— Este é o nosso espaço — disse, sua respiração soprando sobre meu pescoço. Eu me senti arrepiada quando ele se afastou de mim, colocando sua jaqueta sobre uma cadeira. — Ninguém nos incomodará aqui.

— Ninguém para me ouvir gritar — disse, sorrindo um pouco, mas meu coração disparou.

Seus dedos percorreram meu braço até que pegou minha mão novamente, me levando em direção a uma lareira. Era de tijolos e tão larga que eu podia entrar nela. Um espelho dourado com desenho de filigrana estava pendurado sobre a lareira.

Corrado enfiou a mão na lareira, atrás da abertura, e tirou uma chave mestra. Ele a ergueu para que eu pudesse ver. Então me disse para vir e olhar o que estava fazendo. Inseriu a chave em um buraco que estava na parede da própria lareira.

Parecia uma adição decorativa - havia oito.

Ele colocou a chave no quarto. Depois que a chave clicou, a

tirou e recuou. A parede girou e abriu-se pela metade. Gesticulou para que eu entrasse. Estava atenta à minha cabeça, mas depois de passar, se abriu para um quarto que parecia quase idêntico ao do outro lado, exceto que não tinha tantos móveis.

Uma cama, uma cadeira e, ao longo das paredes, armas de todos os tipos penduradas atrás de portas de vidro. Também tinha kits de primeiros socorros e um armário cheio de comida e bebida.

— Alcina.

— Hm? — Eu me virei para olhar para Corrado.

— Olhe com atenção. — Inseriu a chave de volta na porta e fechou todo o caminho, deixando a entrada da chave do nosso lado. — Sempre coloque a chave de volta aqui. — Colocou a chave no mesmo lugar que a tirou do outro lado.

Eu dei um passo ao seu lado, olhando através de um espelho duplo. Podia ver na outra sala. Não conseguia ver esta sala do outro lado.

— Este quarto é à prova de som e de balas. Se você alguma vez se encontrar em apuros, esconda-se aqui, entendido? Existem chaves em quartos que têm maçanetas de ouro. Aquelas com maçanetas de cristal não as têm. Lembre-se - não pode ver através do ouro. Cristal pode. As chaves estão sempre no mesmo lugar.

— Tem que colocar sua mão debaixo da borda da lareira para encontrá-las. Deslize a chave em sua direção ou parecerá apenas um forro de metal. A chave sempre entra na quarta fechadura, em qualquer lado. Assim que a porta se fecha do lado seguro, a chave fica com você e não há abertura do outro lado.

— Sì — disse, e nossos olhos se conectaram do outro lado da sala.

— Meu avô mandou colocar isso quando construiu esta casa, anos atrás. É um nível extra de segurança que ninguém conhece, exceto alguns.

— Mas os construtores — disse.

— Não mais — disse, sentando-se na cama, afrouxando a gravata e tirando os sapatos.

— Eles todos já morreram?

— Sim — disse. — Algo parecido.

Ah. Depois que construíram a casa, seu avô mandou matá-los para que ninguém pudesse saber.

— E se contassem para suas famílias? — Perguntei, pensando bem.

— Não poderia. Meu avô deu ordens específicas para que quem estivesse trabalhando na casa - os responsáveis pela construção desses quartos - deveria morar na propriedade. Há uma casa com piscina nos fundos, e é onde ficavam enquanto trabalhavam aqui, junto com o arquiteto que as projetou. Não podiam sair. Meu avô sequestrou os homens até que tudo acabou. Ofereceu dinheiro suficiente para que nenhum deles recusasse sua oferta.

— Duvido que fariam de qualquer maneira — disse, pensando em como ele era como seu avô naquele aspecto. Tinha um jeito que tornava impossível lhe dizer não.

Encolheu os ombros. — No dia em que terminaram, a van que os levava para casa explodiu - algo a ver com um problema mecânico.

Às vezes era difícil aceitar como suas mentes funcionavam, o quão cruel podiam ser.

— Meu avô cuidou de suas famílias — disse, como se pudesse ler minha mente.

Disse isso de forma simples, como se seu avô tivesse colocado uma bandagem pegajosa em uma ferida aberta, e isso fosse o suficiente.

— Ainda é cruel — disse. O que era pior do que assassinato? Não muito, e eram imunes a isso. Na verdade, era um estilo de vida para eles, e negócios eram negócios, não importava como fossem tratados. Se fosse pessoal? Recusei-me a pensar sobre isso. A morte era

o fim do jogo, mas chegar lá era um inferno na terra.

— Você também — disse. — Ficando tão longe quando olha assim. — Ele sorriu. — Está piscando para mim, Angel Eyes.

Parei depois que ele apontou. Aproximei-me dele e, quando estava perto o suficiente, me agarrou pela cintura, puxando-me entre suas pernas. Minha respiração ficou presa, e estremeceu quando suas mãos começaram a acariciar minhas pernas. Abriu o zíper de uma bota e depois a outra. Saí de ambas. Suas mãos percorreram minhas costas e, em cima, lentamente abriu o zíper do vestido. Tirei meus braços das mangas e deixei cair, movendo-o para o lado.

Seus olhos percorreram meu corpo avidamente, a renda preta que usava e suas mãos se fecharam sob o coque, puxando minha cabeça para trás. Sua língua lambeu entre meus seios, minha garganta, até que veio à minha boca. Então, removendo os grampos que eu tinha no lugar, soltou meu cabelo. Espalhou-se pelas minhas costas, e ele gemeu profundamente na garganta ao fazer isso.

— Ninguém pode ouvi-la gritar aqui — disse.

Gemi ao ver o olhar em seus olhos. Sua boca veio sobre a minha, dura e áspera, enquanto sua mão se fechava com mais força em meu cabelo. Nossas línguas se moviam no mesmo ritmo, mas depois se tornaram uma melodia de força e suavidade. Ele me beijou desse jeito até que senti o desejo passar de uma poça a uma corrida escorregadia entre minhas pernas.

Desabotoei sua camisa, movendo minhas mãos contra sua pele, enquanto sua boca se movia mais para baixo e ele começou a chupar até meu pescoço. Estava me marcando. Eu queria que ele fizesse. Queria que me marcasse para sempre. Ele mordeu o sutiã de renda, trazendo-o para baixo, e gritei quando sua boca se fechou sobre meu mamilo. Chupou ainda mais forte e depois me mordeu.

— Tão alto — murmurou contra minha pele sensível. — Não é feita de vidro, mas vejamos se podemos fazê-la quebrar. — Sua mão permaneceu sobre meu *culo* e depois veio entre minhas pernas, movendo a calcinha para o lado.

Ele chupou meu mamilo com ainda mais força, e quando colocou o dedo dentro de mim, bombeando para dentro e para fora, gritei ainda mais alto. Foi a primeira vez que tive liberdade para isso.

— Quer mais, Alcina?

— Sì. — Gemia tanto e tão alto que ele rosnou em sua garganta com o som. — Mais forte.

— Foda-se — disse, batendo em mim. — Está tão molhada.

Gozei em torno de sua mão, sem ser capaz de controlar a sensação, meu corpo inteiro em convulsão de prazer. Com o meu grito, me puxou para ele, beijando-me tão forte quanto seu dedo me tocava. Dançamos tango na cama, rolando, e depois que ele ficou tão nu quanto eu, o levei em minha boca. Ele assobiou um suspiro, agarrando meu cabelo em suas mãos, me empurrando para levá-lo ainda mais fundo.

— Tem um gosto tão bom — disse, enquanto deslizava minha língua para cima e para baixo, olhando para ele por baixo dos meus cílios.

— Em cima — disse ele, e era uma ordem.

Eu me coloquei ao seu redor, perto de gozar apenas pelo olhar em seus olhos. Ainda estava tão sensível, tão vulnerável, e quando me coloquei sobre ele e desci, minhas unhas cravaram em seus lados. Mal consegui recuperar o fôlego.

— Mova-se, Alcina — disse.

Ele era tão bom que nem percebi que havia parado. Era tão grande que me preencheu completamente, e meu corpo levou um momento para se esticar, para acomodá-lo. Direcionou meus quadris, e depois que gozei, prestes a descer, seus quadris avançaram e bateram em mim.

— Ah! — Gritei. — Porra!

— É isso aí, Angel Eyes — disse. — Grite, porra. Mostre-me o quanto me quer.

Nossos corpos começaram a se mover em sincronia. Os ruídos que fazíamos eram altos, feios e crus. Ele rosnou e eu gritei. Arranhei sua pele, e ele machucou meus quadris e *culo* com seu toque quase violento. Suas mãos subiram, torcendo meus mamilos, e comecei a me mover mais rápido, com mais força.

Ele pegou meu rosto e o virou um pouco para a esquerda. Meus olhos se encontraram com os de Adriano. Ele estava olhando pelo espelho do outro lado, arrumando o cabelo com o único braço bom que tinha. O outro estava em uma tipoia. O pânico por ele nos ouvir começou a esfriar meu fogo, mas Corrado balançou a cabeça. Penetrou-me com tanta força de novo que não pude evitar o grito que explodiu de minha boca.

Adriano ficou se olhando no espelho, ainda tentando arrumar o cabelo.

— Ninguém te vê assim, exceto eu — disse. — Sou o único homem com o direito de tocar este corpo... *é mio*. O direito de ser o único a ouvi-lo... *é mio*. — Suas mãos deslizaram por meus braços e sentou-se um pouco, alcançando minha boca, nossas línguas se tocando antes de ele enfiar a sua na minha boca. Depois lambeu minha bochecha até o canto do meu olho, onde uma lágrima começou a cair.

— Se você já não estivesse grávida — disse — eu a foderia até que estivesse.

Ele bateu em mim novamente e perdi o fôlego, começando a me mover como antes. Ele me virou um segundo depois, seu corpo sobre o meu, e me fodeu até que eu não pudesse mais me conter. Gritei seu nome, entregando-me a ele. Um segundo depois, se derramou dentro de mim, sua cabeça para trás, sua garganta exposta. Fechei os olhos, tentando recuperar o fôlego. Seus lábios se moveram contra o meu corpo novamente, desta vez não tão forte. Parou na minha barriga, suas mãos embalando meus quadris.

— Eu precisava disso — disse, seu hálito quente contra a minha pele. — Precisava de você.

— Mantenha-me com você para sempre — sussurrei.

Ele disse três palavras que estava disposta a apostar minha vida que ele morreria para cumprir.

— Considere isso feito.

Corrado

A chuva batia nas janelas do Macchiavello's e descia pelas vidraças em linhas velozes. Meu avô havia arriscado a vida para comer o bife, então decidi dar uma olhada depois de seu funeral.

O dono, Mac Macchiavello, tinha minha atenção.

Pode ter sido algo tão simples quanto meu avô tinha ligações com o restaurante. Talvez um de seus homens tenha ganhado muito dinheiro com isso e quisesse experimentar o famoso bife.

Não era tão simples. Estava ciente de todos os nossos negócios.

Meu avô não era recluso, mas quanto mais velho ficava, mais gostava de estar em casa quando não estava no Primo Club. As saídas eram raras para ele. Foi preciso um pouco de força para chegar lá.

Tito me disse que tinha arranjado o encontro, o que significava que Mac Macchiavello tinha influência suficiente com uma das maiores famílias criminosas da história para levar meu avô para jantar. Até Emilio Capitani tinha chefe.

Não era um lugar comum de bife e batata, mas, novamente, era. O cheiro de carne e amido pairava no ar, mas o mesmo acontecia com bebidas de alta qualidade do lado oposto do restaurante, onde as pessoas podiam comprar uma bebida cara e ouvir música ao vivo. O bar era antigo, influenciado pela proibição. Já estava começando a ficar lotado.

Reconheci alguns homens imediatamente. Geralmente viajavam em bandos, e este lugar os acomodava.

Alcina apertou minha mão. — Cheira bem aqui — disse. — Familiar.

— Você costumava comer bife com batatas? — Perguntei.

— Não. — Balançou a cabeça. — Não pode sentir o cheiro? Tem cheiro de italiano.

Eu propositalmente fui um pouco mais fundo quando inalei. Concordei. — Sim, tem — Depois que ela apontou, podia sentir o cheiro de alho e tomate sob o forte cheiro de carne vermelha. Estava em quase todos os pratos.

— Eu tentaria os pratos italianos — disse — mas não quero ficar desapontada.

Rio de sua cara amarga. — Falou como uma verdadeira italiana — disse. — Ninguém cozinha tão bem quanto a sua - ou como sua *mamma* ou *nonna*.

Passamos por uma mesa onde uma mulher comia algum tipo de prato de massa. Alcina estreitou os olhos, estudando o prato da mulher como se o estivesse avaliando mentalmente.

— Qual é o veredicto?

— Hm?

— O veredicto sobre o prato de massa. — Balancei a cabeça em sua direção. A mulher nos lançou um olhar severo antes de pousar o garfo, recusando-se a comer enquanto dois estranhos a encaravam.

— Ah. Parece muito bom. — Sorriu. — Na verdade, *sorprendente*.

— Já que parece *incrível* — disse — vamos experimentar algumas coisas.

Encontramos os homens que haviam entrado na nossa frente para conseguir uma mesa. Um homem de terno, que se apresentou como Sylvester, nos disse para segui-lo. Ele nos levou a uma sala separada do próprio restaurante. Parecia que era usado para festas. Uma mesa que cabia em nada menos que cinquenta estava no centro. Um vidro de duas vias foi construído na parede.

— Cumprimentos do senhor Macchiavello — disse Sylvester, colocando nossos cardápios sobre a mesa.

Estreitei meus olhos. — Gostaria de falar com ele.

Sylvester assentiu. — Vou informá-lo. — Gesticulou para a mesa. — Aproveite o seu jantar, Sr. e Sra. Capitani. — Depois deixou Alcina e eu sozinhos.

Meus homens esperaram do lado de fora da porta, já que era um passeio com minha esposa. Não misturaria negócios com prazer, embora pudesse sentir que começava a transbordar nesta porra de lugar.

— Quer a porta fechada, chefe? — Baggio perguntou, enfiando a cabeça na sala. Estava na equipe de Adriano antes de Adriano ir para a Sicília. Havia sido promovido na ausência de Adriano.

Olhei um pouco para a minha esquerda, onde estava Adriano. Fiz contato visual com ele. Adriano disse algo a Baggio e, em vez de fechar a porta de todo, deixou uma pequena fresta e ficou na sua frente. Nunzio estava bem ao seu lado. Eu tinha pedido a ele que fosse para Nova York por um tempo, para ficar de olho em Alcina.

Puxei a cadeira de Alcina e ela arrumou o vestido antes de se sentar. Peguei a que estava ao seu lado na cabeceira da mesa.

Ela olhou por cima do ombro. — Isso é interessante.

— Sim — disse, observando enquanto uma mulher parava para verificar o batom ao passar. O espelho estava do outro lado. — Não se vê isso com frequência.

Nós dois verificamos o menu, mas não estava ali realmente para a comida. Poucos minutos depois, Sylvester voltou e anotou nossos pedidos. Sorriu quando Alcina pediu três itens diferentes. Achei que teria o bife, já que era a última refeição do meu avô.

— Boas escolhas — disse Sylvester em italiano. — Não será uma longa espera.

Assim que ele desapareceu, uma mulher veio com nossas bebidas. Alcina tomou um gole de sua água com limão. Estava quieta desde que deixamos o enterro.

Peguei a sua mão. — Conte-me.

— Contar...? — Inclinou a cabeça, me estudando.

— O que está em sua mente.

Ela suspirou. — Algo parece familiar sobre este lugar... o cheiro. — Inalou. — Chocolate e limão. Lembra-me de Modica. A loja de chocolate lá.

Ela era intuitiva. Nem tinha percebido, mas percebi. No dia em que fomos deixar os pistaches e pegar seus suprimentos, a loja estava com o mesmo cheiro único. Estava mais condensado nesta sala, onde éramos apenas nós dois e não tantos pratos. Isso me trouxe de volta ao homem com a tatuagem de tigre em seu pescoço - Cash Kelly. Planejava lhe fazer uma visita em breve. Eu o reconheci. Era filho de um dos chefes irlandeses mais famosos que a *Hell's Kitchen* tinha visto. Depois que Cash saiu da prisão, começou uma guerra para recuperar suas ruas.

— Além disso — disse.

Ela tomou um gole e começou a falar. — Você não chorou por seu avô. Sei que tipo de homem é, com o que está acostumado, mas foi condicionado a ser tão... insensível quanto à morte. Mesmo para aqueles mais próximos de você.

Eu não tinha a menor ideia do que ela estava falando.

— Ele era meu avô — disse. — Sentirei a sua falta, mas a vida leva todos nós para a morte. Aceitamos e continuamos avançando.

Ela estava certa. Era um fato desta vida. Fomos condicionados a aceitar nossos destinos. Ninguém queria isso, e a maioria dos homens fazia o possível para evitar cometer erros estúpidos que lhes custariam caro, mas no final das contas, era o que era. Todos nós acabaríamos no mesmo lugar algum dia de qualquer maneira.

— Entendo essa noção — disse. — Mesmo assim, a perda dói. É normal chorar, lamentar. Essas emoções nos tornam humanos.

— As emoções nos enfraquecem — disse.

— Não sou fraca — retrucou. — E sinto tudo. É isso que me torna forte. Cresço depois de passar por isso. — Ela se recostou na cadeira. — *Grazie* — disse aos garçons que colocaram seus pratos na mesa.

Sylvester colocou o meu à minha frente e Alcina lambeu os lábios, seus olhos crescendo. — Isso cheira bem — disse.

Sorrio, lhe cortando um pedaço. Coloquei em seus lábios e ela fechou os olhos, abrindo a boca. — Como é?

Levou a mão à boca, sinalizando que ainda estava mastigando, e disse — Muito bom.

Alcina sempre gostou de comer, mas desde que descobriu que estava grávida, estava em um nível totalmente novo.

— Não deveria estar doente agora? — Cortei outro pedaço e dei uma mordida. O bife estava muito bom.

Ela riu, girando o macarrão no garfo como uma profissional do caralho. — Todas as gestações são diferentes. Algumas mulheres ficam doentes. — Encolheu os ombros. — Outras não. Fico um pouco incomodada com os cheiros - frango cru, mas nada grave, ou você saberia. — Ela girou mais, mas desta vez me alimentou.

Concordei. — Bom, mas não tão bom quanto o seu.

— Minha *zie* em Modica faz uma massa assim. — Sorriu. — Misturado com os cheiros, me levam para casa.

Não conversamos muito depois disso. Apreciamos nossas refeições em um silêncio amigável, trocando mordidas e um pouco de conversa de vez em quando. Estávamos dividindo três pratos de sobremesas quando Adriano enfiou a cabeça na sala.

Poderia dizer que tentava inalar a comida pelo nariz; suas narinas dilataram-se. — Companhia.

Larguei meu guardanapo no prato vazio, encontrando seus olhos.

— Silvio e alguns dos homens.

A reunião não estava marcada até amanhã. Acho que ele teve a sensação de que entraria em uma sala e nunca mais sair. Estava certo *pra* caralho. Por que ir dez rodadas com um homem quando poderia nocauteá-lo em uma? Era tão simples assim. O que não era simples era ter minha esposa comigo.

Sylvester voltou para o quarto e pigarreou. — Há uma outra sala — disse, apontando para a esquerda. — Sra. Capitani é mais que bem-vinda para esperar por você lá, até que os negócios acabem.

Acenei a cabeça para Nunzio e ele acenou de volta.

— Acho que está me mandando embora — disse ela.

— Só por um minuto.

Bufou e se levantou. Quando estava quase na porta, Silvio deu um passo à sua frente. Ela parou como se tivesse batido em uma parede. Seus olhos se moveram para os dele e endureceram. Ele não conseguia esconder o choque em seus olhos - não a esperava. O que ela parecia.

— Em um nível diferente do Junior — disse, forçando seus olhos em mim. — Faz sentido agora. Porque ele teve que forçá-la a fazer algo que ela não queria.

Seus lábios se moveram sem som de novo, e me perguntei se ela o estava xingando enquanto Nunzio a escoltava para a sala ao lado. Se Silvio acreditava no que os velhos diziam, deveria ter *segurado* as bolas para afastar o *malocchio*. Ele tinha tanto calor vindo para ele, porém, que mesmo segurando suas bolas não o teria salvado do mau-olhado.

— Sente-se — disse, depois que ela saiu. — Vamos conversar.

Ele se moveu mais para dentro da sala, alguns homens seguindo atrás dele. Eles se sentaram, e também meus homens. Vito, o homem que Silvio havia nomeado seu *subchefe*, como se o cargo fosse dele mesmo depois de eu ter sido empossado, recusou-se a tirar os olhos do meu rosto. Era o padrinho de Junior.

Tomei um gole e a coloquei na mesa. — Nossa reunião é

amanhã. Está um dia adiantado.

— Este é um encontro pessoal — disse. — Cuidaremos dos negócios amanhã.

— Vamos começar.

— Devo a você por encontrar a esposa de Junior.

— Nenhum pagamento necessário. Encontrei *minha* esposa. O único registro de casamento que encontrará de Alcina Maria Parisi é comigo. Sua farsa de casamento nunca foi legal, nem consumado. Foi forçado, o que significa que é nulo aos olhos da igreja - e aos meus.

Ele estreitou os olhos para mim. — Tem prova disso.

Silvio achou que era esperto. Parte do código era que não mexíamos com as esposas de outros membros. Não olhamos para elas da maneira errada. Nunca ficávamos sozinhos com elas. Não podíamos nem brincar com esposas, irmãs ou mulheres reivindicadas, a menos que tivéssemos boas intenções.

Sílvio achava que me pegou ali, e mesmo que tivesse - meu avô voltaria para me assombrar por causa disso - teria quebrado o código por Alcina. No dia em que disse que morreria por ela naquele bosque de pistache, falei sério.

Sorrio para o meu copo. — A prova foi a perda das bolas de seu filho. Ele a queria. Ela tinha uma opinião diferente. Quando ele forçou a questão, depois de bater nela, ela resolveu. A única coisa que ela fez de errado foi não ir a sua jugular em vez de suas bolas.

— Não admira que os Scarpones quisessem livrar a terra dos Palermo — disse. — A única coisa que os Scarpones fizeram de errado foi não matá-lo antes que tivesse a chance de procriar. Luna estava tão apaixonada por ele. Estupidamente. Lembro-me. — Tocou sua têmpora. — Não sabia que era ele na época, mas sei agora. Ele a trocou por Maria, uma garota do velho país. — Acenou com a cabeça em direção à porta. — Uma garota como essa.

Ele sorriu para mim um segundo depois. — Seu avô não queria que procurasse os Scarpones porque sabia que Vittorio Scarpone ainda

está vivo.

Só porque era o homem mais inteligente da sala não significava que tinha que exibi-lo. Às vezes, era sensato fingir que era o mais idiota. Nesse caso, era sensato fingir que era o mais inteligente.

Abri e fechei as mãos, como se dissesse, continue.

— Ainda está procurando por ele. Procurando livrar o mundo de todo o sangue de Scarpone. E se está procurando por ele, ele está esperando por você. — Encolheu os ombros. — Ele cuidará de você e tornará as coisas mais fáceis para mim. Não tem chance contra um fantasma.

Correspondi ao seu sorriso. — Amargura não combina com você, Silvio. O que está feito está feito. A família votou.

— A família pode ter votado, mas terá que trabalhar para me colocar em uma sala com quatro paredes e sem saída.

— Estou ansioso por isso — disse.

Ele se levantou e seus homens também. Observei Vito com cuidado enquanto se dirigiam para a porta. Caminhou atrás de Silvio e, ao chegarem à porta, fez duas coisas ao mesmo tempo: enfiou a mão dentro do paletó e tocou no ombro de Silvio. Antes que Silvio pudesse reagir e se virar, Vito colocou a arma que tirou de debaixo do paletó na cabeça do melhor amigo e puxou o gatilho. Tinha um silenciador, mas não conseguia esconder o derramamento de sangue em toda a parede e no chão.

Vito enfiou a arma de volta na jaqueta e se virou para mim. Tirou um lenço do bolso e enxugou o rosto. Nossos olhos se encontraram e se fixaram. Ele pagaria por isso. A comissão determinou que seria feito em nossos termos, não nos dele. Em vez de seguir ordens, Vito estava me dizendo que, mesmo que tivesse que fazer, faria do seu jeito. Exceto que fez isso em um lugar público, o que significava que poderia causar problemas para meus homens e para mim. Eu era o chefe da minha família e, sem cabeça, o corpo falha. Se este não fosse um lugar que atendia a homens como eu,

poderia realmente ter considerado as implicações. No entanto, não se tratava do ato, mas do desrespeito flagrante.

Vito e eu tínhamos um problema.

Vito se virou e passou por cima de seu melhor amigo um segundo depois, correndo para fora do restaurante.

Sylvester apareceu assim que Vito desapareceu, fechando a porta atrás dele. Tinha um cartão na mão. Ele o colocou na mesa. — O jantar é por conta da casa — disse. — Sr. Macchiavello entrará em contato. Não se preocupe com isso. — Acenou com a cabeça na direção de onde Silvio sangrava.

Os pratos tilintaram perto de mim. Adriano havia puxado o prato de Alcina para mais perto, tirando o prato que devia ter colocado em cima para não espirrar sangue nele, e estava terminando a sobremesa. — Estou morrendo de fome — disse, encolhendo os ombros. — O médico me prescreveu esteroides e não consigo comer o suficiente.

* * *

— Tem certeza disso, cugino? — Adriano sentou-se ao lado de Baggio na frente do carro, estreitando os olhos contra o para-brisa, tentando ver além da chuva que caía com mais força do que há dois dias.

— Se eu não... — arrumei minha gravata — não iríamos.

Peguei o cartão que Macchiavello havia passado para mim por meio de Sylvester, virando-o com os dedos. Algo obscuro estava acontecendo com ele. Dirigia um dos restaurantes de maior sucesso de Nova York. Era dono de uma das maiores boates de Nova York. O The Club. Nenhum desses lugares estava em nenhum dos livros. Poderia ter sido um empresário legítimo, mas atendia a muitos perfis importantes. Havia um certo tipo de mel que era oferecido para homens como nós. Depois que começamos a pairar, nos tornávamos

lugares confortáveis e protetores que conhecíamos.

Alguns homens ficavam confortáveis.

Nunca criei padrões em minha vida. Era muito fácil descobrir quem sabia. Uma coisa que aprendi nesta vida - todos éramos capazes da mesma quantidade de danos, então nenhum de nós temia um ao outro. O importante era ser mais esperto que o próximo.

Mac Macchiavello era inteligente. Eu também.

Eu tinha uma habilidade incrível de ler cada homem na sala, suas intenções e de abordá-lo de uma forma que mudaria a situação a meu favor. Se não, agia de acordo. Raramente perdia a calma, porque não havia necessidade. Era ser ou não ser. O que havia para ficar chateado?

— Não fica bravo, Corrado — dizia meu avô. — Você nem mesmo consegue se vingar. Esforça-se para se elevar, não importa o que seja necessário para chegar lá. Se a porta se recusar a abrir, passe por uma janela. É simples assim.

Meu avô me ensinou desde cedo o que significa ser um homem digno desta vida. O que significa ter respeito, não só pelos homens, mas pelas mulheres. O que significa ser leal. Para respeitar um código estabelecido por um motivo. O que significava manter as tradições. Para honrar nossos velhos hábitos e acolher os novos que só nos tornariam mais fortes como família.

O que significava amar tão ferozmente quanto odiamos.

Ele era um produto daquela vida.

Eu também. Eu usava a porra do terno.

Alcina sentiu que eu era frio, até mesmo insensível, e era. Era um gangster, um mafioso, um bandido - uma raça rara nesta vida, meu avô costumava dizer - e chefe de uma das maiores e mais poderosas famílias de Nova York. Não tinha nem quarenta anos ainda. Tinha começado por baixo, como todo mundo, e galguei meu caminho até o topo sem problemas. Eu era inteligente e raramente cometia erros.

No entanto, apesar de quem eu era, amava aquela mulher mais do que um poeta amava palavras românticas. Ainda mais do que o céu noturno amava a lua. Meu avô costumava dizer — Não pode ter coração, Corrado. São muito caros.

Alcina Maria Capitani estava fora da minha faixa de preço na época. Porque eu tinha um coração. Era aquela mulher. E nunca seria capaz de pagar por ela. Ficaria em dívida pelo resto da minha vida e além, pelo seu amor.

Claro, meu avô não se referia a uma mulher, mas a esta nossa vida. Os únicos sentimentos que podia ter eram por si mesmo. Se não cuidava da situação, a situação cuidava de você, mas quando minha esposa dizia algo para mim, apontando como eu era insensível, quão frio, às vezes podia ver o contraste entre o seu mundo e o meu.

Eu realmente não conseguia ver a escuridão da noite sem a luz da lua.

Tirei a foto de Emilia do bolso do paletó, colocando-a na frente do cartão de Macchiavello. Eu o virei várias vezes entre meus dedos, a luz fraca fazendo sua imagem parecer preta e branca. Emilia queria que eu me casasse com alguém como Alcina. Alguém boa e bonita. Alguém com coração e paixão, mas também uma mulher que não se importasse. Não tivesse medo de falar o que pensava.

Queria que eu fosse para a escola, me formasse, tivesse um das 9 às 5 como o resto dos idiotas que ganham um dólar honesto - um dólar que viesse de corporações de bilhões de dólares, que eram os gângsteres mais implacáveis do bairro, além do governo. FBI - todos sabíamos que significava *Forever Bothering the Italians*²⁹.

Nunca foi meu futuro ser o cara que era sugado. A partir do momento em que soube do que se tratava, trabalhei para o fato.

Olhei para fora da janela, gotas gordas movendo-se como amebas no painel. O Cadillac balançou quando Baggio fez uma curva, tornando-os mais rápidos.

— Então lhe disse: “Seu vagabundo de merda, minha mãe

cozinha mais que sua mãe qualquer dia. Qualquer. *Porra*. De. Dia.” É simples assim, sabe? Quem diabos esse homem pensa que é? Dizendo-me que a sua mãe cozinha melhor.

— Que tipo de coisas sua mãe cozinha? — Adriano disse, virando-se para encará-lo. — Poderia ser o juiz, se ele decidir concordar.

Esses homens de merda. Suspirei, colocando a foto de Emilia junto com o cartão de Mac de volta no meu bolso. Estávamos em *Hell's Kitchen* e pude ver o prédio se aproximando.

Baggio estacionou o Cadillac suavemente em frente.

— Você espera aqui — disse a Baggio. Balancei a cabeça para Adriano e ele acenou de volta.

Baggio saiu para fumar na chuva. Adriano e eu subimos até o prédio.

— Ele não está bem — disse Adriano batendo na têmpora enquanto nos aproximávamos da porta do armazém. Tinha *Kelly Enterprises* pintado de verde na lateral, com um emblema de tigre. — Baggio, quero dizer. É a coisa mais próxima de um sociopata que já conheci. — Sorriu. — Mas ele é divertido *pra caralho*.

— Ouça isto: ele vai para casa com um peixe todas as noites chamado Gilberts e fala com o filho da puta como se fosse um cachorro. *Aqui Gilberts, Gilberts, Gilberts*. — Adriano disse isso em um tom monótono que parecia *peixe, peixe, peixe aqui*, enquanto agia como se estivesse espalhando comida em uma tigela.

Ele riu. — Divertido *pra caralho*. — Abriu a porta e o ar frio soprou contra meu rosto. Cheirava a fresco, como tinta nova, madeira e metal.

Arrumei meu paletó e gravata antes de ir ao balcão, onde um homem, talvez da minha idade, olhou para algo. Ao som de nossos passos, olhou para cima, estreitando os olhos.

— Gostaria de ver o Sr. Kelly — disse. — Ouvi dizer que ele estava.

Eu também tinha visto Cash Kelly comendo no Macchiavello's um dia depois de ter comido lá com Alcina. Voltei para falar com Sylvester, que não estava em lugar nenhum. Kelly estava com a mesma mulher ruiva com quem o vi em Modica. Mesmo que ninguém estivesse disposto a falar sobre Mac, ou não estivesse disposto a falar comigo, presumi que ele tinha algo a esconder. Um homem como Cash Kelly não comia em qualquer lugar da rua.

— Sr. Kelly atende as pessoas apenas com hora marcada — disse o cara.

— Seu nome?

Ele estreitou os olhos para mim. Provavelmente estava me chamando de *Pinky Ring* em sua cabeça. Não era segredo que os irlandeses conectados pensavam que éramos muito chamativos com nossos ternos caros, carros e joias.

— Harrison Ryan — disse. — Sou o advogado do Sr. Kelly. Estamos com falta de uma pessoa na mesa. Então terá que voltar, Sr....?

Coloquei minha mão no balcão, para que o anel de ouro em meu dedo mínimo brilhasse um pouco. — Corrado. Corrado Scorpio. — As notícias ainda não haviam se espalhado, fora das famílias, sobre meu novo papel. No momento, queria mantê-lo assim. — Vou esperar se ele estiver ocupado. Por quanto tempo for necessário.

Ele olhou para Adriano atrás de mim e o observou seguir enquanto me sentava na sala de espera. Peguei uma revista sobre meu avô que foi deixada de lado como material de leitura.

Harrison Ryan pigarreou um minuto depois. — Sr. Kelly vai vê-lo agora. — Olhou para Adriano. — Só você.

Levantei-me, removendo minha jaqueta, provando que não estava carregando qualquer arma. Levantei minha camisa, me virei e então levantei as duas pernas da calça.

— Podemos pular a revista — disse. — Se isso for suficiente.

Harrison Ryan assentiu. — Siga-me.

Enfieei minha camisa de volta para dentro, coloquei minha jaqueta de volta e acenei uma vez para Adriano. Ele acenou de volta, tocando a arma por baixo da jaqueta de uma forma sutil.

Cash Kelly começou uma avaliação sobre mim no momento em que entrei em seu escritório. No breve segundo que levou para ele se levantar, para que apertássemos as mãos, sua mente pensou em três coisas: quem eu era, o que era e o que queria. Depois disso, decidiria se estaria disposto a me ajudar com o último.

Duvidava disso. Ele trabalhava com famílias selecionadas. Os irlandeses e italianos às vezes trabalhavam juntos, mas nunca chegavam perto. Tínhamos nossas próprias coisas; eles tinham a deles.

Ele verificou o escorpião em minha mão e eu verifiquei o tigre em seu pescoço. Seu velho era uma lenda por aqui. Ele estava seguindo seus passos.

Eu respeitava a postura de Cash Kelly sobre as drogas, o quão árduo lutou para mantê-las fora de suas ruas. Isso falava com a tradição em mim. Meu avô nunca permitiu, e nem eu. Haveria muitas outras oportunidades de ganhar dinheiro se a mente fosse criativa o suficiente. Eu também sabia que Kelly estava mais disposto a confiar em um homem que havia passado algum tempo na prisão. Talvez percebesse isso sobre mim. Talvez não quisesse. De qualquer forma, porém, minha mensagem voltaria ao alvo pretendido por meio dele.

Ele acenou com a cabeça para o assento a sua frente. Sentei-me.

— Serei breve — disse. — O que se diz na rua é que você conhece um homem que se chama Mac Macchiavello.

— Conheço — disse, me estudando mais. — Ou posso chegar perto dele.

— Não preciso que chegue perto dele — disse, sentando um pouco, arrumando meu terno, antes de relaxar novamente. — Estou aqui para confirmar que o conhece.

— Que ele existe.

Acenei com a mão. Poderíamos jogar esse jogo o dia todo.

Peguei uma foto de Emilia e deslizei sobre a mesa na sua direção. Queria que soubesse que havia mais nessa situação do que apenas eu procurando por ele.

Os seus olhos percorreram o rosto dela, estudando-a, tentando localizá-la. Soltou um suspiro quando o fez. — Minhas condolências. — Deslizou a foto de volta. — Mas não posso ajudar.

— Não pode. — Sorrio. — Ou não vai.

Ele acenou com a mão - de qualquer maneira, foi um não difícil.

Dei de ombros. — Vou encontrá-lo, independentemente. — Tirei a foto, colocando-a de volta no bolso, e então me levantei.

Ele se levantou e me ofereceu sua mão. Nós balançamos mais uma vez. Eu parei quando estava na porta. — Não me perguntou por que eu queria encontrá-lo.

— Por quê?

— Porque quando eu fizer isso, vou matá-lo, porra.

Meu instinto me disse que Mac Macchiavello era Vittorio Scarpone - *Pretty Boy Prince*. Mesmo naquela época, era um filho da puta inteligente. Maquiavélico no mais alto grau. Os homens costumavam falar sobre como ele era o único capaz de sair da vida sem ajuda - o que significa, seja em um saco de cadáver ou tornando-se um pombo de fezes.

Seu velho cuidou disso tentando se livrar dele em um saco para cadáveres. Eu já tinha visto isso antes. Pai e filho. Irmãos. Melhores amigos. Se era hora de ir, era hora de ir. Vittorio Scarpone fez uma coisa estúpida ao não matar toda a família Palermo, e coisas estúpidas tinham punições.

No fundo, estava grato por ele ter poupado minha irmã. Eu não era a porra de um monstro. Além disso, matar crianças era contra o nosso código. Se qualquer coisa, Arturo Scarpone deveria ter sido morto por até mesmo ter ordenado tal coisa, mas não daria a Vittorio Scarpone um passe por fazer isso. Os Scarpones não tinham sentimentos pela mulher que chamei de mãe - e todos eles precisavam

ser destruídos.

Na verdade, queria aplaudir esse filho da puta do Kelly por ajudar a tirar Arturo e seus filhos. A comissão havia considerado tirar Arturo por um tempo, e como seu *subchefe* era seu filho, todos os homens que podiam subir na hierarquia foram destruídos de uma vez. Já era hora.

Se Mac Macchiavello fosse Vittorio Scarpone, Cash Kelly lhe diria que eu estava aqui. Esperançosamente entenderia a mensagem: onde seu velho falhou, eu teria sucesso, porra.

Alcina

Suas mãos deslizaram ao redor da minha cintura enquanto ele me ajudava a andar do Cadillac para... onde quer que estivesse me levando.

— Está me levando para um lugar tranquilo? — Ele amarrou um lenço de seda em volta da minha cabeça novamente, escondendo meus olhos da surpresa que tinha para mim.

Ele me beijou atrás da orelha. — Temos um lugar onde pode gritar o mais alto que quiser.

Sorriso. — A última vez que me vendou... — O ar frio correu pelo meu rosto, e cheiros familiares quase me fizeram tirar o lenço ao redor dos olhos. Poderia dizer que tínhamos mudado da rua movimentada para uma área tranquila. — Não estamos em uma biblioteca? — Sussurrei. Eu me perguntei se ele me levaria lá como um desafio - ver se poderia me manter quieta o suficiente para escapar impune.

— Mesmo com algo em sua boca, chamaria a atenção em uma biblioteca. — Ele caiu na gargalhada.

— Aparentemente, não tão alto quanto *you* — disse, procurando-o. Ele se afastou de mim. Seu calor se tornou algo reconfortante para mim. Algo que me atraía. Viciada. Não conseguia dormir sem ele ao meu lado agora.

Suas mãos encontraram as minhas e entrelacei nossos dedos, segurando firme. Inclinei-me e ele sabia o que eu queria. Beijou-me. Ao fazer isso, desamarrou a venda. Mesmo que pudesse abrir meus olhos, eu não abri. Não até o beijo terminasse.

— Onde estamos? — Estávamos dentro de uma loja, isso estava claro, e era de inspiração siciliana. Isso me levou para casa com os

azulejos e texturas de Palermo. Prateleiras de madeira de aspecto vintage cobriam as paredes. Estavam todas vazias. Havia uma área de pagamento sem ninguém por trás.

Afastei-me de Corrado, estreitando meus olhos contra duas cabeças de cerâmica pintadas que eram o ponto focal de uma parede. Seu cabelo castanho estava puxado para trás, uma coroa no topo de sua cabeça. Limões estavam entrelaçados em seu cabelo repartido de lado, mas o interior da fruta parecia o interior de figos. O homem ao seu lado era claramente um rei. Pimentas vermelhas e os mesmos limões com figos trançados em torno de sua coroa.

— Este lugar é perfeito — disse, estendendo a mão para acariciar o rosto do rei. — O que vende aqui?

Depois de um ou dois minutos, me virei para procurar Corrado. Estava próximo a uma prateleira, algumas das minhas velas as forrando. Ele as acendeu uma por uma com um isqueiro do bolso.

— Velas — disse. — Suas.

Eu o encarei, sem realmente entender.

— Liguei para Anna e pedi para ela enviar algumas de suas velas de Bronte. As que tinha prontas para vender antes de partirmos. — Olhou ao redor da loja. — Invisto em homens todos os dias. Em negócios que sei que não falharão. — Olhou para mim. — Você, Alcina Maria Capitani, investiu em mim. Não o contrário.

Sorrio um pouco. — Deixe-me entender. Se você falhar...

— Eu falho na vida.

Nossos olhos se conectaram do outro lado da sala.

— Eu vou foder tudo, Angel Eyes — disse. — Mas sempre vou me redimir com você - entendeu?

Toquei o colar em volta do meu pescoço, a cruz e, em seguida, minha garganta. Concordei. — Sì. O amor não vem naturalmente para você.

— Veio naturalmente para você, mas não como reagir a isso. —

Sorriu. — Entendo nestes termos. Puro e simples - não posso perder. Não posso deixar de pagar minha dívida. Porque não se engane. Nunca poderei te pagar de volta. Nunca estaremos quites. Não há preço para o seu amor.

— Em vez de rosas ou joias, me compra uma... loja de velas?

— Bella Luna Candles de Alcina Capitani. — Apontou para o peito. — Minha esposa.

Anna me encorajou a fazer algo especial com minhas velas quando morava em Bronte. O mais longe que cheguei foi escolher um nome para uma empresa que nunca pensei que teria. Bella Luna Candles.

Sorriu um pouco, mas depois me endireitei. Andei ao seu redor, minhas mãos atrás das costas, olhando-o da cabeça aos pés. — Este negócio será legítimo, certo?

— *Assolutamente* — disse, observando me mover ao seu redor com o canto do olho.

— Nomearei uma vela com o nome do meu marido.

— Depende.

— De? — Parei na sua frente.

Ele estendeu a mão e me puxou em direção ao seu corpo. Eu perdi minha respiração quando bati nele. Olhou para mim, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto.

— O nome.

Sorriu. — *Lo Scorpione*.

Jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada novamente. — Porra, gosto — disse ele.

— Gosto disso, *pra* caralho — eu disse.

Ele colocou o punho no meu queixo, como se fosse me dar um soco, mas em vez disso, trouxe meu rosto mais perto para que seus lábios pudessem reclamar os meus.

— Essa boca em você — disse depois de se afastar. — Amo isso, porra. — Ele se virou e apagou todas as velas que tinha acendido. Depois me levantou do chão, levando-me em direção à porta da loja. Parou antes de sair dela. Olhamos para o que estava começando a se tornar algo especial.

— Isso é tudo você, Angel Eyes — disse. — Isso é coisa sua.

— É — sussurrei. — E isso... — coloquei sua mão contra meu estômago. — Isso é *nosso*.

— *Il nostro sangue in un cuore* — disse. *Nosso sangue em um coração.*

Beijei a pulsação em seu pescoço. — É uma honra carregar um pedaço seu dentro de mim — disse em siciliano. Naquele momento, não conseguia me lembrar de uma época em que não o amasse.

L'ho amato per sempre. Lo amerei per sempre.

Eu o amei para sempre. Eu o amaria para sempre.

Estava me avisando da dor que poderia causar. Aceitei o aviso. Todas as coisas na vida pelas quais vale a pena sangrar, vale a pena viver e morrer por elas.

Alcina

Música pulsante soava de dentro do *The Club*. Eu o senti sacudindo o cimento sob meus pés enquanto caminhávamos para a porta do carro. Corrado colocou o braço em volta do meu pescoço, me puxando para mais perto.

Uma fila envolvia o prédio, centenas de pessoas esperando para entrar.

Olhei para Corrado quando passamos pela multidão. Ele manteve o rosto para a frente, o braço apertado em volta do meu pescoço, conduzindo-me.

Alguns de seus homens estavam à nossa frente, uma dupla de cada lado e alguns atrás de nós. Os homens que trabalhavam como segurança na porta nos permitiram entrar sem nem mesmo olhar para nós. Usavam chapéus e ouvi um falando em italiano. — Ele chegou.

Corrado não era espalhafatoso, mas era estiloso, e os jornais informavam que havia iniciado uma nova era de chefes. Era uma ode aos tempos idos, quando os homens usavam ternos para respeitar o trabalho. Disseram que ele estava trazendo de volta os Dias Dourados de Capone.

Ele é silencioso sobre seus negócios, disse um jornal, *como seu avô*. Mesmo sabendo o que era, não podiam provar. Ele era exatamente o que faltava nesta sociedade moderna - não existia, embora as pessoas soubessem que existia.

Sua *nonna*, Teresa, fazia questão de dar notícias sempre que eu entrava na cozinha. Ela me deixava jornais e artigos para encontrar.

Eu ficava sozinha em casa, porque as mulheres que passavam a

maior parte do tempo com ela não gostavam de mim. O sentimento era mútuo.

Havia uma - aquela com olhos malignos - que me amaldiçoava toda vez que eu entrava na cozinha. Seu nome era Martina.

Ela era uma das razões pelas quais estava com Corrado esta noite. Ele passava muito tempo fazendo negócios e, embora tivesse convertido a casa da piscina em um lugar para eu trabalhar nas minhas velas, a mansão parecia sufocante. Precisava respirar. Viver fora dos limites dos portões barrocos.

Não parecia que as esposas geralmente iam com os homens a lugares como aquele. Corrado não disse muito, mas não se tratava de uma visita social. Estava aqui por um motivo diferente, que também não era totalmente relacionado aos negócios. Ele me disse que estava à procura de um homem que tinha algo a ver com seu passado, com seu pai, Corrado Palermo.

Nunca estive em um lugar como este, e quando disse a Anna que iria, ela exigiu que eu mandasse uma prova ou isso não aconteceu. Tirei o telefone do bolso, tirando fotos das pessoas, do palco, de todo o cenário enquanto caminhávamos para uma mesa privada. A música, as luzes, os cheiros... tudo começou a se mover na minha corrente sanguínea. Tive vontade de dançar.

Paramos em uma mesa escondida em um dos cantos mais escuros. Os assentos eram de veludo azul e pelúcia.

— Não. — Corrado ajudou-me a tirar o casaco. — Sem dança. — Ele o colocou sobre a curva de seu braço, gesticulando para que me sentasse. Ele me olhou de cima a baixo, examinando meu vestido novamente.

Era uma versão mais curta do que usei na ópera. O rico tecido dourado abraçava todas as minhas curvas, até mesmo a pequena protuberância da minha barriga. Ele tinha me tirado disso antes de partirmos. O olhar em seus olhos me disse que queria fazer isso de novo.

Devia estar escrito na minha testa que queria dançar, já que mencionou. — Já veio a um lugar como este?

— Sim — disse. — Mas não para dançar.

Uma vela acendeu no meio da mesa. Coloquei minha mão sobre ela, sentindo o calor sob minha palma. Inalei quando um pouco da fumaça permaneceu no ar. Chocolate. Eu me perguntei... não. Não podia ser, embora tivessem o mesmo cheiro.

Minha família em Modica não era a única que fazia velas com cheiro de limão e chocolate. Até perguntei a Anna sobre isso. Ela disse que não sabia que os *zie* enviavam suas velas para a América.

— O mesmo homem que é dono do restaurante é dono deste lugar? — Perguntei.

Corrado olhava para a frente, seus olhos voltados para o segundo nível do Club. Era feito de vidro. Parecia que ele tentava ver através dele.

Toquei seu braço. Demorou um minuto, mas ele olhou para mim. Pegou minha mão e beijou meus dedos. — Está com sede, Angel Eyes?

— Sim — disse. Enquanto andávamos ao ar livre estava frio, mas aqui, onde as pessoas se aglomeravam ao redor do palco, parecia uma sauna.

Nunzio se virou e Corrado acenou com a cabeça para ele. Isso foi o suficiente para se moverem. Uma mulher que trabalhava no clube voltou com uma bandeja com duas bebidas e uma garrafa. Depois que ela foi embora, Nunzio colocou tudo diante de nós. Corrado havia encomendado Amaro del Capo. O copo era fosco para mantê-lo frio. Enquanto bebia, pude sentir o cheiro de hortelã, sementes de erva-doce e alcaçuz flutuando no ar.

Minha boca encheu de água quando imaginei como seria o gosto em sua língua. Peguei meu copo para tomar um gole de água com limão, mas ele colocou a mão no meu pescoço e puxou minha boca para a dele.

— Você me obriga a coisas que não deveria em público — disse contra minha boca antes de me beijar novamente. Tinha gosto de bebida e não queria que ele parasse. Parou, porém, quando deve ter sentido um dos homens querendo sua atenção.

Nunzio pigarreou. — Mariposa e Keely estão aqui para ver sua esposa.

Fui me levantar quando o nome chegou ao meu ouvido. Mariposa. Mari. Não a via desde Modica. Lembrei-me então que ela e Amadeo moravam em Nova York a maior parte do tempo. Ouvir o seu nome foi como recuperar o fôlego.

Corrado colocou a mão em meu braço para me impedir. Acenou com a cabeça para Nunzio deixá-las passar. Ela passou pelos homens como se fosse uma ocorrência diária ter que contornar uma parede muscular para chegar até alguém. Keely, sua amiga ruiva, estava ao seu lado. Keely se sentou ao meu lado e Mari me abraçou do outro lado da mesa antes de se sentar ao lado de Corrado.

Ele estudou o rosto dela, um pouco mais de atenção do que em Modica.

— Corrado — disse — esta é a minha *cugina*, Mariposa. Mariposa, este é *mio marito*, Corrado.

Estendeu a mão e ele a pegou, mas ela não a soltou imediatamente.

— É um prazer conhecê-lo — disse, olhando para ele sob o brilho da chama.

Ele limpou a garganta e retirou a mão. Apenas acenando com a cabeça. Olhei entre os dois. Depois de um segundo, ela olhou para mim com um sorriso no rosto. Ela nos apresentou a Keely, mas Keely apenas acenou. Estava também olhando para Corrado.

Trocamos conversa fiada. Mari perguntou sobre o casamento. Perguntei sobre Saverio. Então perguntei onde estava Amadeo. Não poderia ver Mari aqui sem ele. Se Corrado era... possessivo, sabia que Amadeo era o mesmo.

— Trabalho — disse Mari, mas seus olhos estavam em Corrado novamente. — Ele não está longe, no entanto.

— Amadeo — disse Corrado, tomando um gole. — Era o homem com você na loja em Modica?

— Sim — disse Mari. — Meu marido.

— Meu marido era o outro homem. — Keely apontou para seu pescoço. — Aquele com a tatuagem de tigre.

— Sim — disse Corrado. — Estou familiarizado.

Keely sorriu. — Parece que é um mundo pequeno.

— Muito pequeno — Corrado murmurou em seu copo. Apontou para a área em frente ao nosso estande onde os homens estavam. — Se vocês me dão licença, senhoras, tenho negócios a tratar.

Mari saiu para que ele pudesse passar. Houve um momento em que estavam um diante do outro. Ela olhou para ele e ele olhou para ela. Ele acenou com a cabeça para ela e foi até os homens.

Mari voltou para a cabine. Ela me cutucou. — Conte-me tudo sobre a vida de casada.

— Ele já está te deixando prateada? — Keely riu em seu copo. — Cabelos, quero dizer.

Abri a boca para falar, mas parecia que as pessoas estavam tentando sair do caminho do tráfego.

— Rocco e Romeo estão aqui — disse Mari, espiando através da parede de homens.

Romeo parou para apertar a mão de Corrado. Rocco estava do seu outro lado. Rocco olhou entre os homens e nossos olhos se encontraram. Olhei para Mari depois de um segundo, não porque estivesse muito fraca para manter contato. Corrado estava assistindo.

Bebi quase todo o copo d'água antes de colocá-lo na mesa.

— Você já experimentou as bebidas aqui? — Mari disse.

— Não. — Sorrio e toquei meu estômago. — Não acho que o

bebê gostaria.

Demorou um segundo, mas Mari agarrou minha mão, apertando. — Estou tão feliz por você! Saverio terá um novo primo com quem brincar. Tem um número? Podemos fazer planos para nos encontrarmos com mais frequência.

Apertei a sua mão. Ela não tinha ideia do quanto isso significava para mim. Não teria que ficar presa às mulheres daquela casa o tempo todo. Trocamos números.

— Preciso de uma pausa para ir ao banheiro — disse Keely, levantando o cabelo e abanando o pescoço. — Quem quer vir?

— Sim, todos esses homens em ternos finos estão prejudicando meu estilo — disse Mari, deslizando para fora da cabine depois de Keely, rindo um pouco. — Venha conosco, Alcina. Podemos conversar mais um pouco.

Eu balancei a cabeça, saindo da cabine. Corrado passou a mão pela minha cintura antes que pudesse passar por ele.

— Onde diabos pensa que vai? — Sussurrou em meu ouvido.

Coloquei minha boca perto de seu ouvido e sussurrei de volta — Banheiro.

Seu aperto em mim não diminuiu, mesmo quando comecei a me afastar. O calor de seu toque ainda parecia queimar o tecido, mesmo quando sua mão não estava me tocando.

Keely olhou para trás. Corrado ainda observava me afastar, outro copo de Amaro na mão. — Isso foi intenso. Quem é o cara nos seguindo?

— Nunzio — disse. — Ele vai aonde eu vou.

Viramos no corredor. Três homens vestidos com roupas bonitas vinham rápido demais. O do meio me agarrou pelos braços quando esbarrei em seu peito. Fui dar um passo para trás, mas ele segurou.

Ele assobiou. — Chegando ou saindo, querida?

Nunzio se aproximou. Olhou para as mãos do homem em meus

braços. Os dois homens ao lado do homem segurando meus braços colocaram as mãos dentro das jaquetas, como se estivessem procurando por algo. Nunzio sorriu para eles e fez o mesmo.

Um segundo depois, os dois pegando algo dentro de suas jaquetas colocam as mãos para cima. O que estava me segurando deixou cair as mãos.

Olhei para trás e Corrado estava entre alguns de seus homens. Estava de olho nos três ao meu redor. Só de olhar para eles - ficou frio o suficiente para fazer arrepios aparecerem na minha pele.

— Não quis desrespeitar, Don Capitani — disse o homem. — Não sabia que a mulher estava com você.

— Minha esposa — disse.

Os rostos dos três homens empalideceram. A tensão pareceu crescer a cada segundo que se estendia. As pessoas não estavam mais se movendo em direção ao banheiro, mas tentando ir na outra direção. Corrado olhou para Nunzio. Nunzio acenou com a cabeça na direção do banheiro. Queria que eu me movesse. Ele raramente falava uma palavra comigo.

— Vamos, Alcina — Mari disse, me pegando pelo braço.

Depois que terminamos no banheiro, prometemos manter contato, porque parecia que ambas sabíamos que minha noite havia acabado.

Os três homens foram embora depois que saímos. Mari beijou minhas bochechas, assim como Keely, e então foram em uma direção diferente. Era a mesma direção que Corrado estava.

Eu me virei para olhar, mas como um fantasma cuja sombra se move ao longo de uma parede escura, quem quer que estivesse olhando havia sumido - um segundo depois Mari e Keely desapareceram atrás de uma porta que levava ao segundo nível do *The Club*.

Alcina

Nova York estava mudando. As folhas começavam a adquirir tons diferentes com o tempo, tornando-se mais nítidas - uma paleta de marrons opacos, vermelhos vibrantes e amarelos que eram um retorno ao verão.

Eu também estava mudando.

Desviei meus olhos da janela do carro e olhei para minha barriga, traçando a pequena protuberância redonda. De lado, parecia maior do que de frente. Na minha última consulta, o médico me disse que o bebê era do tamanho de um limão, e que tudo parecia *bene*. Nem tudo parecia bem, exceto a felicidade que sentia sempre que pensava no bebê, em nosso futuro - porque olhava para uma época diferente. Uma época em que as coisas seriam diferentes.

Depois da noite no *The Club*, algo mudou nos olhos do meu marido. Nunca vi isso antes. Era como se ele tivesse uma ideia tatuada em sua cabeça, e não pudesse se separar dela, como não conseguia se separar de seus escorpiões.

O homem que ele procurava era quem lhe dera a tatuagem.

Sabia que, mesmo que o encontrasse, isso não traria de volta o que ele perdeu, nem curaria o mundo de nada. Corrado nunca ficaria satisfeito até aceitar o que havia acontecido. Tentou negar que era sobre o homem que matou seu pai. Disse que era sobre homens terem respeito, e eu tinha certeza de que parte disso era verdade, mas o homem poupou sua irmã mais nova. Como poderia não poupá-lo? Era mais profundo e ele não queria enfrentar.

— *Rispetto*³⁰ — murmurei.

Se Corrado era alguma coisa, era um homem de grande honra e

respeito. Dava e exigia em troca.

Aquela noite no *The Club* mudou mais do que sua obsessão em encontrar o homem que desempenhou um papel na mudança de sua vida.

Na manhã seguinte, entrei primeiro na cozinha, preparando-me para tomar o café da manhã com Corrado antes que ele saísse. Martina estava lá passando um tempo com sua *nonna*. Normalmente, ela me amaldiçoava. Desta vez, me chamou de *goomah*. O que chamamos de *cummare* em italiano, que soava como *goomah*. Uma amante. Começou a rir, mas parou quando Corrado entrou bem quando ela disse isso.

— O ciúme é uma merda — disse a ela. — E você também. — Foi a primeira vez que respondi aos seus comentários baixos. Anna me disse que eu precisava colocá-la em seu lugar, ou nunca pararia. Foi a primeira vez que me desrespeitou na frente de Corrado, e isso parecia ainda pior.

— Pelo menos não ajo como uma vagabunda — disse.

Abri a boca para falar, mas Corrado pigarreou. — Saia — disse a ela. — Saia e nunca mais pise em minha casa novamente. Se desrespeita minha esposa, você me desrespeita.

Martina olhou para Teresa. Ela desviou o rosto. Martina começou a chorar, mas pegou a bolsa e foi embora.

Fiquei olhando para Corrado enquanto bebia seu café. Estava distante depois que deixamos o *The Club*, mas meus instintos me diziam que era mais do que apenas o que aconteceu com o homem que não conseguia encontrar. Tinha a ver com o que acontecera com os três homens.

Eles me chamaram de “a mulher”, e isso fez sentido depois que Martina me chamou de *cummare*. Aqueles homens devem ter pensado que eu era amante de Corrado. O vestido que estava usando. Onde estava tão tarde. As *boas* esposas estavam em casa cuidando da casa. Uma coisa que aprendi ao passar um tempo nesta mansão - essas mulheres gostavam de fofocar. Não foi a primeira vez que ouvi falar

de uma mulher que não era respeitável.

— Minha filha não estaria agindo como uma *puttana* — Martina disse sobre a filha de um *parente* que agia com muita liberdade em um bar. Um homem da família teve que mandá-la para casa.

Mesmo que fosse nos dias modernos, ser respeitável significava algo para aqueles homens. Viam as esposas de maneira muito diferente do que viam as amantes.

A ideia de meu marido tocando outra mulher fez meu sangue ferver. Minha *mamma* sempre dizia que o ciúme tinha forma, e vinha sob a forma de *vipera*, mas o veneno só destrói o coração que o hospeda. Estava cheia de um veneno mortal, mas não me parecia perigoso - era ele que eu queria machucar quando pensava nele *me* machucando daquela maneira.

— Eu vou matá-lo — disse a ele. Era claro e simples. Em um idioma que ele entendia melhor do que inglês. O pensamento de ele tendo uma *cummare* me fez começar a queimar, como nunca tinha queimado antes. Não era algo que realmente tivesse considerado, até aquele momento.

Ele tomou outro gole de café. Em seguida, pediu a sua *nonna* um pouco de privacidade. Ela olhou entre nós antes de sair pela porta de seu jardim, algumas mulheres atrás dela.

Olhou para mim. — Vai conseguir algumas roupas novas hoje. A maioria das roupas italianas são perfeitas. O dourado - e outros semelhantes - só no quarto a partir de agora.

— Vou matá-lo — disse de novo, mas dessa vez em siciliano. Minha voz combinava com a dele, indiferente, mas por dentro, tremia.

Ele sorriu para mim. Tive que apertar o balcão para manter meus dedos ocupados. Ia jogar minha xícara de café na sua cabeça. Levou seus pratos para a pia, que estava ao meu lado, passou água corrente no prato e no copo. Fechou a torneira. Então me prendeu, um braço de cada lado do meu quadril. — Por que acha que me casei com você, Angel Eyes?

Recusei-me a responder até que reconhecesse o que eu havia dito.

— Casei-me com você porque é uma mulher respeitável, e porque é a mulher mais linda que já vi. Mais bonita do que qualquer *goomah* que um homem poderia ter. Cada fantasia de merda que já tive se desenrola em nosso quarto todas as noites - e cada fantasia que terei terá você dentro dela.

— Você é o melhor dos dois mundos de merda. Um homem pede mais do que isso? — Encolheu os ombros. — É um glutão *pra* caralho. — Ele me beijou uma vez na testa, uma vez no nariz e uma vez nos lábios. — Casei-me com você porque te amo, Alcina.

Recusei-me a responder. Ele se virou para ir embora, mas antes disso, disse seu nome, impedindo-o. — Vou matá-lo.

— Vou te dar a faca para arrancar meu coração — disse, seu tom tão sério quanto o meu. — Vá às compras e leve o Brooklyn com você. Ela ficará com você e Nunzio de agora em diante.

Vou te dar a faca para arrancar meu coração.

Já que ele estaria arrancando o meu se fosse infiel a mim. Talvez existisse algo como amar demais alguém. Sua alma se tatuou na minha na primeira vez que olhou nos meus olhos. Ia além do que os olhos podiam ver. Ia além de carne, sangue e ossos.

Minha *mamma* sempre me disse que o casamento era uma fusão entre duas pessoas que tinham que aprender a criar uma vida juntas. Dar e receber sendo uma grande parte disso. Contanto que ambos os parceiros entendessem isso, funcionaria. Sabia o quanto respeito e honra significavam para Corrado. Por isso fui às compras. Comprei roupas que eram uma mistura da minha vida na Itália e minha nova vida em Nova York.

Pisquei com a claridade do dia e todas as cores, a memória daquela manhã na cozinha desaparecendo enquanto Nunzio nos levava para Bella Luna. Em vez de ficar olhando pela janela do carro, perdida em meus pensamentos, ou no estômago, ainda mais perdida

em meus pensamentos, olhei para Brooklyn, que era uma das primas de Corrado, e suspirei.

Ela tinha acabado de se formar na faculdade de artes. Em vez de sair para o mundo, estava presa a mim. Brooklyn ia comigo onde quer que eu fosse. Deveria garantir que Nunzio e eu nunca estivéssemos sozinhos. Pelo menos, me disse que Corrado pagava bem. Mais do que qualquer outro trabalho havia oferecido a ela. Faltaria experiência, mas ela parecia bastante feliz.

Ela folheou meu caderno de desenho com um sorriso no rosto. — Gosto deste. *Muito*. — Mostrou um esboço tosco de um desenho de mosaico que fiz para um castiçal.

Sorrio para ela. Na verdade, gostava da sua companhia. — *Grazie* — disse. — Você gosta de todos eles.

— Acho que elas serão um grande sucesso! *ENORME!* Levei algumas de suas velas de amostra para meus amigos e eles *adoraram*. — Olhou para cima, seus olhos se conectando com os de Nunzio no espelho. Suas bochechas coraram e olhou para baixo, uma cortina de cabelo preto caindo em torno de seu rosto.

Escondi meu sorriso, mas ela continuou roubando olhares dele. Ele tinha notado. De vez em quando, seus olhos se encontravam no espelho.

— Esta é a nossa parada — disse, alcançando a maçaneta da porta.

Coloquei a mão em seu braço para impedi-la. O carro ainda não havia parado de se mover.

— Ah! — Apertou meu braço enquanto caminhávamos para a porta de Bella Luna. Ela se inclinou mais perto. — Ele *está* bem. Não consigo pensar perto dele!

— Sempre pense quando o carro *está* se movendo — disse. — Ou cairá dele.

Rimos à medida que abri a porta da loja. Brooklyn entrou na minha frente e acendeu todas as luzes.

Ela se virou. — Amo isso aqui! Mal posso esperar pelo dia da inauguração!

— Eu também — disse, olhando ao redor. Era um sonho tornado realidade. Mal podia esperar que as prateleiras estivessem estocadas e a loja cheia de gente.

— Vou verificar o quarto dos fundos. Tivemos algumas entregas. Quero retirá-las da minha lista. — Ergueu o telefone, acenando para mim, antes de me deixar sozinha.

Suspirei. Queria manter registros em papel. Não confiava na tecnologia. Se tudo morresse hoje, o que o mundo faria? Estaria perdido, mas ainda teria minhas trilhas de papel. Coloquei minha jaqueta sobre o balcão, meus óculos de sol na cabeça e fui para as duas cabeças na parede novamente. As cabeças eram um dos meus aspectos favoritos da loja.

— Alcina?

— Hm?

— Este é George — disse Brooklyn. — George Halifax. É dono da loja de doces ao lado.

George Halifax deu um passo à frente e apertamos as mãos. — Alcina Capitani — disse.

— Na verdade, sou dono da empresa — disse. — Somos uma rede de lojas que se esforça para ser única. Gosto deste lugar. — Sorriu para mim enquanto enfiava a mão no bolso da calça jeans de marca. — Estou sediado em Londres.

— Este lugar é único — disse. — Não há outros como este.

Seu sorriso cresceu em um sorriso fácil. — Você me pegou, mas duvido que continue assim por muito tempo. Posso dizer que terá algo especial aqui. — Então seus olhos se estreitaram em algo atrás de mim.

Quase pulei quando notei Nunzio. Havia entrado na loja e estava de costas para a parede, observando.

— Bem — disse George. — Posso ver que está ocupada, Sra. Capitani. Só quis me apresentar. É sempre bom conhecer seus vizinhos. — Ele me entregou um cartão do bolso. — Se gosta de doces... apareça algum dia. Estou na cidade por um tempo. Estou entrando e saindo da loja ultimamente.

Eu levantei o cartão. — Agradeço.

— Isso inclui os funcionários dela? — Brooklyn perguntou enquanto caminhava em direção à entrada dos fundos novamente. Não parecia que ele quisesse cruzar com Nunzio.

Tentei não sorrir novamente quando Nunzio passou por mim, mais perto dos fundos. Ele estava tentando vê-los - ouvir sua conversa. Pareceu relaxar quando não houve mais murmúrios, mas então deslizou para o modo de soldado quando um grito de quebrar o vidro ecoou pela loja. Ordenou que eu fosse com ele, uma mão no meu braço, enquanto nós dois disparávamos em direção à sala dos fundos.

Ele me soltou quando chegamos à porta. Eu recuei, tentando evitar a bagunça - uma centena ou mais escorpiões, subindo pelo chão, indo em todas as direções. Havia escapado da caixa que Brooklyn acabara de abrir.

— Não se mexa — disse Nunzio a Brooklyn. — São altamente venenosos.

Seus olhos estavam bem fechados e ela tentava não respirar. Nunzio me pegou e me jogou por cima do ombro, colocando-me no balcão. Alguns segundos depois, tinha o Brooklyn sobre seu ombro, mas ele a deitou.

— Será que um deles a mordeu? — Estava lutando para olhar seus pés, suas pernas.

— Ela me disse não — disse em siciliano. — Desmaiou depois.

Não vi nenhuma marca de picada. Deixavam marcas de picadas? Eu não tinha certeza, mas pensei... estava começando a entrar em pânico.

— Acho que devemos chamar uma ambulância — disse.

Ele acenou com a cabeça, seu telefone na mão. Antes que pudesse discar, seu telefone tocou. Não disse uma palavra, apenas ouviu quem estava do outro lado da linha.

Brooklyn começou a se mexer, seus olhos se abrindo. Ela gemeu. — Será que um deles me pegou?

— Acho que não — disse. — Está queimando em algum lugar?

— Só meu rosto — disse, envolvendo os braços sobre os olhos. — Eu desmaiei. Isso é tão embaraçoso.

— Precisamos ir — disse Nunzio, desligando e colocando o telefone de volta no bolso. Olhou para o chão, onde pude ver alguns deles rastejando. — Fique aí — disse a Brooklyn. — Voltarei para você.

Ela fez um movimento de “xô” com as mãos, que ainda estavam sobre os olhos. — Confie em mim. *Não* vou a lugar nenhum.

Ele me levantou do balcão, mas então hesitou. Disse-me para segurar suas costas e, depois que segurei, pegou Brooklyn do balcão, surpreendendo-a. Carregou nós duas para fora ao mesmo tempo.

— Precisamos levá-la...

— Estamos indo para um lugar agora — disse. — Seu marido foi baleado.

* * *

Perguntei-me se o som das minhas sapatilhas batendo no chão ficaria comigo para sempre. Cada passo que me levava mais perto dele me fazia pensar se o próximo seria aquele que mudaria todo o curso da minha vida.

Nunzio não tinha detalhes, apenas que Corrado havia sido baleado e para onde iríamos.

Estávamos em um prédio de aparência simples por fora, mas por dentro me lembrava o lugar para onde fui levada em Milão. Estava

equipado com quartos para ajudar os homens, mesmo que não fosse um hospital de verdade.

Nunzio carregava Brooklyn ao meu lado. Quando tio Tito nos encontrou, apontou para uma sala algumas portas abaixo. — Dr. Carter cuidará dela — disse.

Nunzio acenou com a cabeça e a levou para a sala.

Tio Tito deu uma olhada no meu rosto e agarrou minha mão. — Ele está bem. Pode vê-lo em um minuto. Vamos falar primeiro, ah?

Entrei na sala para a qual apontou. Ele me disse que estaria junto comigo. Havia algumas pastas no balcão. Uma estava aberta. Olhei para ela e não consegui parar de olhar. Fotos do avô de Corrado - morto na rua.

Tio Tito entrou e percebeu. Ele a fechou com força, empurrando-a atrás de si enquanto se sentava na cadeira. Aproximou-se de mim, pegando minhas mãos. — Seu padrinho não lhe contaria mentiras — disse. — Foi por um triz, mas ele está bem. Apenas um ferimento superficial na cabeça.

— Na cabeça — sussurrei.

Assentiu, estudando meu rosto por baixo dos óculos. — Como está nosso bebezinho?

— Bem — disse, mas as palavras não vinham facilmente. Fiquei imaginando Corrado no mesmo lugar que o avô, morto na rua.

— Alcina.

Encontrei os olhos gentis do tio Tito.

— Não posso prometer que seu marido estará seguro nesta vida. Não existem tais promessas na vida de ninguém, mas você é uma das mulheres mais fortes que conheço. Tem mais força do que a maioria dos homens com quem lido.

— Será que o homem que Corrado estava procurando fez isso?

— Não. Um homem dentro da família. — Acenou com a mão. — Contudo. Quero que fale com ele sobre o homem que está procurando.

Talvez onde meu conselho caiu em ouvidos surdos, o seu cairá em um coração aberto, ah? Não vale a pena perseguir becos sem saída. Não há honra nisso. As coisas são como deveriam ser agora. Talvez até melhor. O tempo só dirá.

Concordei. — Gostaria de ver meu marido agora. — Eu apertei a mão do tio Tito e nós dois nos levantamos.

Ele me levou ao quarto de Corrado. Estava sentado na cama, uma bandagem em volta da cabeça, um ponto encharcado de sangue. Nunzio parou de falar quando entrei na sala. Acenou com a cabeça para Corrado e fechou a porta ao sair. Fiquei encostada na porta, olhando para ele. Ele tinha um cartão na mão, girando-o entre os dedos.

— Você me dirá algo? — Perguntou.

— Um minuto — disse. Estava tentando recuperar o fôlego. Tentando moderar minha raiva irracional por ele ter sido emboscado e o ódio que sentia pelos homens que tentaram fazer isso. Então havia o medo, a preocupação, a incerteza, combinando com a pulsação do meu sangue.

Ele parou de girar o cartão, olhando-o antes de voltar a fazê-lo. — Isso não é nada — disse, e eu sabia que ele estava se referindo ao ferimento.

Marchei pela sala e levantei minha mão para esbofeteá-lo por ser tão presunçoso - tão desrespeitoso - em face da morte. Como se me deixar não importasse.

Ele agarrou meu pulso, puxando-me para ele, e caí desajeitadamente contra seu corpo. — Eles não podem me matar tão facilmente, Angel Eyes — sussurrou em meu ouvido enquanto o segurava com mais força. — Já tive piores, é o que quis dizer.

Eu respirei fundo, inalando o seu cheiro. — Mas não *me* tinha — disse. — Você me disse que morreria por mim. O que dá valor às coisas pelas quais morrerá, se você não está disposto a também viver por elas?

Agarrou meus ombros, me afastando um pouco para que pudesse ver meu rosto. Ele olhou nos meus olhos. — Eu sou quem sou.

Concordei. — Eu também.

— O que quer de mim então?

— Sua vida mais do que sua morte.

— Você já tem — disse, tocando minha barriga. Ele me beijou na testa e depois me afastou um pouco mais. — Vamos embora. Odeio esses malditos lugares.

Corrado

— Parece como nos velhos tempos — disse o tio Carmine, acomodando-se na cadeira que ocupou por muitos anos.

Estávamos no escritório do meu avô em sua casa. Mantive meu dedo nas cortinas de renda, segurando-as para trás. Minha esposa estava no jardim com minha *nonna* e Brooklyn. O seu vestido mostrava o inchaço de sua barriga. Suas mãos estavam embaixo da pequena bola e, de vez em quando, traçava a forma com um dedo.

— Sim — disse, mas me recusei a desviar o olhar dela. Não gostava da porra do jeito que a sua luz parecia diminuir. Isso me preocupou de uma maneira que nunca tinha entendido antes.

Tio Carmine veio ficar perto de mim. Como *consigliere* de meu avô por muitos anos, era um homem por quem eu tinha grande respeito. Era sábio, e embora meu *consigliere* escolhido, Francesco Di Pisa, fosse tão bom, ainda era sábio consultar os veteranos que sobraram. Tio Carmine sabia o que eu estava tentando trazer de volta, o código como costumava ser, e me ajudou a fazer isso de acordo com os velhos métodos.

— Seu avô estava preocupado com você se casando com ela — disse. — Ele achou que perderia o foco.

— Só quando ela está por perto — disse. — Não trouxe minha vida pessoal para esta vida.

— É que ela é tão linda...

Olhei para ele e ele fechou a boca. Não era segredo que devíamos nos casar com a garota da casa ao lado, com quem crescemos até, como Martina. Antigamente, virgens. Minha esposa era linda *pra* caralho, mas era uma mulher de grande respeito e, em

qualquer situação social, superior a qualquer mulher que conheci. Era a mesma coisa no quarto. Eu era uma raridade nesta vida - um homem que poderia ser um gangster e um empresário - e ela também.

Ele suspirou e voltou a sentar-se. — Quanto tempo nós temos?

Coloquei a cortina atrás do suporte, mantendo-a aberta, e verifiquei meu relógio. — Quinze minutos.

— Fodido Silvio — disse, vociferando. — Ele começou toda essa confusão por causa de ciúmes. As regras são como ossos. Nós as temos por um motivo. Se um homem as quebra, dá a outro homem o direito de fazer o mesmo. Então o que nós temos? Sem corpo.

Concordei. — Há muito tempo que nossa família não entrava em guerra interna.

Ele demorou um pouco para responder. — Chamaria isso de guerra?

Pensei sobre isso por um minuto. — Sim, chamaria. Vito tentou me matar. Tem homens que o apoiam. Qualquer derramamento de sangue é considerado um ato de guerra.

— Pelo menos seus homens não precisam ir para os colchões. — Tomou um gole de sua bebida e a baixou. Ouvi o copo bater na mesa. — Jamais esquecerei minha primeira vez. Era jovem e nunca tinha ouvido falar disso.

Sim, em sua época, ir para os colchões significava que todos os homens tinham que ficar juntos ou correr o risco de serem pegos sozinhos. Não valia a pena deixar sua tripulação por nada porque, sozinho, era mais fácil para o inimigo pegá-lo.

— Não permitirei que chegue tão longe. Vito e sua equipe terminarão em uma semana.

Depois que o *subchefe* de Silvio tentou me matar, a comissão decidiu que, mais uma vez, não foi sancionado e não teve nenhum apoio. Haviam dado a Vito um passe depois de Silvio, mas agora havia esgotado suas nove vidas. Estava matando seus homens um por um, até chegar até ele. Se alguém fosse para os colchões, seria Vito e sua

turma, mas não fizeram isso. Haviam se espalhado como pombos e se escondendo como covardes que eram.

— Nós chegaremos lá em alguns minutos — disse. — Mas quero que me fale sobre Vittorio Scarpone.

— Hábil na guerra, e isso é tudo que precisa saber.

— Está me dizendo que ele era inteligente na vida. Então também está me dizendo que seria inteligente na morte.

— O que quer que esteja pensando, deixe morrer, Corrado. Seu avô queria que deixasse isso em paz. Por que você não pode?

— Sabe tão bem quanto eu que os Scarpones nunca pertenceram a esta vida. Eram brutais *pra* caralho, mas isso é tudo que eram. Ficaram no poder por muito tempo porque a comissão decidiu não tocá-los. A comissão votou contra meu avô quando quis que Arturo fosse removido. Os Scarpones ganharam dinheiro, mas deixaram seus homens morrerem de fome. Colocam a família em segundo lugar. Queriam todo o dinheiro para eles e o derramamento de sangue para todos os outros.

— Concordo — disse tio Carmine. — Mas o que está feito está feito. — Esfregou as mãos, como se as estivesse limpando. — A comissão votou e Emilio ouviu. O que mais se pode fazer nesta vida, Corrado? Regras. Regras. Regras. São como ossos, *capisci*? Você os quebra e enfraquece essa nossa coisa.

— É por isso que Vito está onde está. Você não é melhor do que ele, Corrado. Ninguém é melhor nesta vida, apenas mais inteligente. Conhecia seu avô há anos. Eu te conheço a vida toda. É cauteloso, tão bom quanto os veteranos, e é inteligente demais para desperdiçar tudo com um fantasma. — Fez uma pausa. — Extraoficial. Um fantasma que merece vingança.

— O que há de tão especial sobre esse vagabundo? — Por que todo mundo gosta do filho da puta?

— Além de provavelmente ter vivido anos como um fantasma em sua própria cidade?

Sim, daria isso a ele. Se fosse verdade, o que tendia a acreditar, ele havia feito algo enorme.

Eu tinha visto partes do filho da puta duas vezes. Uma vez no *The Club*, quando abriu a porta para a menina Mariposa e sua amiga, esposa de Kelly, e vi a sua mão. Uma tatuagem de lobo nela. Ele fechou a porta logo depois. Teria sido estúpido em acreditar que ele deixou aberto para mim. Eu era um homem inteligente, então nem tentei. Quando estava saindo de seu restaurante e os filhos da puta tentaram me derrubar como fizeram com meu avô - justiça poética e toda essa merda - um atirador matou um dos homens que mirara em mim. Então o inferno desabou com meus homens. Eu tive um vislumbre do atirador extra, no entanto. Aquele filho da puta maquiavélico com a tatuagem de lobo na mão novamente. Os Scarpones os tinham. Era coisa deles.

Bateram à porta e disse aos homens que entrassem. O meu *subchefe* entrou primeiro, Calcedonio Badalamenti, seguido de Adriano e Baggio. O resto entrou depois.

— Então disse “Ele é como a porra de um cachorro! Vem quando o chamo”, e o filho da puta diz “Prove!” Primeiro a coisa com minha mãe e sua cozinha. Agora isso? — Baggio estava dizendo.

— Aposto que Gilberts vem quando coloca comida. É por isso que eu viria — disse Adriano enquanto todos apertavam minha mão e a de tio Carmine, e depois se sentavam.

— É mais do que isso — disse Baggio. — Estou te dizendo. É um peixe gênio do caralho.

— Sim, mas ele gosta mais de minhocas ou flocos? — Disse Adriano.

Esse cara de merda. Tinha pensado em torná-lo meu *subchefe*, mas depois de passar um tempo com ele na Sicília, decidi por Calcedonio. Ele era menos motivado por comida e mais preocupado com dinheiro. E era respeitado, o que também significava que era temido.

No entanto, foda-me, ninguém era melhor com uma arma do que Adriano Lima. Os homens também o respeitavam. Tinha apenas que abandonar sua relação obsessiva com comida. Alguns dos homens começaram recentemente a chamá-lo de Adriano *Lima Bean*³¹.

Todos os homens se acalmaram enquanto eu ficava quieto. Então chegamos ao negócio. Discutimos pequenos assuntos primeiro.

— Sammy Bravata. — Sal disse. — Foi pego por algumas acusações.

— Cuide da família dele enquanto está preso — disse. — Fique de olho nos seus negócios até ele sair.

Mais alguns desses circularam. Então chegamos a um dos pontos principais.

— Vito — disse a Calcedônio. — Onde estamos?

— Ele não pode fazer a porra de um movimento sem sabermos. Está se escondendo com sua atual *goomah*.

Recostei-me na cadeira, juntei meus dedos e os coloquei sobre minha boca. — Baggio — disse.

Ele assentiu. — É *pra* já, chefe.

— Fale com Calcedonio sobre a localização dele. Não será tão fácil quanto pensa, mas como agora ele está sozinho, só precisamos dele.

— Terei mais de um plano em jogo, Don Corrado — disse Baggio.

Concordei. Este não seria um sucesso comum. Queria a cabeça de Vito em uma vara e escorpiões enfiados em seus olhos e boca. Já que se importou o suficiente para enviá-los para minha esposa como um aviso, e colocar minha família - minha esposa e meu filho, minha prima mais nova - em perigo, eu me importaria o suficiente para devolvê-los a ele.

— Nunzio — disse, tirando um cartão da minha mesa. Virei em torno dos meus dedos, pensando sobre o porra que ofereceu doces

para minha esposa. Tinha perguntado a um dos meus rapazes mais novos se “doce” era um código para sexo hoje em dia. Se fosse, Halifax teria sido enterrado embaixo de seu prédio, sem deixá-lo. — Como está a situação?

— Voltou para a Inglaterra. A loja estará fechada em uma semana. — Nunzio sorriu para mim. — Fiz uma oferta que ele não pode recusar. Teremos doces por muito tempo.

— Vou tirar de suas mãos — disse Adriano.

— Saia daqui — disse, acenando com a mão. Todos começaram a sair e parei Nunzio. — Adriano não chega perto daquela loja.

— Ele precisa de uma intervenção — disse Nunzio, levantando o punho e fechando a porta atrás de si.

Uma intervenção para Nunzio seria quebrar a mandíbula de Adriano para que não pudesse comer. Ele sugeriu isso na Itália.

Tio Carmine ficou comigo, pois ficaria para o jantar. Voltei para a janela e encontrei minha esposa novamente. Estava no mesmo lugar, olhando para o céu, o sol caindo em seu rosto. Poderia estar sentada no escuro, por mais vazia que sua expressão estivesse. Não gostei disso.

— Tio Carmine — disse.

— Sim?

— Ponha Tito ao telefone. — Era hora de fazer alguns planos.

Alcina

O inverno tinha sido brutal, mas a primavera estava florescendo ao nosso redor. Mal conseguia me levantar sem ajuda ultimamente, mas para sair de casa e fazer algo diferente do que velas, passei um tempo com a avó de Corrado em seu jardim.

Ela plantou *frangipani* de um lado. Seu marido ficava do outro lado do jardim quando era vivo. Só cultivava tomates. Estavam todos mortos. Eu tinha perguntado se ela queria que eu a ajudasse a replantar quando fosse a hora. Ela me disse que não, morreram com o marido. O vento varreu o solo, e o perfume doce, mas picante das flores flutuou no ar. O cheiro de baunilha, canela e rosas, tudo misturado na brisa. Eram uma flor comum nos jardins sicilianos. Alguns até as cultivaram em varandas.

O cheiro me levou para casa. Segurei meu rosário com mais força, pensando em minha *famiglia*.

Sentia falta da boca grande de Anna. A maneira como brigávamos e depois ríamos do nada. Sentia falta da *mamma* nos perseguindo com colheres de pau. Suas palavras de sabedoria. O cheiro de sua comida. O jeito que *papà* ficava mal-humorado até que o fizéssemos rir.

Sentia falta da Sicília. As cores. Os cheiros. Os sons.

Meus olhos se moveram para a casa grande. Meu coração torceu de dor ao vê-la. Parecia mais uma prisão do que uma fortaleza.

— Minha *nonna* me deu esta planta no dia em que me casei — disse Teresa, apontando para o *frangipani* com a espátula. Tirou o chapéu de aba larga do rosto para me ver melhor.

Seu cabelo era prateado puro, sempre preso em um coque, e seus

olhos eram castanhos calorosos. Era baixa e rechonchuda, e seus olhos combinavam com seu rosto - quente. Eu tinha visto uma foto sua no dia do casamento. Tinha sido uma mulher bonita, e parte de sua juventude transparecia em seu sorriso, quando o usava.

— Para levar para sua nova casa. — Sorrio.

Era uma tradição antiga das mulheres sicilianas plantar a flor e depois dá-la às suas filhas ou netas depois de casadas.

Ela sorriu também, talvez se lembrando. — Resolvi plantar aqui. Estava perto da minha *nonna*. — Começou a cavar ao redor da flor quando saímos, e não percebi até então que provavelmente tinha ido mais fundo do que as raízes. Parou por um segundo, olhando para a janela. — Meu neto está te observando de novo.

Olhei para cima e encontrei seus olhos. Não nos afastamos um do outro. Esse não era o problema - não. *Problemas*. Ficou obcecado com a minha segurança depois do incidente com o escorpião, especialmente porque o homem que os havia enviado não havia sido encontrado. Ele também se tornou obcecado pelo homem sem nome. E parecia que a cada dia ele se mudava para lugares que eu não poderia seguir sem uma luz forte.

Estava sempre me observando, no entanto. *Per sempre*. Talvez à espera de outra lua cheia para que pudesse me encontrar novamente. Desviei o olhar dele e de volta para sua avó. — Seu marido a observava da mesma janela?

— Não — disse, voltando a cavar. — Ele nem me olhava. Via sua esposa. A mãe de seus filhos, mas não me via.

Apoiei minhas mãos contra o banco, sentando-se um pouco. Não olhou para mim, mas sabia que ela podia sentir que eu estava olhando.

— Essa vida deles também se torna nossa — disse. — Não é um negócio para eles, é um modo de vida. Quando se escolhe esta vida, não há outra. Vivemos na periferia da vida real, embora possamos ver isso acontecendo bem na nossa frente. Socializamos com outras

esposas - seus filhos se tornam como os nossos. Damos festas para nossa família - Natal, Ano Novo, Páscoa, Quatro de Julho, casamentos, batizados. Tudo parece tão glamoroso. Parece que vivemos a vida.

— É uma garota esperta. Não tenho que te dar um sermão sobre as realidades. O escrutínio constante do governo. Sempre pairando ao redor de sua casa. As *outras* mulheres - nós vamos a alguns lugares, e elas a outros. Eles podem ter uma *goomah*, mas não podem nos desrespeitar levando a mulher, ou mulheres, para os mesmos lugares. É esperado que eles as tenham. Como pode um homem tão poderoso ter apenas uma mulher? O que isso faria dele?

— Um homem — disse. Nesta vida, seria mais difícil enfrentar essa expectativa específica do que se curvar a ela.

Ela parou de cavar por um minuto e sorriu. — Está cheia de calor — disse, e depois suspirou. — Então chega o dia em que tem filhos. E pede a seu marido para poupá-los desta vida. *Sim, sim*, dizem a você. *Tentarei o meu melhor*, mas isso os atinge. Atinge filhos, primos, tios. Chega até às meninas. Elas geralmente se casam com um filho ou um primo. Eles se tornam nós.

— Você — disse. — Eles se tornam você.

— Você carrega o nome Capitani. Continua o legado. Carrega muitas mulheres que se sentaram onde está agora... — acenou com a cabeça para o banco — ...com você. É a esposa do Don. Você é quem eu costumava ser. Não importa o quão diferente pareçamos.

— Não é a nossa aparência — disse. — É a forma como reagimos.

Ela sorriu novamente, e desta vez, parecia por pena. — Corrado lhe contou sobre minhas filhas?

— Algo — disse.

Ela cavou um pouco mais forte. Então parou depois de um minuto, enxugando o suor da testa. — Eu sabia quem era o seu pai.

— Eu pensei...

— Eles têm seus segredos. Nós temos o nosso. — Olhou para mim. Seus olhos estavam opacos, planos, mesmo sob o sol. — Luna se apaixonou por Corrado Palermo antes de sair de casa. Por isso foi embora e Emilia foi com ela. Não queríamos que fosse embora, mas ela sabia que seu pai nunca permitiria. Corrado pertencia a uma família diferente e, na época, estava em guerra.

— Teria causado ainda mais discussão se Emilio tivesse descoberto. Luna estava com medo de que se ele descobrisse, o mataria. Naquela época, Corrado Palermo estava se destacando. Mesmo eu não a queria associada a ele. — Tocou a têmpora, deixando uma mancha de sujeira. — Uma ideia surgiu aqui. Na sua cabeça. Não saiu a menos que estivesse cansado ou feito.

— Minha filha era a mesma. Então saiu de casa e foi para Las Vegas. Sabia que ele viria atrás dela, não importava aonde ela fosse, e seu pai a deserdiaria quando o fizesse. Emilio fez, Corrado Palermo a seguiu e ela engravidou pouco depois, mas coisas estavam acontecendo aqui, coisas ruins, e como Corrado Palermo era como um filho para Arturo Scarpone, ele o mandou para a Itália para ficar escondido por um tempo.

— Corrado Palermo tinha um preço por sua cabeça. Quando as coisas ficaram seguras aqui, voltou e terminou com Luna. Ele se casou enquanto estava em Palermo.

Voltou a cavar, suspirando. — Ele não queria ter nada a ver com o bebê ou com Luna. Ela nos fez jurar, Emilia e eu, que nunca contaríamos. Nunca falei uma palavra sobre isso até hoje. Minhas garotas se foram.

— Por que está me contando? — Sussurrei.

Ela trouxe os ombros até as orelhas e depois os deixou cair. — Vejo essa mesma obsessão no meu neto. Isso me preocupa. A história se repete, especialmente quando está no sangue.

— Ele não é o seu pai — disse. — E também não é seu avô.

— Concordo. — Ergueu a espátula e começou a cavar

novamente. — Mas foi criado nesta vida a vida inteira. Ele nunca teve a chance de ser diferente. — Ela me olhou nos olhos.

— Meu marido dormia profundamente todas as noites. Todas as coisas que fez, e nenhuma vez se mexeu durante o sono, a menos que comesse algo que incomodasse seu esôfago. Todas as coisas que fez - onde estava sua consciência? Conte-me. Meu neto, seu marido, dorme bem?

— Talvez sua consciência *fosse* seu esôfago — disse.

Ela sorriu, mas sabia que eu estava evitando a pergunta para a qual já tinha a resposta. Corrado dormia profundamente sempre que dormia, exceto por uma vez. Quando o barco no Lago de Como explodiu. Ficou acordado a noite toda olhando para mim.

— Eu o amo — disse. — Meu neto. Mais do que a própria vida, mas escolheu este caminho. — Bateu em algo em seu jardim. Um som metálico soou.

Ela colocou a espátula de lado, tirou as luvas e depois puxou uma velha caixa de metal do chão. Espanou-a. A caixa quadrada era claramente velha, ainda mais desgastada pela lama em que fora embalada durante o que pareceram anos.

Não demorou muito para cobrir o buraco com lama. Cortou algumas flores depois, e depois, colocando a caixa debaixo do braço, se levantou do chão sem qualquer ajuda. — Ande comigo — disse, apontando para a porta que dava para a casa.

Olhei para a janela. Lá estava ele de novo, me observando. Andei ao seu lado, e ele ficou olhando até não poder mais nos ver. As cortinas de renda tremularam quando as fechou.

Ela se virou para mim quando soube que ele não podia ver e me deu a caixa com as flores. Pegou minhas mãos nas suas, apertando. — Aprendi a odiá-lo — disse. — Meu marido. Eu o amava, o amei no momento em que o vi. Veio tão naturalmente. Amar, mas com o passar dos anos - a vida, sempre em segundo lugar - aprendi a odiar.

— Não era uma emoção fácil para mim. Lutei com isso, mas

depois de um tempo, tanto tempo, *coisas*, a perda das minhas filhas, a perda de uma vida que esperava, o ódio veio, e nunca me deixou. Eu o *odeio*. Sempre pensei que o melhor dia da minha vida seria o dia do meu casamento. Foi o dia em que o enterramos.

Ela apertou minhas mãos com ainda mais força. A caixa de metal, minhas alianças de casamento e o rosário perfuraram minha pele. — Minha *nonna* me deu esta lata. Ela me disse que há duas coisas que uma mulher sempre deve ter: um jardim e uma árvore do dinheiro para enterrar. Deve crescer ao longo dos anos, dado à próxima geração, então se precisarem, estará lá. — Encolheu os ombros. — Eles têm seus segredos. Nós temos o nosso. Temos uma coisa em comum, todos nós os enterramos, *capisci*?

Ela olhou nos meus olhos e respirou fundo, soltando o ar lentamente. — Se você ama meu neto, *vá*, ou um dia, será como eu. Sentirá tanto ódio em seu coração por alguém que uma vez não poderia imaginar viver sem. Preserve o que tem. Não deixe esta vida também matar isso. Esta vida sempre vem em primeiro lugar. Todo o resto vem em segundo lugar.

— Dê uma chance ao seu bebê. Uma chance de... escolher a vida. Não essa, mas uma boa. Dê esta lata para sua filha, ou filho, vazia. Vocês dois constroem juntos novamente. — Soltou minhas mãos e entrou na casa.

Os homens estavam por perto, mas atrás dos portões, olhavam mais do que assistiam. Abri a lata e, dentro, rolos de dinheiro a encheram. Ela queria que eu pegasse o dinheiro e fosse embora.

— Estamos desenterrando um tesouro enterrado agora — disse.

Fechei a lata silenciosamente e depois olhei nos olhos do meu marido. Ele podia ficar quieto como um fantasma quando queria.

Suspirei, levantando a lata e as flores. — Sua avó me deu uma relíquia de família — disse. — Quando o bebê tiver idade suficiente, enterraremos essa lata depois de usar as sementes de *frangipani* para um jardim. Uma tradição familiar.

Colocou o braço em volta do meu pescoço e beijou minha têmpora. — Não minta para mim, Alcina — disse. — Posso sentir o cheiro do dinheiro antigo nessa lata.

Paramos de andar.

— É segredo — disse. — Entre duas mulheres. Por que tem que saber sobre isso? Você não me conta tudo.

Ele estudou meu rosto. — Você quer me deixar.

— Se eu quiser?

— Sim ou não — disse.

Não disse nada. Depois de um minuto, ele colocou seus lábios perto da minha orelha, me puxando ainda mais perto. — Se for um sim, me diga antes de fazer, e lhe darei a faca para arrancar meu coração.

— Você tem me oferecido muito uma faca ultimamente.

— Você é a única pessoa que permitiria que me matasse — disse. — Sem você, estou morto de qualquer maneira. — Disse as palavras com tanta indiferença, mas com tanto peso, de repente me senti cansada até os ossos.

Entramos na casa e, depois que me acompanhou até a sala de jantar e puxou minha cadeira, limpou a garganta. — O que eu disse a você na noite de nosso casamento... — fez uma pausa. — Resiste ao teste do tempo. Sou o único homem em sua vida, esteja você ao meu lado ou não. Matarei qualquer homem que tentar chegar perto de você.

Então ele saiu.

Alcina

Ele olhou para ela como se tivesse pendurado a lua.

Foi por isso que deu à nossa filha o nome de Eleonora Lucia Capitani - na noite em que ela nasceu, a lua estava cheia e brilhante o suficiente para ver. Como na noite em que veio a mim em Bronte, ele foi movido por algo maior do que a vida que o governava.

Eleonora significa “luz brilhante”. Lucia significa “luz graciosa”.

Seu cabelo escuro mal dava para pentear, e sua pele era como porcelana fina. Seus olhos eram castanhos, mas tinha a sensação de que clareariam para âmbar escuro. Ela compartilharia a cor com seu *papà*, ou talvez até avelã. Uma mistura entre o dele e o meu - âmbar e marrom.

Ele poderia segurá-la com uma mão, e ela governava seu mundo.

Ele dormiu muito pouco depois do nascimento de Eleonora, e algo me deixou satisfeita.

Depois da conversa com Teresa, fiquei olhando para ele à noite enquanto dormia. No final da minha gravidez, não conseguia dormir de qualquer maneira. Ele nunca se mexia durante o sono e parecia mais em paz do que quando estava acordado, mas quando uma de nós mais precisava dele, ficava de guarda.

Decidi que as consciências vinham de todas as maneiras e em diferentes formas. A dele falava mais alto quando podia ver a diferença entre o seu mundo e o nosso, e a que distância estava quando podia comparar a distância.

Sabia quem era meu marido. Soube no momento em que olhei para ele. No momento em que me apaixonei por ele. No momento em que me casei com ele - o momento dos momentos - e lhe prometi para

sempre.

Eu sabia quem era meu marido.

Era por isso que lutava uma batalha que ele não podia ver. Se ele se perdesse em uma obsessão perigosa da qual não conseguisse se livrar, sabia que o perderia para isso. Ele tinha guerras suficientes para lutar. Aquela com o homem misterioso me incomodava mais.

Não se tratava de negócios, mas de algo pessoal. Podia ver em seus olhos quando ficava sozinho por longos períodos, com muito tempo para pensar. Como não podia abandonar a ideia, especialmente porque o homem parecia estar brincando com ele.

Corrado Capitani não estava acostumado a perder. Nem eu estava.

Eu seria condenada se o perdesse por qualquer outra coisa que não as causas naturais, quando estivesse velho e cansado. Era capaz de fazer todas as coisas que meu marido fazia nas ruas. A diferença entre nós: só as fazia por amor. Ele as fazia pela família e *pelas* obrigações. Era quase incutido nele. Ele era um produto da *vida*, como o chamavam.

O amor não é uma fraqueza; é a maior arma de todas. Enfiei a mão no bolso do vestido e toquei o rosário ali, sabendo o quão forte eu era. O que eu arriscaria por amor. A vida que tinha lutado tanto para ter - era isso. Era meu marido e minha filha. *La mia famiglia*.

Uma mão suave e quente tocou meu ombro e sorriu, colocando minha mão sobre a dela. — Ela dorme bem — sussurrou *mamma*.

Corrado havia providenciado para que *mamma* e Anna estivessem aqui quando Eleonora nascesse. *Íamos* levá-la para conhecer o *nonno* no final do verão, quando voltássemos com *mamma* e Anna.

— Como eu — disse Anna, espiando por cima do meu ombro. — Ela é exatamente como eu.

Nós três pairamos em torno de sua porta, vendo Corrado abraçá-la enquanto dormia. Ela tinha uma cama em nosso quarto, mas às

vezes ele a levava para seu quarto para embalá-la até dormir depois do banho.

— O que há sobre esse tipo de homem segurando um bebê que é tão sexy? — Anna sussurrou.

Sorriso. — É mesmo.

Mamma beliscou Anna e ela riu baixinho. — É mesmo, *mamma!*

— Não estou discordando, mas não lhe dê... — acenou para mim — ...nenhuma ideia. Ela precisa dar a Ele tempo para ser o bebê. Olha para ela. Está deslumbrada.

Anna e eu olhamos uma para a outra e começamos a rir, tentando manter nossas vozes baixas. — *Mamma mia!* — Anna balançou a cabeça. — É *deslumbrante*. Não *deslumbrado*.

— Qual é a diferença, espertinha?

— Deslumbrado é quando se está enfeitiçado. Deslumbrante é o que se faz as roupas. — Anna começou a caminhar em direção à escada. — Quem quer cartas esta noite? Já que o homem gostoso tem o bebê adorável.

Em casa, às vezes ficávamos acordados a noite toda jogando cartas. Colocávamos um bule de café e um pouco de música, comíamos doces e ríamos. Às vezes, Anna e eu brincávamos com alguns primos e *mamma* se sentava e nos ouvia enquanto fazia crochê.

— Precisa de um dicionário, Anna — *mamma* disse, beijando-me na bochecha. — Deslumbrado está correto. — Depois acenou com a mão. — Estou cansada. Podemos jogar amanhã.

— O mesmo para mim — disse.

Anna tocou o nariz e puxou o dedo, como se o nariz estivesse crescendo. — *Bugiarda* — murmurou para mim. *Mentirosa*. — Há tantas pessoas neste *castello*, tenho certeza de que posso ganhar algum dinheiro fácil. Não me verão chegando. Tenho uma aparência tão doce.

Corrado olhou para mim quando abri totalmente a porta e

fechei-a atrás de mim. A cabeça de *Ele* estava contra seu peito, a boca aberta. Corri minha mão pelo seu cabelo, o pouco que ela tinha.

— Eu te encanto — disse, encontrando meus olhos quando me levantei depois de beijar sua bochecha deliciosa.

Sorrio. — Desde o momento em que te vi.

Ele tocou o nariz e puxou o dedo, fazendo exatamente o que Anna fizera.

Estreitei meus olhos. — Está também me chamando de *bugiarda*?

Ele encolheu os ombros. — Você está mais feliz agora.

— *Ele* está aqui...

Ele balançou sua cabeça. — Sempre foi feliz com Eleonora. Não tem sido feliz comigo.

Foi a primeira vez que ele tocou no assunto desde que chegamos a Nova York, e meu coração inchou. Ele estava naquele espaço e tempo em que podia sentir a distância. Ele queria preencher a lacuna.

— Não com você — sussurrei.

Beijou *Ele* na cabeça e a levou para a cama, deitando-a. Pegou a cadeira novamente e tocou sua perna. Eu me enrolei em seu abraço e respirei fundo, profundamente. Parecia que prendia a respiração, esperando por este momento. Finalmente pude respirar novamente.

Foi maravilhoso ter *Ele*. Nosso tempo era gasto em torno dela, apreciando-a, amando-a, mas isso era o que eu precisava dele, de um amante para outro.

— Eu te amo mais do que a vida, Corrado — sussurrei. — Mas fico sozinha.

— Você tem passado um tempo com algumas das esposas.

Eu tentei. Não pude. Elas eram diferentes. Conversaram sobre compras, carros e lugares para ir nos dias de spa. Nossas conversas não tinham substância real, ou profundidade real, ou qualquer sentimento verdadeiro - quando riam, não era verdade.

Fiquei grata por Mari. Ela me ligou algumas vezes, e liguei para ela. Ela até me convidou para noites de garotas com as esposas Fausti, mas não fui. Corrado não gostava de Rocco e isso era um problema. Se as coisas ficassem tensas entre eles... não queria pensar no que aconteceria. Não valia a pena. E então Mari e Amadeo voltaram para Modica por um tempo. Fizemos planos para nos encontrarmos quando voltassem.

Portanto, tinha sido difícil até a chegada de *mamma* e Anna, mas...

— Ainda me sinto sozinha — disse. — Esta casa. — Olhei para ele. — Tem tudo, mas nada. Não é quente. Quase não há risos. Parece uma prisão.

— Trocou uma por outra.

— Não — disse. — Você me libertou, mas sem você aqui na maior parte do tempo, nada parece o suficiente. Há excesso ao meu redor, mas não do tipo que importa.

— Sou eu — disse. — Estou fazendo isso com você.

Ele era um dos homens mais inteligentes que conheci de muitas maneiras diferentes, mas no amor estava perdido.

— Sua avó lhe contou sobre nossa conversa — disse.

— Não, ela mente para mim. Assim como mentiu para meu avô. Era a natureza do relacionamento deles.

— Não é a natureza do nosso — disse, sentando-me, pegando seu rosto em minhas mãos. — Isso não é sobre você ou sobre mim, mas sobre *nós*. Sinto sua falta. Não te vejo assim desde que saímos da Itália. — Procurei seus olhos. — Você não olha para mim. Não assim, não o suficiente.

— Como estou olhando para você, Angel Eyes? — Sussurrou.

Meu coração disparou e minha respiração ficou presa, como na primeira vez que me olhou assim. — Como se também sentisse minha falta, embora esteja perto de você. — Coloquei minha cabeça contra a

dele, respirando-o.

Enfiou o dedo sob meu queixo, levantando minha boca para a dele. Ele me beijou devagar, profundamente e então com a mesma aspereza que me fez sentir reivindicada. Interrompeu o beijo e passou as mãos pela minha cabeça, depois puxou as nossas juntas. — O que quer de mim, mulher?

— Tudo — disse.

— Essa é a porra do problema — disse ele. — Não posso negar nada a você.

— O que está feito está feito — sussurrei. — Perdoe o passado.

Pareceu pego de surpresa por eu ter pedido isso a ele. — Eu também não posso fazer isso — disse, e depois suspirou. Pegou-me e me carregou para o nosso quarto, me colocando na cama antes de levar *Ele* para a dela.

Ele me envolveu em seus braços e adormeceu pouco depois, mas não consegui dormir. Minha consciência estava em paz, mas minha mente me manteve acordada.

O que ele esperava que eu lhe pedisse? Para deixar sua vida para trás e começar uma nova comigo?

Nunca.

Era disso que os contos de fadas eram feitos. Nesta vida, não existia tal coisa.

Alcina

— Vou embora com o seu closet! — Anna disse, deitando-se no tapete macio do chão, fazendo um anjo de neve com a pele falsa.

Eu a toquei com meu dedo do pé. — Deve ter bebido muito suco de ameixa quando criança e cagado todo o seu bom senso.

Ela rolou ainda mais, rindo ainda mais alto. — Não ouvi isso desde... *bisnonno*! Ele costumava dizer isso aos homens que tentavam lhe roubar o dinheiro por suas frutas, lembra?

— Como posso esquecer? *Mamma mia*! Minha bunda ainda dói.

Nosso *bisnonno*, *bisavô*, era mascate de frutas, e quando os homens tentavam enganá-lo no preço de suas frutas, ele lhes dizia isso. Não sabia que era errado dizer quando era criança. Repeti para minha professora quando me deu uma nota ruim. Tive meu traseiro chicoteado pela minha *mamma*. *Papà* tentou não rir quando descobriu o que eu disse, e então *mamma* o atingiu com uma vassoura. Ela sorriu o tempo todo.

— Pode imaginar *Ele* dizendo isso para a sua professora? — Minha irmã suspirou, enxugando os olhos. — Que coisa elegante de se dizer, Alcina!

Sorrio e me virei para a caixa de joias, escolhendo um relógio e algumas pulseiras de ouro para usar. Íamos para Bella Luna e depois encontraríamos Mari no Macchiavello's para almoçar.

— Preciso de todas essas roupas sob medida para mim. — Anna se sentou, olhando em volta para todas as roupas e sapatos. — Teve a sorte de conseguir um bom *culo*. O meu é *plano*.

Eu o agarrei e ela deu um tapa.

— *Puttana* — disse ela, rindo.

Mostrei minha língua para ela. Ela sorriu. Então ficou quieta, me observando calçar os sapatos e borrifar perfume. Estava usando o vestido que escolheu e pronta para sair.

— Você está diferente, Alcina — sussurrou.

— Engordei um pouco — disse, encolhendo os ombros. — Faz apenas três meses desde que *Ele* nasceu...

— Não — disse, sua voz repentinamente firme, me fazendo estreitar os olhos. — Você é linda. Linda como sempre. Fisicamente - é perfeita. Isso é mais profundo.

Afastei-me dela, voltando para a caixa de joias. Joguei para ela algumas pulseiras que combinavam com seu vestido. Ela as pegou e colocou, mas se recusou a parar de me dar um olhar que significava que queria que eu respondesse.

Suspirei, passando os dedos pelos brincos de cruz de ouro com joias de âmbar que Corrado me deu em Milão. — Eu o alcanço e depois não consigo mais — disse em siciliano, sendo honesta.

Fazia dois meses desde a nossa conversa no quarto de *Ele*, e por mais um mês, pensei que talvez fosse deixar o passado passar. Esperava que sua disposição de estar mais presente em nossas vidas durasse mais. Não o tinha visto muito este mês, e mesmo quando estava por perto, sua mente não estava conosco. Chegou mesmo a adiar a viagem a Forza d'Agrò para ver meu pai. Íamos batizar *Ele* na igreja em que nos casamos.

— Não é tão ruim quando você e *mamma* estão aqui, porque não me sinto tão só, como com saudades de casa, mas... — acariciava o metal, a sensação dele me reconfortava, como um rosário. — Estou preocupada, Anna. Verdadeiramente preocupada com ele. Ele come, dorme, respira vingança por algo que aconteceu anos atrás. Algo que não pode mais ser consertado.

— Disse isso a ele?

— *Sì* — disse, tentando respirar fundo, mas parecia superficial,

como se não pudesse pegá-lo. — Ele só vê uma maneira. Eu vejo algo diferente. Vejo o trem chegando e não acho que conseguirei tirá-lo do caminho a tempo. Tio Tito me disse para mudar sua direção, seu caminho, mas não sou forte o suficiente. Se eu o perder para isso, Anna, serei arruinada. Nem sei quem é este homem que o possuiu, mas é diferente.

Anna se levantou do chão e veio ficar ao meu lado. Colocou a mão no meu ombro. — Sabia que essa era a vida dele, Alcina.

Balancei minha cabeça. — Isso é diferente. Ele pode se separar do negócio. Não pode se separar disso. É como se uma semente escura tivesse criado raízes, e nenhuma quantidade de luz pode fazê-lo ver a verdade.

— Você disse exatamente essas palavras para ele?

— Não exatamente — disse, suspirando.

Ela estudou meu rosto por um momento. — Prefere que ele não fosse quem é?

— Estou ligada a ele pelo amor — disse. — Não importa quem seja.

— Quando eu disse que parecia diferente, não quis dizer fisicamente. Quando perguntei se preferia que ele não fosse quem é, quis dizer seu título nesta vida.

— Eu sabia desde o início. — Dei de ombros. — Não tenho o direito de me sentir diferente agora.

— Talvez não — disse. — Mas você se sente?

Fui me afastar dela, mas me segurou pelos ombros, virando-me em sua direção, me forçando a olhar nos olhos dela. — Ouça-me — quase sibilou. — Esta é sua vida. O que quer dela?

O que eu quero? O que preciso? O que estava realmente pedindo?

Ele.

Sempre o quis e a nossa vida - nossa pequena família. Os

detalhes se perderam na tradução.

— A vida vai governá-la, irmã — disse ela em siciliano — se não governá-la. Governe como a rainha siciliana que é. Suas roupas não importam. Esta casa não importa. Nada importa, mas como reage. Você decide o que quer, o que é melhor para sua família. — Ergueu o dedo. — Ao fazer isso, encontra uma maneira de obtê-lo. Você está presa pelo amor; ele também. Lembro-me de duas pessoas que estavam naquele altar jurando: *Eu viverei por você. Darei minha vida por você. Estamos ligados por uma só carne.* Duas pessoas compartilhando uma vida, Alcina. *Compartilhando.*

Anna e eu ficamos imóveis - não havíamos feito gestos com as mãos como de costume, mas nossas conversas sempre pareciam quase físicas, mesmo quando não estávamos.

Corrado pigarreou atrás de mim.

Anna me soltou, voltando-se para a caixa de joias, mexendo ao redor.

Corrado passou as mãos pela minha cintura, puxando-me para perto, dando-me um beijo. Sempre fazia antes de partir. Era um tipo estranho de lugar para se estar - não perto, mas perto. Parecia muito com o dia em que o vi pela primeira vez, quando devolveu minha luva. Fui pegar, mas ele puxou de volta.

— No dia em que nos conhecemos — disse, como se pudesse ler minha mente.

Concordei. — Você me devolveu minha luva — disse.

— Você realmente devolveu algo para mim — disse, e então estudou meu rosto antes de continuar. — Romeo Fausti tem essa coisa. Sempre que vê um cara perseguindo uma mulher, diz que o cara está perseguindo sua costela.

— Um cachorro atrás de um osso — disse. Eu conhecia bem os Fausti, e isso era algo que pude ver um deles dizendo. Para assassinos implacáveis, também eram conhecidos por serem muito românticos de uma forma arcaica.

Ele sorriu e encolheu os ombros. — Isso pode ser verdade. Ele está se referindo a Adão e Eva no jardim, no entanto. “*O homem deu nomes a todos os rebanhos, aos pássaros no ar e a todos os animais do campo, mas para Adão, nenhum ajudante adequado foi encontrado*”. Não até que caiu em um sono profundo, e quando acordou, ele estava sem uma costela. Um pedaço dele, mas em seu lugar, a mulher foi trazida até ele. Sua.

— Quer sua costela de volta? — Sorriu, passando minhas mãos por seus lados, estabelecendo-me em suas costelas. Amava seu corpo inteiro, mas esse era um dos meus lugares favoritos. Adorava correr meus dedos para cima e para baixo nelas à noite.

— Já entendi — disse, beijando-me mais uma vez. — O dia naquele pomar de pistache. Acordei e te encontrei.

Ele disse as palavras claramente, como se fossem simplesmente a verdade. Como se não deixassem meu coração gaguejando no closet quando ele saísse de lá.

Anna envolveu seu braço em volta do meu, puxando-me para ela. — Estou impressionada com o quão diferentes os homens podem ser. Meu marido é um trabalhador honesto - não faz as coisas que seu marido faz, mas ele não... fala assim comigo. Não faz com que minha família esteja lá quando mais preciso. Fabrizio é maravilhoso a seu modo, é maravilhoso para o mundo, mas seu marido é maravilhoso para *você*. É cruel com o resto do mundo, mas você é a sua exceção. Ele encontrou uma maneira de amar através de você.

Saímos atrás dele, indo nos despedir de *mamma* e *Ele* antes de partirmos. *Mamma* a tirou do sol, levando-a para passear no carrinho pela propriedade. Recusei-me a deixá-la com qualquer outra pessoa da casa.

Corrado as alcançou antes de nós. Sorriu para ela, a pegou no colo, e ela começou a chorar. Não tinha estado muito em casa durante o dia. O tempo que passou com ela era à noite, quando ela estava dormindo.

Ele se virou e a entregou para mim. Acalmou-se imediatamente

quando falei com ela, beijando-a nas bochechas molhadas.

— Ela simplesmente não te reconhece — sussurrei.

Ele arrumou o terno, acenou com a cabeça e saiu com seus homens.

* * *

Bella Luna estava cheia. A fila estava porta afora. Tínhamos esgotado completamente *Lo Scorpione*. Era uma das velas mais populares da loja.

Nunzio seguiu Anna, Brooklyn e eu enquanto saíamos.

— *Accidenti!* — Anna disse, sorrindo. *Droga.* — Você é um sucesso, Alcina!

— Eu não — disse. — As velas.

Ela parou antes de chegarmos ao carro, olhando para a loja vazia ao lado. — O que aconteceu? Parece um lugar legal. Como uma loja de doces. É bonita.

Nunzio abriu a porta do carro e entrei primeiro, seguida por Brooklyn e depois Anna.

— Ele não ficou aí por muito tempo — disse. — Veio apresentar-se e, pouco depois, a loja fechou.

Brooklyn começou a rir. — Você realmente não sabe o que aconteceu com ele, Alcina?

— Não — disse. — Por que deveria?

Ela balançou a cabeça e suspirou quando Nunzio ligou o carro e entrou no trânsito. — Duas palavras. Seu marido.

Estreitei meus olhos para ela. — Ele o expôs?

— Apostaria meu encontro nisso — disse. — Ele dirige esta cidade. Ninguém fala com sua mulher e se safá. Bem. — Mordeu o

lábio. — É isso que estou apostando que aconteceu. Vi Halifax saindo, e nem olhou para mim. — Puxou o telefone e apertou o botão lateral. — Falando em doce... aqui está o bebê mais fofo do mundo. — Ela nos mostrou seu protetor de tela. Era *Ele*; estava sorrindo.

Senti sua falta instantaneamente, e então meu coração ficou pesado quando me lembrei de como ela chorou quando seu *papã* a pegou.

Anna me cutucou. — *Mamma* a tem. Aproveite seu dia. Raramente sai. — Ela sorriu para o Brooklyn. — Conte-nos sobre o seu encontro.

O rosto de Brooklyn se iluminou, mas caiu quando o carro parou abruptamente. Todas nós voamos para frente, o cinto de segurança mordendo meu pescoço. Havia trânsito, mas nada que fizesse Nunzio pisar no freio. Ele se recusou a olhar nos meus olhos pelo espelho, mas parecia mais azedo do que o normal.

— Oh! — Brooklyn prendeu o cabelo atrás das orelhas depois que caiu em seu rosto pelo idiota. — Ele é chef de um dos restaurantes mais legais da cidade. Seu nome é Michele Sorrentino. Minha mãe me apresentou a ele. Ela trabalha no restaurante.

Anna começou a incentivá-la, dizendo-lhe para pegar emprestado um vestido de renda preta que eu tinha para seu encontro, já que Michele a levaria ao casamento chique de seu primo.

— Meu... — Brooklyn fez um movimento sobre seus seios. — Não são grandes o suficiente! — Então olhou para mim. Ela e Anna começaram a rir.

Sorriso, mas estava observando Nunzio pelo espelho. Ele tinha ambas as mãos no volante. Estava espremendo a vida fora disso. Toquei Brooklyn na perna, acenando em direção a ele, levantando minhas sobancelhas.

— Eu vou te contar sobre isso mais tarde — murmurou.

Havia fila para o Macchiavello's e, depois que Nunzio estacionou o carro, saiu para abrir nossa porta. Antes disso, Adriano falou alguma

coisa para ele da rua, e ficou lá conversando com ele.

— Diga-nos! — Anna disse, apressando as palavras.

— Ele... gosta de mim, acho, mas não consigo vê-lo. Não gosto disso. Meu pai era a mesma coisa... bom, era como o Corrado costumava ser, sabe? Não tão alto na hierarquia como Corrado está agora. Não tenho certeza do *que* exatamente meu pai fazia, mas dificilmente estava por perto. Minha mãe estava miserável. E depois ele foi morto. — Encolheu os ombros.

— Nunca o conheci realmente, meu pai, mas minha mãe ficaria louca se soubesse que eu até... gosto de Nunzio. Porque gosto. Gosto muito dele, mas isso nunca funcionaria. Ela me disse que preferia morrer a me ver casar com um homem como meu pai. E por “um homem como meu pai”, quer dizer um homem nessa vida.

— Sua vida foi difícil?

Encolheu os ombros. — Minha mãe se recusou a aceitar um centavo dos Capitani, embora me deixasse vê-los. O único motivo pelo qual fez isso é porque uma das minhas melhores amigas é minha prima. Está prestes a se casar com um *made man*. Minha mãe estava obcecada com isso - da pior maneira. Diz que se dançar em um de seus casamentos, também pode dançar em seus funerais, mas estou divagando.

— Depois que meu pai foi morto, começou a trabalhar muito. Às vezes, dois empregos, sete dias por semana, para nos manter. Disse que não queria um centavo do dinheiro deles. Tive uma vida boa, mas ela é amarga e nunca conheci meu pai. Mesmo quando estava por perto, nunca estava por perto, se isso faz sentido. Não há felizes para sempre nessa vida, é o que minha mãe sempre diz.

Brooklyn ficou em silêncio quando Nunzio abriu a porta e lhe ofereceu a mão. Ela saiu e percebi que, quando tentou se soltar, ele segurou um segundo a mais do que deveria.

— Isso é deprimente — disse Anna. Depois saiu.

O restaurante estava lotado, mas nos sentamos imediatamente.

Não importa onde fôssemos, estávamos sempre entrando sem uma reserva. Não que saíssemos muito, não depois dos escorpiões, mas quando saíamos, era quase como se o tapete vermelho tivesse sido estendido.

Mari estava esperando por nós quando entramos na mesma sala que Corrado e eu estivemos sentados na primeira vez que entramos.

— Amo isso aqui — disse a Anna, embora minha atenção estivesse em outro lugar. Brooklyn havia reforçado a cena com *Ele* esta manhã, e isso pesava muito no meu coração. — A comida é realmente boa.

Ela fez o nariz, como se eu estivesse mentindo.

— Você verá — disse. — Tem um gosto familiar. É por isso que achei que gostaria.

Anna e eu nos revezamos abraçando Mari. Eu a conhecia um pouco melhor, já que havia morado com seus sogros em Modica por um tempo, e visitava Amadeo. Então nós a apresentamos a Brooklyn. Todas nós nos sentamos, olhando o menu, e então pedimos.

A conversa fluiu enquanto Anna e Brooklyn conheciam Mari melhor. Conversamos sobre Saverio, *Ele*, as tias, a loja de chocolates, Bella Luna e depois o encontro de Brooklyn novamente. Antes que qualquer uma de nós percebesse, tínhamos acabado de comer.

— A comida é tão boa — disse Anna, dando um tapinha no estômago. — Acho que até *mamma* aprovaria este lugar. Estou cheia! Alguém quer dar uma olhada na área do bar comigo? Preciso andar.

— Eu vou! — Brooklyn disse. — Sempre quis ver de perto.

Suspirei depois que elas saíram, baixando meu garfo. Olhei para cima e encontrei Mari olhando para mim.

— Esta vida é muito romantizada — sussurrou. — Mas é um pouco diferente quando se é a única na história, estou certa?

— Como sabia?

Encolheu os ombros. — Ouço coisas. Sei coisas. — Ela brincou

com o guardanapo por um segundo antes de me olhar nos olhos. — Meu pai foi... ligado a essa vida, uma vez. Eu tinha apenas cinco anos, então não me lembro muito, mas trabalhava para os Scarpones. Ele tentou matar seu chefe. Pelo que aprendi, Arturo Scarpone era ganancioso e mal pagava aos homens, embora estivesse ganhando muito.

Ela acenou com a mão. — De qualquer forma. Meu pai tinha ideias na cabeça, ou pelo menos foi o que me disseram, e uma vez que travaram, não conseguia tirá-las. Estava tão focado em matar Arturo que basicamente nos jogou no chão. Minha vida inteira até conhecer Amadeo foi passada na clandestinidade. — Suspirou. — Então entendo, seja o que for que esteja passando, mais do que imagina.

Nós duas ficamos quietas. Ela tinha seus pensamentos e eu tinha os meus.

— Alcina... — hesitou. — Amadeo disse isso a você sobre mim?

— Não — disse. — Ele não fala muito.

Nós duas sorrimos.

— Ele não quer — disse.

— É familiar, no entanto. Ouvi histórias semelhantes. Uma tão nova quanto há apenas alguns minutos.

— Ah — disse. — Brooklyn.

Concordei.

— Não há espaço para a família nessa vida — disse. — Só a família e basicamente nada mais. Divide famílias reais.

— Sua *mamma*... foi embora?

— Sim. — Tomou um gole de sua água com limão e baixou. — Arturo a matou.

Agarrei sua mão e apertei. Ela apertou de volta. Alguém bateu na porta. Nós duas nos viramos para olhar quando abriu. Eu me endireitei na cadeira quando Rocco entrou.

— Mari. — Assentiu. — Alcina. — Seus olhos demoraram. Então limpou a garganta quando olhou para Mari novamente. — Você se importaria de dar a Alcina e eu um momento a sós?

Mari assentiu. — Vou verificar as meninas no bar.

Queria olhar para ela, estreitar os olhos e balançar a cabeça, porque não queria ficar sozinha com ele, mas não queria deixar isso claro. Não tinha medo de ficar a sós com ele - já tinha estado antes em Modica - mas não achava apropriado. Contudo, o que os Fausti queriam, os Fausti conseguiam. Suspeitei que fosse por isso que Nunzio não entrara na sala.

A porta se fechou, e em vez de tomar o assento de Mari, sentou na beira da mesa, com uma perna balançando. — Está linda, Alcina — disse. — Casamento e maternidade combinam com você.

— *Grazie* — disse, pegando meu copo, tomando um gole, tentando não olhar para ele por muito tempo, mas, novamente, tentando não deixar isso óbvio.

Esses homens, como meu marido, não eram comuns. Sutileza era uma forma de arte para eles. Se nossos olhos demorassem muito, pensaria que estava interessada ou o desafiando. Se eu descaradamente desviasse o olhar dele, pensaria que eu estava sendo rude ou estava interessada novamente, mas não queria demonstrar. De qualquer maneira, era uma linha tênue.

— Qual é o nome da sua filha?

— Achei que soubesse — disse. — Você parece saber tudo.

— Sim — disse. — Quero que você me diga.

— Eleonora Lucia Capitani — disse.

Repetiu o seu nome, sem o último, pronunciando-o perfeitamente. — Tenho certeza de que ela é tão linda quanto sua *mamma*.

— Escute — disse, desta vez olhando-o nos olhos. — Não tenho muito tempo. Sobre o que quer falar comigo?

— Queria ter certeza de que estava feliz — disse em siciliano. — Sempre me preocupei com você.

— Estou — disse. — Portanto, embora sua preocupação seja apreciada, é desperdiçada.

Olhamos um para o outro antes que eu lentamente interrompesse o contato visual e tomasse outro gole d'água. Algumas das mulheres de Modica disseram que a cor dos seus olhos foram roubadas do mar da Sicília, logo quando o sol começa a se pôr no horizonte, mas ele estava procurando por seu grande amor. Não encontraria em mim. Eu não tinha para dar a ele. Nunca tive.

Ele riu, e foi rouco e silencioso. — Você sempre respondeu — disse.

Olhei para cima e ele piscou para mim. Ele se levantou da mesa e começou a caminhar em direção à porta. Parou quando chegou lá. — Tem visto Amadeo desde que chegou a Nova York?

Balancei minha cabeça, pegando meu copo novamente. — Não.

Ele olhou para mim, mas de uma maneira diferente desta vez. Era como se estivesse pensando antes de falar. Normalmente, as palavras simplesmente saíam de sua língua, cada palavra executada com perfeição.

— Direi às tias que gostou da comida — disse, apontando para o prato. — Amadeo pediu que criassem o menu. — Arrumou seu terno. — Foi bom vê-la, Alcina. Se precisar de mim, sabe como me encontrar.

O copo caiu das minhas mãos, batendo no prato, o restante da água, limão e gelo derramando sobre o lindo arranjo. Um pedaço de vidro caiu no meu colo. Sibilei quando o peguei e cortou meu dedo. O sangue escorreu, mas nem me preocupei em limpá-lo quando Mari voltou para a sala. Ela me olhou inquieta, como se não tivesse certeza.

— Por que não me contou? — Sussurrei.

Ela acenou com a cabeça para minha mão. — Você está sangrando.

— Foda-se o sangue. — Bato na mesa. — Amadeo é dono deste restaurante. O homem que Corrado está procurando.

Ela suspirou e se sentou. Recusou-se a olhar para o corte na minha mão. Seu rosto estava pálido. — Ele é. É o dono deste lugar; também do *The Club*.

— Ele é Vittorio Scarpone. — Então me ocorreu. A última vez que provavelmente ouvi seu nome verdadeiro foi quando era criança. Sempre o chamávamos de Amadeo desde que conseguia me lembrar. Anna costumava brincar que ele era tão importante que não precisava de um sobrenome.

— Correto — disse Mari. — É... engraçado como isso funciona. Está olhando diretamente para algo, todos os sinais apontando, mas não vê. Não até que faça sentido.

— Isso significa... — O aperto na garganta foi um aviso de que minha comida estava prestes a voltar.

— Significa. — Ela suspirou novamente. — Vittorio matou minha mãe e meu pai - ou aquele homem, como o chamo. Corrado Palermo era seu nome, mas Vittorio me salvou e depois me escondeu.

— *Mio Dio*. — Fiz o sinal-da-cruz, pegando meu rosário no bolso e tirando-o de lá.

Sua respiração acelerou quando viu. Era como se estivesse olhando para um fantasma, ou algo que tivesse visto antes, e isso a deixasse ansiosa.

— Vittorio — sussurrei, segurando as contas. — Sua garganta.

Ela assentiu. — Arturo, aquele outro homem, fez isso com ele porque se recusou a me matar.

— Se você é filha do Corrado Palermo... — Não consegui nem terminar.

Mari assentiu. — Está certo. Corrado... seu Corrado... é meu irmão. Tio Tito me contou. Achava que eu tinha o direito de saber. Tem estado tenso entre ele e Amadeo desde então.

Meu coração batia tão forte que o sangue jorrou do meu dedo.
— Precisamos conversar — disse.

— Desesperadamente. — Ergueu um dedo. — Mas primeiro, precisa encobrir isso. Não me sinto muito bem. — Então desmaiou.

Corrado

Não importava a que hora do dia eu fosse ao Macchiavello's, ou quão tarde aparecesse no The Club, aquele filho da puta maquiavélico sempre parecia pronto para mim.

Eu pegaria a melhor mesa em qualquer lugar.

Estava acostumado com isso, mas quando ele fazia isso, sabia que fazia para foder comigo.

A música bateu forte no *The Club*. As luzes giraram. Todas as noites era a noite das mulheres. Havia cinco mulheres para cada homem. Havia identificado alguns homens da minha família com suas *goomahs*. Não era surpresa. Tinha algumas das melhores bebidas alcoólicas da cidade e alguns dos talentos mais caros do palco.

Contudo, coloquei minha taça de Amaro na mesa, meus olhos subindo para o segundo andar, onde eu sabia que estava me observando. Mesmo que ele tenha me reservado as melhores mesas neste nível, nunca me convidou para o mundo oculto que criou acima.

Desta vez, não vim esperar que Mac Macchiavello aparecesse. Vim porque queria me encontrar com Rocco Fausti.

Geralmente demorava um pouco para marcar um encontro com um deles, mas como solicitou um encontro com minha esposa, sozinho, sabia que ele estava na cidade.

Eu coloquei meu copo na mesa com mais força do que pretendia.

Calcedonio olhou para mim, mas não disse nada. Nunzio pegou a garrafa e serviu-se de outro copo. Veio no lugar de Adriano, que tinha vertigens e ficava batendo na parede quando se movia rápido demais. Não havia dias de doença nesta vida, mas de que adiantava um homem que atirava à esquerda quando tinha que atirar à direita?

Em minhas visitas, descobri que os Fausti frequentavam o Macchiavello's e o The Club, por isso sabia que conheciam Mac Macchiavello. Isso significava que ele era importante para eles. O tempo era precioso para os chefes da *famiglia* Fausti. Só gastavam com pessoas que consideravam dignas.

Foi Romeo Fausti quem concordou em marcar uma reunião entre seu irmão e eu. O problema com os Fausti, porém, era que alguém superior tinha que estar presente. Tão alto, geralmente era um tio ou um primo mais velho.

Os Fausti tinha um esquema diferente do nosso. Mesmo que tivéssemos homens que eram parentes de sangue em cada família, nossas famílias não eram todas parentes. Quanto maior o homem subia na Famiglia Fausti, maior a probabilidade de estar relacionado com o sangue.

Eram a sociedade secreta das sociedades secretas.

Tínhamos a comissão. O mundo inteiro os tinha.

Outro homem tentou ser o cara do meio no passado, entre eles e nós, mas aquele cara não durou muito. Na verdade, os Fausti nunca mexiam com as famílias, a menos que houvesse um problema que não pudesse ser resolvido pela comissão. Eram um grupo de homens honrados, criados para viver e morrer pelo lema de sua família - *minha palavra vale tanto quanto meu sangue*. A verdade significava algo para eles.

Era difícil conseguir esse tipo de honra hoje em dia, mas sua família ainda provou que podia funcionar. Essa era a maneira antiga que queria trazer de volta. A idade de ouro. Os Fausti nunca a deixaram. Embora, para ser justo, também nunca tiveram o escrutínio que tivemos, tanto quanto o governo.

Dito isso, pedi a Romeo que trouxesse alguém que ultrapassasse Rocco para a reunião. Romeo era mais jovem. Brando era mais velho, mas estava entrando e saindo da vida. Nunca poderia ter uma boa leitura sobre aquele cara, mas desde que fosse decente comigo, mostraria a ele o mesmo respeito. Romeo disse que tinha alguém e

não seria um problema, no entanto.

Um grupo de mulheres caminhou até nosso estande. Calcedonio olhava cada menina de cima a baixo, os olhos famintos. Nunzio olhou para elas, mas depois se serviu de outra bebida.

— Você parece estar com sede — disse.

Ele bebeu sem realmente sentir o gosto.

— Senhoras — disse Calcedonio, — se esperarem no bar, as bebidas continuarão chegando. Por minha conta, mas se não se importam... — fez um movimento de “xô” com a mão.

Elas sorriram para ele, e seus olhos permaneceram em uma por mais tempo do que nas outras. Enviou um de nossos homens para ficar de olho nelas no bar.

Nunzio serviu outro copo. Segurou-o na mão. — Quero Michele Sorrentino. — Ele bebeu o copo.

Estreitei meus olhos, tentando lembrar o nome.

— O chef? — Disse Calcedonio coçando a cabeça. — Que porra ele fez? Dar camarão em vez de bife? Comi lá na semana passada com Adriano e Baggio, e foi fora das paradas.

— Ele está em um encontro com sua prima — disse, olhando para mim. — Brooklyn.

— É? — Disse.

— Sim — disse. — É isso mesmo, mas não confio nele. Ele parece um maldito Lothario.

— O que é um Lothario? — Disse Calcedonio, passando as mãos pelos cabelos, tentando domar as laterais.

— Não o quê. Quem. — Deslizei a garrafa para mais perto de Nunzio. — Lothario é um nome. Significa um sedutor inescrupuloso de mulheres.

Calcedonio e eu olhamos um para o outro e sorrimos, mas isso ainda não diminuía o fato de que Nunzio queria matar um homem que

não fazia parte desta vida e não tinha feito nada de errado.

— Você conhece as regras — disse. — Não.

Calcedonio apertou seu ombro. — Fique longe dela; é uma garota muito legal, mas sua mãe se queimou e armaria para você se tentasse se aproximar da sua filha. Aquela mulher tem a porra de memória mais longa da história.

Nunzio resmungou alguma coisa em seu copo e o bebeu.

Verifiquei meu relógio. Dois minutos. Mesmo que tivesse visitado o *The Club* com frequência, não era a porra da minha cena, mas fui aonde os negócios de Macchiavello o levaram, e Romeo sugeriu que fosse o local de encontro.

Nós três levantamos quando Romeo começou a vir em nossa direção. A multidão se separou para deixá-lo passar. Ele estendeu a mão quando estava perto o suficiente. Nós nos cumprimentamos e nos abraçamos. Romeo e eu gostávamos da companhia um do outro. Ocasionalmente, compartilhamos bebidas, charutos e alguma conversa.

Calcedonio e Nunzio apertaram sua mão. Depois ele se aproximou e me disse como chegar a um cômodo do prédio. Segundo andar. Ele nos encontraria lá em um minuto.

Um dos guardas abriu a porta para nós antes mesmo de chegarmos lá. Só podia ser aberto por dentro e, quando a porta se fechou, fechou rente à parede. A menos que alguém a abrisse, não existia.

Fomos conduzidos a um andar com menos gente. Uma área mais exclusiva. A música era moderada. A mobília era mais rica. Os homens sentados em volta fumavam charutos caros e bebiam licores finos. Reconheci alguns atletas famosos e alguns políticos.

O guarda abriu a porta de um corredor e Rocco Fausti parou na parede espelhada unilateral, olhando para a pista de dança.

— Sentem-se, cavalheiros — disse. — Meu *fratello* estará aqui em breve.

Ofereceram-nos charutos e uma variedade de bebidas alcoólicas que naquela época só seriam oferecidas a dignitários e cavalheiros importantes. Recusei a bebida, mas aceitei o charuto. Nós três sentamos em cadeiras reais em uma mesa digna de um rei. O guarda entregou os charutos e as bebidas que Calcedonio e Nunzio pediram. Colocou uma garrafa de Amaro e um copo gelado para mim.

Sim, Macchiavello estava brincando comigo.

Eu beberia para isso. Estava também fodendo com ele. Ergui meu copo e sorri. *Saluti, filho da puta*. Então engoli a bebida.

Meus olhos encontraram os de Rocco quando coloquei o copo na mesa. Estava me olhando pelo espelho. Não desviei o olhar. Olharíamos um para o outro até que a porra do mundo acabasse.

A porta se abriu e Tito Sala entrou, rompendo o reflexo em três.

— Por que este lugar? — Tito estava reclamando. — Toda vez que venho aqui, duas mulheres decidem me fazer de sanduíche de *Tito*, sobrinho!

A risada de Romeo era rouca. — Isso é porque é um velho gângster, um original. — Apertou Tito no ombro. — As *donnes*³² veem um homem tão bem vestido quanto você. Esse estilo. — Assobiou. — Todas querem um pedaço de você.

Tito ajeitou o colarinho. — Tenho um certo charme — disse. Então pigarreou. — Isso não vem ao caso! É tarde e tenho outras obrigações.

— Como ficar em casa com *zia* e assistir a reprises de *I Love Lucy*? — Romeo riu de novo e se sentou mais perto de onde Rocco se sentaria. Mesmo que fôssemos próximos, ainda tinha um lado. Eu tinha minha família e ele tinha a dele.

Tito deu um tapa na sua nuca. — Estarei observando quando tiver minha idade lá de cima, e estarei rindo. — Deu uma risada falsa. — Supero todos vocês em energia agora, e nasci muito antes de todos vocês, *ragazzi*, saberem como usar uma maconha!

Ele se sentou no meio da mesa - o velho gângster seria o juiz e o

júri desta reunião. Arrumou os óculos e olhou para nós três. — *Ragazzi*. — *Rapazes*. Assentiu. — Tem algo a acrescentar a esta conversa?

— Tito. — Balancei a cabeça de volta e levantei minhas mãos. — Não no momento.

— *Bene* — disse. — Vamos começar.

Rocco olhou para o relógio e, ao mesmo tempo, Guido Fausti entrou na sala. Assim que se sentasse, a reunião começaria. Nossas formações eram as mesmas. Rocco de um lado - um homem de cada lado dele. Eu estava do outro lado - um homem de cada lado meu. Tito sentou-se no meio.

— Vamos nos certificar de que o motivo desta reunião está claro antes de começarmos — disse Tito, sentando-se um pouco mais à frente, juntando os dedos. — Corrado, solicitou esta reunião esta noite porque sente como se Rocco o tivesse desrespeitado.

— Desrespeitou — disse, mantendo meus olhos no acusado. — Rocco mandou meu homem aqui... — acenei para Nunzio — ... embora quando minha esposa comia com amigas e família no Macchiavello's. Meus homens nunca estão sozinhos com minha esposa. Minhas regras. — Bati na mesa uma vez. — Então me diga isso. Rocco Fausti está acima das regras que estabeleci para minha própria família? E isso nem é negócio. Isso é pessoal. Minha esposa é *minha* esposa. — Toquei meu peito.

Não toquei no assunto com ela porque não tinha mencionado. Isso me consumiu como a porra do ácido que ela não falou, mas meu verdadeiro problema era com ele. Conhecia aquele olhar em seus olhos porque o tinha visto antes. Quando Rocco Fausti queria uma mulher, assumia como missão possuí-la.

Ele tinha mulheres em todo o mundo e uma em casa. Embora seu relacionamento fosse aberto. Não se importava se sua esposa transasse com outros homens, contanto que não soubesse nomes. Bussy tinha, e lhe disse que estava louco. Uma coisa era ela levar babacas para a cama, outra era tirar um homem desta vida. A palavra

se espalha.

Dizia-se também que Rocco queria minha esposa antes de eu entrar em cena. Sim, era meu direito chamá-la de minha esposa antes mesmo de o ser. O dia em que nos casamos não foi o dia em que sua vida me pertenceu. Sempre me pertenceu. Foi apenas selado naquele dia.

Eu tinha visto isso naquela noite na ópera com meus próprios olhos. A maneira como Rocco olhou para ela, como se fosse um leão faminto à espreita por um pedaço de carne succulento. De novo, quando a viu comigo no *The Club*.

Rocco pigarreou. — Estávamos em um restaurante — disse, abrindo e fechando as mãos. — Não é um lugar íntimo.

— O lugar não importa — disse. — A conversa pode ser inadequada ou íntima em qualquer lugar. Especialmente quando não há ninguém por perto.

— Acredita que sua esposa seja assim — disse ele.

Tive que controlar o desejo de colocar uma bala em seu peito por até mesmo insinuar que minha esposa era esse tipo de mulher. Os três filhos da puta que a trataram dessa forma neste clube pagaram por isso. Um com a língua e os outros dois com o olho. Um falava enquanto os outros dois assistiam, por isso era simbólico uma língua e dois olhos fossem para a dívida. Perderam uma cabeça; tiveram sorte de não perderem as três.

— Eu acredito nisso sobre você — disse.

Seu rosto mudou completamente. Eu o chamei por causa de suas besteiras e basicamente disse que era o equivalente a uma prostituta. Ele também queria me matar.

Boa. Deixe a porra da carnificina começar. Essa coisa nossa tinha uma memória longa; eu também. Mesmo que ficássemos quites depois disso, nunca esqueceria.

— Sua esposa afirmou que eu falei com ela indecentemente ou a toquei da mesma maneira?

Ponto para ele. Minha esposa nunca falou uma palavra sobre isso comigo. Ele provavelmente sabia disso. Sabia que Nunzio havia me contado. Queria que ele contasse. O objetivo desta reunião era deixar claro e ser respeitável sobre isso. Eu perderia, porra, se chamasse abertamente as palavras na minha língua. Bastardo filho da puta.

— Se ela tivesse — disse — permissão ou não dela, você não estaria sentado aí. *Capisci?*

Ele se levantou e eu me levantei, seguido por nossos homens.

— Sente-se — disse Tito. Sua voz saiu fria, controlada, e todos nós o obedecemos. Não olhou para nenhum de nós depois que sentamos. Manteve o rosto para frente, olhando para a parede por alguns minutos. Então ele pigarreou. — Se fosse sua esposa, Rocco, teria chamado Corrado aqui para esta reunião?

Ele sorriu, mas não disse nada. Ele não chamava os homens para uma reunião por sua esposa. Só os matava se tivesse um nome, mas entendi onde Tito queria chegar com isso. Ele também.

— Entre nós — disse Rocco, usando a mão para se mover entre ele e eu.

Tito foi abrir a boca, mas Rocco ergueu a mão. — *Dammi questo, zio. — Dê-me isso, tio.*

Tito olhou para mim. Concordei.

Rocco pigarreou. — Isso poupará tempo. Diga-me o que acontecerá se eu falar com sua esposa de novo - sozinho.

Olhei diretamente nos seus olhos e disse as palavras facilmente — *Ti ucciderò. — Vou matá-lo.* — Família Fausti ou não.

Isso era mais do que ele estar sozinho com ela. Tratava-se de respeito por outro homem nesta vida e sua esposa. Se os limites não fossem definidos e impostos, ele os ultrapassaria. Não havia nada que alguns homens quisessem mais do que o que outro homem tinha. Era o equivalente a um vírus nesta nossa vida. Corria desenfreado.

A *famiglia* Fausti estava um passo à frente das demais. Tinham mais poder e dinheiro do que todas as cinco famílias juntas, e isso só cresceu com o passar dos anos.

Rocco Fausti queria Alcina antes de mim. Ele não a pegou. Depois de eu a tê-la, ele lutaria ainda mais para tê-la. “Não” não era um impedimento para alguns homens; Era uma palavra que os levava a trabalhar mais arduamente pelo que queriam.

Quando se tratava de minha esposa, foda-se. Foda-se ele e seu nome. Colocava mais um pé sobre meus limites pessoais e todas as civilidades seriam destruídas. Só fiz isso pelo respeito que tinha por Tito e Romeo e, em geral, pela *famiglia* Fausti.

Ele acenou com a cabeça e depois se levantou. Todos nós nos levantamos.

Tito concordou. — Então, todos concordamos — disse.

Rocco acenou com a cabeça e então eu acenei. Arrumou seu terno e se aproximou de mim, Romeo e Guido atrás dele. Ele me ofereceu sua mão e apertamos.

— Alcina é uma mulher especial — disse. — Respeito seus limites, e respeito você mais por tê-los. Você cuidará bem dela.

Não respondi. Não era da sua conta o que eu fazia ou deixava de fazer com minha esposa. *Você cuidará bem dela* não era um comentário casual. Era uma ordem. Não precisava disso dele, caralho.

Ele sorriu, porque não se engane, era um bastardo intuitivo. Tinha que ser nesta vida. — Não importará muito depois da sua morte de qualquer maneira, já que continua fodendo com o homem errado — disse, passando por mim em direção à porta. — Eu ainda estarei aqui.

Sim, para cuidar da minha esposa.

Eu me virei e falei com suas costas. — Filho da puta — disse, finalmente tirando isso do meu peito.

Ele parou, e depois de um minuto, finalmente se virou. Nós nos

enfrentamos.

Tito correu em nossa direção, ficando entre nós novamente.

— Temos um acordo — disse, empurrando os óculos ainda mais para cima do nariz. Era muito menor do que nós, mais baixo e mais magro, mas era mais respeitado do que todos juntos nesta sala. Ficar ao seu lado era como ficar ao lado de uma parede imóvel e impenetrável. Não fodia com ele.

— Por enquanto — disse Rocco, arrumando o terno novamente. — As regras são nulas quando um homem não está vivo para aplicá-las.

— Se for a última coisa que eu fizer no meu leito de morte — disse. — Essas regras valerão.

Ele sabia o quão sério eu estava sendo então.

— Existem homens piores do que eu para uma mulher — disse, e depois saiu.

Romeo apertou meu ombro antes de seguir seu irmão. Guido olhou para mim e balançou a cabeça.

Tito ficou na minha frente, forçando meus olhos para ele. — Isso te faz pensar, não é? Se você continuar com essa tolice, perseguindo velhos fantasmas, quem estará aqui para cuidar da sua família se algo lhe acontecer?

Estreitei meus olhos para ele. — Essa é a nossa vida — disse. — O filho da puta neste clube ou o filho da puta na esquina que puxa o gatilho - a bala sai da mesma maneira, e eu não saio vivo.

Ele estudou meu rosto. — O produto desta vida, por completo — disse. — Trato homens adultos que estão morrendo diariamente. Vejo e ouço todos os tipos. Alguns homens choram por suas *mammas*. Alguns homens estão com raiva, porque a raiva esconde o medo verdadeiro, mas você - homens como você - acorda com aceitação.

— “Se não for *esta* faca nas minhas costas, será *esta* bala no meu coração.” Contudo, está em uma posição diferente das outras. Você

conquistou o direito de não ter constantemente uma adaga sobre a cabeça ou uma arma apontada para o coração. Por que desperdiçar com o que aconteceu anos atrás?

Eu não respondi.

Ele suspirou e balançou a cabeça. — O que Corrado Palermo fez foi contra as regras — disse. — Tentou matar seu chefe sem permissão. Ele falhou. Até dizer o seu nome me mata, mas Arturo tinha todo o direito de pedir retribuição pelo que Corrado Palermo tentou fazer - mas apenas em Corrado Palermo, não com sua família. Era seu direito como chefe. Assim como é seu. Você, mais do que ninguém, deve entender as regras. Você as pratica todos os dias, e agora, as aplica.

— Por que se importa? — Perguntei. — O que isso tem a ver com você?

— Há muito a perder aqui — disse, balançando a cabeça. — E ainda mais a ganhar, se apenas parar de se concentrar no passado e olhar para o futuro. — Hesitou por um ou dois minutos. — Sua irmã. Aquela que nunca encontraram. E quanto a ela? Por que não a procurou?

Dei de ombros. — Ele também tirou isso de mim. A chance de conhecê-la. De ter alguém que compartilhasse meu sangue, mas não importa. Se ela ainda está viva, é melhor não estar envolvida nesta vida. Ela escapou uma vez. Deve contar suas bênçãos.

— Se ele salvou a vida dela? O que então?

Havia considerado isso desde o início. Minha resposta ainda era a mesma. — Não muda porra nenhuma. Toda aquela família precisa ir. Dá a eles um centímetro e levam um metro. — Se ele tivesse filhos, eu os encontraria quando fossem mais velhos e também cuidaria deles.

Tito ficou quieto por um minuto. Então abriu a boca para dizer algo, mas fechou em um estalo.

— Fale o que pensa — disse. — Não é do seu feitio se conter.

— Uma perda de tempo — disse, endireitando-se. — Não

mudaria nada se falar. — Ele me dispensou. — Diga a sua esposa que Lola e eu iremos vê-la e ao bebê em breve. Lola está reclamando que as fotos não são suficientes.

Ele saiu então, mas com uma energia diferente da que tinha quando entrou; parecia quase derrotado.

Peguei meu telefone e apertei um botão. Uma vez lá, rolei pelas minhas fotos, um sorriso aparecendo no meu rosto.

Ele estava certo sobre uma coisa. Assim como sua *mamma*, as fotos não faziam justiça à minha Eleonora, mas em vez de sorrir para mim como sua *mamma* fazia quando cheguei em casa, ela chorou.

Alcina

Mamma olhou para mim enquanto lavava a louça. Esfreguei um pouco e carreguei. Ela ficou ao meu lado, como se fosse ajudar, mas em vez disso, observou meu rosto. Anna dançou pela cozinha com *Ele* antes de dormir.

— *Cosa c'è, mamma*³³? — Sussurrei. Não tinha ideia de porque ela continuava olhando para mim.

Ela agia como se eu não tivesse falado nada quando Corrado entrou na cozinha e a beijou e depois a mim na bochecha. Ele nos agradeceu pelo jantar maravilhoso. Depois disse que tinha alguns negócios a tratar. Tinha sido frio comigo desde a manhã em que *Ele* chorou quando a pegou. Ele falou muito pouco comigo, e quando me fodeu, era com força e cruel, como se pudesse me alcançar através de sua raiva e mudar algo. Até o beijo que me dava era brutal.

Não sabia o que ele queria que eu mudasse. Se ele queria que *Ele* parasse de chorar ao pegá-la no colo, sugeri que ficasse com ela algumas vezes durante o dia. Poderia lhe dizer como seu pai era maravilhoso quando começasse a crescer. Poderia lhe mostrar pelo jeito que olhava para ele, mas algum dia, *ele* teria que lhe provar. Que ele a amava. Que sempre estaria lá para ela. Não poderia fazer isso por ele.

Ele tocou seu queixo de brincadeira e depois beijou sua bochecha. Ela virou o rosto e ele saiu. Ela começou a rir de Anna logo em seguida, quando começou a beijar seu rosto e dançar ainda mais.

Embora a casa estivesse vazia - a *nonna* de Corrado foi passar um tempo com a filha de sua irmã - exceto pelos homens que a vigiavam, parecia mais cheia do que nunca, mas não completa. Parecia completa quando meu marido estava aqui, mesmo por

algumas horas todos os dias.

Mamma começou a tirar os pratos de mim. — Os anos mais difíceis do casamento são o segundo e o terceiro — disse. — No primeiro ano a carne fica mais do que feliz, mas leva tempo para construir os ossos. Como todos os braços e pernas funcionarão juntos, ah? Este vai por aqui, enquanto o outro tenta seguir por outro.

— É como uma versão *muito* longa desse jogo — disse Anna. — Aquele em que a perna de uma pessoa é amarrada à de outra. Tem que descobrir como vencer juntos. Cairá algumas vezes, mas é o subir que conta. — Ela soprou contra as bochechas de *Ele* e riu tão alto que todos rimos.

Se nossa vida fosse tão simples. Se ao menos tentássemos descobrir como trabalhar juntos fosse um jogo divertido. Se cáissemos nesta vida, não seria tão simples como apenas ficar de pé e tentar novamente. Os erros eram dívidas com sangue. *Mamma* e Anna também não faziam ideia de que Corrado queria matar nosso próprio sangue e o marido de sua irmã.

Ele começou a chorar, então sequei minhas mãos e a tirei de Anna enquanto ela ajudava *mamma* com a louça. Comia bem, com pequenos pãezinhos, e me perdi nela ao mesmo tempo que a observava comer e depois adormecer. Sabia que ela provavelmente ficaria mais confortável em sua cama, mas decidi segurá-la conforme Anna começava a preparar o jogo de cartas.

Mesmo depois que o jogo acabou e subimos para assistir a um filme, me senti mais segura com ela no quarto comigo. *Mamma* e Anna adormeceram em nossa cama. Rio baixinho, percebendo que *mamma* tinha enfiado uma goma na testa de Anna. Ela tinha adormecido primeiro.

Minha risada não durou muito. Logo, o silêncio da casa se fechou e o peso em meu coração pesou em minha mente. Afastei-me de *mamma* e Anna, olhando para a vela ao lado da cama. Coloquei minha palma sobre ela, observando a chama vacilar quando movia para frente e para trás.

Meus olhos devem ter fechado por um minuto ou dois, e meu coração disparou quando percebi que deixei a vela acesa. Uma sombra se moveu pela parede, roubando minha atenção, a luz suave destacando a forma de uma pessoa.

— *Mamma?* — Sussurrei.

Coloquei minha mão atrás de mim. Ela ainda estava lá, entre Anna e eu. Sentei-me um pouco, verificando *Ele*, que estava ao pé da cama em sua própria cama. Olhei para a minha direita. Anna ainda estava dormindo. Sua mão estava na testa, o doce esmagado entre eles. Meu coração acelerou ainda mais, e parecia que tinha se alojado na minha garganta enquanto corria para os pés da cama para pegar meu bebê. Uma mão envolveu minha boca e jogou minha cabeça para trás. Atingiu o travesseiro, mas todo o meu corpo avançou novamente, para lutar contra ele.

Quem quer que fosse fedia a lixo. Seus olhos estavam arregalados sob o brilho da vela. — Não estou aqui para machucá-la — disse, pressionando uma arma contra minha têmpora. — Quero seu marido. Se você ficar quieta, tiro minha mão da sua boca.

Não disse nada, olhando para ele. Depois que alguns segundos se passaram, soltou minha boca hesitantemente, para ver se eu gritaria. Não fiz nenhum som.

— Boa menina — sussurrou. Ele colocou a arma atrás das costas. — Agora me diga onde seu marido...

Antes que ele pudesse terminar a frase, peguei a vela ao lado da cama e joguei a cera quente em seu rosto. Ergueu as mãos para se proteger, mas era tarde demais. Ele rosnou quando a cera grudou e grudou.

— O que é...

— *Correre, mamma!*

Demorou apenas um segundo, mas ela chegou aos pés da cama e agarrou *Ele*, enquanto Anna, do nada, se jogou nas costas dele. Ele a jogou contra a parede, prendendo-a contra ela, e o estalo me fez parar.

Estava me certificando de que *mamma* e *Ele* entrassem na sala segura. Corrado havia lhes mostrado a mesma coisa que havia me mostrado. Cada uma delas tinha seu próprio quarto.

— Ajude-a! — *Mamma* gritou, enquanto se abaixou na lareira.

— Fecha-a! — Gritei. E *Ele* começou a chorar e meus seios se contraíram e começaram a vaziar.

Mamma não sabia o que fazer. — Fecha-a! — Gritei de novo, desta vez com mais força.

Ela assentiu e a porta se fechou. O choro parou imediatamente e tudo ficou em silêncio.

Dei passos lentos em direção à lareira, meus olhos disparando para minha irmã, que estava no chão. Uma poça escura de sangue começou a se formar ao redor de sua cabeça, espalhando-se na madeira.

— Por que teve que ir e fazer isso? — Pegou sua arma, apontando para mim. Seu rosto estava coberto de cera endurecida. — Eu te disse. Quero o seu marido, não você. — Passou por mim, um som de zumbido vindo da arma, atingindo o espelho atrás da minha cabeça. Espatifou-se no chão. — Pare exatamente onde está. Ouvi histórias sobre você, mulher. É uma bruxa de merda. Fará desaparecer as bolas de um homem.

Limpei a garganta, esperando que saísse mesmo quando falasse. — Meu marido não está em casa — disse.

Ele acenou com a arma. — Levante as mãos. Quero vê-las o tempo todo.

Fiz e dei um pequeno passo para trás.

Ele estreitou os olhos. — Não vim aqui para machucá-la, mas vou, porra. Eu disse *não se mexa*.

Não confiei em uma palavra que saísse de sua boca. Se ele teve coragem de entrar nesta casa, não perderia a oportunidade e sairia de mãos vazias, se meu marido não estivesse em casa.

Como se pudesse ler minha mente, sorri e puxou uma corda do bolso de trás. — Ensinei isso ao seu marido. Nunca perca uma oportunidade. — Olhou para desenrolar a corda de seu laço. — Começou sua vida comigo, ele te disse isso?

Eu balancei minha cabeça, roubando outro olhar para Anna. Podia sentir o cheiro de sangue no quarto. Estava me deixando ansiosa para chegar até ela. Tinha que manter a calma, porém, manter meus olhos nele, porque algo me dizia que ele era muito mais inteligente do que parecia.

— Começou. Ele era apenas uma criança quando começou na minha equipe. Não demorou muito para subir. Seu marido é um filho da puta inteligente, isso darei a ele. Ganhou algum dinheiro para a família, mas, de novo, tinha uma entrada. Eu e o Silvio trabalhamos para esta família desde pequenos. Anos e anos, e é isso que ganhamos? Esse cargo era de Silvio. E se não fosse de Silvio, meu. — Apontou um dedo no peito. — Então, é matar seu marido ou me esconder pelo resto da minha vida.

Ele riu um pouco, e parei de tentar dar pequenos passos para trás quando parou de repente.

— Esta vida é tão política. Você arrebenta - leva a culpa, agride o cara, *mata* o cara, queima a porra de um prédio para o seguro - e onde isso te leva? Escondido na porra do lixo de alguém como um rato, pronto para a hora certa de fazer seu movimento no... — fez aspas no ar, ainda segurando a arma e a corda — ...chefe. Você se casou com o neto do avô rico, foi tudo o que fez, bruxa.

— Dê o fora da minha casa — gritei.

— Está me ordenando? — Apontou para o peito, a corda pendurada. Ergueu a arma, apontando para mim. — Quem está com a arma?

— Seu rato bastardo de merda — disse, minha voz começando a tremer quando Anna gemeu.

Ele riu. — Ele deve ter os homens ficando longe deste quarto. É

por isso que não me crivaram de balas. Martina estava certa. Está preocupado *pra* caralho que você encontre um novo ele e vá embora. Que idiota. Ouvi dizer que também parou de foder todas as garotas. Você realmente deve ser uma bruxa. Tem um pouco de vodu acontecendo. — Guardou a arma novamente.

— A propósito, depois disso, ficaria longe da Martina. Ela me disse como entrar neste lugar e que você estaria sozinha esta noite. A família saiu com a velha. Agora, se apenas jogar bem comigo por um tempo, enquanto damos o fora daqui...

Começou a avançar sobre mim e comecei a me mover para trás o mais rápido que pude, até que minhas costas bateram contra o manto da lareira. Fui me virar e ele me agarrou pelos cabelos, puxando minha cabeça para trás. O laço de cabelo escorregou de sua mão, e fui capaz de alcançar sob a lareira novamente, meus dedos arranhando a madeira para colocar minhas mãos na arma escondida por baixo. Ele me puxou de volta, antes que pudesse chegar lá. Escorregaram e perdi o controle.

— Não morrerei por sua causa, senhora — disse, me acertando com tanta força com a arma no rosto que minha cabeça girou. A arma foi apontada para Anna quando meus olhos focaram. — Você ou sua irmã. Faça a sua escolha

Não estava em mim me render ao inimigo. Nunca me rendi ao Bull, não totalmente, e minha mente trabalhava a um milhão de quilômetros por minuto tentando decidir o que fazer. Ele ergueu a arma. Virei meu corpo um pouco, me preparando para o golpe novamente. Em vez disso, agarrou meus braços, prendendo-os nas minhas costas com a corda. Deu a volta uma vez e, na segunda, uma força nos jogou no chão. Meu ombro bateu contra a madeira quando bati.

Aconteceu tão rápido que tudo que consegui registrar foram ruídos. Dois homens grunhindo no chão, lutando como animais.

Eu me levantei, corri para a lareira e peguei a arma. Corrado estava no chão, o homem em cima dele, uma faca perto do rosto.

Cintilou prata. Fiz todas as coisas que Corrado me ensinou a fazer e, quando a arma estava pronta, acertei primeiro o ombro do homem. Quando caiu, estava preparada para acertá-lo no peito.

— Eu também não morrerei por você — disse, mantendo a arma apontada para ele. — Não pode me matar antes. Eu serei amaldiçoada se deixá-lo me matar agora, ou qualquer pessoa que *eu* amo.

Dois tiros assobiaram pelo ar, mas não saíram da minha arma. A força das balas fez seu corpo pular quando dois buracos apareceram em seu peito.

— Alcina.

Demorei um minuto para perceber que Corrado falava comigo. Que havia me tirado a arma. Que sua mão estava na minha cabeça e tentava me fazer prestar atenção.

— Eleonora — disse, com o telefone ao ouvido, enfiando a arma e a que eu tinha nas costas quando olhei para ele.

Apontei atrás de mim. Ele me puxou para perto, beijando minha cabeça, e então começou a falar com o tio Tito. Ao fazer isso, caiu no chão ao lado de Anna, verificando seu pulso. Eu o segui. Peguei sua mão, segurando-a perto do meu coração. Fiquei sem fôlego quando Corrado passou a mão pelos cabelos dela e ela assobiou.

Ele falou mais algumas palavras. Desligou. Discou novamente. Disse mais algumas palavras. Homens começaram a inundar o quarto. Corrado olhou para mim novamente. Levantou-se e foi até a lareira. Fez algo e abriu. Ele me trouxe Eleonora, e a segurei perto do meu coração, beijando sua cabeça sem parar. *Mamma* sentou-se ao meu lado, cuidando de Anna até que tio Tito chegou e a examinou.

Corrado olhou para mim novamente, me estudando.

Serei amaldiçoada se deixá-lo me matar, ou qualquer pessoa que amo.

Essas foram as mesmas palavras que falei com Junior depois que ele quase me espancou até a morte. Depois que me disse que mataria toda a minha família. Pouco antes de eu cortar suas bolas.

Respirei fundo, soltei o ar e beijei Eleonora na cabeça. Levantei-me, assim como fiz depois que Junior tentou me exterminar e comecei a recuperar meu fogo de volta.

Minha vida era minha.

Eu tinha algo pelo qual viver - algo que sempre soube que seria meu algum dia. Vida e a liberdade de vivê-la com minha família. Tinha arriscado tudo por este momento, não importa o quão escuro fosse.

Seria condenada se deixasse isso roubar minha luz agora.

Corrado

Eu era a prova viva de que demônios não se movem apenas durante a noite. Reivindicavam em plena luz do dia e depois escondiam seus prêmios na escuridão.

Minha esposa estava tentando lutar contra os demônios que Vito havia trazido à luz novamente.

Não pode me matar antes. Serei amaldiçoada se deixá-lo me matar agora, ou qualquer pessoa que amo.

Essas palavras me queimaram profundamente. Poderia dizer que quando ela olhava para Vito - o rato que se escondeu em nosso lixo - estava se lembrando de Junior, revivendo o que havia lhe acontecido.

De vez em quando, pegava a foto que Anna tirou dela depois que Junior a espancou na Itália, então sentia o fogo do que fez com ela em meus ossos. Algumas noites, traçava as cicatrizes de prata deixadas em seu rosto pelo punho dele. Cada uma era um reflexo do que podia ser visto na foto.

Só falava sobre o que Junior tinha feito com ela quando eu tocava no assunto.

Eu tinha um tio que só falava de guerra quando perguntado. Daria alguns detalhes, e depois, estava acabado. Não queria mais falar sobre isso. Alcina exalava essas mesmas vibrações sempre que eu mencionava isso.

Se eu pudesse voltar e matar os dois filhos da puta novamente, o faria, mas desde que era impossível morrer duas vezes - para a maioria de nós - não havia nada que pudesse fazer a não ser observá-la. Observei-a para ter certeza de que não se afastava muito de mim.

Estávamos no parque com Eleonora. Alcina queria tirá-la de

casa, e desde que eu estava paranoico desde Vito, não tinha deixado nenhuma delas fora da minha vista.

Foi a única vez que não pensei naquele filho da puta maquiavélico e em me livrar dele. Embora à noite, o sangue de Vittorio Scarpone me assombrasse como um fantasma. Isso me seduzia e provocou.

Não consegui nem encontrar uma foto do homem que foi. O que era estranho *pra* caralho. Vivíamos em uma época em que as informações estavam prontamente disponíveis ao toque de uma tecla, mas não havia nada sobre o *ex-Prince* de Nova York?

Sim, não acreditava nisso. Então entrei em contato com um de meus associados. Seu filho estava em prisão domiciliar por *hackear* uma das plataformas de mídia social mais populares. Tirou fotos de todos os funcionários do governo e as substituiu por personagens de desenhos animados. Foi pego porque disse a uma garota que queria impressionar - que por acaso era filha de um funcionário eleito que ele transformou em Pateta - que tinha feito isso.

Verifiquei meu relógio. Ele me encontraria no parque em uma hora. Disse que poderia me encontrar sem problemas. A torção de tornozelo era apenas irritante.

Suspirei enquanto relaxava no banco, certificando-me de que os homens estavam por perto, mas ficando para trás. Tinha quase certeza de que Alcina e Eleonora estariam seguras nesta vida que eu vivia agora. A maioria dos homens não fodia com mulheres - as esposas e os filhos. Ocasionalmente tínhamos canalhas como Silvio e Vito, e os Scarpones, mas normalmente, os mantínhamos entre nós. No mínimo, cuidávamos das famílias uns dos outros.

O sol me atingiu no olho e me sentei um pouco, sorrindo enquanto observava Anna dançando com sua câmera, tentando fazer Eleonora sorrir conforme Alcina a segurava.

Depois do que aconteceu, a *mamma* de Alcina e Anna se recusaram a sair. Podia ver que sua *mamma* estava mais paranoica, seus olhos mais atentos às suas filhas e neta. Como Anna também se

recusou a partir, seu marido apareceu.

Fabrizio Pappalardo não era desta vida. Nem mesmo na Itália. A sua família fazia uma coisa certa - plantavam pistache - e isso é tudo que ele esperava fazer, mas quando sua esposa lhe telefonou e disse que não sabia quando voltaria para casa, ele veio até mim assim que chegou em New Iorque.

— Faça-me um de vocês — disse.

Recostei-me na cadeira e balancei a cabeça sem nem mesmo pensar duas vezes. — Não.

Havia mais do que apenas ser transformado no que éramos, mas isso não vinha ao caso.

Ele piscou para mim por um segundo antes de estreitar os olhos. — Qualquer homem na rua pode fazer isso — disse.

— Verdade — disse. — Mas muitos desses homens morrem por erros estúpidos. Teria que se tornar algo que eu posso sentir que não é.

— Minha esposa foi ferida — disse. Podia ver o fogo em seus olhos e meu nível de respeito por ele subiu um nível.

Concordei. — Eu assumo a responsabilidade por isso — disse. — Dei ordens específicas aos meus homens e foi por isso que não sabiam que ele tinha entrado. O alarme não disparou. Minha avó deu o código a alguém em quem ela pensou que podia confiar. Isso não acontecerá de novo.

— Ficarei por aqui durante um tempo — disse.

— Vai gostar de Nova York — disse. — Passe um tempo com sua esposa. Leve-a à ópera. Assista a um show na *Broadway*. Você fará coisas. Mantenha-se ocupado.

— Não sou homem de pedir duas vezes — disse. — Posso fazer isso.

— Escute — disse, sentando-se para frente. — Você está bravo. Compreendo. Tem todo o direito de estar, mas se eu levá-la para esta

vida... — levantei meu dedo. — Um, o filho da puta está morto, então não haverá vingança. — Levantei o dedo médio. — Dois, minha esposa nunca me perdoará, porque se algo acontecer com você, voltará para mim. Sua esposa me querera morto. Minha esposa ficará do seu lado. E isso é foda. *Finito.* — *Terminado.*

Relaxe em meu assento. — E se não percebeu, minha esposa quer outra coisa para mim. E não importa quem eu seja nesta vida, posso não ser capaz de ajudá-lo se fizer algo estúpido que custará sua vida. Regras são regras. É simples assim.

Ele pensou sobre isso e então acenou com a cabeça. — Percebi que não se dá bem com muitas pessoas — disse.

Percebi que não se dá bem com muitas pessoas. Tive um - um - incidente quando trabalhei para ele, em que bati na cabeça de um cara com meu balde porque me disse que eu estava trabalhando muito devagar. E não conseguia me dar bem com as pessoas? Eu era um filho da puta do povo, contanto que não me fodesse.

— Terei de convencer Anna a voltar para casa — disse.

— Voltará — disse. — Estou trabalhando em Angela, porque Giuseppe também está me infernizando.

Você canta e, de repente, todo mundo pensa que pode te pressionar. É por isso que sempre disse que meu primo Dom era um molenga. Ele tinha "manipuladores" que todos pensavam que poderiam transformá-lo em uma marionete cantora. Ele os deixou.

O Fabrizio me trouxe de volta ao tempo real quando começou a fazer caretas para a minha Eleonora. Ela riu dele, mas chorou por mim. Isso atingiu um nervo de merda. Se ele não fosse um homem que considerava família, provavelmente o mataria por inveja; tinha algo que eu queria - um sorriso da minha filha.

O sorriso de Alcina ficou mais largo ao notar a garota de Modica, a mesma do The Club, Mariposa, aparecendo com o garoto que eu vira com ela na Itália. O seu filho. Seu marido não gostou de mim desde o momento em que pôs os olhos em mim, mas quem

diabos era ele? Se eu era bom o suficiente para que sua prima se casasse, era bom o suficiente para ele aceitar.

O menino nos braços de Mariposa estendeu a mão e tocou o topo da cabeça de Eleonora. Ela também sorriu para ele. Todos menos eu.

Tudo parecia tão idealista. As mães. A tia. A avó. A prima (Brooklyn). Os amigos. As crianças brincando no parque.

Pela primeira vez em muito tempo, percebi o quão longe estava desta vida e o quão profundo estava na minha outra. Era em horas como essas que algo me atingia pior do que ciúme, ou mesmo inveja, ambas as emoções que Alcina me apresentou. Naquele segundo, experimentava outra coisa. Não poderia colocar um nome, porra, porque eu não tinha certeza do que era.

Foi o que Alcina me explicou uma noite. *Como se também sentisse minha falta, embora eu esteja ao seu lado.*

A palavra “sentir falta” estava errada. Parecia uma palavra tão simples e descomplicada para descrever o caos que sentia no centro do meu peito.

Resumindo. Senti como se tivesse passado uma vida inteira com essas pessoas, e todas as coisas ruins que fiz, me responsabilizaram, mas me amaram apesar delas. Então, de repente, me encontrei em um mundo separado, mas ainda podia vê-las. Estava por dentro olhando para fora. Isso enviou uma onda de algo que nunca havia sentido antes. Pânico - talvez. Que nunca poderia chegar até elas.

Nunca tive meu coração disparado. Nem mesmo quando a morte estava à minha porta. Então, talvez pânico fosse a palavra errada. Talvez não fosse forte o suficiente, ou talvez fosse. Não sabia, porra, porque este era um mundo inteiramente novo para mim.

Uma coisa era certa, entretanto. Os momentos em que os alcancei foram fugazes; rápido demais. Então minha mente foi em uma direção diferente, meu corpo seguindo as ordens, e a sensação recuou e nada mais foi registrado, exceto a vida.

— Ei.

Inclinei-me um pouco, estreitando os olhos para a garota saindo da luz do sol em minha direção com seu filho. Ela se sentou ao meu lado no banco, como se me conhecesse desde sempre.

Eu era uma pessoa sociável até certo ponto - não estava mentindo sobre isso - mas não muitas pessoas escolhiam se sentar ao meu lado. Geralmente era feito por um motivo no meu mundo.

O menino sentou-se entre nós, brincando com um brinquedo. Para uma criança, tinha uma cara séria.

Recostei-me para ver melhor o seu rosto. Ela não era uma mulher comum, mas também não era extraordinária. Era difícil descrever o que havia de atraente nela, e não de uma forma sexual. Tinha uma aparência um tanto régia. Era o seu nariz. A forma como se curvava. Isso lhe deu algo especial. Personagem que não via todos os dias.

— Mariposa. — Acenei.

— Na verdade, é Mari — disse. — Meu marido é o único que me chama de Mariposa.

Talvez estivesse lendo muito sobre isso, mas era como se ela estivesse me dizendo isso por um motivo. Como se quisesse que eu soubesse disso sobre ela. Talvez só quisesse que alguém soubesse.

— Seu marido. O homem em Modica. Primo da minha esposa.

— Sim — disse ela. — É ele.

— Então isso faz de Eleonora e... — olhei para a criança.

— Saverio — disse.

Concordei. — Saverio...

— Primos — terminou por mim. — Sim.

— Será bom para Alcina ter uma família tão perto. Quando sua *mamma* e irmã voltarem para casa.

Ela assentiu, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. —

Será. Podem crescer juntos. — Mexeu no cabelo do filho. Ele tinha uma tonelada disso. — Não tive família enquanto crescia. Fiquei sozinha a maior parte da minha vida.

Meus olhos vagaram para Alcina novamente, e com isso, olhei para a mulher novamente. Precisava de um amigo? Porque isso era algo para discutir com minha esposa, não comigo.

— Eu tenho uma tonelada de família — disse. — Pode ficar com um deles. — Sorriu, tentando fazer uma piada, mas ela não riu.

Encolheu os ombros. — Teria sido bom, sabe, apenas... compartilhar algo com alguém. Algo familiar.

— Quer dizer, como sangue — disse.

— Sim. — Ela parou de mexer no cabelo do garoto e realmente olhou para mim. Quase me estudando. — Alguém com uma ou duas características semelhantes. Alguém que deveria estar lá, não importa o quê. — Acenou com a cabeça na direção de Alcina e Anna, que espremiavam Eleonora entre elas, antes de Fabrizio tirar a foto. — Tem uma família linda.

Eu bati na cabeça do garoto. — Eu diria que você também.

Ela sorriu dessa vez. — Tenho. — Hesitou um minuto. — Tem irmãos ou irmãs?

Suspirei. — Não.

— Oh. Disse que tinha uma família grande, então presumi. — Encolheu os ombros. — Então, acho que também está bem sozinho.

— Defina sozinho.

— Entendo — disse, sorrindo desta vez. — Você provavelmente tem muitos primos. Como Saverio e Eleonora.

— *Ele* — disse. — Todo mundo a chama de *Ele*, menos eu.

O sorriso de Mari cresceu ainda mais. — *Ele* e eu temos isso em comum então. Ambas temos alguém especial para dizer nossos nomes. — Olhou para seu short jeans, escolhendo algo lá. — É bom ter um pai que faz isso; te chama de algo especial.

Ela disse as palavras baixinho, mas a ouvi. Pegou o filho e o segurou perto do peito, beijando sua cabeça.

Alcina veio até nós com Eleonora. Ela se sentou entre Mari e eu. Entregou-me Eleonora. Mesmo que não chorasse desta vez, olhou para sua *mamma* com olhos arregalados, desejando-a. Acaricieei sua cabeça, ajeitando os pequenos tufo de cabelo que tinha, enquanto colocava meu braço atrás das costas de Alcina. Ela se encostou em mim, ficando confortável.

— Está um dia tão lindo — Alcina disse, suspirando.

Encarei seu rosto. Talvez ela acreditasse, mas sempre havia algo por baixo da superfície ultimamente. Disse as palavras, como se estivesse se forçando a acreditar nelas, mesmo que não achasse que eram verdadeiras. Estava lutando contra os demônios para chegar a um lugar onde pudesse acreditar e sentir.

— Não pode escapar de mim! — Anna apontou para mim. — Sei que não gosta de fotos, mas só desta vez. Quero colocá-los todos juntos.

Alcina se aproximou ainda mais de mim, pegando a mão de Eleonora, e então estendeu a mão para Mari.

— Mais perto! — Anna disse, mantendo o olho na câmera, usando a mão para direcionar Mari. — Ele não fede. Diria que não morde, mas morde.

Mari olhou para mim e então colocou seu filho em seu colo antes de se aproximar de Alcina.

— Vou contar até três!

No três, olhei para a direita quando notei o garoto que deveria conhecer. Estava esperando no nosso local combinado. Após o contato visual, iria para outra área isolada no parque.

— Estava desviando o olhar! — Anna disse, olhando para a imagem na tela.

— Bom o suficiente — disse. Beije Eleonora na cabeça, a

devolvi a Alcina, beijei-a e fui dar uma volta no parque.

* * *

Adriano veio comigo para conhecer o garoto.

Ele bufou enquanto tentava me acompanhar.

— Sinto o cheiro do *pastrami* em você — disse. — Está suando pra caralho.

Ele parecia querer responder, mas não queria perder o fôlego. De qualquer maneira, teria sido. Ou ele assumiu a responsabilidade por sua situação ou sabia que começaria a lhe chamar “desculpas” até que ele se recompusesse.

Havia apenas fazer ou não fazer. Sim ou não. Sempre que havia um “mas” anexado, era a porra de uma desculpa.

— Aquele é o garoto? — Adriano estreitou os olhos, pôs a mão nas sobrancelhas e soltou um suspiro quente.

Segui a sua linha de visão. — Sim, é ele. Disse que usaria uma blusa de gola alta preta.

— Neste calor de merda? — Franziu o rosto, estreitando ainda mais os olhos. — Ele parece uma miniversão de *Roy Orbison*³⁴. Até os óculos e a porra do cabelo.

— Você ficará sem fôlego se continuar falando e andando — disse.

— Sou facilmente suscetível às coisas — disse. — É por isso que às vezes preciso tomar esteroides.

— Mais uma razão para cuidar de si mesmo, então — disse.

— Ainda não consigo superar esse cara — disse, olhando novamente para a criança. — Ele é Roy Orbison, nova versão. *CRYING!*³⁵ — Começou a cantar. — *I’m CRYING.*

Esse cara de merda. Balancei minha cabeça.

— Aposto que Bugsy adoraria conhecê-lo. — Adriano enxugou o suor da testa.

Sorrio porque Adriano estava certo. Bugsy adoraria. A porra do garoto nem precisava de uma fantasia para o Halloween. Canalizou Roy Orbison de onde quer que ele tivesse ido.

— Acha que Alcina perguntará por que vamos conhecer esse garoto?

Estávamos perto de nos encontrar com ele. Calcedonio tinha combinado com seu pai e estava esperando no lugar exato do parque que combinamos. Era longe o suficiente da minha esposa e família para que não viessem me procurar ou ouvissem qualquer coisa.

— Não — disse, mas depois que me levantei, ela também levantou, segurando Eleonora enquanto me observava ir embora até que não pudesse mais.

— *Dum dum dum* — cantou Adriano enquanto nos aproximávamos ainda mais. — *Only the lonely...*³⁶

Olhei para ele. Ele fez um movimento contra os lábios, como se estivesse girando uma chave, e quando passamos por uma lata de lixo, a jogou fora.

O garoto estendeu a mão quando chegamos perto o suficiente. — Gene Champollion, ao seu serviço.

Levantei minha mão. — Tudo bem. — Poderia dizer que sua mão estava úmida de usar a porra de um suéter no calor.

Ele olhou para Adriano e apenas assentiu. Adriano acenou de volta. — Você se parece com Roy Orbison — disse. — Tinha que te dizer isso.

Gene assentiu. — Ouço muito isso.

— Porque é a porra da verdade — disse Adriano.

— Dê-me o que tem — disse, interrompendo qualquer conversa. Não havia como saber que porra Adriano estava tomando, e isso o deixava tagarela. Normalmente meus homens cuidam de coisas assim,

mas isso não era negócio. Era pessoal.

Gene se endireitou. — Para dizer a verdade, senhor, nada.

— Seu velho disse que é o melhor — disse. — Suas palavras exatas para meu homem foram, “não há nada que ele não consiga encontrar.”

— Em todos os meus quinze anos, não há nada que não tenha encontrado quando olhei. Até o governo me quer. Esta é a primeira vez.

Estreitei meus olhos para ele, e visivelmente começou a suar ainda mais. Ele não suando. Estava morrendo de medo.

— Acontece que — disse, suspirando — tenho quase certeza de que alguém estava brincando comigo o tempo todo. Encontrei algumas coisas - uma foto, merdas fáceis como essa - mas quando voltava, sumiam. *Puf*. Como se nunca tivessem existido.

— Não consegui encontrar nada em Vittorio Scarpone.

— Duas. — Ergueu dois dedos. — Era filho de Arturo Scarpone, e seu pai teria mandado matá-lo. O segundo artigo era sobre os assassinatos da família Scarpone em um restaurante chamado Dolce. Na verdade, havia um monte deles, mas apenas um ou dois realmente mencionaram Vittorio.

— Sem fotos — disse.

Ele torceu a bochecha e balançou a cabeça. — Novamente, apenas uma. Depois desapareceu.

— Descreva-a.

— Olhos azuis. Cabelo preto. Traços nítidos. Provavelmente italiano, como você. Muito bonito.

— Sua opinião sobre isso?

Coçou a cabeça, jogou um pouco de caspa no ar e fez uma careta quando a caspa salpicou ao seu redor como sal. — Diria que quem quer que seja sabia que eu estava procurando. Ele ou ela me deixava saber que sabia. Entraria em detalhes, mas pode ficar muito prolixo.

Então o filho da puta maquiavélico era um gângster nerd.

Começava a me sentir como se estivesse realmente lutando contra um fantasma. A porra de um fantasma que sussurrava — *Boo, filho da puta, aqui estou eu* — toda vez que chegava perto, ele desaparecia.

— Oh! Vou lhe dizer isso — Gene disse, sua voz um pouco estridente. — Conhecia um dos... — fechou os olhos, movendo a boca, mas nenhum som saiu. — Teria sido um de seus sobrinhos. Filho de seu irmão. Era extremamente conhecedor das mesmas coisas que eu. Se é que me entende. — Piscou para mim e fez uma careta, como se não pudesse acreditar que acabou de fazer isso. — Má jogada, Gene — sussurrou para si mesmo. — *Má jogada.*

Adriano deu alguns passos para longe dele.

— Não estou entendendo — disse.

— Ele era inteligente. Tipo... extremamente *inteligente*. — Disse a palavra lentamente. — Então, provavelmente o seu tio também é.

Não brinca, diria, mas ele estava olhando para mim como se estivesse preparado para falar devagar de novo. Nem disse nada técnico. Ele se achava o cara mais inteligente do mundo, mas estava esquecendo que foi derrotado por um gângster. Nossa especialidade eram as ruas, geralmente não sentados atrás de um computador, mas Vittorio Scarpone viveu uma vida totalmente diferente por anos. Fazia sentido que desenvolvesse habilidades para ajudá-lo a permanecer escondido.

Antigamente, era mais fácil desaparecer. Antigamente, nem tudo era digital.

— Tem mais alguma coisa para me dizer?

Estava olhando para mim, fixamente, como se estivesse debatendo. — Você não pediu por isso — disse correndo. — Mas... — puxou um envelope do bolso de trás, entregando-o a mim. — O segundo artigo. Mencionou uma menina. Aparentemente, houve alguma especulação sobre o que aconteceu com ela. Vittorio matou

seus pais, mas ninguém sabia o que havia acontecido com ela. O seu nome é ou era Marietta Bettina Palermo. Sua meia-irmã. — Encolheu os ombros. — Algumas informações listadas são dela. Aniversário. Tipo sanguíneo. Achei que poderia querer.

— Como encontrou isso, porra?

— Encontro tudo. — Encolheu os ombros. — Mesmo quando alguém não quer ser encontrado. O cara que está procurando não é que não queira ser encontrado. Simplificando: ele não existe mais.

— E ela? — Perguntei.

Encolheu os ombros. — Ele não existe e nem ela, exceto pelo que dei a você, ou talvez não tenha lhe dado. Talvez ele tenha me deixado encontrar para dar a você.

Ele também controlava essa porra de conversa. Tudo o que deu, ele deu por suas próprias razões.

— Continue procurando — disse.

Seus olhos se estreitaram, mas depois que levantei minha sobrancelha para ele, assentiu. — Sim, está bem, mas não acho...

— Está certo — disse. — Isso é exatamente o que ele está fazendo. Está apenas dando a você o que ele quer que eu tenha.

Mais cedo ou mais tarde, quando estivesse pronto para que eu o encontrasse, ele entraria em contato comigo. Mais cedo ou mais tarde, esse garoto receberia uma mensagem de um fantasma, e *boo, filho da puta, passaria*. Ele estaria lá quando chegasse perto o suficiente. Perto o suficiente para tocar. Perto o suficiente para matar, porra.

Alcina

Havíamos passado o dia dirigindo pela cidade em seu velho Cadillac. Embora a casa dos seus avós fosse grande o suficiente, com excesso de espaço, senti como se estivéssemos repetindo a história ao ficar lá.

Não contei isso a Corrado, mas ele pareceu sentir, ou talvez quisesse sair por seus próprios motivos. Eu também podia sentir isso.

Era difícil colocar em palavras, mas a casa quase parecia parte da família, mas não nossa. A outra. Foi construída para proteger segredos, para protegê-los, mas não foi feita para manter uma família unida.

Corrado queria que eu tivesse uma ideia das diferentes áreas de Nova York, embora tenha mencionado que ficamos perto de onde estávamos. Em vez de comprar algo que estava lá, decidiu que deveríamos construir.

— Para que possamos colocar quartos escondidos? — Eu me virei para encará-lo no carro.

Ele não respondeu, então chamei seu nome. Ainda não olhou para mim. Estava em seu próprio mundo, e isso só piorava.

— *Don Corrado* — disse com força.

Ele olhou para mim então, estreitando os olhos antes de voltar para a estrada. Claro que responderia a isso. Era tudo o que era ultimamente.

Ele assentiu. — Sinto que é necessário.

— Você me ouviu? — Cruzei meus braços sobre meu peito.

— Eu ouço tudo.

Amaldiçoei em siciliano.

— É por isso que não respondi — disse. — Não quero discutir com você. E sei para onde a conversa está indo. E farei o que for preciso para manter minha família segura.

Balancei minha cabeça. — Minhas paredes não ficarão manchadas com o sangue de homens que não tinham ideia de que haviam se inscrito para uma sentença de morte! — Entendia o conceito disso, mas me recusava a viver com fantasmas. Tínhamos o suficiente deles perambulando. — E quanto a Dario Fausti? É um arquiteto. Entende esta vida. Ele seria confiável o suficiente para fazer isso.

A menção dos Fausti o fez mudar visivelmente. Ele se tornou mais rígido, mais difícil de ler. Sabia que ele tinha um problema com Rocco, mas Dario, seu irmão do meio, era diferente.

Corrado tinha problemas com um e culpava todos. Poderia rastrear uma veia disso em minha mente, como poderia estender a mão e traçar uma em seu braço. Era a mesma veia em que vivia a vingança por meu primo - culpou um homem pelos erros de toda uma família, não sendo capaz de ver que meu primo tinha mais de um lado. Nosso lado era gente boa.

Suspirei, olhando pela janela. — Se precisamos dos quartos, e se prefere que ele não faça isso, prefiro ficar onde estamos. Esse sacrifício foi suficiente.

Ele não disse nada enquanto fazia a volta com o carro e voltava para a casa dos avós, mas era difícil pensar em outra coisa quando comecei a pensar na situação entre meu marido e minha prima. Agora não era a hora de dizer a Corrado que sua irmã estava viva, porque assim que o fizesse, teria que lhe dizer que ela se casou com o homem que ele queria desesperadamente matar. Seu filho, quando tivesse idade suficiente. Seu sobrinho.

Suspirei novamente, segurando minha bolsa. — Diga-me uma coisa — sussurrei.

— Qualquer coisa — disse.

— Por quê? Por que quer matá-lo? O verdadeiro motivo?

Nem mesmo questionou quem. Já sabia. Era tudo em que pensava quando não estava lidando com negócios de família. — Toda aquela família precisa ir. Nunca seguiram as regras. Matar crianças não faz parte do nosso negócio. Nunca fará, enquanto eu viver.

— E quanto ao Corrado Palermo? — Perguntei. — Ele não seguiu as regras.

— Não seguiu.

— Entendo sobre sua irmã. Não há palavras para isso, mas por que fazer isso por ele também? Por que vingar um homem que conhecia as regras e as quebrou de qualquer maneira?

— Não estou fazendo isso para vingá-lo — disse. — Além de livrar a terra dos Scarpones, estou fazendo isso porque quero matá-lo.

— Está com raiva porque aquele homem matou Corrado Palermo primeiro?

Ele assentiu. — Raiva não é a palavra certa para isso.

— Não se trata de vingar Corrado Palermo — disse, compreendendo de repente. — Você o odeia tanto que quer matá-lo, mas não pode.

Ele ficou calado por um tempo. — Talvez se pudesse matá-lo, poderia me livrar dele — disse calmamente. — Não consigo me livrar dele, Angel Eyes. Ele é muito parte de mim. Está no meu sangue. Eu me odeio por isso.

Durante toda a sua vida foi programado para se livrar de um problema e então seguir em frente. Não conseguia se livrar disso. Não havia ninguém para tocar, estrangular, matar. Estava lidando com dois fantasmas. Vittorio Scarpone e Corrado Palermo. Ambos os fantasmas do passado.

Peguei sua mão e levei ao meu coração. — Não pode matar um fantasma, *il mio amore*. Um fantasma já se foi. Você os traz a nós

chamando-os, dando-lhes *sua* vida para se agarrar. É você quem não permite que se vão. — Apertei sua mão com ainda mais força, na esperança de chegar até ele do seu lado nesta vida que compartilhamos. — Se você se odeia pelo que está em seu sangue, como acha que Vittorio Scarpone se sente?

Ele retirou a mão. — Não dou a mínima para o que ele sente — disse. — Eu o detesto por fazer isso comigo. Por não me dar a chance de me livrar daquele homem que nunca me reivindicou. Por esconder minha irmã de mim. Por ser quem ele é.

— Se você o matar, está acabado — disse. — Se ele tivesse que viver com esses mesmos sentimentos, não seria pior?

— Se ele lutou para permanecer vivo por tanto tempo — disse ele — se sente bem com a vida.

— Vai matá-lo — disse, minha voz me traindo. Era aquela cena repetidamente - aquela no bosque de pistache. Onde ele foi me entregar a luva, mas a segurou. — E apenas pegar outro fantasma.

— Neste ponto da minha vida — disse, entrando no caminho — perdi a conta. Mais um não me matará.

— Não — sussurrei. — Apenas destruí-lo ainda mais.

* * *

Um carro parou atrás de nós quando os portões se abriram. Corrado parou o carro, mas depois de perceber que era Brooklyn, encostou o carro totalmente.

— Você está comigo hoje — disse.

Concordei. Não tinha planos de ir a Bella Luna, por isso não chamou Nunzio. Ele só aparecia quando Corrado não estava lá. E quando Nunzio estava lá, Brooklyn também estava.

Às vezes, Brooklyn vinha e passava algum tempo mesmo quando não íamos a Bella Luna. Parecia que ela gostava de estar perto de

mamma, Anna, Eleonora e eu. Provavelmente Corrado não percebeu que ela passava tanto tempo aqui, já que estava sempre fazendo outras coisas. Mesmo quando estava em casa, às vezes era como se ele não estivesse lá.

Ele olhou para meu rosto depois de estacionar o carro. — Seria um erro pensar que não sei o que diabos está acontecendo na minha própria casa — disse. — Conheço cada movimento que faz. — Estendeu a mão e tocou meu queixo.

— Não sou sua casa — disse.

— Sim — disse. — Você é. É minha casa. Sei tudo o que acontece dentro e fora dela - o tempo todo. — Estendeu a mão e me deslizou em sua direção. Quando nos conectamos, teve o mesmo efeito de uma bomba entre um corpo e um coração.

Minhas mãos agarraram seu cabelo, e queria arrancá-lo pela raiz, enquanto sua boca fazia coisas com a minha que me faziam gemer.

Isto. Foi o que aconteceu quando finalmente largou a luva e nos encontramos. Perfezione completa.

Perfeição completa.

— É hora de jogar uma partida de roleta italiana — disse, sua boca percorrendo meus lábios, meu queixo, minha garganta e, em seguida, a pulsação em meu pescoço. Chupou com tanta força que sabia que deixaria uma marca. — Enterrarei meu pau em você tão profundamente que não haverá nenhuma maneira de não engravidar novamente.

Sibilei quando sua boca se moveu para baixo e continuou chupando. Ele chupou todo o caminho até meus seios, e através da camisa, o calor de sua boca queimou.

Uma batida veio no porta-malas. Fiquei calma. Corrado mordeu meu mamilo e sorriu. Ele se sentou e se ajustou antes que Brooklyn viesse para o meu lado do carro.

A janela estava abaixada, e fungou antes de enxugar os olhos

vermelhos. — Precisamos falar com vocês dois.

— Nós? — Disse Corrado.

Ela assentiu. — Nunzio e eu.

— Encontre-nos lá dentro — disse Corrado.

Ela acenou com a cabeça e, quando chegou perto da porta da frente, Nunzio foi ao seu encontro, colocando a mão em suas costas.

— De onde veio? — Perguntei.

Ele sorriu, provavelmente pelo olhar confuso em meu rosto. — Ele dirigia o carro dela.

Corrado saiu primeiro e depois veio abrir minha porta. Entramos em casa de mãos dadas, encontrando Brooklyn e Nunzio na cozinha. Ele ficou de costas contra o balcão. Ela se sentou à mesa, a cabeça entre as mãos.

Da janela atrás de Nunzio, pude ver Anna segurando Eleonora e Fabrizio fazendo caretas para ela. *Mamma* sentou-se no banco, fazendo crochê, sorrindo, enquanto os ouvia rir. Senti um forte desejo, de vê-los assim, tão despreocupados com ela, mas ignorei.

— O que está acontecendo? — Perguntei, olhando para o Brooklyn.

— Nós nos casamos! — Ela deixou escapar. — Conte a minha mãe e ela puxou uma faca em Nunzio que estava sangrando e depois ela estava gritando e... *Oh Deus!* Não sei o que fazer.

Olhei para Nunzio e percebi pela primeira vez que tinha sangue escorrendo pelo braço. Ele encolheu os ombros.

— Você já tem idade suficiente — disse Corrado a Brooklyn. — Pode se casar com quem quiser.

Olhou para ele, com os olhos vermelhos, o nariz inchado, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Mas ela é minha mãe, e eu também a amo. Quero que ela o aceite, que nos aceite.

— Tentou falar com ela? — Perguntei a Nunzio.

Ele ergueu o braço para me mostrar. Mesmo sabendo que quis dizer que havia tentado, ainda me perguntei... Não conseguia me lembrar de uma época em que ele tivesse falado comigo casualmente.

— Falar não fará com que ela mude de ideia — disse Corrado, olhando para Nunzio. — Levará tempo.

— Como isso aconteceu? — Perguntei, sentando perto do Brooklyn e pegando a sua mão. Afastei o cabelo de seu rosto, tentando secar algumas de suas lágrimas.

— Eu lhe disse que gostava de Nunzio. Na verdade, o amo, mas estava com vergonha de admitir. Quero dizer, quem se apaixona pelo primeiro cara de quem realmente gosta? É como escolher o primeiro vestido de noiva que se experimenta. Com que frequência acontece? — Fungou. — Então minha mãe... queria que eu gostasse do chef. Na noite em que saí com ele, Nunzio apareceu no meu apartamento depois que cheguei em casa. Ele me disse como se sentia. Disse-me que, se eu não me casasse com ele, mataria Michele.

Corrado estreitou os olhos para Nunzio. Pela primeira vez, vi algo no rosto de Nunzio que nunca tinha visto antes. Não é vergonha, mas algo próximo a isso, mas não pensei que fosse pelo que tinha feito, mas por outra coisa.

— Você a forçou a isso! — Gritei.

Nunzio balançou a cabeça. — Explique melhor — disse à esposa.

Ela acenou com a mão. — Quer dizer, isso veio depois de algumas coisas... não foi como se dissesse, “Case comigo ou mato o chef” — disse, fazendo sua voz soar como a dele. — Bem, tipo isso, mas não quero entrar em detalhes sobre o que aconteceu antes disso, certo? É pessoal, porém, a questão é... fui renegada! Pensei... que se fôssemos casados, minha mãe teria que aceitar.

Peguei seu queixo e a fiz olhar para mim. — Ela vai. Corrado está certo. Dê tempo a ela.

Ela balançou a cabeça. — Você não entende. Não viu o seu rosto. Sabia que ela teria dificuldade em aceitar isso, mas *nunca*,

nunca pensei que fosse esfaquear alguém.

— Não deve conhecer sua mãe — disse Corrado. — Ela é um risco.

Eu olhei para ele. Não estava ajudando.

Um dos homens pigarreou a entrada da cozinha. — Adriana — disse.

Corrado assentiu. O homem saiu e voltou com uma mulher um ou dois minutos depois. Brooklyn se levantou de seu assento e ficou na frente de seu marido, tentando usar seu corpo como escudo. Nunzio a moveu para que ficasse ao seu lado, de modo a ficarem lado a lado.

A mulher, Adriana, era atraente. Era alta, magra, com cabelos longos, loiros e ondulados. Podia ver, porém, que a vida tinha cobrado seu preço. Ela parecia abatida de um jeito que me fez sentir como se sua alma estivesse cansada.

— Mãe — Brooklyn sussurrou.

— Não faça isso. — Ergueu a mão. — Nem me chame assim. Não sou nada para você. Você escolheu esta vida em vez de mim.

— Não escolhi! — Brooklyn gritou. — Papai escolheu! Eu não! Escolhi o amor!

— Amor. — Adriana riu, na verdade gargalhou como uma bruxa. — Verá o que conseguirá em alguns anos. Amor - não existe tal coisa nesta vida. Acha que ela... — apontou para mim — ...conseguirá um amor de verdade? Acha que a filha dela vai? Você sabe como é! Foi ignorada, sempre vindo depois desta vida, e então ele foi embora! Como imaginei faria. De uma forma ou de outra.

— Você sabia disso quando se casou com ele! — Brooklyn disse. — Fez sua escolha. *Por favor.* Deixe-me fazer a minha. As coisas serão diferentes para mim.

— Ha! Que piada de merda. Acha que as coisas serão diferentes? Isso é o que eles nos fazem acreditar quando os rejeitamos. *Você é diferente.* Ele dirá as palavras certas e fará todas as coisas certas. Farão

se sentir a única mulher no mundo. Este... — acenou com a cabeça para Nunzio — ...provavelmente fez algo para fazê-la sentir que o mundo girava ao seu redor e apenas a sua volta. — Balançou a cabeça, quase sem acreditar.

— As mulheres que não estão nesta vida olham para nós e pensam: “*Elas sabem no que estão se metendo!*” - Sim, algumas de nós sabem desde o início, mas outras não. Mesmo quando o sabemos, porém, muitas mulheres não têm chance contra eles. Quando querem algo, eles a têm. Então, usaremos o bom senso. Se homens como eles não têm chance uns contra os outros metade do tempo, o que faz aquelas vadias pensarem que podemos? Não é melhor do que elas por fazerem o mesmo comigo. Julgando-me por fazer o melhor que pude. E mesmo assim não aprendeu.

— Mas eu o amo!

As palavras foram como um tapa na cara. Adriana estremeceu visivelmente. — Ame-o hoje. Odeie-o amanhã. Marque minhas palavras. — Olhou para Corrado. — Desfaça isso. *Por favor.*

Corrado olhou para Nunzio por um minuto. Balançou sua cabeça. — Nunzio não faz parte da minha família, não oficialmente.

— Ele não é... um de vocês? — Adriana parecia quase esperançosa.

Corrado balançou a cabeça. — Ele é da Sicília — foi tudo o que disse.

Estreitei meus olhos para Corrado. Havia algo que não estava dizendo. Nunzio não fazia parte de sua família, mas ainda fazia tudo o que Corrado mandava. Então, novamente... me perguntei se Corrado estava fazendo isso por ele porque concordou em me proteger aqui. Um favor por um favor.

Uma vida por outra vida, a julgar pela expressão no rosto de Adriana.

— Não! — Balançou a cabeça. Em seguida, foi atrás de Nunzio novamente com uma faca que tirou do bolso da jaqueta. O homem

que estava a porta passou o braço em volta da cintura dela, puxando-a de volta no momento em que ia cortá-lo novamente. Estava apunhalando o ar, chutando as pernas, gritando — NÃO! Minha filhinha! Não vai tirá-la de mim! Não vai matar o seu espírito como ele matou o meu!

Então começou a chorar como se alguém tivesse morrido quando percebeu que não poderia chegar até ele. O que estava feito, estava feito.

— Deixe-a ir — disse Corrado ao homem que a segurava.

O homem não hesitou. Ele a soltou, mas tirou a faca de sua mão. Ela nem percebeu. Caiu no chão, de joelhos, chorando a plenos pulmões. Implorando. Suplicando. Sangrando no chão de uma casa que não ligava para suas lágrimas ou sua perda.

Tirei o rosário do bolso, afagando as contas entre os dedos.

Talvez Corrado tenha chamado meu nome quando corri para fora da cozinha em direção ao jardim. Talvez não tenha. Não pude ouvir por causa do som do lamento. Não conseguia ouvir por causa do som da dor de outra mãe.

Parecia que Adriana havia cometido um erro nesta vida. Uma vez, ela se importou.

Uma vez no jardim, peguei Eleonora de Anna, segurando-a tão perto que esperava absorvê-la em minha pele e mantê-la lá para sempre.

Corrado

Não ia ao clube social do meu avô, Primo Club, com frequência. Quando ele estava vivo, frequentava, mas depois que morreu, perdeu o apelo.

A maioria das coisas que ele deixou para trás.

Exceto por uma coisa que não tinha nada a ver diretamente com ele, embora tudo derivasse da vida.

Macchiavello.

Minha esposa tentou me dizer que eu estava canalizando todas as coisas que não conseguia controlar para o meu ódio por ele. Quanto mais as coisas pareciam fora de controle - o entorpecimento por trás dos olhos de minha esposa, o sorriso que não conseguia obter de minha filha - mas eu queria matá-lo. Talvez estivesse obcecado em destruí-lo.

O pensamento dele estava me destruindo. Tudo que representava e me roubou era como ácido para minha mente.

Era por isso que me chamavam Scorpion. Eu tinha veneno dentro de mim e, assim que recebia uma ordem, ou me decidia sobre alguma coisa, recusava-me a soltar até que tudo acabasse. Assim como me recusava a deixar o inimigo ir.

Passaram-se dois meses desde que conheci o garoto no parque. Dois meses desde a atuação dramática de Adriana na cozinha. Dois meses desde que a luz nos olhos da minha esposa parecia escurecer ainda mais, principalmente quando estava pensando, sem perceber que eu a observava. Dois meses da minha filha crescendo e me rejeitando.

— Uma miséria autoimposta — disse ao homem da foto,

repetindo algo que ele me dissera uma vez.

Estava pendurado em frente ao que tinha sido sua mesa. Os homens penduraram depois que foi assassinado: Quando Emilio Capitani chegou pela primeira vez a Nova York. Seu perfil era o meu, mas fora isso, era difícil encontrar a semelhança familiar. Meus olhos e feições eram de Corrado Palermo.

Tinha visto uma foto dele saindo do tribunal, depois que os Scarpones o livraram de alguma acusação da qual provavelmente era culpado.

A miséria autoimposta era o que Emilio certa vez me disse que fazia os homens fazerem a si mesmos. Não havia nada para se sentir infeliz nesta nossa vida. O mundo estava aos nossos pés. Homens como nós eram intocáveis, a menos que fizéssemos algo estúpido e quebrássemos as regras. Na época, achei que quisesse dizer fisicamente, mas, desta vez, as palavras me vieram de forma diferente, porque eu estava em um momento diferente da minha vida.

Éramos intocáveis quando se tratava de sentimentos, não apenas de carne e osso. Fazíamos o que fazíamos e era isso. Sentíamos o que sentíamos e então seguíamos em frente. Essa ideologia era transportada para a vida doméstica.

Demorei até este segundo da minha vida para perceber que os tinha. Sentimentos. Não para todos, mas para duas.

Alguém bateu na porta e não interrompi o contato visual com o homem que me encarava do outro lado da sala. Outro fantasma.

— Tem mais notícias do garoto que Lima Bean chama de “Roy”?
— Disse Calcedonio, levantando-se para atender a batida.

Balancei minha cabeça. — Porra nenhuma.

— Talvez ele realmente seja um fantasma — disse antes de abrir a porta. Baggio foi o primeiro, seguido por Adriano.

— Ele me disse: “Os pombos são o caminho do futuro”. E lhe disse: “Não, vá com a porra de um peixe. Estou lhe dizendo. Eles são inteligentes.” Sabe o que me disse? — Baggio disse, sentando-se. —

Ele disse: “Você não diz com o que ir. *Eu* digo com o que ir.” E eu lhe disse, “Vá com a porra de um sapo excitado, pelo que me importa. Todo o seu lugar vai cheirar a merda de pássaro.”

— *Fuhgedaboudit*³⁷ — disse Adriano, sentando-se ao lado de Baggio. — Ele não viu o que Gilbert pode fazer. Embora ache que enviar mensagens para uma pessoa seria difícil. A mensagem não duraria. E como ele chegaria lá?

— Sim, os pássaros têm uma vantagem, mas isso não tira a capacidade de raciocínio de um peixe.

Os homens começaram a entrar enquanto essa porra de conversa continuava.

— Entre frango e peixe... — Adriano franziu o rosto. — Realmente gosto dos dois. Ambos são magros, dependendo de como os faz, mas acho que comer peixe pode ser melhor. Alimento para o cérebro, com os óleos e outras coisas.

— Porra, exatamente! — Baggio disse, cruzando os braços sobre o peito. — Embora realmente odiasse comer Gilbert. Só se tivesse que fazê-lo.

Esses caras de merda. Depois que todos os homens chegaram, discutimos o assunto usual.

Calcedonio mencionou refazer o *Primo Club*, talvez fazendo com que parecesse um verdadeiro clube de cavalheiros. Precisava ser diferente, disse ele. Já era hora.

Gostava de sua aparência simples. As mesas espalhadas por todos os lados com cartas. O antigo bar com incontáveis marcas de arranhões. Até o piso dava um toque de nostalgia. Estavam lá desde que meu avô era dono. A telha cerâmica com padrões de rosa vermelha. Algumas das rosas pareciam manchas de sangue. O chão tinha rachaduras que podia ver quando fechava os olhos. Estavam lá desde que eu era criança.

Outro homem mencionou o *Scorpio Lounge* - a maioria das pessoas simplesmente o chamava de Scorpio - um negócio conhecido

que dava muito dinheiro, e disse que Dario Fausti o havia refeito.

— Continuando — disse.

Quase no final da reunião, Tito entrou. Calcedonio abriu mão da cadeira para ele sentar-se. O homem ao lado de Calcedonio se levantou para colocar a bolsa. Uma dúzia de rosas vermelhas saíam dela.

Tito me olhou fixamente, cruzando os braços sobre o peito.

— Veio aqui para me mostrar como seus óculos podem embaçar com sua fumaça? — Perguntei quando todos os homens foram embora e o Calcedonio fechou a porta, nos deixando sozinhos.

Ele os tirou e os limpou com sua camisa. Seus olhos pareciam redondos quando não os usava. — Fui visitar sua esposa — disse. — Em Bella Luna. Queria comprar um presente para Lola.

Ela chegou mais tarde do que de costume. — Nunzio está com ela — disse. — Ela está revisando o inventário com o Brooklyn.

— Sei disso — retrucou. — Eu estava lá.

Suspirei. — Diga o que está pensando. — Se ele tivesse algo a dizer, e não reconhecesse, tinha um jeito de causar estragos sem dizer uma palavra.

Ele ajustou os óculos no nariz. Agora estava olhando para mim como se eu fosse um espécime. — Eu me sinto responsável por isso.

Esperei um ou dois minutos.

— Por entregá-la a você — disse.

— Ah — disse. — Veio me dar um sermão sobre ser um bom marido.

Ele balançou sua cabeça. — Sou padrinho de muitas crianças. Eu mesmo acompanhei alguns pelo corredor quando seus pais não conseguiram, ou não eram aptos. E sempre fiz uma promessa a elas. Sempre cuidaria delas. Fiz o mesmo quando me tornei padrinho de sua esposa. — Ficou em silêncio por um minuto, pensando. — Nunca teria reunido vocês dois se não pensasse que poderia ser um bom

marido. Se eu tivesse ao menos suspeitado, teria tentado trazê-la aqui para enfrentar Silvio e seu filho por qualquer preço, mas principalmente pelo preço de uma farsa.

Estreitei meus olhos contra os dele, exigindo a verdade. O preço de uma farsa?

— Silvio disse ao seu avô que você o desobedeceu. Que ele lhe pediu para encontrar Alcina em troca das informações que tinha sobre os Scarpones, e você concordou. Emilio não queria que se envolvesse na situação com Vittorio Scarpone. Você sabia disso, e Silvio também. Então ambos o desobedeceram, mas Emilio sentiu que o que Silvio fez foi pior.

— Silvio estava armando para você - nunca teve a informação que você procurava sobre Vittorio. Portanto, Silvio não matou o Emilio porque queria a família. Isso era apenas um bônus. Silvio matou Emilio porque sabia que Emilio ia matá-lo primeiro. Quanto a Vittorio Scarpone? Tudo o que seu avô sabia sobre Vittorio Scarpone, levou para o túmulo.

— Diga-me o que sabe sobre o homem.

— *Ouçá-me* — quase sibilou. — Eu não só ouço, como escuto. Não apenas olho, como vejo. Não só tenho pensamentos, como penso neles. — Tocou sua têmpora. — Eu sabia que procurava Alcina muito antes de você. Em mais de uma maneira. Eu também sabia que ela precisava de você. — Procurou em sua maleta de médico, tirando uma foto do dia do nosso casamento, deslizando-a em minha direção.

Eu estava olhando para ela e ela estava sorrindo para mim. Essa luz era tão brilhante, como se carregasse a lua nos olhos. Aquela que me atraiu e me fez sentir quase louco.

— Estive na sala quando um coração foi transplantado para outro corpo — disse, mas não olhei para ele. Encarei a foto. — Ouvi a primeira batida quando a conexão foi feita. Vi isso dar vida aos quase mortos. — Bateu na mesa, uma, duas vezes, fazendo com que soasse como a batida de um coração.

— Foi por isso que o mandei para *ela*. Precisavam um do outro. O *corpo* e o *coração*. Fui as mãos, o *médico*, que fez a conexão. Ouvi a sua primeira batida quando seus olhos se encontraram. E ambos se tornaram um. — Ele bateu as mãos.

Olhei para ele.

— Você está rejeitando o seu coração — disse. — A segunda chance que tem na vida. Não consegue todos os dias, Corrado. Nós dois somos homens que sabem disso. Pela primeira vez em toda a sua vida, vi algo diferente da aceitação da morte quando olhou para ela. Vi a vida em você. Algo diferente disso. — Olhou ao redor.

— Marque minhas palavras. Continue rejeitando seu coração, Corrado, e vai perdê-lo. Vejo isso nela. Ela está sendo forte porque sente que escolheu esta vida. Escolheu você, mas também não a escolheu? Não estou dizendo que tem que desistir disso, ou até mesmo mudar completamente, mas tem que decidir - vale a pena perder a vida por um velho fantasma?

— O que minha esposa tem a ver com isso? Diga-me o que sabe.

— Você vê — estalou para mim. — Mas não está olhando! Sua mente não permitirá que veja o que está fazendo - para sua família, para você mesmo. Conheci um homem como você uma vez. Um homem que não conseguia desistir de um pensamento, mesmo em detrimento de sua família. Seu pai, Corrado. Corrado Palermo. Sacrificou sua esposa por uma ideia. — Bateu na têmpora com um dedo. — A ideia de que ele devia algo que não merecia.

Eu o encarei por um minuto. — Você sabe quem é minha irmã. Onde ela está. — Disse que Corrado sacrificou a esposa por uma ideia, mas nada sobre a menina.

— Sì. — Recostou-se na cadeira. Seu temperamento havia enfraquecido um pouco. — Já sei há um tempo.

— Ela sabe sobre mim?

— Sì. Descobriu sobre você quando você a descobriu. — Ergueu um dedo. — Seu relacionamento com ela dependerá de seu

relacionamento com o homem que pretende matar.

— Ah — disse, recostando-me. — Ela o respeita por salvar a sua vida.

Tito se levantou, pegando sua bolsa, preparando-se para ir em direção à porta. — Veja. Ouça. *Pense*. — Tocou sua têmpora. — Você é um homem inteligente, Corrado. Sempre disse isso sobre você. Exceto por isso. Está sendo tudo menos inteligente. Então siga meu conselho, ah? Use seu cérebro e lembre-se de seu coração.

— Tito — chamei, parando-o antes que ele saísse. Ele parou perto da porta.

— Diga-me uma coisa — disse. — Onde ela estava todo esse tempo?

— Não muito longe de você — disse. — Em *Staten Island*.

Porra.

* * *

Poderia ter telefonado para Gene, o gênio, e lhe pedido que procurasse registros de crianças em *Staten Island* quando ela esteve lá, mas não liguei. Era uma perda de tempo. O que não mencionei a Calcedonio foi que os computadores de Gene foram confiscados um dia depois de nos encontrarmos no parque.

— Acho que ele me denunciou — sussurrou. — A única razão pela qual não estou em grande, *grandes* problemas porque o governo me quer. M-U-I-T-O. — Soletrou a palavra.

Em nosso mundo, isso era chamado de merda de *ratting*³⁸, mas significava apenas que Macchiavello havia virado o jogo contra mim mais uma vez. Achei que entraria em contato por meio de Gene, mas, aparentemente, tinha outros planos para nosso primeiro encontro.

Levantei-me da cadeira, balançando a cabeça, tentando impedir Tito antes que ele saísse do prédio. Alguns dos rapazes o admiravam,

porque era da velha guarda e aquele período da história era de ouro para homens como nós. Sempre o pararam e pediram algumas histórias.

Antes que se empolesasse muito, fiz contato visual com ele e voltou ao meu escritório. Fechei a porta atrás dele, embora nenhum de nós se sentou.

— Minha esposa — disse. — Tenho notado mudanças sutis. Eu a vejo. Escuto-a. — Toquei minha têmpora. — Penso nela e considero tudo o que ela faz e não faz.

Ele acenou com a cabeça, encorajando-me a continuar depois de um minuto.

— Pesquisei algumas coisas. — Dei de ombros. — Saímos da Itália quando descobrimos sobre Eleonora. Tem sido difícil para ela deixar sua família, sua casa e se ajustar a esta nova vida. Depois que Eleonora nasceu... — Lutei para encontrar as palavras.

Ela tinha aceitado essa vida, mas seja qual for a porra da razão, se recusou a aceitar meu acordo com Macchiavello. Nos últimos meses, tinha piorado. Localizei o dia exato. O dia em que ela falou com Rocco Fausti sozinha. Outra injeção de ácido passou por mim quando pensei nisso. Ela ainda não tinha tocado no assunto. Guardava ressentimento não só por ele, mas também por ela.

Minha esposa, tendo um segredo com ele, me consumia como a ideia de Macchiavello. Ela via isso em meus olhos às vezes quando olhava para mim e me pegava pensando neles juntos, embora provavelmente associasse a outra coisa.

Tito balançou a cabeça, uma expressão solene no rosto. — Foi uma transição difícil para ela. O que aconteceu nos últimos meses cobraria seu preço em uma pessoa que não tem mais nada acontecendo, mas uma mulher passando por mudanças nos hormônios... — deu de ombros. — Pode ser mais difícil controlar as coisas que sentimos que estão fora de nosso controle quando estamos sentindo tantas coisas sobre as quais não temos controle.

— Depressão pós-parto. — Soltei as palavras.

Ele estudou meu rosto. — O amor redime — disse em italiano e depois ajeitou a bolsa. — Tenho a observado. Ela não tem depressão pós-parto, contudo, conheço Alcina toda a sua vida. Ela pega, toma e aceita. Renuncia a seus problemas quando vai à igreja, quando preocupa seu rosário em vez de sua mente, sempre que acende uma vela para iluminar a escuridão de seu mundo, mas quando se desfaz - ela se desfaz com força.

— Você viu isso?

Ele assentiu. — Depois que Junior mandou o primeiro homem atrás dela. Ela me disse que não sentia que sua vida era dela. Demorou um pouco para falar com ela para fazê-la perceber que tudo ficaria bem, mas voltou mais forte do que antes. Sempre volta. Ela sempre voltará. Não a subestime.

— Não desde o momento em que a vi — disse.

— Ah. — Ele sorriu. — Ela lhe mostrou a tesoura?

— Sim — disse.

— No momento em que caiu *innamorato*. — Tito voltou-se para a porta, pronto para voltar para a casa da esposa. Podia sentir o cheiro das rosas e uma das velas de Alcina em sua bolsa. Era uma das suas mais românticas. O velho gângster estava voltando para casa para seduzir.

Abri a porta, apertando seu ombro, decidindo acompanhá-lo até a saída. Ninguém iria impedi-lo então. Ele parecia aliviado. Ainda era ágil para sua idade, mas poderia dizer que a vida o estava desgastando um pouco. Especialmente com a agitação na Famiglia Fausti em ascensão. Ele estava sempre na frente e no centro quando se tratava deles, e eles o mantinham ocupado.

Calcedonio, Baggio e Adriano perceberam que eu estava saindo e todos se levantaram, preparando-se para me acompanhar até a saída. Um grupo de homens o seguiu e nos reunimos do lado de fora, nos preparando para seguir nossos caminhos separados. Exceto o

Calcedonio e o Adriano, que vinham comigo. Alguns homens vinham em nossa direção - eu os reconheci da equipe de Baggio. Estavam com mulheres. Provavelmente do Scorpio.

— Oi, Corrado — disse uma garota quando pararam. Não conseguia lembrar o seu nome, mas a encontrei na Scorpio algumas vezes. Ela se inclinou e colocou os braços em volta de mim, seus lábios chegando perto do meu ouvido, prestes a sussurrar algo.

Antes que pudesse lhe dizer para seguir em frente com sua assumida familiaridade, um grito fez todos os homens se virarem. Maldições sicilianas encheram o ar antes que minha esposa se precipitasse no meio da multidão, vindo diretamente a mim e para mulher.

— Se sabe o que é bom para você — disse para a mulher, lendo a expressão no rosto de Alcina — dará o fora daqui. *Subito. — Imediatamente*

A mulher só teve tempo de estreitar os olhos, para perceber o vulcão vindo em sua direção, antes de partir. Era tarde demais. Alcina a agarrou pelos cabelos, puxando-a para trás e então começou a espancar a mulher, gritando insultos para ela em siciliano.

Cadela! Prostituta! Deveria tirar sua calcinha e enfiá-la na boca! Meu marido! Desrespeito! Fazendo-me de boba!

Minha esposa também não estava batendo na mulher, estava lhe batendo.

Eu disse o seu nome uma vez, mas sabia que não havia como chegar até ela apenas com palavras. Dei um passo à frente, pronto para encerrar a situação, mas antes disso, Baggio se adiantou e agarrou Alcina pela cintura. Puxou-a com tanta força que ela abriu a boca. Ele a fez perder o fôlego.

Baggio era uma fera nas ruas, mas sabia que não demoraria muito para ele se esgotar. Homens que só tinham violência e nenhum pensamento por trás nunca duravam nesta vida. No dia anterior, fui informado de que havia feito algo violento com outra mulher, mas a

mulher ainda não havia sido encontrada. Depois, havia o problema com Vito. Ele o deixou escapar, o que lhe deu a oportunidade de chegar até minha esposa e família.

Assim que colocou as mãos sobre minha esposa, nossos olhos se encontraram e ele a largou imediatamente. Ela caiu no chão, ofegante. A mulher a quem estava batendo deu um tapa no seu rosto. Ela foi bater de novo, quando me coloquei entre elas.

— Seu rosto — disse. — É melhor eu nunca mais vê-la.

Ela saiu correndo. Não me incomodei em vê-la desaparecer. Eu me virei e peguei minha esposa do chão. Ela me deu um tapa, tentando praguejar enquanto recuperava o fôlego.

Olhei para Tito, que observava com olhos semicerrados, para Baggio e depois para o Adriano.

Nunzio se aproximou, Brooklyn ao seu lado. — Estávamos passando quando sua esposa o viu — disse ele. — Ela saltou do carro antes que pudéssemos pará-la.

Eu balancei a cabeça, caminhando na direção de onde Nunzio havia estacionado. Um fluxo de tráfego alinhado. Os carros deram a volta ou esperaram. A maioria das pessoas nesta área estava familiarizada com quem éramos.

Brooklyn entrou primeiro, seguida por Tito. Sentei Alcina ao seu lado. Ela virou o rosto, as lágrimas escorrendo dos lados de seus olhos, rolando por suas bochechas. Não chorava porque estava chateada. Estava chorando porque estava puta.

Tito suspirou. — Vou verificá-la.

Fechei a porta e bati no teto uma vez. O carro entrou no trânsito e voltei para Primo. Calcedonio era o único homem parado do lado de fora.

Ele me acenou. — Baggio e Adriano estão lá dentro.

— Vá para casa — disse. — Vejo você amanhã.

Fechei a porta atrás de mim assim que entrei, trancando-a.

Adriano estava sentado no bar, de costas para mim. Baggio se levantou assim que me ouviu entrar.

— Chefe, eu...

Ergui a mão. — Pegue uma cerveja para mim — disse.

Ele assentiu. — Sim, tudo bem. Podemos discutir isso.

Ele foi até a geladeira e me trouxe uma cerveja. Quando se virou, atirei duas vezes no estômago. Seus olhos se arregalaram, sua boca se abriu, ofegante como um peixe fora d'água. Ele caiu de joelhos antes de desabar no chão.

Fiquei parado ao seu lado, observando-o respirar fundo. — Ninguém toca na minha esposa — disse. — Você sofrerá o tempo que for preciso. Nenhuma ajuda. Vai tocar o inferno antes de chegar lá.

Tinha visto seu rosto quando puxou minha esposa de volta. Excita-se com dor e sofrimento. Assim que ouviu sua respiração prender, ele ficou duro *pra* caralho por mais dor. Ele agora estava mole *pra* caralho - seu corpo inteiro.

Adriano estava sentado no bar, bebendo cerveja.

Balancei a cabeça para ele e acenou de volta. Ele cuidaria do resto.

— Acho que fico com Gilberts — disse ele antes de fechar a porta para Primo. — Não suporto ver nada morrer de fome.

Alcina

Hematomas começavam a se formar no meu estômago, mas não os sentia.

As *víboras* se enrolavam no fundo do meu coração e minhas mãos estavam prontas para atacar, para machucá-lo tanto quanto aquela cena me machucou.

Não conseguia ver mais nada.

As mãos dela sobre ele. Sua boca perto de seu ouvido.

As coisas que estavam fazendo nas minhas costas.

Nunca havia sentido uma raiva tão quente antes. Estava obcecada por isso.

Não conseguia parar de ver, imaginar. Suas mãos sobre ela.

Sua boca nela.

Seu rosto quando estava enterrado profundamente dentro dela.

Amor - não existe tal coisa nesta vida. Acha que ela... — acenou para mim — ...conseguirá um amor de verdade?

Minhas mãos se fecharam em punhos ao meu lado.

No momento em que o vi, soube *a verdade*.

Aqueles olhos esconderam seu coração venenoso. Aqueles lábios eram vasos de engano.

Aquele corpo? Feito para infligir dor.

Não me escutei. Não segui meus instintos. Eu fui com amor.

O amor não poderia existir neste mundo.

Minha mão parou na gaveta da cozinha quando ouvi Tio Tito e

Lo Scorpione conversando do lado de fora da cozinha.

— Tempo Corrado — disse o tio Tito. — É profundo desta vez. Ela não consegue ver nada além do que está passando.

Quase joguei a cabeça para trás e gritei de tanto rir. Pensavam que eu estava perdendo a cabeça? Algum deles passou algum tempo com meu marido ultimamente? Se queriam ver uma perda de juízo, tudo o que precisavam fazer era olhar para *ele*. Talvez ele estivesse passando para mim.

Corrado baixou a voz e, um minuto depois, entrou na cozinha.

— Vire-se — disse. — Olhe para mim.

Eu recusei. Ele me agarrou pelos ombros, forçando-me a encará-lo, mas não o olhei nos olhos.

— Olhe para mim, Alcina — disse.

Eu recusei, mantendo meus braços no meu peito para que nem mesmo acidentalmente tocasse nele. Podia sentir o cheiro do perfume dela em seu corpo. Podia sentir o cheiro de rosas e especiarias e algo mais... algo que não conseguia identificar. O cheiro desconhecido não importava. O resto, podia sentir o cheiro, e estavam cutucando a *vipere*.

Seus olhos estavam fixos no meu rosto, mas não me mexi. Ele me soltou de repente, quase violentamente, e levantou minha camisa.

Eu o deixei.

Sua respiração acelerou quando percebeu os hematomas. Senti seu hálito quente soprar contra minha pele em ondas mais rápidas. Minha camisa caiu quando deu um passo para trás. Olhou para mim do outro lado do cômodo. Então, em uma explosão de fúria, pegou uma das cadeiras e a jogou pela janela atrás de mim; atravessando-a, o vidro ricocheteando em centenas de direções diferentes.

Eu nem mesmo vacilei. Nem mesmo quando os alarmes soaram.

— Chefe... — um dos homens disse, parando a porta.

— Desligue — disse, nem mesmo olhando para o homem. Ele me

olhou fixamente. Recusei-me a olhar para ele.

O homem se moveu como uma sombra na escuridão. Então outra sombra apareceu.

Tio Tito pigarreou. — Disse a Angela para não se preocupar. Estava tudo bem com o alarme. — Apontou a bolsa para a porta e saiu sem dizer mais nada.

— Olhe para mim, Alcina — *lo Scorpione* disse mais uma vez.

Eu recusei.

— Tudo bem — disse. Ele se virou e colocou o punho na parede antes de me deixar sozinha na cozinha.

Sua violência parecia ecoar no silêncio enquanto minha raiva parecia gritar por causa disso.

Eu o escutei por um tempo antes de me virar e abrir a gaveta novamente, tirando uma faca. Eu a coloquei nas minhas costas, movendo-me pela casa o mais silenciosamente possível.

— Alcina.

A voz *da mamma* me parou. Anna e Fabrizio haviam voltado para a Itália, mas *mamma* se recusou a ir embora.

— Volte a dormir — sussurrei.

— O que está acontecendo? — Perguntou, sua voz assumindo um tom exigente.

— Uma pequena discussão — disse. — Resolveremos isso.

— Alcina — chamou enquanto me afastava dela. — Não faça algo de que se arrependerá!

Sorrio na escuridão. Se alguém se arrependeria de alguma coisa, seria ele. Aquele maldito Scorpion.

Ele havia tomado banho e estava na cama. Tinha acendido as velas da lareira, e a luz das chamas formava uma auréola em seu corpo nu. Ele poderia dormir mesmo que o mundo estivesse acabando.

Coloquei a faca na gaveta do banheiro. Eu me despi, avistando os hematomas na minha pele antes de pular no chuveiro. Não me vesti depois e deixei meu cabelo molhado. Peguei a faca e entrei em nosso quarto. Deslizei ao seu lado e depois me movi em cima dele.

Seus olhos se abriram lentamente.

Pressionei a faca em sua garganta com um pouco mais de força, observando enquanto o sangue borbulhava. — Eu disse a você — falei, minha voz saindo áspera, mas com um leve tremor que não consegui controlar. — Disse que te mataria.

Ele levantou o pescoço um pouco. — Eu disse que permitiria. — Moveu minha mão ainda mais para baixo, em seu coração. — Faça isso, Alcina. Se vai me matar, faça isso. Porra, faça-o. — Pressionou com mais força contra ele, e mais sangue começou a escorrer de sua pele.

— Matou minha confiança — sussurrei. — Minha fé em você.

— Não — disse, estendendo a mão para enfiar a mão profundamente no meu cabelo. Seu polegar acariciou meu queixo. — Juro por Eleonora.

Estreitei meus olhos. — Por que me permitiu matá-lo, então?

— Estou matando você de qualquer maneira — disse. — Minha vida. Eu. Prefiro morrer a vê-la assim.

Minha mão começou a tremer e algo me percorreu, algo tão poderoso que um soluço me abalou profundamente, embora não tivesse derramado uma lágrima. O que estava errado comigo? Pisquei para ele, tentando colocá-lo em foco, minha mente se aguçando. Os venenos da *víper*e começaram a diminuir e percebi que o único dano estava dentro de mim.

Antes que pudesse me mover, Corrado me virou de costas. Em vez de soltar a faca, fui pegá-la antes que escorregasse da minha mão. Cortou minha palma. Ele a pegou de mim, jogando em direção à lareira, e então me prendeu embaixo dele.

Suas mãos eram como barras de aço em volta dos meus pulsos.

— Eu deveria saber — disse, sua voz afiada. — Seus olhos não pertencem a um anjo. Pertencem a uma bruxa. Você me colocou sob um maldito feitiço.

Tentei empurrar contra seu aperto, mas ele era muito forte. — Vá para o inferno — sibilei, combinando sua fúria com a minha.

Ele soltou um dos meus pulsos, sua mão alcançando minha garganta, a pressão pior do que na noite em Como. — O que eu lhe disse? — Sussurrou. — Eu te mataria.

— Sempre fui fiel a você — mal consegui dizer.

— Foi? — Inclinou a cabeça. O sangue jorrava dos cortes. Seu coração deve ter batido mais rápido. — Não sei o que diabos foi dito naquela sala entre você e Rocco Fausti.

Ergui meu queixo, dando a ele melhor acesso. — Ele estava preocupado comigo. Se eu estava infeliz.

A pressão aumentou. — Você concordou com ele.

— Não — disse asperamente. — Só estou infeliz porque posso ver que você está morrendo por dentro. Está... indo a lugares que não posso seguir e não posso salvá-lo!

Seus olhos estavam intensos antes de ele me soltar. Antes que pudesse recuperar o fôlego, sua boca estava na minha, dando-me o fôlego que não conseguia encontrar. Eu gritei e depois gemi, meses de frustração, dor e saudade, tudo saindo nesses dois sons. Ele separou minhas pernas e com um impulso tão intenso que me fez colocar a mão atrás da cabeça para evitar de bater na cabeceira da cama, pegou minha mão livre, moveu-a acima da minha cabeça e apertou. Seu sangue e o meu se entrelaçaram e mancharam nossas palmas de vermelho. Espalhou-se entre nossos corpos enquanto nos movíamos juntos.

— Isso — disse. — É para isso que vivo e morro. — Seu pescoço arqueou para trás, expondo sua garganta, o sangue escorrendo em um fluxo constante.

Estendi a mão e limpei com minha mão, aplicando pressão para

impedir que transbordasse.

— Corrado — gemi, um som verdadeiramente enlouquecido. A loucura entrou em nossos corações e correu por nossas correntes sanguíneas. Esse homem poderia me enlouquecer e, ao mesmo tempo, me fazer sentir sã.

Ele começou a se mover mais devagar, alcançando-me ainda mais profundamente do que carne, sangue e ossos. Não poderia removê-lo se tentasse. Nem mesmo com uma faca afiada. Seus olhos estavam nos meus enquanto se movia, e embora seu corpo exigisse que o meu se curvasse ao seu, seus olhos eram servos dos meus. Estavam baixos, quase fechados. Quentes como mel no brilho da luz da lareira conforme me olhava.

— Volte para mim — sussurrei. — Seja um comigo novamente.

Ele me bateu ainda mais forte, começando a se mover mais rápido, e sabia que seria difícil para andar depois. Esta era sua resposta, seu sim, um lembrete de que estava mais fundo do que o olho podia ver.

Gozamos juntos com uma pressa que me deixou tonta. Fechei meus olhos, tentando estabilizar meu mundo inclinado. Mantive-me com ele enquanto nos virava. Isso me atingiu de novo, mais forte dessa vez.

O que eu fiz.

Abri meus olhos e ele estava me olhando. Comecei a beijá-lo - em todo o rosto, no queixo, onde o cortei.

— *Mi dispiace, amore mio.* — Beije-o, dizendo essas coisas, na esperança de curar as feridas que havia causado.

Seu corpo tremia e parei de beijá-lo, percebendo que ele estava rindo.

Estreitei meus olhos para ele. Riu ainda mais forte - sua risada era tão profunda quanto sua voz.

— O que é tão engraçado? Está sangrando!

Ele ergueu minha mão, levando-a à boca. — Assim como você.

Depois de ele me lembrar, eu senti. A queimação. Não havia sentido nada antes, exceto a queimação do ciúme.

— Você não está certo! — Eu bati em sua cabeça.

Ele continuou a rir, me puxando para ele. — Está me dizendo que não estou certo? Quem trouxe a faca para a nossa cama, Alcina?

— Eu tinha um motivo — disse. — Realmente acreditei - no que vi. Enlouqueci. — Olhei para seu peito, onde a faca o cortou, sobre seu coração.

— Acreditou no que esta vida te ensinou a acreditar. — Passou o braço em volta das minhas costas, puxando-me ainda mais perto. — Sei o que viu, mas não foi nada. Momento ruim.

Olhei nos seus olhos. — Sei o que disse, que iria matá-lo, mas realmente não pensei que pudesse.

— Não até que acreditasse no que pensava ter visto.

Acenei com a cabeça, balançando minha mão, odiando admitir o momento de fraqueza.

Ele a pegou e beijou o corte. — *Ti amo* — disse, beijando-me nos lábios. Sua boca se moveu ainda mais para baixo, para meu queixo, meu pescoço, meus seios, para o local onde os hematomas começaram a aparecer. Seus olhos ficaram em um tom mais escuro de âmbar quando sua cabeça se moveu para baixo, ajustando-se à luz bruxuleante.

— Eu te amo mais — sussurrei em siciliano, passando minhas mãos por seus cabelos. — Se ao menos minha boca pudesse curar a dor que causei.

Ele pegou seu pau na mão e deslizou para cima e para baixo no meu corpo. — Pode.

Nossos olhos se encontraram. — Está excitado porque te cortei?

— Porque me reivindicou — disse.

Sorrio um pouco. — Eu sou a lua e você é uma loucura.

Seus olhos ficaram intensos. — Coração e corpo, Angel Eyes. Deu ao meu corpo o seu coração. Tem o poder de me impedir de respirar se me rejeitar — disse. — Minha vida acabou sem você. Ninguém jamais teve esse poder além de você. Não importa onde eu vá aqui. — Pegou meu dedo e tocou sua têmpora com ele. — Você está sempre aqui. — Colocou minha mão sobre seu coração.

Coloquei meus lábios nos dele, meus dedos percorrendo seu corpo, na esperança de curar a dor que causei ao trazer meu coração para mais perto de seu corpo.

* * *

Uma brisa entrou pela janela que faltava. Corrado nos abraçou, Ele e eu, e sorriu.

— Está aberta — disse. — Agora há muito ar fresco.

Ele sorriu contra meu pescoço. — Posso fazer isso acontecer em toda a casa.

Rio ainda mais alto, sacudindo *Ele* um pouco. Ela olhou para mim e sorriu, tentando colocar sua pequena girafa de brinquedo na boca. Mari tinha dado a ela.

Meu coração caiu no meu estômago quando pensei sobre isso. Ela chorou quando segurou *Ele*. Sabia que estava segurando sua sobrinha. Acaricieei o cabelo de *Ele* e beijei suas bochechas, pensando em como seria bom para ela ter duas tias.

Corrado pousou a mão sobre a minha. — O cabelo dela está ficando mais grosso — disse.

— É como uma penugem espessa. — Fiz uma careta para ela, e riu tão alto que Corrado sorriu.

— Dê-me ela — disse, estendendo a mão. — Pode terminar de fazer o café.

Balancei a cabeça e fui entregá-la, mas ela se afastou dele. Ele foi se afastar, mas me recusei a deixá-lo.

— Pegue-a — disse. — Brinque com ela. Ela querera ficar com você.

Ele a pegou e ela começou a chorar, mas, para seu crédito, sentou à mesa, entregando-lhe uma de suas colheres. Ela imediatamente colocou na boca, chorando um pouco de vez em quando.

— Viu? — Disse, preparando o café. — Quanto mais tempo passar com ela, melhor será.

Mamma entrou na cozinha. Examinou Corrado. Seus olhos se estreitaram no corte em seu pescoço. Ela me beliscou no braço, balançando a cabeça para trás. Estava tentando ser sutil, mas era evidente que estava me chamando.

Corrado começou a rir e *Ele* começou a chorar ainda mais alto. Estava dividida entre ir buscá-la ou deixá-la para fazê-la se sentir mais confortável.

Ela precisava disso dele.

Ele se levantou da mesa, balançando-a um pouco, mas então a entregou para *mamma*.

— Vou tomar um banho. — Ele me beijou na bochecha e depois saiu.

Suspirei. Ele se afastava novamente.

— O que fez com ele? — *Mamma* murmurou para mim.

Dei de ombros. — Nós resolvemos isso.

— Ele tem um corte no pescoço!

— No coração também — disse.

— Ah! *Mamma mia!* — Colocou a palma da mão na cabeça. *Ele* começou a rir e então as duas começaram a rir. — O que farei com seus pais, ah? — Deu seus beijos grandes e gordos nas bochechas. —

Venha com a *nonna*. Eu te salvarei dessas pessoas sem sentido depois que comer.

Rio enquanto fazia para *Ele* seu cereal matinal e purê de pêra. Ela comeu e então *mamma a* levou para cima para se vestir. Passavam as manhãs juntas. Depois que eu alimentava *Ele*, *mamma a* trocava e a levava para passear. Sabia que *mamma* iria embora em breve, e também não conseguia pensar nisso.

Eu tinha um problema principal em que me concentrar.

Se já houve um momento para falar com Corrado sobre meu primo e sua irmã, era agora. A noite anterior havia mudado as coisas entre nós, e talvez se eu agisse, as coisas pudessem continuar a mudar para melhor. Se ele ao menos me ouvisse.

Estreitei meus olhos quando ele entrou na cozinha vestindo um terno. Depois da noite passada, pensei que passaríamos o dia juntos. Diríamos coisas que precisavam ser ditas.

Ele pôs a mão na gravata antes de se inclinar e beijar meus lábios. Foi até a cafeteira depois e se serviu de uma xícara. Ficou perto da janela aberta, olhando para a *mamma* cantando para *Ele* em italiano enquanto caminhava pelo jardim com ela.

— Alguém consertará isso hoje — disse, apontando para o buraco aberto.

Não respondi. Eu tinha certeza de que ele cuidaria disso.

Ele tomou um gole de café, ainda olhando para fora, e o encarei.

Ele rindo. A família tirando fotos. Brincando no parque. Cantando na cozinha ou durante o banho. Fazendo caminhadas.

Observava todas essas coisas de onde quer que estivesse, mas nunca se colocava lá conosco. Ele não conseguia encontrar uma maneira de chegar onde estávamos. Sempre se manteve à distância.

Seus olhos consumiram a cena, como se estivesse faminto para estar ali, para estar presente, mas seu corpo o mantinha enraizado onde quer que estivesse. Estava muito longe de nós. A sua família.

Sibilei a palavra siciliana para saudade. Então falei em voz alta. Ele não ouviu, não prestando atenção em mim, mas na risada de nossa filha. Ela amava música.

— Corrado — chamei.

Ele tomou outro gole de seu café, olhou por mais um minuto e então se virou para mim.

— Saudade — disse.

— O que tem isso?

— Saudade — repeti a palavra. — Um desejo ardente. Desejo. Ânsia. Dor. Queimação. Fome. Sede. — Olhou para mim com uma expressão vazia. Suspirei. Minhas mãos se moveram enquanto continuava. — Sente todas essas coisas quando olha para nós. Quando nos observa. Vejo isso em seus olhos. Quer estar perto de nós, mas algo está te impedindo.

— É isso que é? — Quase parecia aliviado. Como se tivesse pensado nisso antes, mas não conseguia dar um nome a isso. — Todas essas coisas. Sinto-as aqui. — Apontou para o centro do peito.

— Sim — disse, tentando manter minha voz firme. — É saudade.

— Quero matá-la — disse ele.

— Por que tem que sentir isso? Quando estamos bem aqui? — Levantei-me e estendi a mão e peguei sua mão. Coloquei contra meu peito. — Pode me tocar quando quiser. Pode sair e levar sua filha para passear quando quiser. Pode colocá-la na cama todas as noites. Podemos passar um tempo juntos. Todo dia, todos os dias, pelo resto de nossas vidas. Por que? Por que tem que sentir saudades de nós? Estamos aqui. Pode ter essa vida e nós.

Encolheu os ombros. — Sabe quem eu sou. O que vem primeiro.

Procurei seus olhos. — Você está em guerra consigo mesmo — disse.

Ele assentiu. — Uma obrigação não deixa espaço para o que não sabia que precisava.

— Nós te puxamos de um jeito e a vida te puxa de outro.

— Você e Eleonora não fazem isso de propósito. É do jeito que é. Uma parte de mim quer uma coisa. A outra parte precisa de outra coisa.

— Que parte de você precisa? — Perguntei.

— A parte que tem uma tatuagem sua e da minha filha na alma.

Quase desmaiei de alívio. Desejar algo era uma coisa. Necessitar algo era outra.

— Pode ter os dois — disse. — Não vamos a lugar nenhum. Vamos descobrir isso. Como equilibrar.

Ele sorriu para mim. — Por que acha que nunca pensei em me casar antes?

— Você não tinha me encontrado?

Ele colocou o punho no meu queixo e o moveu, como se estivesse me dando um soco, mas era brincalhão. Algo que fazia de vez em quando. — Você mudou tudo — disse. — Nunca quis isso antes de você. Não precisava até que se tornasse meu sem permissão. O amor complica as coisas neste mundo e raramente vence.

Afastei-me dele, indo me sentar à mesa. Ele se sentou à minha frente.

— Uma coisa de cada vez — disse, principalmente para mim mesma. — Precisamos falar sobre meu primo. — Meu coração batia forte no peito, mas não podíamos continuar assim.

Em algum momento, a verdade tinha que ser liberada. Mari concordou, e era por isso que tinha vindo me ver no Bella Luna na noite anterior. Senti que era hora de contar a ele. Sabia quem era Corrado, mas ele não fazia ideia dela. O resto teria que vir e ser resolvido.

— Você tem muitos — disse. — Terá que me lembrar qual.

— Há de se lembrar dele — disse. — Estava em Modica com Mariposa.

— Mari — disse, me corrigindo. — O marido dela, seu primo, só a chama de Mariposa.

Concordei. — Nós o chamamos de Amadeo.

Ele assentiu.

— Mas só nós o chamamos assim. — Respirei fundo. — Este mundo o chama de Mac Macchiavello.

Ele me encarou sem expressão pelo que pareceu uma eternidade, mas provavelmente foram apenas alguns minutos. — Seu primo é Vittorio Scarpone.

— Sì — disse. — Não sabia que eles o chamavam assim aqui. Só no dia em que fui comer com Mari em seu restaurante. A maior parte de sua vida, se manteve escondido do mundo. Depois do que seu pai fez com ele por não fazer o mesmo com sua irmã.

Ele estreitou os olhos para mim. — Rocco Fausti disse a você.

— Não. — Balancei minha cabeça. — A esposa de Amadeo me contou.

— A esposa dele.

Então ficou calado. Podia ver as engrenagens girando atrás de seus olhos, trabalhando em tudo. — Ela é minha irmã. Ele se casou com minha irmã. A garota sentada ao meu lado no banco.

— Ela queria falar com você. Conhece-lo. Ela esperava que você...

Ele se levantou de seu assento, colocando ambas as mãos sobre a mesa. — Aceitasse-o?

— Aceitasse o filho dela — disse. — A sua família.

— Ela tinha apenas cinco anos quando ele a roubou! — Vociferou.

— Não, não! — Eu me levantei, acenando minhas mãos. — Há mais do que isso. Ele a salvou e então a escondeu. Uma família, uma filha e um pai a acolheram. — Expliquei a ele o que aconteceu depois

disso. Como Amadeo a deixou com dinheiro, mudou seu nome, apagou sua identidade e, anos depois, se encontraram novamente. — Quando ela tinha idade suficiente.

— Espera que eu acredite nisso? — Perguntou. — Que ele esperou até que ela tivesse idade suficiente?

— Sim — disse. — Meu primo não mentiria para mim. Acredito em ambos. Não foi feito de propósito. O destino os trouxe de volta.

— Ele é um Scarpone — disse. — Não acredito em porra nenhuma que sai da boca dele.

— Ele é mais do que um Scarpone! — Gritei. — Tem mais de um lado. É um bom homem e ama sua irmã. Ele quase morreu por ela.

— Então o que está dizendo? Que não te amo tanto porque quase não morri por você?

Quase tropecei para trás. O que ele estava falando? Devia estar em choque. Pude ver a surpresa que tentou esconder. Sua irmã esteve sentada ao seu lado e não tinha ideia, e era um homem que fazia questão de saber tudo. — Eu não disse isso!

— Não precisava — disse. — Acha que ele é um herói pelo que fez. Não é preciso ser um herói para não matar uma criança. Mesmo um ser humano decente não faria isso. Qualquer coisa menos é um animal raivoso. Como o resto da porra de sua família.

— Ele não quer agradecimento por isso — disse. — Mas eles ainda tentaram matá-lo por isso! De muitas maneiras tentaram. E novamente, eu também sou *sua* família! Compartilhamos o mesmo sangue.

— Como foi a vida dela? — Ficou de pé em toda a sua altura. — Aquela garota no banco. Mariposa. Mari. Marietta Bettina Palermo. Porra do Scarpone.

— Macchiavello — disse.

Ele acenou. — Poderia dizer que ela teve uma vida difícil. Poderia dizer que queria uma família. Ela precisava que eu a

reconhecesse. Para vê-la.

— Certo! — Bati na mesa. — Se você fizer isso, vai tirar a vida que ela lutou tanto para ter. Você não entende, Corrado. Ele a ama como você me ama! Ela está preocupada que seu marido mate seu irmão ou que seu irmão mate seu marido. Que um dia vá procurar o filho dela. Seu sobrinho. Então tenho certeza de que *ela* vai matá-lo.

Ele ficou parado e fui até ele, colocando minhas mãos em seus braços. — Você não é um Mercenary — disse. — É Don Corrado. Conhece as regras. Vive por elas. É por isso que está onde está nesta vida. Se fizer isso, porém, quebrará a regra mais sagrada de todas. Aquela que não é estabelecida por nenhuma família, mas por uma lei maior. Se você fizer isso, não só destruirá a família de sua irmã, mas a sua própria.

Corrado

Não foi ela a quem vim ver no Macchiavello's, mas não me surpreendeu que tivesse vindo no seu lugar. Ela estava curiosa sobre mim, o que respondia a tantas perguntas sobre o dia no parque.

Minha irmã sentou-se ao meu lado à mesa. — Esse também é um dos meus pratos favoritos — disse, apontando com a cabeça para o meu prato. — Ainda não me canso. Embora ame mais o prato de massa e caranguejo. Pego sempre que posso.

Terminei meu pedaço de bife e tomei um gole. Concordei. — A comida aqui é boa.

Ela sorriu para mim. — Isso deve ter doído ao sair, hein? Um elogio.

— De jeito nenhum — disse, lhe oferecendo um prato de aspargos. Alimentos verdes geralmente não eram minha praia. — A verdade é a verdade. Não adoço, e não evito isso. Espero a verdade, depois dou a verdade. Raramente é algo pessoal. — Experimentar emoções significava que o cuidado tinha que estar envolvido. Reservei isso para circunstâncias especiais. A maioria das coisas era isso ou aquilo. Nada mais.

Ela empurrou o prato entre nós. — Gosto de saladas, mas alimentos verdes também não são meus favoritos. — Seu sorriso se transformou em um sorriso. — Não nos parecemos em nada.

— Não — disse. — Não somos.

— Eu me pareço mais com minha *mamma* — disse. Estudou meu rosto abertamente, sem se preocupar se iria me alertar sobre o segredo que uma vez tivemos entre nós. — Meu filho tem suas características. Seus olhos. Até a cor deles.

— Saverio. — Concordei. — Não percebi na época.

— Percebi imediatamente — disse. — Agora posso dizer que ele se parece com meu irmão, não esse...

— Homem — terminei por ela.

— Sim — sibilei. — Não tenho bons sentimentos por ele.

— Você se lembra dele?

— Uma ou duas coisas. — Encolheu os ombros. — Não é tanto o que lembro sobre ele especificamente, mas o que sei que fez à nossa família. Minha *mamma*. Não tenho uma por causa do que ele fez.

Isso era verdade. Corrado Palermo deu início a todos os seus destinos quando tentou matar o chefe de sua família. Eu me perguntei se ela percebeu que seu marido havia matado sua *mamma*, quando poderia tê-la poupado.

Um olhar para ela e eu sabia que iria defendê-lo se eu tocasse no assunto. Ia me dizer que Arturo nunca teria parado. Nem Achille. Isso também era verdade. O filho era pior que o pai. Foi ele quem matou Emilia.

Sylvester entrou na sala trazendo-lhe um copo de água com limão. Colocou um prato na sua frente. Então me trouxe outra cerveja.

— *Grazie* — disse a ele.

Ele acenou com a cabeça e saiu.

Ela sorriu. — Pedi o bife também. — Olhou para ele por um minuto antes de cortar um pequeno pedaço. Comeu como se apreciasse cada mordida. — Quanto sabe sobre mim?

Eu me vi olhando para ela. Limpei minha garganta. — Nada. Além de compartilharmos o mesmo pai, mas mães diferentes.

Ela assentiu, tomando um gole de água.

— Isso é tudo o que sabe sobre mim? — Perguntei.

Ela cortou outro pedaço. — Um pouco mais, o que é bastante, mas nada muito específico. Tipo. Irrita-se no trânsito? Gosta de

música? Qual é a sua coisa favorita a fazer? Lê? Tira cochilos? Viaja pelo mundo?

— Não para o primeiro — disse. — É o que é. Gosto de música. A ópera também. Leio, mas não tanto quanto deveria. E não, não tiro cochilos. Pelo menos não em Nova York. Durmo muito à noite. — Dei um gole na minha cerveja. — Já estive em alguns lugares, mas minha vida me limita. Responda-me essas coisas.

— Está bem — disse, colocando o garfo e a faca na mesa, ficando mais confortável em seu assento. Ela esfregou as mãos.

Quase sorriu. Ela ficou mais animada, como se mal pudesse esperar para me contar.

— Odeio o trânsito — disse. — Embora geralmente não fique com raiva. A menos que alguém me interrompa. Então posso ficar irritada.

— O que acontece a cada segundo em Nova York. — Desta vez sorriu.

Ela olhou para mim por um minuto, como se estivesse atordoada, e então balançou a cabeça. — Onde eu estava? Oh. Amo música. Adoro cozinhar. Leio - ultimamente, livros de direito. Cochilos são um não difícil para mim. Neste ponto da minha vida. Acordo sem saber ao certo em que século estou e então fico irritada. Depois não consigo dormir à noite, o que me irrita ainda mais, a menos que... — acenou com a mão.

— Isso estraga todo o meu dia, normalmente. E agora sou. Uma viajante do mundo. — Enfiou a mão na bolsa e tirou o passaporte, mostrando-o para mim. Tinha alguns carimbos. — Um dos meus lugares favoritos para visitar é a Grécia. — Tirou-me o passaporte depois que olhei e colocou de volta em sua bolsa. Quase protetoramente. Voltou a trabalhar em seu bife. — Eu também adoro comer.

— Posso dizer. — Empurrei meu prato mais perto do dela. — Quer o meu?

Ela jogou a cabeça para trás e riu. — Não! Vou terminar este, mas não muito mais. — Deu um tapinha no estômago. — Boas porções.

Decidi então que ela tinha personalidade. Era encantadora. Alguém que um homem como eu não encontrava todos os dias. Tinha que ter herdado de sua *mamma*. Presumi que todas as coisas ruins vinham dele, e era por isso que eu era quem era. Veio de ambos os lados.

— Conte-me sobre sua vida — disse.

Ela terminou sua mordida, largou o garfo facilmente e então tomou outro gole d'água. Baixou a xícara tão silenciosamente que nem mesmo fez nenhum som. Enxugou a boca. Pigarreou. — Foi difícil. — Seus olhos focaram em um pedaço de limão flutuando em seu copo. Usou a unha para traçar a sua forma.

— Não adoçarei a verdade. Temos isso em comum. Não tinha pais, mas tinha duas pessoas que me amavam. Duas pessoas que me acolheram e me trataram como filha e neta, mas não durou muito. Meu avô adotivo morreu, e minha mãe adotiva não muito depois. Depois disso, tornei-me uma criança do sistema. Algumas casas eram boas. Algumas eram terríveis. — Olhou para mim. — Deixarei por isso mesmo.

— Estávamos perto — disse. — À distância.

— Sim. — Assentiu. — Ambos em *Staten Island*, mas em mundos separados de alguma forma.

— Concordo. Até certo ponto.

— Entendi. Tínhamos uma ponte por causa de quem era aquele homem — disse. — Ele nos conectou, e não apenas um ao outro, mas a esta vida.

Ela era esperta. Perceptiva.

— Contudo. — Suspirou e então olhou para mim, realmente olhou para mim. — Não me arrependo de nada. Estou onde deveria estar. Este é o meu lugar no mundo. Sou vista. Sei a quem pertenço.

— Você era apenas uma criança — disse. — Ele se aproveitou...

— Você não sabe de nada — disse — de nada. Não o conhece. Eu sim.

— Sim — disse, tomando outro longo gole da minha cerveja. — Não o conheço. Ninguém o conhece. Ele é um fantasma.

Ela sorriu, mas não foi tão amigável quanto antes. — Vittorio Scarpone é um fantasma. *Aquela* família tirou sua vida.

Podia ouvir a amargura em sua língua, a raiva, e fervilhava em seus olhos. A dor dele valia mais para ela do que a dela.

Deu a última mordida em seu bife, terminou as batatas que tinha e bebeu a água até a última gota. Ela me surpreendeu pegando minha mão. — Tem uma família linda, Corrado. Amo Alcina. Eu a amo desde o momento em que a conheci em Modica. E amo a *Ele*.

Ela respirou fundo. — Abraçar meu filho mudou minha vida e abraçar minha sobrinha... me é difícil colocar em palavras o quanto aquele dia significou para mim. — Apertou minha mão. — Eu te amo, e nem mesmo te conheço, mas vejo. Eu o vejo em você. Na maneira como pensa. Tem uma ideia e ela te assombra como um fantasma.

— Seu marido — disse. — Ele é um fantasma.

— Para você — disse. — Mas não me importo com o que ele é para o mundo. Sei quem ele é *para mim*. — Liberou a pressão na minha mão. — Sei que tem essa ideia em sua cabeça, uma ideia de que se recusa a abandonar. Pode ser diferente do Corrado Palermo, mas o final é o mesmo. Ele matou sua família porque não conseguia deixar as coisas como deveriam ser.

— O engraçado é que está exatamente onde ele *queria* estar. Queria ser quem você é nesta vida. Morreu por isso. Sacrificou toda a sua família por isso, incluindo você. — Ela apontou para mim. — O que você sacrificará por essa sua ideia? Sua família?

Ela balançou a cabeça. — Eu me recuso a permitir que sacrifique minha família - por qualquer coisa. Não obedeco às suas regras, Corrado. Nunca obedeci. Nunca obedecerei. Portanto, não se engane.

Sei a quem pertença, mas também sei quem pertence *a mim*. — Apontou para o peito. — Se olhar para o meu filho, sempre, com qualquer coisa que não seja afeto, *vou* matá-lo.

Eu me apaixonei por ela então. Sua força. Sua personalidade. Seus princípios inabaláveis. Era uma pena que também os meus fossem inabaláveis. Tínhamos isso em comum.

Eu me levantei da minha cadeira, arrumando meu terno. Dei passos medidos, parando quando estava bem atrás dela. Coloquei minhas mãos em seus ombros e, inclinando-me, dei um beijo em sua cabeça. — Não importa o que aconteça — disse — sempre serei seu irmão. Sempre estarei aqui para você, mesmo que não queira.

Ela estendeu a mão para mim, colocando as mãos onde as minhas estavam, mas eu já tinha ido.

* * *

Tirei um cartão do bolso do terno e entreguei a Sylvester quando saí do restaurante.

Ele o levantou, questionando-o.

Acenei-lhe a cabeça. — Meu endereço residencial está atrás. Estou convidando seu chefe para jantar. Certifique-se de que receba isso.

— Sim, senhor — disse, colocando o cartão no bolso. — Precisa de alguma outra informação?

— Por exemplo?

— Data e hora.

— Somos uma família — disse, dando a ele um sorriso zombeteiro. — Ele realmente não precisa de um convite. É bem-vindo a qualquer hora, mas se ele precisar de algo mais formal, diga-lhe depois de amanhã. — Dei de ombros. — Depois que escurecer.

Afinal, fantasmas não podiam ser vistos durante o dia - sua hora

de brincar era à noite.

Alcina

Algo mudou.

No dia seguinte à ida de Corrado à casa de Macchiavello, depois de almoçar com a irmã, pude sentir uma mudança nele. Não estava mais obcecado por um pensamento, mas parecia ter aceitado o seu resultado.

Não fez planos.

Disse-me que eu estaria com ele, o que significava que o dia inteiro, queria que ficássemos juntos.

Acordou antes de mim, trazendo *Ele* para a nossa cama. Observou o seu rosto enquanto ela comia. Carregou-a para a cozinha depois, e mesmo quando ela chorou um pouco, tentou fazer caretas para ela.

Ele a alimentou. Vestiu-a. Levou-a para fora. Estava mais presente.

Ela não sorriu para ele, mas continuou levantando a sobrancelha, como se estivesse tentando decidir quais eram os motivos de ele antes de lhe dar o que ele queria.

Papà tinha voado na noite anterior, chateado por *mamma* não ter voltado para casa e queria ver sua neta pela primeira vez. Ele olhou para ele, para cara que fez, e deu uma risadinha.

— Se for a última coisa que eu fizer — Corrado disse, observando-os, — vou fazê-la sorrir para mim.

— Está quase lá — disse, sorrindo para ele. — Mas ela fará você trabalhar para isso.

Sorrio para encobrir o que realmente sentia. Suas palavras me

deixaram inquieta.

Se for a última coisa que eu fizer. Queria que fosse a primeira coisa que fizesse para nos colocar em uma direção diferente, mas ele não me deu tempo para pensar nisso. Disse-me mais cedo naquela manhã que me levaria a um encontro.

Depois de colocar *Ele* na cama, comecei a me vestir.

Ele estava vestido com um terno preto e uma gravata dourada. Ajustou-a no espelho enquanto eu arrumava meu cabelo. Observei suas mãos. Quão grandes eram. Quão forte. Como poderia traçar as veias sob sua pele bronzeada com um dedo. Até seus pulsos eram fortes, uma parte dele que eu achava erótica.

Memorizei as linhas nítidas de seu rosto. O reflexo de seus olhos nas velas ao redor do banheiro quando olhou para mim. Eu me vesti com a cor que sabia que o agradava. Da mesma cor de seus olhos.

Tinha guardado na memória como ele se movia com tanto comando e poder, mas o fazia com tanta facilidade que não havia dúvida de que era apenas uma parte natural de quem era. Ele colocou os brincos barrocos na minha orelha e os colares em camadas em volta do meu pescoço. Absorvi o calor de seu toque conforme marcava minha pele, fechando meus olhos para qualquer coisa, exceto ele e este momento.

Seus dedos traçaram ao longo da minha clavícula, em seguida, traçaram o metal frio em volta do meu pescoço, movendo-se para minhas orelhas, afundando os dedos em meu cabelo. — *Ti amo*, Angel Eyes — disse.

— *Ti amo, mio marito* — disse, inclinando-me para ele, depositando um beijo suave em seus lábios, mas ele não era assim. Seus lábios reclamaram os meus com uma intensidade de ira, mas para mim, parecia uma paixão não filtrada correndo pelo meu sangue. Seus dedos eram gananciosos enquanto se moviam por baixo do vestido e enfiou um dentro de mim.

Meus olhos rolaram, minha cabeça inclinada para trás e minha

boca aberta. Sua língua lambeu minha garganta e voltou antes de encontrar a minha novamente. Beijá-lo sempre foi mais do que beijar. Sempre senti como se o amor entre nós estivesse roubando minha alma. A própria respiração da minha existência.

Nossos olhos se conectaram, e aquela coisa selvagem se moveu, possuída, enquanto batíamos um no outro sem nos tocar. Ele me virou em direção ao espelho, minhas mãos plantadas contra o balcão, levantando meu vestido sobre meu *culo*, movendo a tira fina de calcinha para o lado. Sua mão massageava, acariciava, seu dedo deslizando para dentro e para fora, à medida em que desabotoava as calças.

— Mantenha as mãos firmes — disse ele.

Não eram minhas mãos que precisavam se manter firmes. Era meu coração. Minha respiração. O chão sob meus pés. Ele entrou em mim com uma estocada tão forte por trás que me fez gritar.

Ele puxou meu cabelo, inclinando minha cabeça para trás. — Abra os olhos — disse. — Olhe para mim. Dê-me o que preciso.

Levantei meus olhos para encontrar os dele. Ele bateu em mim mais e mais, me levando cada vez mais alto, até que meu corpo se rendeu às suas demandas.

— Corrado! — Gritei, tão perto.

Ele bombeou em mim ainda mais forte, os barulhos mais selvagens que ouvi vindo de sua boca. Ecoaram pelo banheiro, junto com os sons de nossos corpos batendo, chocando, colidindo.

— Tão linda — disse, seus olhos baixos, seu corpo exigindo ainda mais do meu. — Minha esposa. *Minha*.

Queria abaixar meus olhos, minha cabeça, me concentrar em lhe dar isso, em me conter, mas meu corpo estava cedendo. O prazer queimava de dentro para fora - era sempre como nada que experimentei antes, mas sempre imaginei que fosse o mesmo para a vela no momento em que seu pavio começasse a queimar.

— Está pronta — disse. Ele estava em mim, ao meu redor,

nenhum alívio a menos que eu cedesse. — Agora ficará satisfeita.

— Não depois de uma centena de vidas com você — disse, minha voz sem fôlego, mas forte.

Meu corpo cedeu e depois o dele. Ele se derramou dentro de mim e memorizei o quão intenso era. Quão profundo. Como eu nunca esqueceria as coisas que fez não apenas ao meu corpo, mas ao meu coração. Fiquei ali, respirando pesadamente, enquanto ele nos limpava. Seu toque era gentil e me delicieei com as formas contrastantes como ele me tocou. Às vezes era com os dedos machucados, outras vezes, com uma carícia que me fazia estremecer.

Ele arrumou meu vestido e me ofereceu o braço.

— Cem vidas não seriam suficientes — disse depois de ligar o carro e sair da garagem.

Balancei minha cabeça. — Não com você — disse. — Quando prometi para sempre, quis dizer isso. Nesta vida e em todas as outras.

As luzes dos carros que se aproximavam iluminavam o âmbar escuro de seus olhos com mel, o que contrastava com a expressão dura em seu rosto.

— O que foi que eu disse? — Sussurrei.

— Nada — disse. — Não demais.

— Seu rosto. Mudou. — Olhei pela janela por um segundo e depois me virei para encará-lo. — O que seria um final perfeito para você, Corrado?

— Ao mesmo tempo, usando o meu terno.

Ah. Morrendo como era. Quem ele era.

— Isso mudou?

— Mais ou menos. — Olhou no espelho retrovisor. — Às vezes vejo os pomares de pistache.

— À noite — falei. — O tempo está quente. O sol está se pondo. O mundo âmbar. Em chamas. Queimando o resto do dia para começar

de novo.

— Nas manhãs — disse. — O começo de outro dia. Não é o fim disso. Ainda dourado, mas de uma forma mais fresca. Refrescante.

Pegou minha mão enquanto conduzia e ficamos em silêncio. Ele me levou ao Met, à ópera - La Bohème - e em vez de olhar para o palco, eu o observei. Seus olhos se voltaram para os meus de vez em quando, e aquela atração misteriosa entre nós nos fez estender a mão - um deslizar de uma mão, um toque de um dedo, a sensação de um beijo quente contra a pele fria no teatro escuro.

Ele ficou ainda mais quieto no caminho para casa, mas segurou minha mão com mais força.

Meu coração bateu mais rápido. Meu estômago estava vazio. Eu me sentia fraca por dentro, mas o mesmo por fora. Em que ele estava pensando?

— Sabe por que eu fugi por tanto tempo? — Perguntei.

— Conte-me.

Suspirei. — Para ter isso. Para ter você. Ter o fim no bosque, ou em qualquer lugar, desde que você e *Ele* estivessem comigo. — Trouxe sua mão até minha boca, beijando seus dedos. — Todos nós merecemos isso, Corrado — sussurrei. — É isso que trabalhamos para alcançar na vida. Não importa o que a vida tente fazer, devemos superar e lutar pelo fim que desejamos. Uma vez que os anos passam, eles vão. Não há como recuperá-los, mas é por isso que temos o futuro. Para esperar. Um novo dia, a cada dia, para que estejamos prontos para as noites que vierem.

A casa apareceu. Estacionamos. Saímos. Andamos de mãos dadas. A minha fria contra a sua quente. Verificamos *Ele* uma vez lá dentro. Sorrimos ao ver como ela dormia. Sua boca aberta; mãozinhas com lindos dedos perto da cabeça.

Tomamos banho juntos e, depois, ele vestiu uma calça de moletom e disse que me encontraria no quarto.

Fiz as coisas de costume e, antes de terminar, ouvi o rádio

tocando. A mesma música que dançamos depois do nosso casamento. Ele me puxou para seus braços quando perguntei o que estava fazendo. Nenhuma resposta veio. Nenhum precisava. Nós nos movemos como naquela noite; nos beijamos como naquela noite.

Ele me levou para a cama depois, seus olhos intensos nos meus, o olhar neles difícil de descrever. *Consumir* era a única palavra que parecia fazer sentido. Suas palmas deslizaram contra as minhas, nossos dedos entrelaçados, e tomou seu tempo, movendo-se lentamente. Uma lágrima escorreu do meu olho, e ele se inclinou e usou a língua para secar. Seus lábios beijaram minha boca, beijando-me no mesmo ritmo que havia criado entre nós. Não havia nada áspero sobre o que fazia comigo, mas estava arrancando tudo o que me pertencia - mente, corpo, coração e alma.

Depois, coloquei meu corpo o mais próximo possível do dele. Minhas mãos procuraram sua pele, memorizando cada linha, cada mergulho, cada recuo. Então cravei minhas unhas, me recusando a esquecer cada uma delas.

Eu me perguntei como foi sua infância. Perguntei-me quantos abraços e beijos recebeu. Perguntei-me como seria crescer na sombra de um dos maiores Dons que existiu, de acordo com qualquer pessoa que falou de Emilio Capitani. Eu me perguntei como seria saber que seu avô não impediria um homem de matá-lo se cometesse um erro. Porque regras eram regras. Perguntei como seria aprender segredo após segredo sobre uma família que foi destruída por eles.

Eu me perguntei como seria ser meu marido. Perguntei-me se algum dia me diria o que significa ser ele.

Eu me perguntei se algum dia teria a chance de perguntar e fazer com que me respondesse sem as amarras que o prendiam ao seu nome, às suas obrigações. Para o código que enraizou sua vida.

Encarei seu rosto enquanto ele olhava para o teto, imaginando todas essas coisas e muito mais.

Ele não dormiu a noite inteira. Nem eu. Peguei meu rosário, segurando-o com uma mão. A outra estava sobre ele.

Corrado

De qualquer forma, se eu caísse ou ele caísse, isso acabaria esta noite.

De qualquer forma, se eu caísse ou ele caísse, arruinaria a vida dela.

Ela continuou me olhando enquanto arrumava suas coisas. Eu havia providenciado para que minha esposa e sua família tirassem férias em *Catskills*³⁹. Eu a queria longe o suficiente, mas não muito longe.

— Você nos encontrará amanhã?

— Sim — falei, encostado no batente da porta do banheiro, olhando para ela. — Amanhã.

— Então iremos a Forza d'Agrò? Meus pais precisam estar em casa. *Mamma* está bem, mas *papà*... — balançou a cabeça. — Quanto mais velho fica, mais confortável se sente em casa. Ele reclama muito. — Acenou com a mão.

Ela adicionou outra camisa à mala, cuidadosamente dobrando-a. Depois me olhou. — Você me deu sua palavra de que *Ele* seria batizada na igreja em que nos casamos. É especial para mim. — Sua voz saiu afiada, acusadora.

Concordei. — Eu te dei minha palavra, e isso será feito.

Eleonora foi batizada aqui. Alcina e sua família não queriam trazê-la aqui até que fosse. Então, nos comprometemos. Eleonora foi batizada em Nova York e seria batizada na Itália.

— Continue fazendo as malas — falei. — Quero você na estrada antes que seja tarde demais.

Isso também não era por causa do meu acordo. Fiquei preocupado em tê-los na estrada tão tarde. Giuseppe estava dirigindo e Angela estaria lá para ajudar, mas isso me deixou inquieto. Era mais seguro viajar durante o dia, a menos que eu estivesse com eles.

Decidi não enviar homens. Eles não precisavam deles. Em vez disso, coloquei Nunzio e Brooklyn em um quarto próprio. Apenas para estar perto, mas ainda assim com a família.

Nunzio me encontrou no corredor antes que eu chegasse ao quarto de minha filha. — Estão todos prontos?

— Ainda não — falei.

— Seguiremos no carro. — Passou a mão pelo cabelo. — Brooklyn está tentando com sua *mamma* novamente.

— Ela está tentando convencê-la a ir?

— Sì. — Encolheu os ombros. — Podemos nos atrasar um pouco para seguir.

— Uma hora — disse. — No máximo.

Seus olhos perderam o foco por um segundo, depois piscou e olhou para mim. — Sì. — Assentiu.

Eu o deixei parado no corredor, ainda debatendo como faria sua esposa sair a tempo. Ele faria - tinha ordens - mas não seria fácil. Adriana não gostava da ideia dele, e sua esposa não gostava de não ter a aprovação de sua *mamma*.

Giuseppe subia e descia as escadas, sem saber o que fazer consigo mesmo. Esqueceu sua xícara de café. Seu telefone, com o qual realmente gritava. Ele não sabia como fazer isso.

— O que esqueceu agora? — Perguntei a ele quando começou a descer as escadas novamente com um livro.

Ele me dispensou, murmurando reclamações em siciliano.

Sorrio. Gostava de tê-los em casa. Eram diferentes da minha família. Mesmo sendo grandes, a maioria de nós não era tão próxima quanto eles. Tínhamos muitos segredos.

A voz de Angela flutuou pelo corredor. Ela segurava Eleonora no colo na cadeira de balanço, lendo um livro para ela. Olhou para mim quando me ouviu entrar na sala. Eleonora deu um tapa no livro, falando sozinha enquanto Angela se levantava e a entregava para mim.

— Deveria vir conosco — disse, batendo na minha bochecha. — Seria bom para você sair daqui por um tempo.

— Eu tenho coisas para cuidar primeiro — falei.

— Sempre negócios! — Ela acenou com a mão. — Sabe por que os italianos vivem tanto? Trabalhamos para viver, não vivemos para trabalhar.

— Achei que fosse só azeite de oliva.

Ela riu, apertando as bochechas de Eleonora. — Não pode esquecer o vinho — disse. — Um copo de tinto por dia é bom para o seu coração.

— *Angela!*

— Ah! — Ela deu um tapa na testa. — *Mamma mia!* Quando a mulher italiana vai antes do marido, é porque ela não aguentou mais.

— *Angela!*

— Quando o italiano vai antes da esposa, é porque ela o estrangulou! — Ergueu as mãos, imitando o ato. — Estou indo! *Seu velho resmungão.* — A sua voz ecoou quando ela saiu da sala.

Segurei Eleonora mais perto enquanto pegava o livro da cadeira de balanço e me sentava. Uma de suas mãos atingiu a página conforme a outra alcançou seu pé. Terminei de ler o livro para ela e, em seguida, coloquei-o de volta na mesa, virando-a para me encarar.

Ela ergueu uma sobrancelha, como se dissesse: *O que quer comigo? Não confio em você.* Ela teria olhos castanhos, como minha irmã. Todos os dias mudavam de cor.

— Pelo menos não está chorando — disse. — É um bom começo.

— Ya, ya, yaaaa. — Fez alguns sons, a sobrancelha ainda

erguida.

Eu a levantei, beijando suas bochechas, e então a coloquei na mesma posição de antes, acariciando sua cabeça.

— Você é como eu nesse aspecto — falei. — Não confiará facilmente. O que é bom. Não sorria para homens como eu. Nunca. Mesmo que te digam um milhão de coisas bonitas. Prometam a você o mundo. Nada nunca é de graça, lembre-se disso, Eleonora. Se algo parece bom demais para ser verdade, geralmente é. Sempre há as letras pequenas.

Arrumei uma mecha de seu cabelo que ficou espetada. Isso, junto com a sobancelha levantada, me fez sorrir. — Mas não deixe que as letras pequenas a impeçam de amar. Tudo tem um preço. Até o amor, mesmo que digam que é grátis. Livre para dar, mas ainda assim deve ser conquistado. — Suspirei. — Estou feliz que seja mais parecida comigo nesse aspecto. Sua *mamma* deu seu amor para mim muito livremente. Ela deveria ter esperado por alguém melhor.

Eu a beijei novamente.

— Mas eu não teria permitido. Sua *mamma* é minha. E você também. Ninguém, nenhum outro homem neste mundo, jamais amará você e sua *mamma* do jeito que eu amo. Mesmo que tenha uma maneira incrível de mostrar isso.

— Ya, ya, yaaaa.

— Isso é tudo que tem a dizer para mim, princesa?

— Ya, ya, yaaaa.

— Sorria para mim uma vez — sussurrei, tocando seu queixo. — Sorria para o *papà*, Eleonora.

Ela piscou para mim e então bocejou, sua cabeça caindo em direção ao meu peito. Eu a trouxe ainda mais perto e ela adormeceu em meus braços.

— Corrado? — Alcina estava na entrada da porta. — Estamos todos prontos para ir.

Concordei. — Vou acompanhá-la até a saída.

Levei Eleonora para fora, beijando sua cabeça depois de prendê-la. Verifiquei duas vezes se todas as malas estavam como deveriam estar. Acenei para minha sogra e meu sogro.

Minha esposa esperou fora do carro.

— Diga-me o que está em sua mente, Angel Eyes.

— Amanhã — disse. — Só consigo pensar no amanhã. — Ela beijou a palma da mão e ergueu-a para mim, depois entrou no carro e saiu.

* * *

Passei o resto do dia como de costume, exceto que me certifiquei de que minha esposa e família estavam indo bem na estrada e que tinham se registrado no resort.

Liguei para minha cunhada na Itália, certificando-me de que os planos que tinha feito estavam seguros. Caso algo acontecesse comigo, enviei cartas e arranjos para todo o dinheiro.

Mande todos os homens para casa. Desliguei todos os alarmes da casa.

Isso era entre nós, e ele não tocava a campanha.

Sentei-me e comi uma refeição digna de um rei em uma mesa feita à mão para um. Minha esposa e sogra cozinharam para mim antes de partirem.

Pasta alla Norma. Caponata. Bolinho de arroz.

Salada de *Blood Orange*.⁴⁰ E algumas outras especialidades.

Terminei a refeição com cannoli. Minha esposa era conhecida por eles em casa. Deixou uma variedade, mas o meu favorito era pistache. Isso me trouxe de volta ao meu tempo em Bronte. Os bosques. O vulcão. Ela. Todo dia um novo dia com meus Angel Eyes.

Não um que ficava continuamente girando - mesma merda, dia diferente. Essa era minha vida até o dia em que a conheci.

Suspirei, servindo-me de uma xícara de Amaro del Capo.

A noite caiu, a lua cheia nasceu e fui até a janela da sala de jantar. Talvez ele estivesse gritando como a porra do cachorro que era.

A família Scarpone tinha tatuagens de lobo, o que me fez pensar naquele dia em Modica. Ele deslizou a mão por baixo da camisa do filho, mantendo-a escondida.

— Sim — disse, tomando um gole da minha bebida. — Isso é quase certo.

Sentei-me à mesa, verificando meu relógio. Era aceitável chegar elegantemente atrasado, mas isso estava ficando ridículo.

Talvez ele tivesse decidido não vir. Talvez tenha decidido que isso seria definido em seus termos, não nos meus, ou talvez o filho da puta me emboscaria durante o sono e não me enfrentaria como um homem.

Não conseguia ver isso nele. Não porque fosse muito baixo para se rebaixar a tal nível, mas porque queria ver meu rosto. Ele queria expor nossas queixas antes que um de nós ferisse mortalmente o outro.

Eu não tinha medo de fantasmas. Eles estavam mortos.

Limpei a mesa. Arregacei as mangas e lavei a louça. Minha avó passava mais tempo com outros membros da família ultimamente, mas ainda assim - sua cozinha estava sempre impecável. Ela detestava qualquer louça suja na pia durante a noite. Fiz por respeito a ela. Ela não teve muito disso ao longo dos anos, de outras maneiras, então senti que era importante fazê-lo mesmo que não pudesse vê-lo.

Ser maquiavélico significava que era preciso se apresentar ao mundo de uma maneira, enquanto que, a portas fechadas, aconteciam práticas inescrupulosas.

Esse era o nosso mundo. A raiz disso.

Meu principal problema com Vittorio Scarpone era que ele se

apresentava de uma maneira para o mundo, um fantasma, mas no fundo, ainda era um Scarpone no coração. E aquele coração batia forte.

Roubou minhas chances. Escondeu minha irmã de mim - não se engane, ele sabia de mim há mais tempo do que Tito.

Seu sangue matou a mulher que chamei de mãe.

Quanto mais pensava nisso, mais precisava de algo para alcançar e tocar, para agarrar, estrangular, matar. A batida constante em meu ouvido, a pulsação sem fim em minha mente - precisava acabar.

Verifiquei meu relógio e suspirei. — Foda-se — disse, me levantando da mesa. Não esperaria por ele. Ele esperaria por mim.

Apaguei as luzes da sala de jantar e voltei para a cozinha. Enviei uma mensagem rápida para Alcina.

Um minuto.

Cinco.

Dez.

Ela não me respondeu.

Eu verifiquei o relógio na parede. Talvez estivesse dormindo.

Duvido.

Mesmo sendo tarde, sabia que ela não dormiria até que eu estivesse ao seu lado. Ela estava ansiosa antes de sair. Ansiosa por me encontrar com ela.

Pensei em ligar para ela, mas se ela estivesse dormindo, não queria acordá-la.

A caminho para o segundo nível, notei as luzes acesas na sala de jantar.

Estava vazia. Sorrio um pouco, sabendo que ele estava fodendo comigo.

Deixei as luzes acesas e subi as escadas, verificando se as coisas

estavam como as deixei.

Tudo estava normal.

As luzes foram apagadas na sala de jantar novamente quando voltei para o primeiro andar. Uma fileira de velas cônicas havia sido acesa ao longo da mesa. Os castiçais de bronze brilhavam dourados na luz suave. As formas dos itens na sala criaram sombras ao longo da parede.

Sentei-me à cabeceira da mesa, ficando confortável, meus olhos se ajustando.

Se eu tivesse piscado, teria perdido o movimento. Um segundo depois, ele saiu da escuridão, as velas trazendo-o à vida. Tudo o que pude ver foi o azul de seus olhos no início, até que suas feições tomaram forma e criaram o homem. Ele se sentou na outra cabeça.

— *Boo*, filho da puta — disse, colocando a arma na mesa. — Queria me ver.

Coloquei a minha em frente a dele. — Por um tempo.

Ele assentiu. — Isso teria acontecido antes, mas minha esposa me pediu para não fazer isso.

— Para que ela pudesse me conhecer.

Então fez sentido. Porque ele ajudou a impedir os homens de me emboscarem na saída de seu restaurante. Minha irmã queria a chance de me conhecer. Por causa disso, poderia me matar quando estivesse pronto, mas se ele estivesse por perto, ninguém mais poderia me tocar.

Famiglia.

Sangue poderia falar sobre sangue, fazer com sangue, mas deixar alguém falar ou fazer?

A merda estava feita.

Ele tinha isso a seu favor, mas nada mais.

— Lamento saber o que aconteceu a Emilia — disse. — Minhas

condolências.

Estreitei meus olhos. — Ela sabia que você sabia sobre mim.

— Ela e eu conversamos anos atrás. Emilia é a razão de eu nunca ter falado nada a você ou a Mariposa um sobre o outro. Ela sabia que se descobrisse quem era seu pai, procuraria por encrenca. Você o encontraria na forma dos Scarpones. Uma vez que descobrissem quem você era, isso causaria uma guerra. — Encolheu os ombros. — Depois havia a questão de quem era Corrado Palermo. Ela não queria que você tentasse preencher a sombra que ele deixou.

— Não nos encaixamos. — Sorrio. — Seu legado é muito pequeno.

— Não fomos feitos para preencher a sombra de outras pessoas — disse. — Fomos feitos para deixar marcas sólidas. As sombras desaparecem.

— Emilia sabia sobre minha irmã — falei.

— Ninguém sabia sobre minha esposa além de mim e de certas pessoas em quem confiava minha vida. Depois que os Scarpones foram eliminados, foi seguro o suficiente para você saber quem ela era. Se eu achasse que poderia lhe causar problemas, ou seja, a mim, ela ainda seria apenas uma mulher chamada Mari para você. Nada mais.

Não havia como confundir o tom possessivo que ele usou quando disse: — *Ninguém sabia sobre minha esposa, exceto eu.* — Estava me deixando saber que ela era minha irmã, mas pertencia a ele.

— Qual é a porra do negócio? — Perguntei. — Você a deixou viver e depois se apaixonou por ela?

— O que quer que esteja pensando — disse, recostando-se, se acomodando mais confortavelmente. — Nem pense nisso, porra. A menos que considere se apaixonar por sua esposa algo sujo. Aconteceu da mesma forma para nós - entre dois adultos.

Ele estava lendo nas entrelinhas - parecia rebuscado que a tivesse deixado sozinha todos aqueles anos, mas meu instinto me disse que ele estava me dizendo a verdade. Pelo menos nisso. Ainda não

mudava quem ele era e quem eu era.

— Agradeço por cuidar dela — falei. — Não matá-la depois de sua *mamma*.

Seus olhos pareceram ficar mais escuros quando a luz piscou, e então ficaram gelados. — Ela era uma criança — disse. Como se isso significasse alguma coisa para seu povo.

Dei de ombros. — Conheci seu pai e seu irmão.

Ele deu uma risada curta, quase arrogante. Foi áspera, arenosa. — Você não me conhece.

— Conheço o suficiente — falei.

— Eu sei tudo — disse. — Eu até conheci seu pai, quando nunca o tinha visto antes de uma foto que lhe dei.

Nossos olhos se conectaram do outro lado da mesa. Em menos de um segundo, ambos estávamos de pé, nossas armas apontadas uma para a outra.

— Estive aqui antes — disse. — Não acabou bem para o outro lado da mesa.

— Aquele outro lado da mesa não era eu — falei.

Ele se mexeu. Eu me mexi.

Eu me mexi. Ele se mexeu. Andamos em círculos.

— Acha que me matar matará o fantasma. Está errado *pra* caralho. Não pode matar um fantasma — disse. — Você os exorciza. E mesmo assim, por experiência, luta com eles uma e outra vez. Nada termina aqui.

— Tem que ser — falei. — Não há outro caminho. Nosso sangue não pode coexistir em harmonia.

— Pode — disse. — Através do meu filho.

— Não quer me matar — falei.

— Quero — disse. — Mas novamente. Estou exorcizando os

demônios. A única razão pela qual estamos ao redor desta mesa, e não sentados nela, é por sua causa.

— Não importa o que exorcize, porra — gritei. — Você ainda é um Scarpone. É por isso que está aí.

— E é por isso que está prestes a cair, Palermo — disse.

Eu sabia que era apenas uma questão de segundos. O vencedor determinado por quem era rápido o suficiente para empatar.

Uma. Duas. Três respirações.

Minha mão estava firme, meu dedo prestes a puxar o gatilho.

Uma luz atingiu meus olhos, tão brilhante que pisquei com o choque. A sala de jantar inteira foi inundada por ela. Scarpone ficou em foco, e pela primeira vez, vi o homem inteiro que ele era nesta sala.

Ele era um filho da puta alto e largo, uma construção semelhante à minha. A tatuagem em sua mão era um reflexo dele, como se o escorpião fosse um eco de mim.

Ele piscou para mim, fazendo o mesmo.

Nossas armas se mantiveram firmes, nenhum de nós confiando no outro o suficiente para largar as armas. Quem quer que tenha acendido as luzes não tinha importância. Um lampejo de seda dourada se moveu em minha periferia. Ignorei.

O momento entre nós permaneceu estável, pronto para decidir o vencedor. Não seria Vittorio. Meu dedo estava magnetizado para o gatilho. Um puxão e sua vida seria minha.

Seus olhos se estreitaram, mas antes que pudesse processar o que significava, o cano frio de uma arma me tocou atrás da cabeça.

— Não se dá bem com ninguém, não é? — A voz da minha irmã veio atrás de mim. Pressionou a arma com mais força na minha cabeça. — Largue a arma, Corrado.

— Você também — disse minha esposa, segurando uma arma atrás da cabeça de Scarpone. Estava vestindo uma camisa de seda

dourada.

Scarpone e eu nos entreolhamos, estreitando ainda mais os olhos.

Isso complicou as coisas. Como deveríamos atirar um no outro com elas na sala?

Ainda assim. Ele segurou sua arma e eu segurei a minha.

— Isso é o que fez conosco — Alcina disse, olhando para mim. — Forçou nossas mãos. Se matarmos vocês dois, uma de nós não será forçada a odiar outra pelo resto da vida. Uma de nós não ficará sem a outra metade, enquanto a outra continua inteira.

— Ridículo *pra* caralho — disse Mari. — Tentando nos mandar embora para que ambos pudessem fazer isso.

Os olhos de Alcina se moveram dos meus para a mulher de pé atrás de mim. Em um movimento que parecia sincronizado, elas se afastaram de nós, apontando suas armas uma para a outra.

— Abaixе a porra da arma... — A voz de Scarpone e a minha se fundiram quando nós dois emitimos a mesma ordem, exceto que ele disse o nome de sua esposa e eu disse o da minha.

Não estávamos mais olhando um para o outro, mas para elas. Elas olhavam uma para a outra, as armas erguidas, determinação gravada em seus traços. Ambas estavam bem vestidas, como se tivessem se preparado para um funeral.

— Apropriadas, sim? — Alcina disse, olhando para Mari. — Vocês dois vieram vestidos e preparados com ternos. Iremos também com nossas melhores roupas.

— Talvez devêssemos ter usado nossos vestidos de noiva — disse Mari. — Realmente poético.

Movi minha arma ligeiramente. Mari puxou o gatilho de sua arma, a bala cortando o tecido da camisa de minha esposa. O sangue começou a derramar logo depois, tornando o dourado roxo.

As mãos da minha esposa começaram a tremer, mas não as

abaixou. A bala deve ter arranhado sua pele. Ficou presa atrás dela na parede.

— Abaixem suas malditas armas! — Mari gritou.

— Ou morremos as duas! — Alcina gritou.

— Um — disse Mari.

— Dois — Alcina disse.

Scarpone e eu colocamos nossas armas na mesa, nossas mãos forçadas, e nos afastamos dela.

Se matarmos vocês dois, uma de nós não será forçada a odiar outra pelo resto da vida. Uma de nós não ficará sem a outra metade, enquanto a outra continua inteira.

Se matarmos vocês dois.

Elas iam se matar.

— Foda-me — murmurei.

Podia ver no rosto de Scarpone. Ele também não esperava por isso.

— Queremos suas palavras — Alcina disse, mantendo a arma firme.

— Jurem por Saverio e por Eleonora — disse Mari, fazendo o mesmo. — Vocês não precisam se amar, nem mesmo gostar um ao outro, mas precisam fingir, pelo bem das crianças.

— Eu juro...

Nós dois começamos a falar ao mesmo tempo e depois paramos.

— Sério? — Mari disse, balançando a cabeça. — Capô, você primeiro. Só porque é mais velho. — Ela revirou os olhos para mim.

Ele pigarreou, olhando para sua esposa. — Juro pelo meu filho. Isso termina aqui.

— Corrado — disse Alcina.

— Juro pela minha filha — falei, encontrando seus olhos. — Isso

termina aqui.

Ambas as armas caíram e a respiração se moveu facilmente em meu peito. Fui até Alcina, olhando para o seu braço. Ela o tirou do meu aperto, dando-me um olhar que poderia ter matado. Deu-me um tapa na cabeça e começou a praguejar em siciliano. Eu a encarei, sem entender de verdade. Às vezes, quando ela ficava assim, não conseguia entender uma palavra.

— Fez o seu ponto — falei, finalmente conseguindo uma palavra.

Ela colocou as mãos nos quadris, furiosa comigo, e então se jogou em meus braços. Eu a peguei e a trouxe para perto.

— Pare de chorar — falei, o desejo de chicotear sua bunda e confortá-la em guerra. Não tinha certeza de como me sentir sobre tudo isso ainda. Era difícil processar o que aconteceu. Quase perdi minha esposa, minha família inteira em uma noite.

— Continua sangrando — disse Mari, apontando para o braço de Alcina.

O sangue manchou minhas mãos. O cheiro de sal e ferro era espesso no ar, misturado com o perfume das velas ainda acesas sobre a mesa.

Amadeo - Vittorio Scarpone - Mac Macchiavello - marido da minha irmã - Capo - quem quer que fosse - tinha a mão no pescoço de Mari. Deu uma olhada em seu rosto e a agarrou antes que seus joelhos cedessem.

— Tito — disse, segurando o corpo mole de sua esposa em seus braços.

Balancei a cabeça, olhando para o braço de Alcina. Minha mandíbula cerrou. Ela precisava de pontos. — Vamos encontrá-lo em um dos lugares.

Nós dois pegamos nossas armas, e Alcina fez um barulho no fundo da garganta.

— Não é para nós — falei. — É para segurar Tito quando descobrir o que fizemos.

Foi a primeira vez que vi um sorriso verdadeiro em seu rosto em meses, iluminando seus olhos.

Corrado

Um ano depois

— Sente-se. — Ofereci a Mac um assento à minha frente, na mesa do meu avô. Meus homens se sentaram ao nosso redor. Tito também.

As mulheres estavam certas. Não nos amávamos. Nem gostávamos um do outro, mas era o que era. Tolerávamo-nos. Lutamos contra nossos demônios pelo bem maior desta família que de alguma forma nos conectou.

Aquela cena com minha esposa e irmã me assombrava. Ensinou-me uma ótima lição. Nunca subestime uma mulher quando ela precisa de algo.

Faz sentido.

Se elas podiam dar à luz, poderiam fazer qualquer coisa.

— Algumas coisas estão acontecendo — disse, indo direto ao ponto.

— Cobranças — falei.

Assentiu. — Seu avô ouviu algumas coisas. Veio me ver no restaurante. Ele não ficou muito surpreso em me ver. Sabia do que eu era capaz. Eu respeitava Emilio. É por isso que nunca fodi com ele diretamente, quando estava brincando com o resto das famílias. — Pigarreou. A cicatriz tornava difícil para ele manter o nível de voz às vezes.

— No dia em que nos conhecemos no restaurante, antes de ele ser emboscado, queria discutir sobre eu deixá-lo sozinho. Disse que alguns homens queriam vê-lo fracassar. Ele me pediu para continuar

sendo o fantasma que todos acreditavam que eu fosse. Então me pediu para ajudar a resolver alguns problemas em que você tinha se metido um tempo atrás com a lei. Em Vegas. Disse que me devia uma.

— Eles deixaram em paz — falei.

— Até agora. Não é mais sobre isso, mas sobre outras coisas. Coisas que seus homens fizeram. Coisas que ordenou que fossem feitas. Coisas que podem rastrear até você. — Olhou para Calcedonio, depois para mim. — São contas demais. Limpar não ajudará. Eles não se esquecerão desta vez. Simplesmente voltará. Estão atingindo todas as famílias de uma vez. A História se repete.

— Eu lhes dei algo para se esforçarem — falei. Havia trabalhado para mudar o que nossa vida havia se tornado e o que precisávamos que fosse. Trazendo a vida de volta à idade de ouro, e fui bem-sucedido, na maior parte.

— Ao mudar o jogo novamente, dando a esta vida uma segunda chance na idade de ouro, eles estão fazendo a mesma coisa que faziam naquela época. Indo da mesma maneira. Os cinco chefes levarão o pior. Eles virão em breve com acusações.

— O que estou olhando? — Perguntei.

— Cem anos.

Calcedonio ficou de costas para a parede, braços cruzados, balançando a cabeça. Francesco olhou para Tito e tio Carmine, que ambos olhavam para a parede.

— Comida horrível, terrível — disse Adriano. — No valor de cem anos. Estou olhando para dez e temendo isso. Eu também tenho que pensar em Gilbert.

Eles iam atrás de Adriano com dez, a menos que ele falasse. Uma coisa sobre ele; apenas abria a boca para comer. Se eles mudassem o menu, quem diabos sabia o que faria. E depois estava apaixonado por um peixe.

— Deixe-nos em paz — disse Mac.

Todos os homens assentiram e partiram, fechando a porta na saída.

Ele se inclinou um pouco para a frente. — Mesmo que tenha tornado o jogo mais difícil para eles, um pouco mais emocionante, não é em você que estão focados. Diferente dos outros.

— Drogas — falei. Minha família não brincava com elas.

Ele acenou com a cabeça e então se levantou. — Tudo o que precisa fazer é dizer a palavra — disse. — Corrado Capitani não existirá.

— Já fui exilado antes — falei. — Eu me recuso a me esconder.

— Pode estar sentado na mesma cadeira que sempre reivindicou, mas se não existir, eles não te veem. Mesmo quando está sentado bem a sua frente. E se isso não o convence, não existe mais lealdade nesta vida, a menos que seja um Fausti. E mesmo eles têm elos fracos agora. Seus homens se transformarão. Já começaram. Seja leal com aqueles que são leais a você.

Fiquei olhando para a parede depois que a porta se fechou.

Cem anos.

Toda a minha vida. Eu morreria atrás das grades.

A porta do escritório se abriu e Alcina entrou segurando a mão de Eleonora. Ela daria à luz a qualquer dia ao nosso segundo filho.

— Alguém morreu? — Minha esposa sussurrou. — Os homens...

Eu a puxei para mim, fazendo-a perder o fôlego. Não era difícil hoje em dia, mas era com a força do meu abraço. Eleonora pulou em uma cadeira à nossa frente, com as perninhas balançando. Ergueu-me a sobrelanceira, ainda se recusando a sorrir.

— Corrado — Alcina disse, tocando meu rosto. — Diga-me, ou pensarei que é pior do que é.

— Estou olhando para cem anos — falei.

Ela olhou nos meus olhos, sem entender, até que entendeu.

Balançou a cabeça. — Lutaremos.

— Vamos — falei. — Mas já vi isso antes. Mesmo se conseguir liberdade condicional, provavelmente cumprirei não menos que sessenta. Depende apenas de quantos anos tenho. É para isso que estou me preparando.

Ela tentou se afastar de mim, mas a segurei. Olhou para mim antes de olhar para Eleonora e depois para seu estômago.

— O que podemos fazer? — Sussurrou. — Eu me recuso a aceitar isso.

— Esta é a minha vida — falei. — Desci com esta família.

— Seu terno ainda está vestido — sibilou para mim. — Até o fim.

Eu concordei.

Desta vez, ela se afastou de mim. — Não é um terno de cavalheiro, é um *macacão* laranja — disse, cruzando os braços sobre o estômago.

Uma batida forte de nós dos dedos veio na porta. Rocco Fausti enfiou a cabeça para dentro. — Tito esqueceu o chapéu.

Ele deve ter vindo com Mac. Eram tão próximos quanto dois ladrões. Entrou na sala, pegando o chapéu. Enfiou-o na cabeça de Eleonora, fazendo-a rir quando o tirou. Tocou seu queixo depois, e ela sorriu e riu dele. Ele acenou com a cabeça para minha esposa.

Ela virou o rosto em direção ao meu, estreitando os olhos quando percebeu como a olhava. Estive observando seus olhos para ver se ela piscaria para ele.

Ele fechou a porta, mas sua porra de colônia cara permaneceu no quarto.

Alcina segurou meu queixo com a mão. — Ele não importa. Nada mais importa, apenas nós. Este momento.

— Vai se manter fiel a mim por cem anos? — Perguntei-lhe. — Quando estiver preso atrás das grades e homens como ele estiverem

pairando ao seu redor constantemente?

— Serei fiel a você até o dia da minha morte — disse, apertando meu queixo, descendo e me dando um beijo que era ainda mais solidificante do que um voto de sangue. — Você me tem para sempre, Corrado.

— Para cada nascer do sol — falei.

— Para cada pôr do sol, também. Você é minha noite e eu sou sua lua — disse em siciliano. — Algo para viver. Algo pelo qual morrer. É meu corpo e eu sou seu coração. Enquanto houver um fôlego em mim.

EPÍLOGO

Alcina

Sete anos depois

— Orlando! — Gritei através dos bosques. — Traga-me seu balde.

— Deixe-o ir — disse Rocco, sorrindo para mim ao passar. — Ele está apenas sendo um homem.

Apertei meus lábios, balançando minha cabeça. — Ele não é um homem — falei. — É um menino.

— *Mamma* — disse Orlando, parando a minha frente. — Mas eu, ah...

— Ah-ah! — Coloquei meu dedo em seus lábios, tentando não rir quando ficou vesgo para mim por um segundo antes de seus olhos olharem para cima e se concentrarem em mim. Corri minha mão por seu cabelo preto suado. — Sem desculpas. *Não* batemos com baldes.

— Ele me disse, ah, que, ah, eu também estava me movendo, ah, devagar!

Ele tinha o hábito de pontuar suas palavras com *ah* quando ficava chateado.

— Não importa, filho — falei. — Guardamos nossos baldes para nós mesmos. Podemos responder sem usar nossas mãos.

— *Balde* — ele disse.

— Balde. — Concordei. — Diga a ele que não está se movendo muito devagar, ele está se movendo muito rápido.

Ele torceu o nariz, como se quisesse rosnar. Eu lhe disse para ir brincar com as outras crianças antes que pudesse me ver rir, mas guardei seu balde, porque era a segunda vez que ele o usava como

arma.

— *Mamma mia* — falei, observando-o correr para as irmãs como um trem de carga em direção às montanhas. Ele ajudava outra criança menor a colocar laranjas em seu balde. Alessandra estava ao seu lado, observando, tentando orientar.

Uma *blood orange* caiu no balde que peguei de Orlando. Olhei nos olhos do meu marido. O sol rompeu o âmbar, tornando-os quase dourados. Seu cabelo era preto, começando a raiar com um pouco de prata. Sua pele estava quente e bronzeada por trabalhar no bosque o dia todo.

— Você me deixa por um segundo, e os leões cheiram carne fresca — disse, deslizando os braços em volta da minha cintura. Ele me puxou para mais perto, beijando meu pescoço.

— Diga-me a verdade — falei, pensando anos atrás, naquele dia em seu escritório. O dia que quase me destruiu. — Se o tio Tito não tivesse mandado Rocco pegar o chapéu que ele deixou de propósito...

— Só de pensar nele farejando minha família depois de eu ser trancado atrás das grades, mudei de ideia. É por isso que estamos aqui. Porque eu estou aqui. A prisão não teria me matado. Os pensamentos teriam. As coisas que eu teria perdido.

Viramos juntos para olhar a mesa cheia de pessoas em nossa propriedade. Família e amigos se reuniram em nossa casa para comemorar. Nada em particular. Só a vida.

A risada aumentou e ecoou. As crianças corriam de um lugar para outro. Alguns dos homens estavam bêbados e começaram a cantar. O sol começava a se pôr. Em breve centenas de luzes iluminariam nossa propriedade na Catânia.

Era a distância perfeita para todos os nossos familiares e amigos. Estávamos isolados, escondidos, nossa própria pequena fatia do mundo onde ninguém poderia nos encontrar - a menos que permitíssemos.

Suspirei, pegando as mãos do meu marido nas minhas,

entrelaçando nossos dedos.

Cada palavra que lhe disse no escritório de seu avô era verdade. Estava preparada para passar o resto da minha vida fiel a ele, ao nosso casamento. Nem mesmo as barras poderiam separar a sua vida da minha. Eu também tinha um código e estava disposta a sacrificar minha vida inteira para cumpri-lo. Embora soubesse que Rocco era um fator decisivo na decisão de meu marido, havia mais nisso.

— *Não te escolhi também?* — Corrado me disse uma noite.

Eu não sabia o que ele queria dizer até o dia seguinte. Pegamos um avião para a Sicília e nunca olhamos para trás.

Nós quatro não existíamos mais, não da mesma forma que existíamos antes. O avião que deveria nos trazer de volta a Nova York caiu sobre o oceano. Descemos com um conjunto de nomes e surgimos com um novo conjunto de identidades.

Uma nova vida que veio com seus próprios conjuntos de vitórias e lutas únicas.

Descansei minha cabeça em seu peito, olhando para ele. — Parece cansado, *il mio amore*.

Ele apenas acenou com a cabeça. Embora Alessandro Palermo vivesse para cada novo dia em seus bosques, lutava contra diferentes demônios todas as noites. Em vez de ficar acordado, lutava contra eles em seu sono. Jogando e virando. Dizendo coisas que não conseguia entender. Acordando molhado de suor, como se tivesse estado na guerra em seus sonhos.

Sua consciência o havia alcançado, e a vida que deixou para trás nunca o deixou de verdade. Isso o puxou como os fios de um fantoche, exigindo que reivindicasse sua parte novamente como o mestre de fantoches. E sua consciência o puxou em uma direção diferente - em direção à redenção.

— A lua estará cheia esta noite. — Sorriu para ele. — O bosque será nosso.

— Estou ansioso para a loucura — disse, inclinando-se para me

beijar. — Quando a bruxa aparecer em você.

Rio em seus braços e suspirei. — Ficaremos fora até de manhã — falei. — Até que tenhamos que partir. Então tomaremos café da manhã no terraço.

— Um novo dia — disse. — O tempo estará mais fresco.

— É este o final que imaginou? — Puxei seus braços ainda mais perto, desejando que pudéssemos andar como um em vez de dois. Talvez o tio Tito estivesse certo. Andamos como um só - seu corpo e meu coração. A cada dia me apaixonava cada vez mais profundamente por ele.

Mil vidas não seriam suficientes.

Ele demorou um minuto para responder. — Não — disse.

— *Papà! Mamma!*

Viramos para olhar nossos três filhos correndo em nossa direção. Alessandro sorriu, e sua *Ele* o devolveu.

Demorou um pouco, mas seu sorriso estava principalmente reservado para o *papà*. Fez jus ao seu nome, *luz*, quando sorria daquele jeito para ele.

Eles nos rodearam, mostrando-nos a *blood orange* que encontraram, como era grande. Alessandro passou o braço em torno de *Ele*. Puxei Alessandra para mais perto. Orlando se colocou no meio, tentando envolver seus braços ao redor de todos nós. Estava grunhindo, tentando fazer seus braços crescerem.

Rio, o som ecoando pelos bosques, enquanto uma brisa sussurrava nas árvores.

Meu marido olhou para mim e sorriu. — Agora é.

EPÍLOGO ESTENDIDO

— Não pode fugir de mim! — Anna disse, pulando a nossa frente com uma câmera. — Contarei até três!

— Um! — *Ele* gritou.

— Dois! — Alessandra ergueu dois dedos.

— *Tre!* — Orlando disse, estendendo a mão para o balde, que me recusei a largar.

Todos nós olhamos para a câmera e sorrimos.

— Espere! — Mari disse, parando ao lado de seu irmão, com toda a família a sua volta. — Nós também!

— *Alla famiglia!* — Anna disse, trazendo a câmera até o olho mais uma vez.

— *Alla famiglia!* — Gritamos antes de ela tirar a foto.

— Agora, vamos comer! — Donatello “*Lima Bean*” disse, passando por nós. — Estou faminto.

FIM

Sim, eu reivindiquei o nome.

Quem se importa?

Afinal, um nome são apenas letras unidas para formar uma palavra.

Sei quem eu sou.

Sempre serei um Don – o chefe dessa coisa que chamamos de nossa vida.

UMA PALAVRA DE DONATELLO (ADRIANO)

Shh... deixe-me contar um segredinho.

Não sou quem eu costumava ser.

O esquilo gordinho descrito neste livro não existe mais.

Depois que Adriano Lima caiu e esse novo homem foi criado das cinzas, nasci de novo, por assim dizer.

Veja, eu era viciado em comida. Usei-a como muleta. Vivia para comer, não comia para viver.

Essa vida veio com um monte de coisas que me rasgaram por dentro. Coisas com as quais nunca pensei que teria que lidar.

Como minha consciência.

Não sabia como lidar com isso.

Por isso, eu comia.

E comia.

E comia.

Enchi meu estômago de comida quando minha consciência se sentia vazia e vociferava para mim.

Foi uma merda - mas naquela vida, era o que era.

Por exemplo. Certa vez, comi uma tigela de espaguete enquanto um homem estava deitado no chão aos meus pés, gemendo de dor, com os intestinos pendurados fora do estômago depois de eu tê-los causado.

Sabe o que eu fiz?

Ofereci a ele uma mordida. Então, descrevi em detalhes como cada mordida era.

Isso, porém, se foi. Isto é agora.

Agora.

Não me reconheceria se me visse na rua.

Não sou nada além de um músculo sólido - chega de bochechas de esquilo para esconder minha comida para mais tarde.

O que mais?

Oh, sim, me apaixonei por uma mulher. Ela é mais velha do que eu e me odeia. (Consegue adivinhar quem ela é? Vou te dar uma dica. O seu nome era igual ao meu, exceto que terminava em um “a” em vez de um “o”.) Odeia a vida que eu costumava viver. Ainda me acusa de fazer parte disso. Age como se eu não pudesse ser outra coisa. Como se estivesse no meu sangue e não pudesse ser lavado. Adriano teria desistido.

O novo eu? Ele acha o seu ódio um desafio.

Encontrei algo que a comida nunca poderia preencher.

Vida além *da vida*.

POSFÁCIO

Espero que tenham gostado de *Mercenary*, o último livro da série *Gangsters of New York*. Que viagem selvagem tem sido! Muito obrigado por fazer parte disso!

Queria tirar um momento para apontar algo sobre este livro. Soube na hora que Corrado (o deste livro) e seu pai, Corrado Palermo, eram muito parecidos. Os pecados do pai foram infligidos ao filho. Em muitos aspectos, a história de Corrado e de seu pai correu paralelamente, mas com anos de diferença.

Mari reconheceu a mesma queda em seu irmão, e sabia que falar com ele só a levaria até certo ponto. A cena na sala de jantar da mansão de Emilio em *Staten Island* fala por si. Ações sobre palavras. Corrado escolheu sua esposa (essencialmente sua família) ao invés do sabor da vingança - algo que seu pai não conseguiu fazer.

Então, depois de ler *Machiavellian*, se já se perguntou sobre Corrado Palermo e sua esposa Maria (Mamma de Mari), essa história reflete definitivamente a deles. Até mesmo o tempo passado na Sicília.

O final da história de Corrado e Maria Palermo não foi feliz. Agradeço que Corrado e Alcina terminaram com uma nota diferente.

Espero que tenha gostado do *Mercenary* tanto quanto eu ao escrevê-lo. Sei que sempre pensarei nos bosques, nos cantos, até nas velas e na lua, quando fechar os olhos e pensar neles.

Muito amor,

Bella

Notas

[←1]

-Escorpião

[←2]

-Obrigada (o) em italiano.

[←3]

-Maravilhosa amiga em italiano.

[←4]

-Minha palavra é tão boa quanto meu sangue.

[←5]

-Grau de Parentesco.

[←6]

-No original: (Afraid you gonna catch the garter?) A referência "Catch the garter", está relacionada ao ritual do casamento onde o noivo deve tirar a liga da noiva sem o uso das mãos.

[←7]

-O Bull.

[←8]

-Sem bolas.

-Basílica da Santíssima Anunciada - Igreja católica em Florença.

[←10]

-Manto.

[←11]

-Ossos/ Esqueleto.

[←12]

No original a autora usa a frase (I came) que em linguagem sexual significa gozar. A revisora optou por manter a tradução do Italiano para Vidi.

[←13]

-Personagem de uma Opera de Vivaldi.

[←14]

-É uma espécie de víbora venenosa.

[←15]

-Mercadoria valiosa.

[←16]

-É o nome dado para uma iguaria, e criado também para nomear o cozimento de massa em forno. Distinguem-se bolos "molhados" e "secos".

[←17]

-Desculpe em italiano.

[←18]

-De fato; Verdade; Com certeza em italiano.

[←19]

-Vagina.

[←20]

-Pênis.

[←21]

-Nunca, jamais, sequer, sempre em italiano.

[←22]

-Mesa em italiano.

-Também conhecida como Dama da Noite.

[←24]

-Traseiro, bunda, bumbum em italiano.

[←25]

-Quer dizer que ela não seria uma mulher que serviria para ser "a outra".

-O Príncipe Bonito.

-Ressuscitação Cardiopulmonar.

-Acesso intravenoso.

[←29]

-FBI= Forever Bothering the Italians. (Sempre Incomodando os Italianos)

[←30]

-Respeito em italiano.

[←31]

-Um tipo de feijão.

[←32]

-Mulheres, senhoras, moças em italiano.

[←33]

-O que foi mãe, em italiano.

-Roy Kelton Orbison, apelidado de The Big O, foi um influente cantor e compositor estadunidense e um dos pioneiros do rock and roll, e cuja carreira estendeu-se por mais de quatro décadas.

[←35]

-Foi um dos seus grandes sucessos.

-Trecho da música CRYING citada na nota anterior.

[←37]

-Do inglês (Forget About It) esqueça isso (usado para indicar que um cenário é improvável ou indesejável).

-Delação.

-As Montanhas Catskill são uma cadeia estadunidense, no estado de Nova Iorque. Ponto turístico, a cadeia culmina no Monte Slide. São relatadas no conto Rip Van Winkle, de autoria de Washington Irving.

[←40]

-Um tipo de laranja com a polpa avermelhada.